



Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Pós-Graduação em Linguística Aplicada



Cláudia Régia Damasceno Chaves

LE ROBERT MICRO: DESVELANDO IDEOLOGIA(S)
EM TORNO DO GÊNERO VERBETE

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Fortaleza, agosto de 2011.

Universidade Estadual do Ceará
Centro de Humanidades
Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Cláudia Régia Damasceno Chaves

LE ROBERT MICRO: DESVELANDO IDEOLOGIA(S)
EM TORNO DO GÊNERO VERBETE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Orientação: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Fortaleza, agosto de 2011.

C512r Chaves, Cláudia Régia Damasceno
*Le Robert Micro: desvelando ideologia(s) em torno do gênero
verbete / Cláudia Régia Damasceno Chaves. – Fortaleza, 2011.*
161p.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.
Dissertação (Pós-Graduação em Linguística Aplicada) –
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Dicionário 2. Discurso 3. Ideologia 4. Gênero Social
I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 418

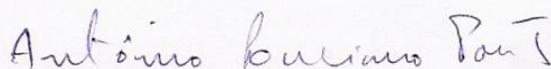
FOLHA DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação: *LE ROBERT MICRO*: DESVELANDO IDEOLOGIA(S)
EM TORNO DO GÊNERO VERBETE

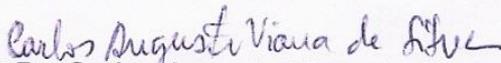
Autor(a): CLÁUDIA RÉGIA DAMASCENO CHAVES

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

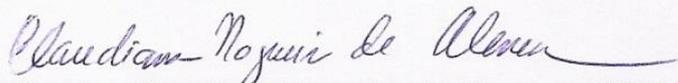
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes – UECE
Presidente



Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva – UFC
1º Examinador



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar – UECE
2º Examinador

DATA DA DEFESA: 31/08/2011

HORÁRIO: 14h

LOCAL: Centro de Humanidades da UECE

Para meu filho, e em memória de meu pai.

AGRADECIMENTOS

À FUNCAP, pelo apoio financeiro necessário para a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes, pela orientação desta pesquisa e pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos.

À Prof. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar, por seus conselhos preciosos, críticos em relação à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva, pela atenção e seriedade ao participar da Banca Examinadora; pelas críticas e contribuições reservadas a esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. João Batista Costa Gonçalves, pelos comentários importantes a respeito da tessitura textual e do fio condutor desta pesquisa.

Aos professores do PosLA, por incentivarem o acesso a novos saberes, a novas possibilidades de construção do conhecimento.

A meus pais, pelo afeto e pela consciência em oportunizar educação a seus filhos.

Às amigas Gláucya Cavalcante e Rejane Caetano, pelo incentivo e pela crença em meu trabalho.

Ao amigo Franquiberto Pessoa, pelo constante incentivo e apoio.

À amiga e colega Maria Valdênia da Silva, pela amizade e disposição em me ajudar.

A Joana D'Arc Moreira da Costa, pela atenção e carinho para comigo e com meu filho.

A Marlúcia de Abreu Moura, a quem devo um grandioso apoio, pelo carinho e amizade.

Às amigas Gabriela de Sousa Costa e Jamyle Monteiro, pelo carinho, pela força e pela valiosa ajuda.

A todos os colegas de mestrado, companheiros de sempre.

A Deus, por iluminar as incertezas de cada dia.

Tudo o que é belo se ilumina por causa de Deus. Em nossa existência, tudo flui como a água que corre e somente os fatos que valeram a pena, em vez de se depositarem no fundo, emergem à superfície e alcançam conosco o mar.

Marguerite Yourcenar

RESUMO

A gênese deste trabalho inscreve-se em uma abordagem com base nos pressupostos teóricos da Lexicografia (mais precisamente da Lexicografia Pedagógica) e da Análise de Discurso Crítica (ADC) em que estabeleço uma relação entre discurso e ideologia no contexto dicionarístico. Para isso, proponho uma análise linguística de construções discursivas inseridas no corpo de alguns verbetes registrados no dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa *Robert Micro* (edições de 1988 e de 2006), com o objetivo de desvelar aspectos ideológicos que atravessam esse contexto. As palavras selecionadas (coincidentes nessas duas versões impressas) referem-se a homem e a mulher e pertencem aos campos semânticos – sexo, órgãos sexuais, família, profissão – que definem bem a oposição homem/mulher e as diferenças no tratamento da descrição dos verbetes analisados. No tocante à análise, utilizo como parâmetros as categorias analíticas que Fairclough (2001a) sugere para análise de texto como prática social (sentidos, metáforas, pressuposições) e os modos de operacionalização da ideologia (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação, reificação) na modalidade linguística, propostos por Thompson (2009). A aplicação das categorias propostas por Fairclough (2001a) e por Thompson (2009) me permitiu desvelar atitudes/efeitos ideológicos subjacentes à descrição dos verbetes analisados, principalmente no que se refere à ideologia sexista. Além disso, pela imbricação dos conhecimentos que envolvem esta pesquisa, pude constatar que a obra lexicográfica também tem seu valor discursivo e fomenta estudos, inclusive sobre discurso, poder e ideologia.

Palavras chave: Dicionário. Discurso. Ideologia. Gênero social.

RÉSUMÉ

La genèse de ce travail s'inscrit à une approche basée sur les hypothèses théoriques de la Lexicographie (plus précisément de la Lexicographie Pédagogique) et de l'Analyse Critique du Discours (ACD) où j'établis une relation entre le discours et l'idéologie dans le contexte dictionnaire. Pour cela, je propose une analyse linguistique de constructions discursives dans le corps de certaines entrées enregistrées dans le dictionnaire monolingue d'apprentissage de la langue française *Le Robert Micro* (éditions de 1988 et de 2006), afin de révéler des aspects idéologiques qui imprègnent ce contexte. Les mots choisis (coïncidents dans ces deux versions imprimées) se réfèrent à l'homme et à la femme et appartiennent à des champs sémantiques – sexe, organes sexuels, famille, profession – définissant bien l'opposition homme/femme et les différences dans le traitement de la description des entrées analysées. Pour analyser, j'utilise en tant que paramètres les catégories analytiques que Fairclough (2001a) suggère pour l'analyse de texte comme une pratique sociale (des significations, des métaphores, des hypothèses) et les modes de fonctionnement de l'idéologie (la légitimation, la dissimulation, l'unification, la fragmentation et la réification), dans la forme linguistique, proposés par Thompson (2009). L'application des catégories proposées par Fairclough (2001a) et par Thompson (2009) m'a permis de révéler des attitudes/effets idéologiques sous-jacentes à la description des entrées analysées, surtout en ce qui concerne à l'idéologie sexiste. Par ailleurs, par le chevauchement des connaissances impliquées dans cette recherche, j'ai pu constater que le travail lexicographique a aussi sa valeur discursive et favorise des études, y compris sur le discours, le pouvoir et l'idéologie.

Mots-clés: Dictionnaire. Discours. Idéologie. Genre social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arquitetura tipológica dos dicionários pedagógicos.....	23
Figura 2 – Modelo da concepção tridimensional do discurso.....	58
Figura 3 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.....	59
Figura 4 – Modos de operação da ideologia.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A invisibilidade das ideologias no dicionário.....	11
CAPÍTULO 1: Dicionário: da tradição de uma prática às bases de uma ciência.....	15
1.1 Lexicografia	15
1.1.1 Tipologia de dicionários	19
1.1.2 Lexicografia Pedagógica	24
1.1.3 Estrutura do dicionário pedagógico	27
1.1.3.1 O verbete e seus elementos composicionais	34
1.1.3.2 O verbete como gênero discursivo	42
CAPÍTULO 2: Lexicografia e ADC: interfaces em movimento	50
2.1 Análise de Discurso Crítica	50
2.1.1 O modelo tridimensional de Fairclough	56
2.1.1.1 Discurso como texto	59
2.1.1.2 Discurso como prática discursiva	61
2.1.1.3 Discurso como prática social	67
2.1.2 Discurso e ideologia	71
2.1.3 Dicionário e ideologia	82
CAPÍTULO 3: Dissimetrias ideológicas no contexto dicionarístico	91
3.1 Percurso metodológico	91
3.1.1 Natureza da pesquisa	91
3.1.2 Objeto da pesquisa	92
3.1.3 Coleta de dados	93
3.2 Análise dos dados	94
3.2.1 Representações do homem e da mulher no dicionário	94
3.2.2 Construções de verbetes relacionados a homem e a mulher	100
3.2.2.1 A desigualdade das competências	101
3.2.2.2 A designação do desprezo e das injúrias	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS E REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA	113
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	123

Introdução

A invisibilidade das ideologias no dicionário

A Lexicografia não é o empreendimento descritivo e objetivo que pretende ser¹ (CAMPBELL, 2004, p. 62)². No dicionário, além das informações linguísticas, encontram-se ideologias marcadas por práticas discriminatórias de tal modo naturalizadas, que nem sempre são percebidas, pois “não saltam aos olhos dos leitores”³ (CAMPBELL, *ibidem*, p. 62-63). De acordo com Jean Dubois (1970, p. 43), “os termos não remetem somente às palavras da língua; eles não são somente objetos da metalíngua “linguística”; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão do mundo”⁴.

O lexicógrafo, inconsciente ou não, elabora uma obra em que a não neutralidade de um discurso, a favor de valores culturais e socialmente aceitos, provoca dissimetrias de várias ordens e favorecem a disseminação e perpetuação da ideologia dominante. Na organização microestrutural do dicionário, por exemplo, na qual o verbete está inserido, “a ideologia dominante se encontra principalmente nas três diferentes partes da entrada: a definição, as marcas de uso e os exemplos”⁵ (BALL, 1997, p. 89).

No entanto, para os leitores de um modo geral, talvez mais acentuadamente para os aprendizes de língua estrangeira, a invisibilidade de aspectos ideológicos é inevitável porque tais aspectos se escondem nas entrelinhas do texto lexicográfico dos mais diversos tipos de dicionário. No que diz respeito ao dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa *Robert Micro*, objeto desta pesquisa, o tratamento não é diferente. Nesse caso, faz-se necessária uma sensibilização, com apoio de uma literatura de base

¹ [...] la lexicographie n'est pas l'entreprise descriptive et objective qu'elle prétend être.

² Responsabilizo-me por todas as traduções sem referências, cujos trechos originais encontram-se ao longo desta pesquisa, em notas de rodapé.

³ En dernier lieu, les pratiques discriminatoires ne sautent pas aux yeux des lecteurs.

⁴ Les termes ne renvoient pas seulement aux mots de la langue; ils ne sont pas seulement des objets de la métalangue << linguistique >>; ils renvoient aussi à des énoncés culturels, à une vision du monde.

⁵ Au niveau de la microstructure, l'idéologie dominante se retrouve principalement dans trois différentes parties de l'entrée : la définition, les marques d'usage et les exemples.

teórico-metodológica, para que o aprendiz perceba posicionamentos ideológicos que atravessam o texto lexicográfico.

Essa prática, além de ser um trabalho de sensibilização/conscientização político-ideológica, favorece as atividades de recepção e de produção textual, pois, diante da importância do dicionário de aprendizagem, torna-se necessário estudar, analisar, comparar e apontar parâmetros para o uso adequado dessa *ferramenta* didática em sala de aula, considerando as várias tarefas que tem o professor de línguas. Segundo Gregório Salvador (*apud* HERNÁNDEZ, 1989, p. 34-35), uma das principais tarefas do professor de língua “consiste em ensinar a manusear todos os tipos de dicionários, ilustrar e informar sobre eles, criticá-los, assinalar as vantagens e inconveniências, guiar o aluno no oceano lexicográfico”⁶.

Ensinar, portanto, pressupõe uma boa formação na área para poder atingir um dos objetivos principais da didática de línguas: orientar adequadamente o aluno no manuseio do dicionário. Assim, os alunos aprendem a explorar todo o potencial apresentado pelo dicionário, cujo emprego deve abranger todas as disciplinas escolares e dirimir questões de natureza sociolinguística e cognitiva. “De forma indiscutível”, assegura Krieger (2007, p. 301),

Os dicionários de língua são instrumentos potenciais para o aprendizado e desenvolvimento da leitura, da redação e da comunicação em geral. Os que seguem o padrão prototípico podem também contribuir para o conhecimento descritivo da língua, em razão do conjunto de informações que os verbetes costumam oferecer.

Essa reflexão em torno da Lexicografia Aplicada (ramo da Lexicografia que abrange os estudos do dicionário em sala de aula⁷) alia-se ao meu interesse pela descrição de aspectos ideológicos em verbetes do dicionário *Robert Micro*, uma vez que os resultados obtidos podem implicar um *olhar renovado* sobre o contexto dicionarístico, mormente em relação às atividades de recepção e de produção textual.

⁶ Con razón afirma Gregorio Salvador, que una de las principales tareas del profesor de lengua “consiste en enseñar a manejar los diccionarios, toda clase de diccionarios, e ilustrar e informar sobre ellos, valorarlos, señalar las ventajas e inconvenientes de unos y otros, guiar al alumno en el maremágnum lexicográfico.

⁷ Pontes (2009, p. 20).

Sabemos que, de alguma maneira, a ideologia está presente/latente nos textos, não importa o gênero textual/discursivo a que pertençam. Neste trabalho, focalizo a microestrutura do dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa *Robert Micro* (ed. de 1988 e de 2006), para analisar verbetes concernentes aos gêneros sociais homem/mulher, descrevendo aspectos ideológicos, aí subjacentes (por meio dos sentidos das palavras, de metáforas e de pressuposições), investigando os modos de operacionalização da ideologia (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação, reificação) e verificando mudanças de tratamento (entre as duas edições mencionadas) na descrição dos verbetes selecionados.

Nesse sentido, com base em Fairclough (2001a) e em Thompson (2009), procedo a uma análise qualitativa para saber por quais marcas linguísticas as construções ideológicas são estabelecidas, quais *modi operandi* as operacionalizam e quais mudanças diferenciam o tratamento dado aos verbetes analisados entre a segunda e a terceira edição (1988 e 2006, respectivamente) do dicionário, objeto desta pesquisa.

Esta pesquisa resulta da interface da Lexicografia (no campo da Lexicografia Pedagógica) e da Análise do Discurso Crítica – ADC, pois, numa perspectiva crítico-comparativa, analiso o dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa *Robert Micro* (1988 e 2006), investigando aspectos ideológicos no contexto informacional de verbetes relacionados aos gêneros sociais *homem e mulher*.

Em termos de plano estrutural, esta dissertação está dividida em três capítulos: “Dicionário: da tradição de uma prática às bases de uma ciência” constitui o primeiro capítulo, em que discorro sobre Lexicografia, mostrando o desenvolvimento que houve entre a prática e a teoria sobre dicionário, com implicações tanto para a diversidade tipológica quanto para a qualidade e aplicabilidade das obras publicadas. Visto que o objeto desta pesquisa é um dicionário de aprendizagem, também abordo a Lexicografia Pedagógica – campo da Lexicografia que se preocupa com a elaboração e teorização de dicionários pedagógicos – em que explico a estrutura organizacional desse tipo de obra lexicográfica, com foco na microestrutura, isto é, nos elementos que compõem o verbete, aqui, considerado gênero discursivo.

Em “Lexicografia e ADC: interfaces em movimento”, segundo capítulo, abordo a Análise de Discurso Crítica em sua perspectiva histórica, conceitual, descritiva, analítica. Além disso, explico o modelo tridimensional proposto por Fairclough (2001a) para a análise de texto como prática textual, discursiva e social e, ainda, os modos de operacionalização da ideologia de Thompson (2009). Em seguida, estabeleço uma conexão entre a Lexicografia e a Análise de Discurso Crítica, na/pela qual discuto as relações existentes entre discurso, dicionário e ideologia.

No último capítulo, “Dissimetrias ideológicas no contexto dicionarístico”, apresento a metodologia que orientou esta pesquisa e procedo à análise dos verbetes, mostrando as representações do homem e da mulher que subjazem nas conotações, nos bloqueios da formação do feminino desses verbetes e no discurso injurioso, a favor das ideologias que se impõem a esses dois gêneros sociais.

Dessa maneira, espero contribuir para os estudos linguísticos sobre o discurso do/no dicionário e mesmo para o refinamento cada vez mais acentuado das teorizações acerca da obra lexicográfica, especificamente no que concerne à ideologia em torno do gênero discursivo verbete. Espero, ainda, que esta pesquisa seja produtiva no trabalho de sensibilização, para que ocorram mudanças no tocante à aplicabilidade do dicionário de aprendizagem e para que essa prática seja uma dinâmica contínua e consciente do ponto de vista do professor e do aluno.

CAPÍTULO 1: **Dicionário: da tradição de uma prática às bases de uma ciência.**

O dicionário é um texto, com regras próprias de organização, que sistematiza inúmeras informações de caráter linguístico, cultural e pragmático (KRIEGER, 2011, p. 106).

1.1 **Lexicografia**

Nesta seção, apresento as noções de léxico, Lexicologia, Terminologia e Lexicografia (teórica e prática). E, ainda, várias opiniões no tocante à designação da Lexicografia como *ciência*, *disciplina*, *técnica* e *arte*. Menciono também, com brevidade, o percurso histórico dos dicionários, desde seu surgimento na antiguidade até o início de uma teoria sobre tais obras lexicográficas, nos tempos modernos.

O estudo do léxico é abordado numa perspectiva multidisciplinar em que várias disciplinas, ainda que definidas em diferentes áreas de estudo, se aproximam entre si, gerando inúmeras possibilidades de abrangência das Ciências do Léxico: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. No que diz respeito ao léxico⁸, Pontes (2009, p. 18) explica que:

O léxico de uma língua se define como um conjunto de palavras, vistas em suas propriedades, tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos pragmáticos diversos, informações etimológicas. Além disso, as palavras têm uma representação fonológica e uma representação semântica e estão associadas a um étimo⁹. [...] O léxico, no entanto, não se constitui apenas de palavras, mas também de unidades ainda menores as quais servem para formar novas palavras [tais como] os radicais, os prefixos, os sufixos.

A Lexicologia é a disciplina responsável pelo estudo das palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos [...] cujo campo de estudo compreende questões relativas à morfologia lexical e à semântica lexical (cf.

⁸ A respeito de *léxico*, Welker (2004, p. 15-16) faz uma explanação crítica, em que cita algumas concepções divergentes, p. ex., a de Rey (1977), a de Schindler (2002).

⁹ Étimo é qualquer forma dada ou estabelecida de que se pode derivar uma palavra (J. DUBOIS, 2006, p. 251).

PONTES, 2009, p. 18-19). A Terminologia, por sua vez, “é uma área cujo interesse são os itens léxicos que representam os sentidos produzidos no interior dos diversos domínios, os quais se tornam importantes na medida em que se encontram nos discursos quotidianos de uma sociedade” (PONTES, *ibidem*, p. 21).

Focalizo, aqui, a Lexicografia definida por Hernández (1989, p. 8) como “disciplina do âmbito da Linguística Aplicada, que se preocupa com os problemas teóricos e práticos que dão suporte à elaboração de dicionários”¹⁰. A Lexicografia, juntamente com a Lexicologia, a Terminologia e, ainda, com tantas outras disciplinas, busca dar conta dos fenômenos relativos ao léxico. A essa área reservam-se as questões teóricas e práticas em torno do fazer dicionarístico. Portanto, o dicionário pode ser objeto de pesquisa dessas duas vertentes: Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica.

Segundo Mieznikowski (2008, p. 19), a Lexicografia Prática é “uma ciência, técnica ou arte de elaborar dicionários”. Enquanto que a Lexicografia Teórica (ou Metalexicografia) “diz respeito ao estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, suas críticas, pesquisas da história da lexicografia e do uso de dicionários, bem como tipos de dicionários existentes no mercado”.

Hernández (1989, p. 7-8) afirma que a Lexicografia Prática define-se como uma disciplina que diz respeito ao fazer lexicográfico, à confecção de dicionários. Porto Dapena (2002, citado por PONTES, 2009, p. 20) também discute sobre Lexicografia Teórica. De acordo com este autor, trata-se de

Uma disciplina que tem o produto (ou o próprio dicionário) como objeto de estudo e contempla os seguintes campos de ação: história da lexicografia; teoria da organização do trabalho lexicográfico; princípios da lexicografia monolíngue e plurilíngue; estudo crítico dos dicionários; reflexões sobre a tipologia dos dicionários; teoria do texto lexicográfico; reflexões sobre a metodologia de elaboração do dicionário: recolha dos dados, processamento dos dados, uso de ferramentas para a sua produção.

Pontes (*ibidem*, p. 20) acrescenta que:

A Lexicografia Prática avançou muito graças às contribuições de novas disciplinas teóricas e tecnológicas. Por isso, os dicionários deixaram de ser essencialmente normativos, para serem mais descritivos, preocupados com os usos da língua e com a educação

¹⁰La lexicografía es la disciplina de la lingüística aplicada que se encarga de los problemas teóricos y prácticos que plantea la elaboración de diccionarios.

linguística do povo. [...] As pesquisas no âmbito da Lexicografia Teórica servem de fundamentos sólidos para o fazer lexicográfico e para as discussões relativas à Lexicografia Aplicada.

Em termos de designação, mais precisamente em relação à Lexicografia Prática, há autores que consideram essa atividade de elaboração de dicionários uma “ciência”, uma “técnica”, uma “prática” ou mesmo uma “arte”¹¹. No entanto, Welker (2011, p. 30-31) entende que a Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica devem ser abordadas separadamente. O autor afirma que a primeira “não é uma ciência” e explica que essa atividade

É uma técnica – e também uma prática – para a qual se precisa de muita ciência (num outro sentido, a saber, “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila, um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.

No que concerne à Lexicografia Teórica (*Metalexigrafia*), Welker defende que “essa área, sim, pode ser considerada uma ciência [...]. Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados”. Aqui, o autor considera ciência na seguinte acepção, registrada no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*: “corpo de conhecimentos sistematizados que, adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, são formulados metódica e racionalmente”.

Sobre essas duas áreas da Lexicografia, Seabra (2011, p. 29-30) salienta que:

Contemporaneamente, acredita-se que essas duas vertentes se complementam, e a *lexicografia* é vista como uma disciplina linguística de caráter científico que contempla os aspectos teóricos e práticos da elaboração de um dicionário. A *lexicografia* se insere, portanto, no domínio da linguística aplicada.

O fazer dicionarístico, decorrente da necessidade do homem de compreender textos, é uma atividade bastante antiga, cujo desenvolvimento acompanha e busca atender às demandas sociais de informação e de comunicação, em uma dada época (cf. DAMIM, 2005, p. 40-41). Do ponto de

¹¹Dentre esses autores, Welker (2004, p. 11) cita Biderman (1984, 1998), Borba (2003), Landau (1989), Wiegand (1989), Martínez de Sousa (1995).

vista histórico, essa autora resume as manifestações lexicográficas da Idade Média ao século XVIII:

Na Idade Média, com o desenvolvimento e conseqüente distanciamento das línguas vulgares do latim, foi preciso explicar palavras que já não eram mais compreendidas pela maioria dos falantes. Em seguida, no início da Idade Moderna, o dicionário bilíngüe teve um grande desenvolvimento. Já nos séculos XVI e XVII surgiram os primeiros dicionários monolíngües, como o *Thesaurus linguae latinae* (1532), o *Thesaurus graecae linguae* (1572), o *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611), o *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612) e também os primeiros dicionários especializados. O século XVIII é marcado por ser o século da lexicografia enciclopédica e dos dicionários normativos.

Essas produções, até bem pouco tempo, orientavam-se pela tradição da *práxis* lexicográfica, sem que houvesse abordagens de natureza teórico-metodológica¹². Damim (*ibidem*, p. 41) afirma que:

A Lexicografia, prática que se ocupa da produção de dicionários, desde seu remoto início até quase os dias atuais, esteve baseada num fazer, de certo modo, autodidata dos lexicógrafos, sem que se tivesse desenvolvido um tratamento específico dos princípios e parâmetros que subjazem a esse fazer ou um rigor na denominação desse tipo de obra.

As discussões teóricas em torno do dicionário surgem, expressivamente, no século XX. Damim (*ibidem*, p. 42) esclarece que “embora a produção de obras de cunho lexicográfico date de muitos séculos, é apenas no século XX que se expandem teorizações sobre a produção dos dicionários”¹³. Sobre esse assunto, Seabra (2011, p. 29) reitera que “ainda que o *fazer* dicionarístico remonte às culturas mais antigas do Oriente, até a metade do século XX, definia-se o termo *lexicografia* como “a arte de compor dicionários”¹⁴. A autora (*ibidem*, p. 29-30) acrescenta que:

¹²Sobre a história geral da Lexicografia, isto é, dos dicionários, pesquisar também Welker (2004, p. 55-75). O autor mostra um panorama cronológico, em que cita e discute vários autores, deixando “bem visíveis a distinção entre dicionários monolíngües e bilíngües, a cronologia e a língua”.

¹³Damim (2005, p. 42) cita Casares (1950), Rey-Debove (1971), Dubois & Dubois (1971), Zgusta (1971), Hartmann (2003), o jornal CLex (1959ss) e a enciclopédia internacional WWD (1989-1991).

¹⁴Seabra (2011, p. 29) afirma que “foi na Espanha, no prólogo escrito por Ramón Menéndez Pidal para o *Diccionario Vox*, dirigido por Samuel Gili Gaya (1945) e, também, na obra *Introducción a la lexicografía moderna* (1950), de Julio Casares, que se abriram os caminhos para essa transformação, que começa a se consolidar em um congresso realizado em 1960 na Universidade de Indiana (EUA), onde se reuniram linguistas e lexicógrafos”.

A partir desse período, com o interesse crescente dos linguistas, essas obras, tradicionalmente consideradas como meros instrumentos práticos, passam a ser objeto de estudo da linguística moderna. [...] Desde então, paralelamente à prática lexicográfica, foi-se fazendo, cada vez mais presente, com o avanço dos estudos linguísticos, a prática teórica¹⁵.

Portanto, a Lexicografia Prática e a Lexicografia Teórica coexistem, ou seja, se desenvolvem cada uma a seu turno, mas fomentam pesquisas entre si, inclusive com implicações para a sala de aula. Elas são imperativas para que se elaborem cada vez mais obras lexicográficas de qualidade, de diferentes tipos, para usuários diversos – refletindo, marcadamente, aspectos espacio-temporais, isto é, aspectos sócio-históricos de cada época. “Assim, segundo as necessidades específicas de um dado momento, cada época faz refletir em sua produção lexicográfica um tipo de dicionário” (DAMIM, 2005, p. 41). Sobre a classificação de diferentes tipos de obras lexicográficas, com foco nos dicionários pedagógicos, proponho a leitura da subseção que se segue.

1.1.1 Tipologia de dicionários

No mercado editorial, há uma variedade de dicionários que buscam atender às necessidades de consulta de usuários diversos. Esses consulentes, agrupados conforme necessidades específicas, norteiam as decisões dos lexicógrafos para a elaboração de dicionários.

Para Hernández (2000, p. 94-95), há pelo menos quatro tipos de grupo de usuários:

Os que possuem um bom conhecimento e domínio do idioma (falantes nativos e/ou bilíngues); aqueles que se encontram em fase de aprendizagem da língua materna; os que se encontram em período de aprendizagem de língua estrangeira; os especializados em áreas do conhecimento¹⁶.

¹⁵Seabra (2011, p. 30) comenta que essa distinção encontra-se “no *Diccionario de la Real Academia Española*, em suas três últimas edições (1984, 1992, 2001), quando se observa o termo *lexicografía* sendo definido como: 1. técnica de compor léxicos ou dicionários; 2. parte da linguística que se ocupa dos princípios teóricos em que se baseia a composição de dicionários”.

¹⁶En esta clasificación distinguía inicialmente tres grandes grupos de usuarios: 1°. Los que poseen un buen conocimiento y dominio del idioma (hablantes nativos y/o bilingües). 2°.

Ao lado dessa tipologia dos usuários, e para favorecê-los, existem várias propostas de categorização de dicionário. Pontes (2009) apresenta, no capítulo 1, uma classificação do dicionário escolar sob os critérios do usuário, da quantidade de conteúdo e dos graus de escolarização do usuário¹⁷.

Para a classificação do dicionário escolar, sob os critérios de escolarização e número de entradas, esse linguista baseia-se na proposta que Ávila Martín (2000, p. 251) expõe para o dicionário escolar espanhol, a partir da qual Pontes faz uma reflexão sobre perfil do usuário e material didático¹⁸, visto que:

Em nosso país, torna-se difícil ou quase impossível avaliar determinados dicionários escolares porque não se distinguem das demais obras lexicográficas ou apenas são reduções de uma obra geral, sem se destinarem a um leitor concreto (PONTES, 2009, p. 41).

Além dessas tipologias, há outras estabelecidas sob vários critérios: a quantidade de idiomas inserida na macroestrutura, por exemplo. De acordo com esse critério, classificam-se os dicionários de língua entre “monolíngues (apresentam as unidades lexicais de uma só língua: inglês-inglês) e bilíngue\multilíngue (tratam da equivalência de duas ou mais línguas: inglês-português, inglês-português-francês-espanhol)” (cf. ARAÚJO, 2007, p. 35).

Em relação aos dicionários pedagógicos, Welker (2008a, p. 25-27) os classifica, numa primeira divisão, entre os dicionários impressos e os dicionários eletrônicos¹⁹, porque “o conteúdo dos dois tipos pode ser igual, mas no manuseio eles são bem diferentes”. Depois, o autor separa os dicionários pedagógicos monolíngues (DPMs) dos dicionários pedagógicos bilíngues (DPBs). Nessa distinção, com foco nos dicionários pedagógicos monolíngues,

Aquellos usuarios que se encuentran aprendiendo la lengua de referencia como una segunda lengua, y 3°. Los usuarios que están en fase de aprendizaje de su lengua materna. [...] Existe, además, una serie de diccionarios especializados [...] cuya elaboración no presupone una especial orientación a grupos concretos de usuarios [...].

¹⁷Essa tipologia de dicionários escolares em função dos usuários a que se destinam foi adaptada de Hernández (2000, p. 95).

¹⁸Pontes (2009, p. 40) esclarece ainda que, “no Brasil, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2006, apresenta uma classificação [...] dentro dos critérios ideais”. No entanto, “espera-se que, no futuro, os dicionários escolares venham adequar-se aos critérios propostos [por esse programa]”.

¹⁹Welker (2008a, p. 25) sugere que as subdivisões propostas para os dicionários pedagógicos impressos sejam válidas para os dicionários pedagógicos eletrônicos, uma vez que, “em princípio, qualquer dicionário impresso pode existir em formato eletrônico”.

Welker considera o perfil dos usuários no que concerne a falantes nativos e a falantes não nativos, para os quais existem dicionários pedagógicos de língua materna (DPLMs) e dicionários pedagógicos (monolíngues) de língua estrangeira (DPLEs), respectivamente. Tanto os dicionários pedagógicos monolíngues (em língua materna e em língua estrangeira) quanto os dicionários pedagógicos bilíngues são subcategorizados em “dicionários gerais (que são alfabéticos e em cujos lemas estão representadas todas as classes de palavras) e em dicionários especiais”²⁰.

Os dicionários pedagógicos (DPs) gerais abrangem os DPLMs, os DPLEs e os DPBs, que podem ser subdivididos conforme os diferentes níveis de aprendizagem ou, nas palavras de Welker, “de acordo com a idade (ou proficiência linguística) dos usuários”. Assim, há dicionários monolíngues para estrangeiros e bilíngues de aprendizagem, diferenciados conforme os níveis básico, intermediário e avançado. Com relação ao dicionário monolíngue para falantes nativos, há dicionários infantis, escolares e de uso. As obras para fim escolar, por sua vez, diferenciam-se de acordo com as séries dos alunos: Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2, Ensino Médio.

Focalizo, aqui, o dicionário monolíngue de aprendizagem por ser justamente esse o tipo que caracteriza o dicionário *Robert Micro*, objeto de estudo desta pesquisa. Os dicionários monolíngues de aprendizagem são destinados a aprendizes de línguas estrangeiras. Apesar de esse tipo de obra lexicográfica existir há muito tempo, “é somente com o advento dos *learners’ dictionaries* que realmente se buscou atender às necessidades desses estudantes” (WELKER, 2008a, p. 117-118). Na próxima subseção, apresento um breve histórico da Lexicografia Pedagógica, em que se inserem os dicionários monolíngues de aprendizagem²¹.

Como se pode observar, há muitos tipos de dicionário que se distinguem em função das necessidades de aprendizagem dos consulentes. Também as várias possibilidades de classificação da obra lexicográfica e a diversidade de

²⁰Segundo Welker (2008a, p. 25), pertencem ao grupo dos dicionários especiais: “os onomasiológicos/temáticos, os enciclopédicos, os valenciais, os de colocações, de verbos, de falsos amigos etc”.

²¹Embora reconheça que o termo *dicionário monolíngue de aprendizagem* seja comumente usado, Welker prefere usar *dicionário monolíngue para aprendizes estrangeiros* (DMAE).

critérios estão diretamente relacionadas com a acelerada e avançada produção desse tipo de obra. Sobre esse assunto, Damim (2005, p. 43) reconhece que:

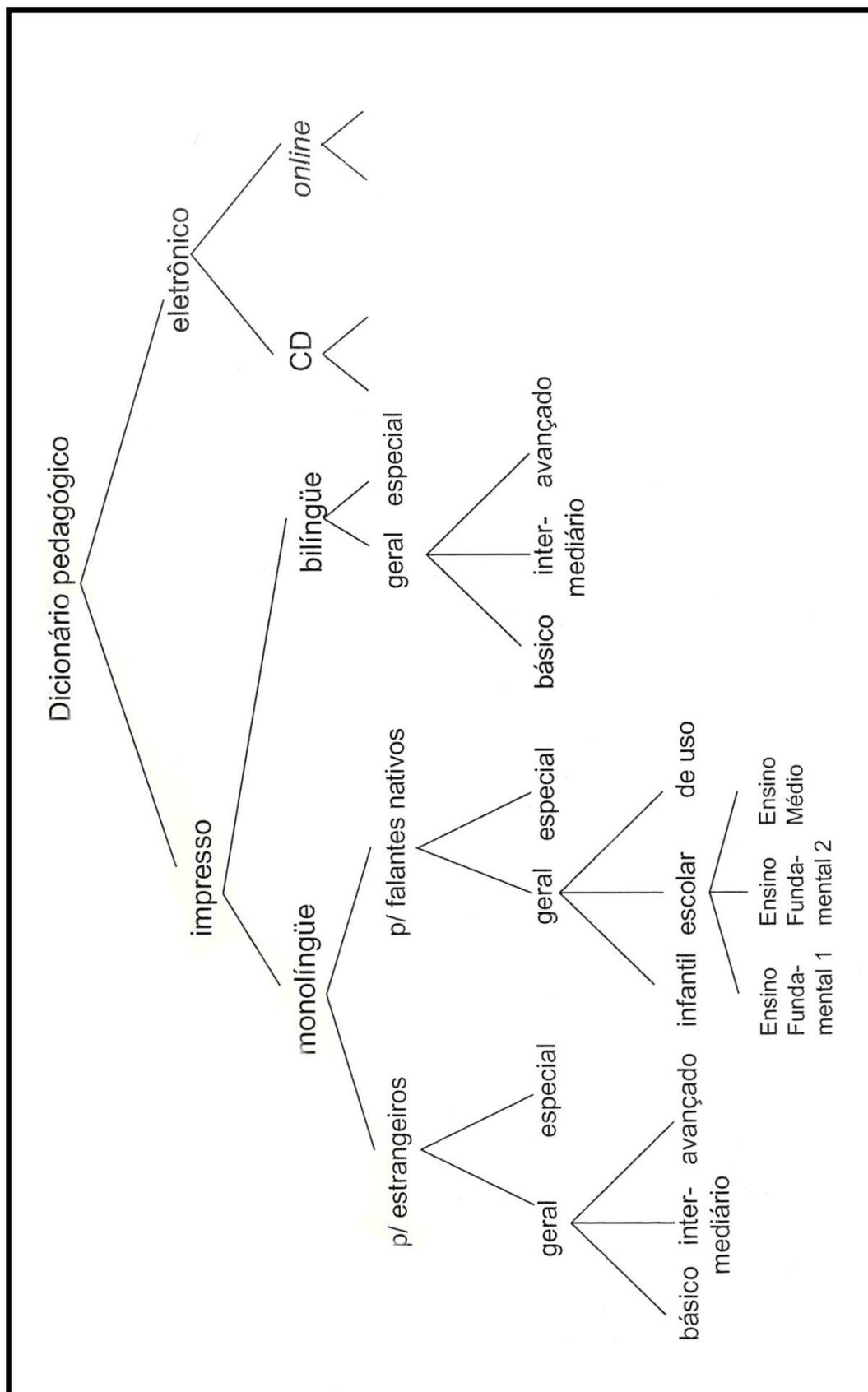
É difícil determinar quantos tipos de dicionários diferentes existem e quais seriam exatamente suas características. A cada dia surgem novos dicionários, cujas características não se enquadram necessariamente em um padrão rígido pré-estabelecido. Ainda assim, dispomos de diferentes formas de classificar a produção lexicográfica, e os critérios utilizados para tal categorização podem ser de diferentes ordens²².

Na figura 1 a seguir, Welker (2008a, p. 27) demonstra o quadro relacional da arquitetura tipológica dos dicionários pedagógicos, em que considera tanto as versões dicionarísticas impressas quanto aquelas em suporte eletrônico²³. Segundo esse autor (*ibidem*, p. 25), “trata-se de uma tipologia teórica [uma vez que] por um lado, ela não é baseada em dicionários existentes, mas em DPs [dicionários pedagógicos] imagináveis; [e] por outro, é possível arrolar ainda mais tipos”.

²²Damim (2005, p. 43) destaca as visões de Biderman (2001), da Editora Langenscheidt (2000), de Hausmann (1985), de Hartmann & James (2001), de Landau (2001), de Zgusta (1971) e a de Haensch (1982) sobre a classificação de obras lexicográficas.

²³No gráfico são representados apenas os tipos principais. Por falta de espaço, deixei de diferenciar os diversos tipos especiais e de distinguir os níveis de proficiência linguística dos destinatários desses dicionários (WELKER, 2008a, p. 26).

Figura 1 – Arquitetura tipológica dos dicionários pedagógicos



Fonte: Welker (2008a, p. 27).

1.1.2 Lexicografia Pedagógica

A preocupação com o ensino/aprendizagem do léxico em língua materna e/ou língua estrangeira remonta da civilização mesopotâmica²⁴. Sobre as “origens históricas” dos dicionários gerais, Béjoint (*apud* WELKER, 2008a, p. 30) explica que “os verdadeiros dicionários apareceram quando as sociedades começaram a ter relações comerciais e culturais com comunidades que usavam idiomas diferentes, de modo que precisavam de traduções”. A respeito dos dicionários monolíngues, Béjoint afirma que:

Os primeiros dicionários monolíngues, do final do século 16 até Johnson, parecem ter sido dicionários de palavra difíceis (Osselton 1990: 1944), que claramente estavam designados para educar o público [ou para serem] instrumentos de auto-aprendizagem.

Em termos de marco histórico, “a Lexicografia Pedagógica [LP]²⁵ é uma face da Lexicografia cujo início foi marcado com a publicação de obras voltadas para aprendizes de uma língua estrangeira” (cf. ARAÚJO, 2007, p. 29), porque não havia material didático que orientasse esse tipo de ensino. Assim surgiram os dicionários monolíngues para aprendizes (*monolingual learner’s dictionary* – MLD), na década de trinta, entre outros materiais dessa natureza, produzidos primeiramente em inglês e depois em outras línguas.

A abrangência da LP resulta em duas atividades distintas. Da mesma forma que a Lexicografia, existe uma face teórica e outra prática que dimensionam a Lexicografia Pedagógica. Welker (2011, p. 104) entende que “na lexicografia pedagógica prática, elaboram-se dicionários pedagógicos; na lexicografia pedagógica teórica (chamada por alguns de *metalexicografia pedagógica*) estudam-se os dicionários pedagógicos”²⁶.

²⁴Em nota de rodapé, Welker (2008a, p. 30) explica que “Após 1977, descobriu-se que os “dicionários” mais antigos datam de 5.000 anos. Eram tabuinhas sumérias contendo listas lexicais monolíngues. Somente depois surgiram listas “inter-dialetais” e mais tarde, há cerca de 4.400 anos, listas bilíngues, dos idiomas sumério-ebalaítico e sumério-acadiano (cf. Boisson, Kirtchuk & Béjoint 1991: 262-264)”.

²⁵Segundo Welker (2011, p. 112), há quem use o termo *lexicografia didática*; por exemplo, Hernández (1998). Welker diz que, “na verdade, o termo mais comum é *lexicografia pedagógica*”.

²⁶O termo *lexicografia pedagógica* no título desta obra implica que se pretende traçar um panorama da teoria e da prática relativas a um certo tipo de dicionários (WELKER, 2008a, p. 14).

Welker (2008a, p. 34-40) traça um percurso histórico da LP teórica (desde 1899 a 2008), citando autores e publicações relevantes para a Lexicografia Pedagógica e a LP teórica. Contudo, na página 36, o autor reconhece que “temos, nos anos 30 do século 20, os “pais dos dicionários para aprendizes” (Harold Palmer, Michael West e A.S. Hornby), cujas ideias foram concretizadas nos *learners’ dictionaries*”.

Talvez por isso, conforme Welker (2008a, p. 15), “quando o termo LP é empregado, na maioria das vezes os autores referem-se aos *learners’ dictionaries*, ou “dicionários para aprendizes (de línguas estrangeiras)”. No entanto, esse autor (*ibidem*, p. 18) afirma que “a LP inclui dicionários destinados a aprendizes tanto de línguas estrangeiras quanto da língua materna”. Tais obras, consideradas pedagógicas, fomentam pesquisas relacionadas ao ensino/aprendizagem (mais precisamente ao uso) e a sua própria elaboração, quer dizer, à crítica sobre a formatação e o conteúdo desses dicionários. Quanto ao uso, Welker (2008a, p. 18) esclarece que “somente faz parte da LP aquela pesquisa sobre o uso de dicionários **pedagógicos**”²⁷.

No Brasil, de acordo com Krieger (2011, p. 103-104) a Lexicografia Pedagógica é uma área de estudos recente e que, por isso, “seu objeto está sendo delineado à luz da relação dicionário e ensino de línguas”.

Não obstante, pode-se dizer que seu foco [da LP] reside no estudo das várias faces que constituem e envolvem os dicionários destinados à escola, relacionados ao ensino quer de primeira, quer de segunda língua. Tal foco evidencia também que a lexicografia pedagógica é motivada pela consciência do potencial didático dos dicionários e, indissociavelmente, com a preocupação da adequação e da qualidade das obras usadas no ensino de línguas (KRIEGER, 2011, p. 103).

Portanto, para Krieger (*ibidem*, p. 104), a grande motivação da lexicografia pedagógica é “tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino”. Nesse sentido, os dicionários pedagógicos se diferenciam em função de seus usuários: o termo *dicionário escolar* é empregado para aprendizes da

²⁷Welker (2008a, p. 17) cita também “Climent de Benito (2005: 221ss.), que emprega os termos *lexicografia didática* e *dicionários didáticos*, esses últimos são “instrumentos pedagógicos” no ensino e aprendizagem tanto de línguas estrangeiras quanto da língua materna”.

língua materna e *dicionário de aprendizagem*²⁸ para aprendizes de línguas estrangeiras.

Welker (2008a, p. 19) acrescenta que “essas obras, por sua vez, destacam-se de dicionários comuns pela preocupação com o aprendiz, seja de língua materna ou estrangeira, levando em conta suas necessidades e habilidades”. Porém, Welker (2008b, p. 15) alerta para o fato de que:

Dicionários pedagógicos não ensinam línguas. [...] Porque muitos dos fatos linguísticos que se precisa aprender para dominar um idioma não se encontram nos dicionários: a sintaxe geral, a morfologia, declinações e conjugações etc. O que o dicionário pedagógico faz – ou pretende – é ajudar na aprendizagem da língua (estrangeira ou materna).

Em razão disso, vários princípios norteiam a Lexicografia Pedagógica. A respeito dos dicionários monolíngues (para aprendizes de línguas estrangeiras ou da língua materna), Krieger e Welker (2011, p. 106-109) apresentam muitos aspectos que definem as estruturas desse tipo de dicionário e que, por isso mesmo, diferenciam essas obras lexicográficas umas das outras. Sabemos que, além de dicionários pedagógicos monolíngues, “existem também dicionários pedagógicos bilíngues, e ainda aqueles denominados “semibilíngues”, “híbridos”, “bilingualizados” ou “monolíngues com traduções”” (WELKER, 2011, p. 109). Nesses dicionários, conforme o autor, os princípios norteadores são os mesmos que orientam os dicionários monolíngues, ainda que, no caso dos bilíngues, não haja definições no corpo dos verbetes, mas equivalentes. Em suma, Welker (2011, p. 109) afirma que:

O princípio fundamental que norteia a lexicografia pedagógica é o seguinte: na elaboração de dicionários pedagógicos, devem ser levadas em conta as reais necessidades e as habilidades dos usuários, o que significa que devem ser produzidos dicionários diferentes para aprendizes com níveis diferentes de competência linguística.

Welker (2011, p. 107-108) expõe vários princípios estabelecidos por Palmer, West e Hornby e que, depois, foram concretizados em seus respectivos dicionários monolíngues: inserção de definições simplificadas, de

²⁸Pode-se verificar em Welker (2008a, p. 22-24) uma discussão sobre a equivalência dos termos *dicionário de aprendizagem* e *learners' dictionaries*.

figuras, de exemplo, de informações sintáticas e de informações sobre o uso correto ou comum; indicação de pronúncia; inclusão de informações gerais sobre a língua por meio de apêndices ou quadros específicos. Dessa maneira, esses dicionários seriam úteis tanto para o processo de recepção quanto para o processo de produção (escrita ou oral) de textos.

Os princípios devem ser estabelecidos em função do perfil do destinatário de forma que haja uma estrutura padronizada na obra lexicográfica. Nas duas subseções que se seguem (1.1.3 e 1.1.3.1), veremos a estrutura organizacional do dicionário, concernente à macro e à microestrutura, nessa ordem.

1.1.3 Estrutura do dicionário pedagógico

Os componentes do dicionário são dispostos basicamente em duas grandes estruturas: a macroestrutura e a microestrutura. Segundo Moreira (2009, p. 27), “a primeira é o conjunto das partes principais que compõem o dicionário”. As partes constituintes do dicionário são as páginas iniciais (elementos preliminares, material anteposto), o corpo (nomenclatura ou macroestrutura) e as páginas finais (material posposto). Esse nível macroestrutural pode ser analisado sob várias perspectivas, abordadas mais à frente.

A microestrutura, por sua vez, refere-se ao contexto informacional dos verbetes inseridos na obra lexicográfica. De acordo com Pontes (2009, p. 95), esse contexto é construído por “um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”. Os paradigmas²⁹, ou seja, os tipos de dados, devem ser registrados horizontalmente, seguindo um padrão de distribuição estabelecido conforme a “natureza da obra, suas funções e o público-alvo” (BARBOSA *apud* PONTES, 2009, p. 97). Welker (2004, p. 107) também defende a ordenação da microestrutura de forma constante. O autor

²⁹Segundo Lehmann e Martin-Berthet (1998, p. 111-112), paradigma se define como sendo cada elemento de informação referente às unidades léxicas. Assim, a etimologia, as informações fonéticas, a definição são exemplos de paradigmas (PONTES, 2009, p. 95).

(*ibidem*, p. 108) afirma que "a padronização é imprescindível tanto para o usuário (senão a leitura dos verbetes seria muito mais complicada do que já é) quanto para os redatores, que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes".

Alguns autores divergem no tocante aos elementos macroestruturais, pois consideram que apenas o corpo constitui a macroestrutura ou nomenclatura da obra lexicográfica, isto é, o dicionário propriamente dito³⁰. Além da macroestrutura e da microestrutura, esses autores propõem outras estruturas lexicográficas de maneira que as informações contidas no dicionário são organizadas nos níveis da megaestrutura, da macroestrutura, da medioestrutura, do material interposto e da microestrutura. Esses níveis se imbricam numa estrutura relacional de conjunto e de subconjunto, tecendo redes de informações sucessivas que facilitam a compreensão da organização do dicionário, a busca da palavra-entrada e a recepção do texto desse verbete.

Dessa forma, a **megaestrutura** é o nível mais amplo em que se encaixam todos os outros. Para Damim (2005, p. 37), trata-se da "estrutura geral do dicionário" cujas partes principais (mencionadas no 1º parágrafo desta subseção) demarcam o conteúdo inserido em cada uma dessas partes. Assim, as *páginas iniciais* compõem a parte introdutória do dicionário onde devem constar, obrigatoriamente, informações necessárias quanto à estrutura e especificidades da obra, quanto ao seu manuseio, quanto às decisões tomadas pelo(s) autor(es), quanto ao público-alvo e, ainda, quanto à apresentação do dicionário (cf. PONTES, 2009, p. 67). Trata-se, portanto, de um material extremamente importante que deveria ser inserido em toda obra lexicográfica. No entanto, este autor assegura que:

Na prática, nem sempre estas distinções ocorrem: na maioria dos dicionários, elas se confundem ou se fundem. De qualquer forma, deveriam constar como informações necessárias, na parte introdutória, os seguintes aspectos: as características técnicas da obra; a definição de critérios adotados pelo lexicógrafo; as indicações de uso, como guia para a consulta da obra; a indicação do leitor potencial do dicionário (PONTES, 2009, p. 67).

³⁰Nesta pesquisa, uso 'macroestrutura' para me referir ao corpo do dicionário e 'microestrutura' para me referir à descrição dos verbetes.

Pontes (2009, p. 68) resume que “a parte introdutória do dicionário inclui: apresentação, prólogo, introdução, normas de uso do dicionário, lista de colaboradores, lista de abreviaturas”. No que diz respeito ao dicionário *Robert Micro* (objeto desta pesquisa), as páginas iniciais das edições de 1988 e de 2006 constituem-se de prefácio (em que constam a apresentação e orientações para o manuseio), de gráficos sobre o uso dessa obra, de lista de símbolos convencionais e abreviações e de alfabeto fonético.

A *nomenclatura*, que é a parte central da obra lexicográfica (denominada também de corpo ou de macroestrutura), constitui o dicionário propriamente dito. Pontes (2009, p. 71) afirma que “a macroestrutura é a base do texto lexicográfico, cujas divisões em partes menores constituem os verbetes”. Essa parte é formada não apenas pelas categorias gramaticais, mas também por abreviaturas, prefixos, empréstimos, que podem funcionar como entrada (cf. PONTES, *ibidem*, p. 71).

Os dicionaristas podem inserir nas *páginas finais*, logo após a nomenclatura, um material que funciona como apêndice³¹ e anexo³² cujas informações, segundo Pontes (*ibidem*, p. 72), são de natureza linguística³³ e enciclopédica³⁴. Já o **material interposto**, como o próprio nome sugere, é inserido entre o material anteposto (páginas iniciais) e àquele posposto à nomenclatura (páginas finais). Ou seja, o material interposto permeia a macroestrutura, dando suporte imediato à descrição de um determinado verbete, para interagir com o texto lexicográfico. Conforme Damim (2005, p. 36), este material constitui-se no “conjunto de elementos complementares às informações da microestrutura, intercalados na macroestrutura [e] pode aparecer sob a forma de ilustrações, tabelas, mapas, diagramas, etc”.

³¹Pontes (2009, p. 72) cita Martínez de Sousa (1995, p. 121) para quem os apêndices são “textos acrescentados à obra, os quais consistem, em geral, em listas de verbos irregulares, questões gramaticais etc. Os apêndices são preparados pelo autor do dicionário”.

³²Martínez de Sousa (1995, p. 121) *apud* Pontes (2009, p. 72) define os anexos como “conjunto de documentos, estatísticas, grafias, quadros, ilustrações ou textos que guardam estreita relação com o assunto do dicionário. Estes textos são anexados ao dicionário sem que sejam produzidos pelo lexicógrafo”.

³³Listas de locuções e frases latinas, glossário de termos científicos e técnicos, siglas e abreviaturas, resumo gramatical, resumo ortográfico (PONTES, 2009, p. 72).

³⁴Informações necessárias a um estudante, tais como: adjetivos gentílicos, nomes de elementos químicos, algarismos romanos e árabicos, numerais ordinais, cardinais, multiplicativos e fracionários, sistemas/unidades de medidas e símbolos matemáticos, dentre outras possibilidades (DAMIM, 2005, p. 100).

Diferentemente das partes finais (apêndices e anexos) que, segundo Pontes (2009, p. 71), “compreendem materiais que não são adequadamente postos na microestrutura do dicionário”, vejo que o material interposto diz respeito a imagens em interação/articulação semiótica (ou na tentativa de)³⁵ com a linguagem verbal do contexto informacional que traz o verbete, estabelecendo relações de coerência entre linguagem verbal e não-verbal e, conseqüentemente, favorecendo o processo de recepção do gênero discursivo verbete.

Em termos do dicionário *Robert Micro*, nas páginas finais das duas edições mencionadas anteriormente, encontram-se os anexos que comportam lista dos nomes de números, um pequeno dicionário dos sufixos, quadros de conjugação, lista de palavras derivadas dos nomes de pessoas, lista de nomes e adjetivos oriundos dos nomes próprios de lugar. Na edição de 2006, há um acréscimo de lista de pronúncia.

Do ponto de vista da **macroestrutura** como parte da megaestrutura, Pontes (2009, p. 73) entende que esse nível constitui “o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário ou nomenclatura [que] em geral, estão em ordem alfabética para facilitar a leitura por parte do usuário”. Há vários aspectos que configuram esse nível estrutural, tais como a seleção do léxico, a ordenação das entradas, a apresentação polissêmica e a homonímica, a quantidade do conteúdo, a representação da entrada por variantes. Dentre as particularidades macroestruturais, a seleção de entradas de um dicionário está relacionada também a questões ideológicas, principalmente no tocante às palavras tabus, como veremos na seção 2.1.3 do próximo capítulo.

O léxico é selecionado ou a partir de um *corpus*, estabelecido previamente, ou a partir de dicionários já existentes, sob vários critérios que focalizam a finalidade/orientação da obra (se normativa e/ou descritiva), o público-alvo, a frequência de uso das entradas, a valoração das entradas na estrutura social – principalmente em relação à inclusão/exclusão das palavras tabus (cf. PONTES, 2009, p. 73-74). Segundo esse autor, embora existam critérios bem definidos para a seleção de palavras, muitos dicionários não

³⁵ Silva (2006) discute sobre coerência intersemiótica em dicionários infantis ilustrados.

apresentam no material anteposto os critérios que justifiquem a escolha das unidades lexicais.

Na macroestrutura, as entradas podem ser organizadas em ordem alfabética (dicionário semasiológico) ou em campos semânticos (dicionário onomasiológico). A maioria dos dicionários, inclusive o dicionário monolíngue, apresenta uma ordenação alfabética na disposição das entradas. Em termos do número adequado de entradas, Pontes (2009, p. 80) afirma que “a quantidade do conteúdo (o tamanho da nomenclatura) está na dependência do tipo de dicionário”.

A apresentação polissêmica³⁶ e a apresentação homonímica³⁷ de certo verbete também são aspectos fundamentais na composição da macroestrutura. Pontes (2009, p. 79) esclarece que:

Lexicograficamente, uma unidade léxica se define como homonímica, quando se apresenta distribuída em entradas diferentes, marcadas com números sobrescritos e dispostas verticalmente, quer dizer, uma abaixo da outra. Considera-se polissemia, quando a unidade léxica tem apenas uma entrada com várias acepções, dispostas horizontalmente, quer dizer, uma seguida da outra, e marcadas, em geral, com números negritados.

As variantes também podem ser registradas como entradas. Pontes (2009, p. 84) entende “por variantes as formas de uma mesma palavra e constituem-se de alternâncias gráficas, motivadas por fatores linguísticos”. De acordo com o autor, o dicionário pode registrar uma variante por vez (lema/entrada simples), duas formas de variantes para uma mesma entrada (lemas duplos), ou mais de duas variantes como palavras-entrada para o único bloco de informação que compõe o respectivo verbete (lemas múltiplos).

O dicionário *Robert Micro* registra, na edição de 1988 (2 ed.), um número em torno de 35 000 palavras-entrada. Na terceira edição (2006), há mais de 35 000 entradas. Considerada de médio porte, essa nomenclatura é organizada verticalmente, em ordem alfabética preferencialmente, porque,

³⁶A polissemia se interpreta como um vocábulo único, mas com significados diferentes (PONTES, p. 79).

³⁷A homonímia se entende como um conjunto de unidades lexicais diferentes, mas representadas num mesmo significante (PONTES, p. 78-79).

Quando a ordem alfabética (indispensável à pesquisa e a uma consulta cômoda) permite, as palavras da mesma família são reagrupadas; quando essas palavras não se encontram alfabeticamente juntas, elas são apresentadas separadamente³⁸.

No prefácio dessas duas edições, Alain Rey explica também que “a seleção [do léxico] retém todas as palavras usuais da língua contemporânea, tanto quanto as palavras didáticas consideradas indispensáveis para a pedagogia”³⁹.

A **medioestrutura** permite um movimento interno entre as diferentes partes do dicionário por meio de um sistema de referência, marcado por remissivas. Esse nível promove também um movimento externo entre essa dinâmica referencial e o consulente, pois, este, guiado pelas remissões, se mobiliza para encontrar as respostas que busca no dicionário. Com base em Wiegand, Welker (2004, p. 177) explica que:

Existem remissões não somente dentro do dicionário, como também para fora; estas últimas ocorrem quando o lexicógrafo remete para as fontes nas quais colheu seus dados, para a literatura metalexigráfica ou para outros dicionários [...]. Mas as mais importantes são, evidentemente, as remissões internas.

De acordo com Damim (2005, p. 37), “um sistema de referência pode utilizar palavras, abreviaturas, símbolos, ícones, ou ainda um sistema misto”. Essa autora (*ibidem*, p. 96-97) afirma que:

Além das informações apresentadas em nível macro e microestrutural, o consulente necessita de outros elementos que lhe permitam realizar uma consulta eficiente, de forma que possa encontrar rápida e facilmente o que procura. Nesse sentido, um sistema de organização interna, que interligue as partes do dicionário, é essencial no processo de busca do consulente.

Várias são as funções dos reenvios nos dicionários. Segundo Martínez de Sousa (1995), citado por Pontes (2009, p. 88),

³⁸Une nomenclature suppose un arrangement, pour lequel l'ordre alphabétique, le plus commode qui soit, est en général utilisé. [...] Lorsque l'ordre alphabétique, indispensable à la recherche et à une consultation commode, le permet, les mots de la même famille sont regroupés ; lorsque ces mots se trouvent alphabétiquement disjoints, ils sont présentés séparément.

³⁹La sélection correspondante retient tous les mots usuels de la langue contemporaine, ainsi que les mots didactiques jugés indispensables pour la pédagogie.

Uma de suas funções mais importantes é a de evitar a repetição da mesma informação em duas palavras ou em duas acepções sinônimas. Outra função da remissiva é facilitar ao leitor a ampliação de conhecimento em relação ao tema da consulta, enviando-o a entradas ou a partes dos verbetes cuja leitura pode ilustrá-lo com mais precisão ou amplitude.

Biderman (1984 *apud* PONTES, p. 88) acrescenta que “essa prática tem a vantagem de economizar espaço”. Além disso, as remissivas são utilizadas, estrategicamente, para disfarçar/desviar aspectos ideológicos de determinado verbete. Na seção 2.1.3, em que abordo a relação entre dicionário e ideologia, esta função do sistema de referência – que sustenta o plano medioestrutural do dicionário – é apontada como uma forma de censura (dentre outras), usada nas definições dos dicionários para dificultar o acesso à informação sociocultural (cf. GIRARDIN, 1979, p. 88).

Jacqueline Feldman (1980 *apud* BALL, 1997, p. 80) também entende que o sistema de remissivas é um dos “meios sutis para mascarar o preconceito cultural na definição”. Ball explica que “o segundo meio, o qual ela [Jacqueline Feldman] nomeia a *regra de détournement*⁴⁰, consiste em imergir a definição em um sistema complexo de reenvios”⁴¹.

As palavras que compõem o sistema remissivo do dicionário *Robert Micro*, tanto na segunda (1988) quanto na terceira edição (2006), encontram-se “após as definições e após certos exemplos. [Elas] são grafadas em negrito e apresentadas após uma seta dupla que significa “ver, consultar” ...”⁴².

No segundo parágrafo desta subseção, vimos o conceito de Pontes sobre **microestrutura** e a concepção de organização deste nível, segundo Barbosa e Welker. Este autor (2004, p. 108) classifica essa estrutura lexicográfica em *microestrutura concreta* e *microestrutura abstrata*. A primeira é o que de fato está registrado no dicionário, “é a forma concreta em que as informações sobre o lema [a entrada] são dadas”. A microestrutura abstrata refere-se a um programa constante de informação, pré-estabelecido para a

⁴⁰ *Détournement* n. m. 1. Ação de mudar o curso, a direção (cf. *Le Robert Micro*).

⁴¹ Le lexicographe semble avoir des moyens subtils pour masquer le parti pris culturel dans la définition. [...] Le deuxième moyen, qu'elle nomme *la règle de détournement*, consiste à noyer la définition dans un système complexe de renvois.

⁴² On trouvera, après les définitions et après certains exemples, des renvois imprimés en gras qui sont présentés après une flèche double qui signifie << voir, consulter >>...

realização da microestrutura concreta, ou seja, para que aí se preencham os dados concretos de determinado verbete (cf. WELKER, 2004, p. 108).

Welker (*ibidem*, p. 109) esclarece que “desde que estabeleça um padrão, o lexicógrafo pode, em princípio, elaborar qualquer tipo de microestrutura”. Considerando que a microestrutura é a própria estrutura do verbete, explicito na próxima subseção (1.1.3.1) os componentes microestruturais, isto é, os tipos de informação mais importantes que se encontram na microestrutura do dicionário.

1.1.3.1 O verbete e seus elementos composicionais

No dicionário, uma unidade léxica e seus respectivos comentários constroem o verbete lexicográfico que, desse modo, torna um conjunto de informações em “um enunciado formado por uma entrada, como ponto de partida, seguido de uma microestrutura” (cf. PONTES, 2009, p. 101). As informações inseridas no corpo do verbete contemplam os níveis gramatical, textual e discursivo e são ordenadas de acordo com os vários elementos paradigmáticos que formam a microestrutura. Assim, encontram-se na composição microestrutural, por exemplo: a cabeça do verbete, definição(ões), marcas de uso, exemplos de uso, colocações, remissões e informações paradigmáticas, fraseologismos idiomáticos.

O componente *cabeça do verbete* “compreende o lema [palavra-entrada ou entrada] e as informações anteriores à definição ou às definições (ou equivalentes nos dicionários bilíngues)”. Ou seja, antes do paradigma definicional, podem-se encontrar informações referentes às variantes ortográficas, à pronúncia, à categoria gramatical, à flexão e/ou à sintaxe, à etimologia, a marcas de uso (cf. WELKER, 2004, p. 110-111).

Nas duas edições (1988 e 2006) do dicionário *Robert Micro*, objeto desta pesquisa, as informações que seguem a entrada e que precedem a definição dizem respeito à pronúncia, à categoria gramatical e à conjugação. Neste último caso, obviamente, a palavra entrada pertence à classe dos verbos cujo tipo de conjugação é indicado por um sistema (p. ex.: conjug. 52.) que remete o consulente a quadros de conjugação verbal, anexos.

A definição é a peça principal [...]. Ela é, na consciência social, o próprio objeto do dicionário⁴³ (REY-DEBOVE, 1971, *apud* BALL, 1997, p. 89). Segundo Pontes (2009, p. 163), a lexicografia moderna apresenta um novo paradigma para estudar a relação definido-definição, em contraposição à concepção atestada pela tradição clássica dos estudos lexicográficos⁴⁴. O autor explica que:

O novo paradigma concebe o significado léxico de modo contextualizado: de um lado, reconhecendo nele aspectos afetivos, sociais, culturais, enciclopédicos; de outro, levando em conta propriedades sintagmáticas das palavras, e com suas características subcategorais, aspectuais. Dentro deste ponto de vista, a definição de uma determinada unidade léxica consiste em dar uma paráfrase⁴⁵ que lhe seja semanticamente aproximada.

A prática lexicográfica orienta-se por vários princípios. No que diz respeito àqueles que regem a definição, Pontes (2009, p. 163), com base na perspectiva clássica, aponta, “além da sistematicidade e da coerência, [...] a identidade categorial⁴⁶ e a identidade funcional⁴⁷. Pontes (2009, p. 169-177) mostra, ainda, outras qualidades que regem as definições lexicográficas, as quais menciono, de forma resumida, polarizando entre o que a definição deve ou não ser. Desse modo,

A definição tem que ser completa, não podendo faltar nenhum traço característico, mas não deve ser demasiado longa. Ela deve ser produzida de forma simples e clara, não podendo ser vaga. Em

⁴³[...] << la définition est la pièce maîtresse [...]. Elle est dans la conscience sociale l'objet même du dictionnaire >> [...].

⁴⁴De acordo com a lexicografia clássica, “os princípios que organizam a relação definido-definição são considerados sob a perspectiva lógica, de base componencial, segundo a qual a paráfrase do definido pela definição se baseia na relação virtual de língua e, por isso, opera uma identidade estritamente sintática e de significação denotativa” (PONTES, 2009, p. 162).

⁴⁵Em nota, Pontes (2009, p. 240) reitera o seguinte: “paráfrase não é a mesma coisa que perífrase. De acordo com Lara, citado por Damim (2005, p. 72), a paráfrase se aplica a um enunciado, enquanto que a perífrase se aplica a um vocábulo constituindo simplesmente outra denominação. Ou seja, a paráfrase constitui uma equivalência entre enunciados, e a perífrase uma relação de equivalência entre um vocábulo e um enunciado.

⁴⁶Sobre a definição, deve-se levar em consideração que seu enunciado se organiza de acordo com a classe de palavra que se pretende definir. É o que se designou princípio de identidade categorial (PONTES, 2009, p. 163).

⁴⁷A identidade funcional se define pela técnica da substituíbilidade, que consiste na possibilidade de a definição ocupar o lugar do termo definido em qualquer enunciado concreto. [...] Esse princípio também se denomina *lei de sinonímia* (MARTINEZ DE SOUSA, 1995, *apud* PONTES, 2009, p. 168-169).

contrapartida, a definição não pode circular⁴⁸, nem pode ser negativa, metafórica, figurada; nem deve revelar nenhuma ideologia. Também a unidade léxica definida não deve figurar na definição como descritor.

Ressalto que, obviamente, Pontes aborda todos esses princípios fundamentais para a formulação da definição, de forma crítica. Ele contesta, por exemplo, as assertivas sobre a linguagem figurada e as conotações ideológicas: ao contrário do que está posto pela lexicografia clássica, esses princípios impregnam o dicionário, inclusive a definição, e são legitimados pela lexicografia moderna. Para isso, o autor apropria-se das “diversas abordagens sobre o fazer dicionarístico, aquelas que se fundamentam nos usos da linguagem, contextualizados em aspectos ligados à cognição, à cultura e ao social” (cf. PONTES, 2009, p. 177).

O autor (2009, p. 168) defende que esses princípios “deverão ser uniformes, ao longo de toda a obra lexicográfica”. Damim (2005, p. 93) também reitera que “não há uma fórmula única capaz de orientar a produção e de medir a qualidade da definição”. Nesse caso, a autora admite que:

É possível que os princípios [...] tenham que ser flexibilizados por motivos diversos, [pois], o essencial em relação à definição é manter a coerência e a homogeneidade no tratamento das palavras em relação a outras da mesma classe gramatical.

Em termos de tipologia, Welker (2004, p. 118) apresenta a definição lexicográfica, a enciclopédica⁴⁹ e a terminológica⁵⁰. Para essa pesquisa, focalizo a definição lexicográfica que se divide em vários tipos, por exemplo: “a lógica”, “analítica” ou “aristotélica” e a “pseudodefinição” por sinônimos ou antônimos”. Esta última, aliás, é bastante criticada entre os lexicógrafos por ser o “método o menos científico possível, resultando [...] em pseudodefinições que

⁴⁸Com base em Garriga Cuadrado (2003), Pontes (2009, p. 174) explica a circularidade na definição da seguinte maneira: “entre as definições se estabelece, em geral, um círculo vicioso, isto é, se parafraseia uma unidade léxica em outra que, por sua vez, se explica com a primeira: A = B; B = A”.

⁴⁹A definição enciclopédica é dada em enciclopédias, ou, em alguns dicionários, em verbetes enciclopédicos (WELKER, 2004, p. 118).

⁵⁰A definição terminológica é uma operação que consiste em determinar o conjunto de caracteres que fazem parte da compreensão de um conceito. Como a lexicográfica, é uma proposição que enuncia uma equivalência entre um termo, o definido e o conjunto de características que o definem (SILVA, 2003; citado por WELKER, 2004, p. 119).

estabelecem um círculo vicioso” (IMBS, 1960; citado por WELKER, 2004, p. 118).

No tocante ao primeiro tipo de definição lexicográfica, entendo que a definição é elaborada, por um lado, para se estabelecer uma relação semântica de hiperonímia entre o definido e a definição – utilizando-se, portanto, um termo/uma palavra próximo(a), porém mais geral (*genus proximum*) do que aquele em questão; e, por outro lado, para mostrar uma cadeia descritiva a partir da qual o consulente pode depreender diferenças (*differentiae specifica*) – não somente de natureza concreta, mas também funcional – que caracterizam o definido. Dessa forma, tem-se, ao mesmo tempo, uma compreensão mais abstrata e geral (pelo gênero próximo) e mais concreta e específica (pelas diferenças específicas) no que concerne às várias possibilidades (de uso, de usuário, de qualidade etc.) que o definido possa oferecer⁵¹ (cf. WELKER, 2004, p. 118).

Referindo-se às definições nos dicionários monolíngues para aprendizes estrangeiros, Welker (2008a, p. 192-194) apresenta opiniões de alguns autores que discorrem sobre esse assunto e conclui que a linguagem a ser usada nesse tipo de dicionário

Deve ser simples, facilmente compreensível e que, para isso ser conseguido, o vocabulário tem que ser controlado, levando-se em conta a frequência das palavras – que é um bom indicador do grau de sua familiaridade para os aprendizes – e sua utilidade.

No que concerne ao dicionário *Robert Micro*, Alain Rey explica (no prefácio das edições de 1988 e de 2006) que:

As definições são simples e precisas. Elas comportam uma parte central [do verbete], que constitui uma expressão quase sinônima suscetível de substituir a palavra definida em uma frase, mas também, quando necessário, os tipos de palavras que devem ser empregadas com aquela que é definida⁵².

⁵¹Welker (2004, p. 118) explica que “para definir *cadeira*, por exemplo, usa-se o *genus proximum* (gênero próximo), isto é, o hiperônimo, *móvel* e as *differentiae specifica* (diferenças específicas) “para sentar-se”, “com encosto”, “para uma pessoa” e, eventualmente, outros semas”.

⁵²Les définitions ont été simplifiées et précisées. Elles comportent une partie centrale, qui constitue une expression quasi synonyme susceptible de remplacer le mot défini dans une phrase, mais aussi, quand il le faut, les types de mots qui doivent être employés avec celui qui est défini.

As marcas são recursos que apontam para o uso de itens lexicais em contextos específicos. Os lexicógrafos utilizam esses mecanismos de representação contextual, geralmente de forma abreviada, para assinalar particularidades de uso de determinado verbete. Segundo Pontes (2009, p. 154-155),

As marcas, então, são informações concretas que restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas [...] com a finalidade pedagógica importante, qual seja a de auxiliar o consultante, sobretudo na produção de seus textos e na aprendizagem de línguas estrangeiras [uma vez que] as indicações de marcas [...] auxiliam o produtor de texto a selecionar a palavra adequada aos contextos de comunicação.

Welker (2008a, p. 195) também entende que as marcas de uso, “que informam restrições de uso, são imprescindíveis para a produção de textos”. Pontes (2008, p. 155) salienta que “são as marcas que indicam informações sociolinguísticas e tecnoletais relativas à entrada do verbete”⁵³. Por isso, nas discussões sobre dicionário e ideologia (subseção 2.1.3), há autores que consideram as marcas de uso, assim como as definições e os exemplos, veículos de ideologias em potencial.

Nessa mesma direção, Domenico D’Oria (1988, *apud* BALL, 1997, p. 90) assegura que “a função das marcas é operar uma discriminação não somente linguística mas também social”. O autor argumenta que “o dicionário é o texto indiscutível e a marca *fam.*, *pop.*, *triv.*, *vulg.*, indica, indiretamente, a rejeição da própria palavra, porque não [sendo] empregada [de acordo com o bom uso] da linguagem [deve ser], portanto, evitada”⁵⁴.

Nas duas edições de *Robert Micro* (1988 e 2006), as marcas de uso são recorrentes. Alain Rey esclarece que “as abreviações mais frequentes nesse domínio dos *valores de emprego* são: *fam.* (linguagem familiar, sobretudo

⁵³Pontes (2009, p. 156) afirma que “em geral, as marcas definem-se sociolinguisticamente como (*fam.*) para familiar, (*pop.*) para popular, (*lit.*) para literária, (*reg.*) para *regionalismo*, (*ch.*) para chulo, (*fig.*) para figurado, entre outros. E, ainda, podem dizer respeito aos empregos especializados das palavras dentro das áreas técnico-científicas, registradas como med. (medicina), biol. (biologia), soc. (sociologia), gram. (gramática)”.

⁵⁴[...] << [l]a fonction des marques est d’opérer une discrimination non seulement linguistique mais aussi sociale >> [...] << le dictionnaire est le texte indiscutable et la marque *fam.*, *pop.*, *triv.*, *vulg.*, indique, indirectement, le rejet du mot même, parce que non employé dans le bon langage et donc à éviter >>.

falada); vulg. (vulgar); littér. (linguagem literária, escrita ou padrão)”⁵⁵. Em se tratando das palavras que expressam julgamentos sociais, o lexicógrafo acrescenta que há uma insistência sobre a norma, mas que, “todavia, é necessário assinalar e definir certas palavras que devem ser evitadas, notadamente os empregos grosseiros, violentos, injuriosos”⁵⁶.

Em relação à fraseologia⁵⁷, Welker (2008a, p. 204) aponta as expressões idiomáticas e as colocações⁵⁸ como tipos de fraseologismos. O autor afirma que “expressões idiomáticas [...] constituem itens lexicais com significado próprio, devendo ser registrados como sublemas [subentradas]”. Quanto às colocações, o linguista (*ibidem*, p. 195) explica as concepções de John Sinclair e de Hausmann que se contrapõem em duas grandes correntes. Segundo Welker, o primeiro autor entende que “uma colocação é simplesmente a “co-ocorrência regular” de itens lexicais, ou seja, o fato de duas ou mais palavras frequentemente ocorrerem juntas (não necessariamente lado a lado)”. Já para Hausmann, a colocação

Trata-se de co-ocorrências de “palavras com combinabilidade limitada”, de “combinações afins”, de “produtos semi-cristalizados que o falante não monta de forma criativa, mas encontra na sua memória como um todo e que o ouvinte percebe como algo conhecido” [...], “de combinações binárias típicas, específicas e características”, como *chover torrencialmente* ou *fumante inveterado*.

O dicionário *Robert Micro* (ed. 1988 e 2006) registra fraseologismos na descrição dos verbetes. Referindo-se à fraseologia e a empregos especiais, no prefácio dessas duas edições, Alain Rey explica que, “além da palavra isolada [...], a língua propõe unidades complexas, que é também necessário aprender

⁵⁵Les abréviations les plus fréquentes dans ce domaine des *valeurs d'emploi* sont : fam. (langue familière, surtout parlée) ; vulg. (vulgaire) ; littér. (langue littéraire, écrite ou soutenue).

⁵⁶Nous avons donc insisté sur la norme [...]. Il est toutefois nécessaire de signaler et de définir certains mots à éviter, notamment des emplois grossiers, violents, injurieux.

⁵⁷[...] reserva-se, seguidamente, o termo de fraseologia para a evocação de uma construção própria de uma língua. [...] a fraseologia [...] define-se não pelo desvio que ela representa em relação à língua, mas pelo caráter estabilizado da combinação que ela constitui (J. DUBOIS, 1998, p. 293).

⁵⁸Chama-se *colocação* a distribuição estabelecida entre os morfemas léxicos de um enunciado, abstraídas as relações gramaticais existentes entre esses morfemas: assim, as palavras *construção* e *construir*, embora pertençam a duas espécies diferentes de palavras, têm as mesmas colocações, i.e., encontram-se com as mesmas palavras (J. DUBOIS, 1998, p. 116).

tanto quanto as próprias palavras”⁵⁹. O lexicógrafo salienta que “essas unidades [compostas], [...] são mencionadas e tratadas no interior do verbete, concernente à palavra principal”⁶⁰, em conformidade com a tradição dos dicionários franceses. Entretanto, em alguns casos, essas unidades são tratadas como verdadeiras “palavras [entrada]”, em ordem alfabética. “Nos outros casos, infinitamente mais numerosos, a unidade complexa é apresentada: (a) seja em itálico, como um exemplo [...]; (b) seja em letra bastão, para realçar essa unidade”⁶¹.

As informações paradigmáticas indicam relações de sentido a respeito da palavra que está sendo consultada. As relações semânticas – tais como sinonímia, antonímia, homonímia, analogia, ilustrações – favorecem a atividade de codificação, quer dizer, de produção textual (cf. PONTES, 2009, p. 210 e WELKER, 2004, p. 180). Concretamente, as informações paradigmáticas estão inscritas no sistema remissivo, ou seja, na medioestrutura: elas podem aparecer na parte definitiva do verbete, no caso dos sinônimos (remissão implícita); e, ainda, em outras partes dentro do próprio verbete, marcadas de várias maneiras (remissão explícita) por algum símbolo ou abreviatura⁶² (cf. WELKER, 2004, p. 179-180)⁶³.

Conforme Hernández (1994; citado por PONTES, 2009, p. 214), “o exemplo de uso é um enunciado que se acrescenta à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada”⁶⁴. De acordo com Pontes

⁵⁹ Outre le mot isolé, signe dont la ou les valeurs font l’objet de définitions (une par sens ou nuance) et sont illustrées par des exemples, la langue propose des unités complexes, qu’il est aussi nécessaire d’apprendre que les mots eux-mêmes.

⁶⁰ Selon la tradition des dictionnaires français, ces unités, syntagmes courants ou terminologiques, locutions, proverbes, sont mentionnées et traitées (définies, parfois exemplifiées) à l’intérieur de l’article concernant le mot principal.

⁶¹ Cependant, dans des cas, [...] il [le mot] est traité en véritable << mot >> et à son ordre alphabétique. Dans les autres cas, infiniment plus nombreux, l’unité complexe est présentée : (a) soit en italique, comme un exemple – mais le fait qu’elle soit définie ou commentée la différencie alors de l’exemple libre ; (b) soit en petites capitales, ceci pour la distinguer plus nettement.

⁶² Exemplos de sinais gráficos para assinalar a remissão explícita: ver, hom (homônimo), par (parônimo), cf (conferir).

⁶³ Segundo Wiegand (1996a *apud* WELKER, 2004, p. 178), “as remissões dentro do dicionário podem estar nas seguintes posições: no verbete, no índice, numa inserção dentro da macroestrutura, num dos textos externos (isto é, fora da macroestrutura), em ilustrações”.

⁶⁴ Em termos de conceito, Welker (2008a, p. 198-199) afirma que “não há unanimidade a respeito do conceito de *exemplo*”, tanto para os dicionários bilíngues quanto para os dicionários monolíngues. Há lexicógrafos que exemplificam a palavra-entrada com expressões idiomáticas, colocações, provérbios e outros sintagmas. Há também lexicógrafos

(*ibidem*, p. 214-215), os exemplos de uso são necessários, “pois a contextualização e o significado se completam na construção do sentido”. Portanto, “[eles] são fundamentais para contextualizar a unidade léxica que representa a entrada”.

Todavia, essa relação de complementaridade não diminui a importância dos exemplos face a definição, pois do contrário, o dicionário – marcado pela ausência de exemplos – teria apenas a função de recepção (cf. PONTES, 2009, p. 214-215). Visto que “a função deles é concretizar o significado veiculado em uma definição que se caracteriza pela abstração de seus conteúdos”, desse modo, “o dicionário cumpre a função importante de produção”⁶⁵ (cf. PONTES, 2009, p. 214-215). Portanto, o exemplo de uso assume a função de recepção e/ou a função de produção textual.

Para a classificação de exemplos, além desse critério referente à função, há também aqueles concernentes ao material selecionado e à estrutura textual. Quanto à seleção do material, existem exemplos autênticos (extraídos de *corpora* textuais orais ou escritos), exemplos fabricados (inventados ou construídos) e ainda exemplos adaptados (baseados em um *corpus*, mas adaptados pelo lexicógrafo)⁶⁶. Welker (2008a, p. 201) afirma (de maneira categórica) que “qualquer um [desses três] tipos de exemplo tem uma certa função em dicionários de recepção, e outra em dicionários de produção. Nos DMAEs⁶⁷, ele deve preencher as duas funções”. No que concerne à estrutura textual, Orduña López (2002; em PONTES, 2009, p. 220) “divide os exemplos em dois grupos: os que constituem enunciados e os que se reduzem a fragmentos e orações”.

Pontes (*ibidem*, p. 221) ressalta que “o enunciado [...] é a forma mais adequada para representar o exemplo de uso, por ser capaz de contextualizar a entrada de maneira completa, tanto situacional, como semântica e

que restringem os exemplos a frases ou enunciados, com quem Welker concorda, já que as colocações e as expressões idiomáticas podem ser designadas como tais.

⁶⁵Para detalhes sobre as microfunções que assumem os exemplos, tanto para a leitura quanto para a produção textual, ler Pontes (2009, p. 216-217).

⁶⁶Há uma polêmica em torno da autenticidade dos exemplos. Para Caldéron Campos (1994 *apud* PONTES, 2009, p. 219), essa questão lhe parece um problema secundário, pois, “o que é verdadeiramente importante é que os exemplos sejam representativos, naturais, imitáveis e levem à curiosidade e ao interesse dos alunos e dos usuários, de um modo geral, a utilizar novas palavras”.

⁶⁷Welker prefere se referir a “Dicionário monolíngue para aprendizes estrangeiros” a “Dicionário monolíngue de aprendizagem”.

distribucionalmente”. Sabemos que essa contextualização não se efetiva imune de informações culturais e ideológicas, pois o dicionário é lugar de representação e reprodução das práticas sociais, dos valores dominantes que são naturalmente assimilados e, dessa forma, são perpetuados.

Por isso, Dubois e Dubois (1971, *apud* BALL, 1997, p. 90) esclarecem que:

Os exemplos [...] têm ao mesmo tempo uma função linguística e uma significação cultural [...]. Eles formam um conjunto de asserções sobre o mundo, que implica uma ideologia, aquela de uma comunidade a qual o lexicógrafo se identifica⁶⁸.

De acordo com Alain Rey, no prefácio das edições de 1988 e de 2006 do dicionário *Robert Micro*, “os exemplos são tão numerosos quanto possível, considerando a brevidade do dicionário. Eles consistem em frases completas ou em modelos de frases [...], ou em sintagmas simplificados [...]”⁶⁹.

Vimos que os sentidos referentes ao contexto informacional do verbete são construídos na e pela interação dos elementos/paradigmas que compõem esse nível microestrutural. E que nesses componentes permeiam não apenas conhecimentos sobre o sistema linguístico, mas também sobre a língua em uso e aquilo que ela pode representar, considerando-se as interações sociais. Por tais razões, na próxima subseção (1.1.3.2), argumento em torno da ideia de que o verbete, como texto que é, se desenha como gênero discursivo, na mesma direção da concepção de texto e discurso defendida por Fairclough (ler cap. 2).

1.1.3.2 O verbete como gênero discursivo

Os gêneros do discurso, conforme Bakhtin (2010, p. 262), são *tipos relativamente estáveis* de enunciados (orais e escritos) elaborados pelos

⁶⁸ << [L]es exemples [...] ont à la fois une fonction linguistique et une signification culturelle [...]. Ils forment un ensemble d’assertions sur le monde, qui implique une idéologie, celle d’une communauté à laquelle le lexicographe s’identifie >> [...].

⁶⁹ Les exemples sont aussi nombreux que possible, compte tenu de la brièveté du dictionnaire. Ils consistent en phrases complètes ou en modèles de phrases (verbe à l’infinitif, suivi de son complément), ou en syntagmes simplifiés (verbe + adverbe ; [déterminant] + nom + adjectif, etc.).

diversos campos de utilização da língua. O autor entende que a heterogeneidade dos gêneros discursivos⁷⁰ dá-se em razão da diversidade multiforme dos campos da atividade humana cujas especificidades e finalidades determinam os tipos de enunciados⁷¹. Bakhtin (*ibidem*, p. 262) explica que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Segundo Bakhtin (2010, p. 262-263), a natureza *verbal* (linguística), geral e inerente ao enunciado, delinea uma interseção entre os mais diferentes tipos de enunciados. Ao se referir à natureza universalmente linguística do enunciado (oral e escrito), o autor estabelece a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e os gêneros discursivos secundários (complexos).

Os gêneros discursivos secundários⁷² “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc” (BAKHTIN, 2010, p. 263). Conforme o autor, esses gêneros, “no processo de sua formação, incorporam e reelaboram diversos gêneros primários”, que são produzidos nas condições da comunicação discursiva imediata, ou seja, no contexto de situação mencionado por Fairclough (cf. subseção 2.1.1.2). Brait (2010, p. 155) reitera que “os gêneros secundários [...] são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política”; e ainda que, “em contatos como esses [entre os gêneros simples e complexos], ambas as esferas se modificam e se complementam”. Para a autora, “trata-se de uma

⁷⁰Para Bakhtin (2010, p. 262), são exemplos de gêneros do discurso (orais e escritos): as breves réplicas do diálogo do cotidiano, o relato do dia a dia, a carta, o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, os documentos oficiais, as manifestações publicísticas, as manifestações científicas, os gêneros literários.

⁷¹Bakhtin (2010, p. 261) afirma que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

⁷²Exemplos de gêneros discursivos secundários são: romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos (BAKHTIN, 2010, p. 263).

distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativo”.

O dicionário é produto de um sistema culturalmente mais complexo, desenvolvido e organizado. Trata-se de um suporte em que se registram, principalmente, palavras e suas respectivas informações/descrições, que se constituem em verbetes. Nesse sentido, vejo que o verbete lexicográfico se configura como um gênero discursivo secundário em cujo processo de formação ocorre transmutação de gêneros primários, pois, de acordo com Bakhtin (2010, p. 263-264), “esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios”.

Apesar de os gêneros primários assumirem “um caráter especial” nesse processo de formação, Brait (2010, p. 156) assegura que “as esferas de uso da linguagem não são uma noção abstrata, mas uma referência direta aos enunciados concretos que se manifestam nos discursos”. Segundo essa autora (*ibidem*, p. 156), ao vincular os gêneros discursivos aos enunciados concretos, Bakhtin “introduz uma abordagem linguística centrada na função comunicativa”. No entanto, Brait alerta que “quando considera a função comunicativa, Bakhtin analisa a dialogia entre ouvinte e falante como um processo de interação “ativa””. Brait expõe essa dinâmica entre os usuários da língua, que ocorre para efeitos comunicativos e expressivos, com base nas concepções de Bakhtin sobre as mobilizações discursivas na cadeia da comunicação verbal. Nesse sentido, Brait explica que:

No contexto de sua abordagem [de Bakhtin], toda compreensão só pode ser uma atividade; uma compreensão “passiva” é uma contradição em termos, mesmo que não seja vocalizada. Todo discurso só pode ser pensado, por conseguinte, como resposta. O falante, seja ele quem for, é sempre um contestador em potencial: [...] Em vez de um diagrama espacial⁷³ o que Bakhtin apresenta é um circuito de responsabilidade: falante e ouvinte não são papéis fixados *a priori* mas ações resultantes da própria mobilização discursiva no processo geral da enunciação. Além de potenciais, são intercambiáveis (BRAIT, 2010, p. 156-157).

⁷³Brait (2010, p. 156) se refere ao “clássico diagrama espacial da comunicação fundado na noção de transporte de mensagem de um emissor para um receptor, bastando, para isso, um código comum”.

Em termos de dicionário, vejo que os participantes do processo discursivo-interacionista também têm atitude responsiva, quer dizer, eles desempenham um papel duplamente ativo para que a interação aconteça. Ao consumir o texto, o leitor ativa, cognitivamente, a “compreensão responsiva” que se alterna com a do produtor do texto, o que gera “alternância responsiva”. Ao elaborar o texto, o lexicógrafo responde a possíveis questões dos usuários, o que contribui para o processo da “prática significativa” em torno do fazer dicionarístico: “estamos considerando prática significativa tudo o que diz respeito ao universo do discurso em suas diferentes esferas de uso da linguagem, vale dizer, dos gêneros discursivos a partir dos quais se organizam os textos” (BRAIT, 2010, p. 154).

Também, aqui, o “circuito de responsabilidade” mobiliza autor/leitor para uma interação verbal/dialógica, aproximando os gêneros primários e secundários, em uma esfera da comunicação discursiva escrita. Observo também que essa proximidade intergenérica se concretiza sobretudo na definição, nos exemplos e nas marcas de uso: o consulente busca e produz respostas diante de perguntas do tipo “O que significa tal palavra?”, “Como posso usar essa palavra?”, “Onde/em que contexto, devo empregá-la?”. Pontes (2009, p. 100) também legitima essa discussão quando diz que:

O verbete constitui um enunciado lexicográfico, ou texto, que se forma a partir de um conjunto de respostas a uma série de perguntas que o usuário do dicionário pode fazer acerca de uma mesma unidade léxica, que aparece como entrada.

Imaginemos um usuário que procura o(s) significado(s) de uma determinada palavra no dicionário, bem como as várias maneiras de uso desse verbete e suas possibilidades contextuais. O lexicógrafo oferece ao leitor um percurso textual que pode ser propositalmente manipulado, a favor da ideologia dominante (ver a subseção 2.1.3 desta pesquisa). Entendo que, ao consumir o texto, o leitor/ouvinte produz respostas contra ou a favor da orientação argumentativa do texto lexicográfico. Ou seja, além das possíveis respostas apresentadas no texto verbete pelo lexicógrafo, o consulente, em consonância com o que já ouviu e compreendeu, gera/prodiz respostas que, inclusive, se projetam para possíveis mudanças discursivas e comportamentais.

Com base em Bakhtin, Resende e Ramalho (2009, p. 18) salientam que:

A interação é, antes, uma operação polifônica que retoma vozes anteriores e antecipa vozes posteriores da cadeia de interações verbais, e não uma operação entre as vozes do locutor e do ouvinte: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 1997, pp. 290-1).

Nessa mesma direção, Fairclough (2001a) defende suas ideias a respeito de intertextualidade, explicitadas na subseção 2.1.1.2. A essa concepção bakhtiniana de interação verbal, Resende e Ramalho (2009, p. 18) acrescentam que:

Essa noção de várias vozes, que se articulam e debatem na interação, é crucial para a abordagem da *linguagem como espaço de luta hegemônica*, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, por exemplo, e articulá-las de determinadas maneiras num conjunto de outras possibilidades.

Os estudos de Bakhtin, como veremos no próximo capítulo, influenciaram as proposições de Fairclough para a Teoria Social do Discurso (TSD), em Análise de Discurso Crítica (ADC). Resende e Ramalho (2009, p. 14) afirmam que “a ADC provém da operacionalização de diversos estudos” e destacam os de Foucault (1997, 2003)⁷⁴ e de Bakhtin (1997, 2002)⁷⁵ “cujas perspectivas vincularam *discurso* e *poder* e exerceram forte influência sobre a ADC”. Resende e Ramalho (*ibidem*, p. 17) esclarecem que:

Além da concepção da linguagem como modo de interação e produção social, o enfoque discursivo-interacionista de Bakhtin apresenta conceitos que se tornariam, mais tarde, basilares para a ADC, a exemplo de gêneros discursivos e de dialogismo⁷⁶.

⁷⁴FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997. _____ . *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2003.

⁷⁵BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. _____ . *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

⁷⁶Resende e Ramalho (2009, p. 17-18) afirmam que, em oposição à percepção estática da interação verbal, “Bakhtin apresenta uma visão dialógica e polifônica da linguagem, segundo a qual mesmo os discursos aparentemente não-dialógicos, como textos escritos, sempre são parte de uma cadeia dialógica, na qual respondem a discursos anteriores e antecipam discursos posteriores de variadas formas”.

A proposta de Bakhtin sobre a incorporação dos gêneros primários aos gêneros secundários reflete sua concepção da linguagem como modo de interação e produção social, engendrado em processos históricos de “formação das sociedades e de suas esferas” (GRILLO, 2008, p. 68). A autora (*ibidem*, p. 67) explica que:

O percurso de incorporação dos gêneros dialogados da oralidade para os gêneros escritos manifestam a percepção de Bakhtin sobre o processo histórico de formação e complexificação das esferas ideológicas nas sociedades complexas.

Para Bakhtin (2010, p. 268), os gêneros discursivos “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Portanto, do ponto de vista funcional/dialógico-interacionista, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, *ibidem*, p. 268).

Nesse sentido, segundo Brait (2010, p. 158), “o gênero adquire então uma existência cultural [e, portanto,] não pode ser pensado fora da dimensão espaço-temporal”. Como afirma a autora (*ibidem*, p. 159),

O gênero, na teoria do dialogismo, está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como “memória criativa” onde estão depositadas não só as grandes conquistas das civilizações, como também as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço.

Dentre os principais pontos da abordagem cronotópica dos gêneros, sintetizados por Brait (2010, p. 159), destaco aquele no qual a linguista menciona que “as obras, assim como todos os sistemas da cultura, são fenômenos marcados pela mobilidade no espaço e no tempo”. Sabemos que o espaço é social e o tempo é histórico. No contexto dicionarístico, pode-se verificar também a lexicultura⁷⁷ sobre uma comunidade/sociedade, em uma dada época, pois os dicionários aportam também informações culturais e posicionamentos ideológicos. Parreira da Silva (2006, p. 2022) esclarece que

⁷⁷Robert Galisson também discute sobre lexicultura, por exemplo, em: La pragmatique lexiculturelle pour accéder autrement, a une autre culture, par un autre lexique. *Mélanges CRAPEL*, n 25; Une dictionnaire à géométrie variable au service de la lexiculture. *Cahiers de Lexicologie*, n. 70.

“lexicultura é a relação entre léxico e cultura, pois não há como desvincular léxico de cultura”.

Para Bakhtin (2010, p. 261-262), há três elementos que caracterizam os enunciados – o conteúdo temático⁷⁸, o estilo⁷⁹, a construção composicional⁸⁰ – que “estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Focalizo a questão do estilo, para respaldar também meus argumentos em 2.1.3 (cap. 2), no tocante à aparente neutralidade na obra lexicográfica. Conforme Bakhtin (2010, p. 265),

Todo estilo está indissolavelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual.

Pontes (2011, p. 2) salienta que “o estilo de um enunciado leva em conta o interlocutor e sua possibilidade de percepção/recepção, fato que determinará a escolha do gênero”. De fato, de acordo com Fairclough (2001a), a produção, a distribuição e o próprio consumo de textos dependem dos interesses de quem os produz (ver a subseção 2.1.1.2).

Como vimos, os gêneros discursivos fomentam uma discussão na qual defendo que o verbete também viabiliza interação dialógica/verbal cujos participantes assumem “postura ativa de resposta” em relação ao significado (linguístico) do discurso. E que, portanto, a concepção de gênero do discurso defendida por Bakhtin (2010) me autoriza a considerar o verbete uma forma de enunciado, isto é, um gênero discursivo. Como afirma Bakhtin (2010, p. 264),

Todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilística da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano

⁷⁸O conteúdo temático diz respeito às informações explícitas e implícitas existentes em um gênero discursivo (PONTES, 2011, p. 2).

⁷⁹Bakhtin (2010, p. 261) refere-se ao “estilo da linguagem, ou seja, [à] seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”.

⁸⁰A construção composicional: estrutura particular dos textos, materializados no gênero (PONTES, 2011, p. 2).

(em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam.

Ao discorrer sobre gênero discursivo (conceito, tipologia, funcionamento, elementos característicos etc.), considerando inclusive o contexto dicionarístico, aponto para a relação de interseção que há entre dicionário, discurso e ideologia. Também, dessa maneira, aproximo Lexicografia e Análise de Discurso Crítica (ADC), explicitada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: Lexicografia e ADC: interfaces em movimento.

Por um lado, a linguagem colabora com a manutenção ou com a transformação de práticas sociais e, por outro, incorpora traços de tais práticas. Assim, sentidos de textos são vistos como recursos potenciais que apontam tanto para a mudança quanto para a preservação de relações assimétricas de poder (RAMALHO, 2005a, p. 294).

2.1 Análise de Discurso Crítica

Nesta seção, abordo conceitos importantes para explicar o que é e do que trata a Análise de Discurso Crítica (ADC). Inicialmente, mostro o percurso histórico dessa disciplina, contrapondo-a inclusive à Linguística Crítica (LC) e à Análise de Discurso (AD). Em seguida, explico a natureza inter/trans/multidisciplinar da ADC e seus principais fundamentos. E ainda discuto a noção de texto construída pela ADC. Nas subseções que se seguem (2.1.1, 2.1.2, 2.1.3), explico, nessa ordem, as categorias analíticas de Fairclough, conforme o modelo tridimensional de análise do discurso proposto por esse linguista em 1992 (trad. 2001a)⁸¹; discorro sobre a noção de discurso e ideologia e sobre dicionário e ideologia.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas (RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 7). O interesse em investigar o discurso e seus efeitos na e para a sociedade torna-se mais acentuado com o surgimento da Análise de Discurso Crítica (ADC)⁸², a partir da década de 1980, uma vez que amplia os estudos da Linguística Crítica (LC)⁸³ para uma preocupação maior com a prática social.

⁸¹Izabel Magalhães, professora e pesquisadora da Universidade de Brasília, traduziu em 2001 *Discourse and social change*.

⁸²O termo *Critical Discourse Analysis* (CDA) foi cunhado pelo linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, em um artigo – *Critical and descriptive goals in discourse analysis* (Objetivos críticos e descritivos em análise do discurso) – publicado em 1985 no periódico *Journal of Pragmatics*. No Brasil, Izabel Magalhães traduziu o termo como Análise de Discurso Crítica (ADC). Esse termo também foi traduzido por Análise Crítica do Discurso (ACD). Em nossa pesquisa, utilizamos a primeira tradução, isto é, ADC.

⁸³O termo Linguística Crítica (*critical linguistics*) foi usado pela primeira vez em 1979, por Roger Fowler e Gunther Kress [...]. Preocupados fundamentalmente com as correlações entre a estrutura linguística e a estrutura social, [...], estes autores pretenderam demonstrar, com as suas análises, que os grupos e as relações sociais influenciam o comportamento linguístico e

Wodak (2001 *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 2) afirma que “a análise de discurso crítica (ADC) pode ser considerada uma continuação da linguística crítica” e que “os termos *Linguística Crítica* (LC) e *Análise Crítica do Discurso* (ACD)⁸⁴ são frequentemente usados como sinônimos” (WODAK, 2004, p. 1). No entanto, a Análise de Discurso Crítica não se reduz aos pressupostos da Linguística Crítica. Segundo Magalhães (2005, p. 2), “considerar a ADC como uma continuação da LC é uma redução de questões fundamentais que foram explicitadas pela ADC, tanto em termos teóricos como metodológicos”.

Ao contrapor as duas disciplinas, com base em Fowler (1996)⁸⁵ e Fairclough (2001a), Magalhães (*ibidem*, p. 2) afirma que:

A ADC estuda textos e eventos em diversas práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto sócio-histórico. Enquanto a LC desenvolveu um método para analisar uma pequena amostra de textos, a ADC desenvolveu o estudo da linguagem como prática social, com vistas à investigação de transformações na vida social contemporânea [...].

Discussões e estudos desenvolvidos anteriormente à ADC, com foco na abordagem crítica do discurso, consolidaram não apenas a LC, mas também a Análise de Discurso (AD) de linha francesa. A Linguística Crítica foi uma abordagem desenvolvida por um grupo de linguistas (representado por Fowler, Hodge e Kress) da Universidade de East Anglia, na década de 1970. Fairclough (2001a, p. 46 e 47) afirma que:

Eles tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada com Michel Halliday (1978, 1985)⁸⁶ e conhecida como ‘linguística sistêmica’.

Por sua vez, a Análise de Discurso (anterior à LC) foi inicialmente defendida na França por Michel Pêcheux e seus colaboradores. De acordo com

não-linguístico dos sujeitos, incluindo a sua atividade cognitiva” (GOUVEIA, 2010). Portanto, em termos de filiação disciplinar, pode-se afirmar que a ADC continua os estudos da LC, sem, no entanto, se reduzir à Linguística Crítica.

⁸⁴Wodak utiliza o termo ACD em vez de ADC.

⁸⁵FOWLER, R. *On critical Linguistics*. In: C. R. Caldas-Coulthard e M. Coulthard (orgs.), 1996.

⁸⁶HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. Londres: British Library Cataloguing in Publication, 1985.

Fairclough (2001a, p. 20), eles “desenvolveram uma abordagem à análise de discurso que se baseou especialmente no trabalho do linguista Zellig Harris e na reelaboração de uma teoria marxista de ideologia feita por Althusser”. E que essa abordagem, “como a linguística crítica, tenta combinar uma teoria social do discurso com um método de análise textual, trabalhando principalmente com o discurso político escrito” (FAIRCLOUGH, *ibidem*, p. 51).

Fairclough (2001a) refuta essas duas abordagens e propõe uma teoria para a análise crítica de discursos (explicitada na subseção 2.1.1). Referindo-se à LC e à AD (na página 20 da mesma obra), o autor explica que:

As tentativas anteriores de síntese entre os estudos linguísticos e a teoria social tiveram, dessa forma, sucesso limitado. [...] Ambas as tentativas apresentam um desequilíbrio entre os elementos sociais e os linguísticos da síntese, embora tenham pontos negativos e positivos complementares: nos primeiros, a análise linguística e o tratamento de textos linguísticos estão bem desenvolvidos, mas há pouca teoria social, e os conceitos de ‘ideologia’ e ‘poder’ são usados com pouca discussão ou explicação, enquanto no trabalho de Pêcheux a teoria social é mais sofisticada, mas a análise linguística é tratada em termos semânticos muito estreitos.

Depois de discutir sobre as *Abordagens da análise de discurso* (capítulo 1), o autor conclui que há áreas “em que a tradição de análise de discurso orientada linguisticamente [...] é fraca e pouco desenvolvida, precisando ser fortalecida pela adoção de pressupostos da linguagem e do discurso na teoria social”.

A ADC (de origem britânica) consolidou-se como disciplina na década de 1990, a partir de um simpósio realizado em Amsterdã, em janeiro de 1991. Como participante desse evento, Wodak (2004, p. 4) conta que, ao lado de Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress e Teo van Leeuwen, esses estudiosos “tiveram a maravilhosa oportunidade de discutir teorias e métodos de análise do discurso, especificamente de ACD. O encontro permitiu que todos confrontassem entre si abordagens distintas e diferenciadas”. Além disso, o início dessa rede de pesquisadores em ADC é também marcado pelo lançamento de várias obras pertinentes a essa literatura.

Essa variedade de abordagens em torno da ADC com diferentes enfoques teórico-metodológicos amplia o campo de estudo da ADC. Em sua dissertação de mestrado, Bessa (2007, p. 25 e 26), além de apresentar a

abordagem linguístico-discursiva de Fairclough, menciona as abordagens de Dijk e Wodak. Segundo Bessa, “van Dijk desenvolve uma abordagem que relaciona cognição e discurso”. Wodak, por sua vez, “adota uma abordagem denominada histórico-discursiva”. Fairclough (2001a, p. 31) confirma que “a análise de discurso é agora uma área de estudo muito diversificada, com uma variedade de abordagens em um grupo de disciplinas”.

A natureza inter/transdisciplinar e mesmo multidisciplinar⁸⁷ da ADC faz com que essa disciplina seja híbrida, heterogênea e consistente uma vez que vários diálogos com outras áreas de estudo podem ser estabelecidos simultaneamente, principalmente com a Ciência Social Crítica. Resende e Ramalho (2009, p. 8) argumentam que “a ADC operacionaliza conceitos oriundos tanto da Linguística quanto das Ciências Sociais”. As linguistas acrescentam (na página 14) que:

A ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva. Assim sendo, a ADC provém da operacionalização de diversos estudos, [...].

Nas palavras das autoras (2004, p. 185), a ADC é uma “disciplina com amplo escopo de aplicação, [que está] situada na interface entre a Linguística e a Ciência Social Crítica”. Trata-se de uma inter/trans/multidisciplinaridade com foco na relação compartilhada entre o mundo social e a linguagem. Ou seja, discurso e sociedade relacionam-se interna e dialeticamente.

Diretamente relacionada às Ciências Sociais, a Análise de Discurso Crítica busca descrever e, sobretudo, explicar estruturas do discurso do sujeito, que não é assujeitado, em função da interação social e especialmente da estrutura social. Segundo Gomes (2008, p. 40), ao contrário de possuir autonomia relativa⁸⁸, esse sujeito “é, ao mesmo tempo, construído por

⁸⁷Resende e Ramalho (2009, p. 7) utilizam os termos “transdisciplinar” e “multidisciplinar” para se referir à natureza da abordagem em ADC.

⁸⁸De acordo com Mussalim (2003, p. 133-135), no início da Análise do Discurso Francesa (AD), o sujeito era considerado assujeitado, pois era visto como se possuísse autonomia relativa. Aqui, o sujeito não fala, pois “está submetido às regras específicas que delimitam o discurso que enuncia”, [...] “quem de fato fala é uma instituição, ou uma teoria, ou uma ideologia (POSSENTI, S., s.d.)”. A autora apresenta as concepções de sujeito em três diferentes fases da AD (AD-1, AD-2, AD-3). Apesar de distintas, essas noções “possuem uma característica em comum: o sujeito não é senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as

processos discursivos e construtor destes, já que sua natureza é de um ator ideológico que interage”.

Para Fairclough e Wodak (1997)⁸⁹, citados por Dijk (2008, p. 115), a Análise de Discurso Crítica fundamenta-se principalmente nas seguintes ideias: a ADC aborda problemas sociais; as relações de poder são discursivas; o discurso constitui a sociedade e a cultura, realiza um trabalho ideológico e é, ao mesmo tempo, histórico e uma forma de ação social; a relação entre texto e sociedade é mediada; a análise do discurso é interpretativa e explanatória.

Assim, vários temas são investigados e analisados numa dimensão crítico-reflexiva. Conforme Magalhães (2005, p. 2),

A ADC oferece uma valiosa contribuição de linguistas para o debate de questões ligadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo, ao controle e à manipulação institucional, à violência, à identidade nacional, à auto-identidade e à identidade de gênero, à exclusão social.

Ou seja, a ADC analisa e questiona (com interesse particular na relação entre linguagem e poder) discursos de várias ordens – “discursos institucional, político, de gênero social, e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito” (WODAK, 2004, p. 2).

Dijk (2008, p. 113) conceitua essa perspectiva de estudo do discurso como

Um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político.

Com base nesse conceito de Dijk e nos principais fundamentos de Fairclough e Wodak (1997), entendo que a ADC trabalha considerando o linguístico no interior do social, com objetivos emancipatórios.

É preciso ressaltar que essa concepção de texto monomodal (em Dijk) não se aplica ao discurso contemporâneo, em que texto é concebido como o lugar de articulações semióticas, isto é, lugar onde vários modos semióticos

coerções de uma formação ideológica e discursiva, ou temos um sujeito submetido à sua própria natureza inconsciente”. Ao contrário, na ADC, o sujeito é ativo, que pode resistir ao poder na luta contra hegemonia.

⁸⁹FAIRCLOUGH, N. L. e WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse studies*. A multidisciplinary introduction: v. 2. Discourse as social interaction. London: Sage, pp. 258-284, 1997.

dialogam entre si, inclusive a escrita. Fairclough (2001a, p. 23) insere esta concepção de texto multimodal nos estudos sobre ADC ao “estender a noção de discurso a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais”. Por “formas simbólicas”, Thompson (2009, p. 79) entende “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos”.

Juntamente com os aspectos semióticos, devemos analisar tantos outros aspectos, inclusive para além da estrutura textual. Bou Maroun (2007, p. 86) defende que, “ao analisarmos um texto, devemos considerar não somente as marcas linguísticas que estão evidentes no mesmo, mas também procurar inseri-lo em um contexto sociopolítico e ideológico do momento em que foi escrito”. Essa linguista baseia-se em Fairclough (2001a), para quem os textos devem ser investigados “como produtos de processos ideológicos que pertencem aos discursos como eventos sociais completos centrados na relação entre as pessoas”. Resende e Ramalho (2009, p. 10) também versam sobre a concepção atual de texto, inclusive em ADC, quando explicam que os textos são “vistos como produções sociais historicamente situados que dizem muito a respeito de nossas crenças, práticas, ideologias, atividades, relações interpessoais e identidades”.

Portanto, aliadas à prática textual, cujas ferramentas são as formas simbólicas, a prática discursiva e a prática social (explicitadas em 2.1.1) também são constituintes e constitutivas do discurso: o texto/discurso⁹⁰ deve ser interpretado considerando-se tanto os processos de produção, circulação e consumo, quanto os processos sócio-ideológicos envolvidos no contexto em que esse texto/discurso está inserido. Fairclough e Kress (1993)⁹¹ defendem que

Uma abordagem realmente crítica do discurso exigiria, portanto, uma teorização e descrição tanto dos processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, quanto das estruturas e processos sociais no seio dos quais indivíduos ou grupos, como sujeitos sócio-históricos, criam significados em suas interações com os textos (WODAK, 2004, p. 3).

⁹⁰Fairclough defende a concepção de discurso como ‘texto e interação’. O autor (2001a, p. 21) afirma que: “‘Texto’ é considerado aqui como uma dimensão do discurso: o ‘produto’ escrito ou falado do processo de produção textual”.

⁹¹FAIRCLOUGH, N. e KRESS, G. *Critical discourse analysis*. Mimeo, 1993.

A construção dos significados de um dado discurso é orientada não apenas pela linguagem *per se*, mas também por outros aspectos que permeiam os domínios político, econômico, cultural, cognitivo etc., que mobilizam o texto na interação social. Essas práticas de descrição e interpretação do discurso são apresentadas na subseção seguinte (2.1.1), com base nos pressupostos teórico-metodológicos que Fairclough (2001a) defende ao elaborar um modelo tridimensional de descrição e interpretação do discurso.

2.1.1 O modelo tridimensional de Fairclough

Dentre os analistas críticos do discurso, o linguista britânico Norman Fairclough torna-se o maior expoente em ADC. Segundo Magalhães (2005, p. 2), “a contribuição principal de Fairclough foi a criação de um método para o estudo do discurso e seu esforço extraordinário para explicar por que cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos linguistas”. Esse método estrutura-se nas perspectivas teórica e metodológica. Trata-se da Teoria Social do Discurso (TSD), vertente da ADC, em que Fairclough propõe um modelo de análise a partir do qual o discurso possa ser analisado considerando-se as duas faces da análise de discurso (social e linguisticamente orientada), isto é, com vistas na relação dialética entre o mundo social e a linguagem.

Os trabalhos de Fairclough influenciaram a formação da ADC como teoria e método para a análise de discursos, principalmente a partir de *Language and Power* [Linguagem e poder (1989)]. Suas propostas teórico-metodológicas estão explicitadas também em *Discourse and social change* [Discurso e mudança social (1992/2001)], *Discourse in Late Modernity* [Discurso na Modernidade Tardia (1999), em parceria com Lilie Chouliaraki] e, ainda, em *Analysing Discourse: textual analysis for social research* [Analisando o Discurso: análises textuais para a pesquisa social (2003)]. Essas obras apontam para um crescente refinamento da Teoria Social do Discurso (TDS). De acordo com Ramalho (2005a, p. 286),

O enfoque teórico-metodológico proposto em *Discourse in Late Modernity* (1999), em parceria com Lilie Chouliaraki, e em *Analysing Discourse* (FAIRCLOUGH, 2003a) amplia a abordagem da dimensão macro e microssociológica do discurso e, conseqüentemente, passa por algumas revisões.

Com base em Fairclough (2001a, p. 100-101), Ramalho (2005a, p. 282; 2005b, p. 24) explica que a TSD reúne três tradições analíticas: (1) a tradição interpretativa ou microssociológica de análise, que “considera *prática social* como aquilo que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em sentidos comuns compartilhados”; (2) a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais; e (3) a tradição das análises textual e linguística detalhadas. Essas tradições estão relacionadas, respectivamente, às dimensões do discurso como prática social, prática discursiva e prática textual, abordadas nas três subseções que se seguem.

Resende e Ramalho (2009, p. 8) mostram três fases de produção da Teoria Social do Discurso (TSD): (1) o modelo tridimensional para ADC (1989 e 1992/2001); (2) o enquadre de Chouliaraki e Fairclough (1999); e (3) o enquadre para a análise textual em pesquisas sociais (2003). Na primeira fase, a concepção do uso da linguagem como prática social investe ao discurso primazia de análise, isto é, a prática dominante da análise incide sobre o discurso. Nas fases posteriores, há um redimensionamento da centralidade do discurso como foco dominante da análise para as práticas sociais, concebidas em sua articulação. Nesse sentido e resultante desse movimento descentralizador nas análises empíricas em ADC, “o discurso passou a ser visto como ‘um’ momento das práticas sociais” (cf. tb. RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 186; 2009, p. 29).

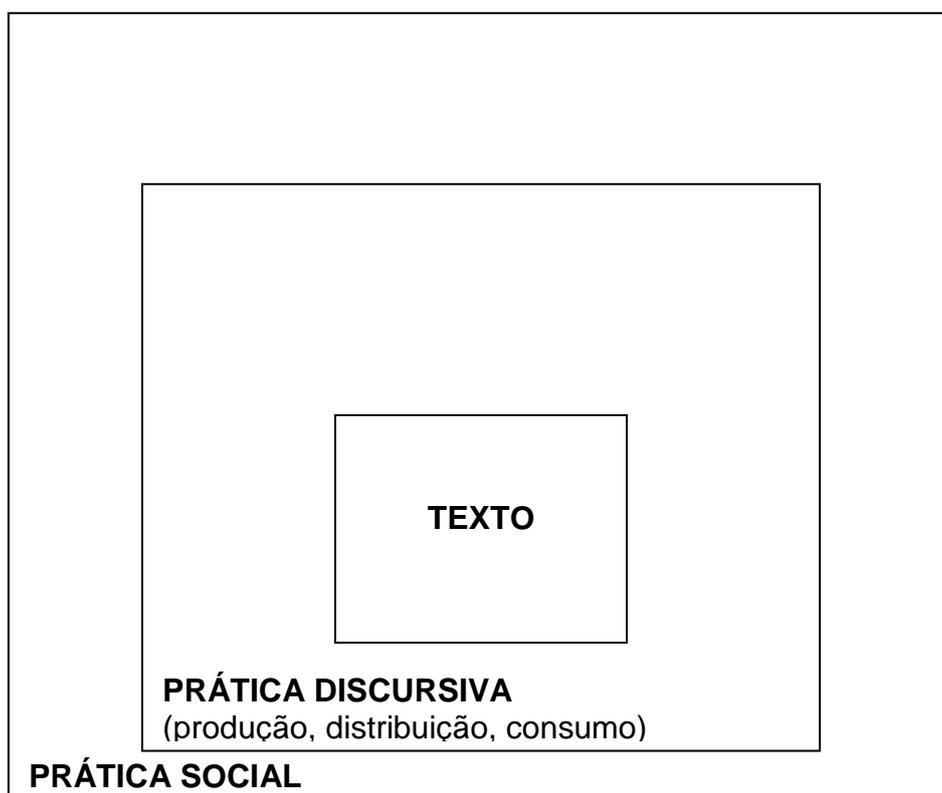
Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizo a proposta apresentada em *Discurso e mudança social* (2001). Nesse enquadre teórico-metodológico, em que o discurso é concebido como prática social pela linguagem, Fairclough estabelece três dimensões discursivas, passíveis de serem analisadas simultaneamente: o texto e a prática social, cuja relação é mediada pela prática discursiva. Nesse movimento, essa teoria,

Interessada no estudo das dimensões discursivas da mudança social, a *Teoria Social do Discurso* [...] apresenta uma concepção de que a linguagem não é apenas uma forma de representação do mundo,

mas também de ação sobre o mundo e sobre o outro (BOU MAROUN, 2007, p. 87).

Esse modelo, a partir do qual o discurso pode ser analisado em três dimensões distintas e interconectadas, está representado pela Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001a, p. 101)

Dessa maneira, essa perspectiva tridimensional do discurso compreende a análise textual (denominada como “descrição”), a análise da prática discursiva e a análise da prática social, ambas denominadas como “interpretação”. Ferraz (2007, p. 123) mostra os campos da análise de cada prática, delimitados por Fairclough (2001a). Assim, o foco para a análise da prática textual é o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A análise da prática discursiva, por sua vez, envolve a força dos enunciados, a coerência e a intertextualidade. E, ainda, os processos sociocognitivos de produção, de distribuição e de consumo de textos bem como seu contexto. As

questões sobre ideologia e hegemonia são discutidas principalmente na análise da prática social.

As categorias analíticas para cada uma das dimensões do discurso são agrupadas por Resende e Ramalho (2004, p. 188; 2009, p. 29), conforme a Figura 3:

Figura 3 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário gramática coesão estrutura textual	produção distribuição consumo contexto força coerência intertextualidade	ideologia sentidos pressuposições metáforas hegemonia orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

As subseções seguintes pontuam as três dimensões discursivas defendidas por Fairclough em seu modelo tridimensional de ADC, mais precisamente em sua TSD (2001a), em que discurso é concebido como texto (2.1.1.1); como prática discursiva (2.1.1.2); e como prática social (2.1.1.3).

2.1.1.1 Discurso como texto

Consciente de que “a análise linguística é por si mesma uma esfera complexa”, de que “a análise de discurso é uma atividade multidisciplinar” e que, portanto, “não se pode exigir uma grande experiência linguística prévia de seus participantes”, Fairclough (2001a, p. 102) seleciona, para análise mais detalhada, aspectos analíticos “que parecem ser especialmente mais produtivos na análise de discurso”.

Os tópicos analíticos estabelecidos por Fairclough para a análise textual (vocabulário, gramática, coesão, estrutural textual) favorecem o estudo de texto considerando-se tanto as escolhas lexicais quanto os mecanismos de coesão e de progressão textual e ainda a organização estrutural que configura e

distingue determinado tipo de discurso de outro. Essas escolhas podem ser analisadas de forma particularizada (vocabulário) ou em combinações diversas no nível da oração, da frase (gramática) sem, no entanto, serem isoladas e dissociadas do sentido do texto em sua totalidade.

Além disso, de acordo com o autor, a análise textual não pode ser orientada somente para as formas linguísticas nem apenas para os sentidos, pois, “ao analisar textos sempre se examinam simultaneamente questões de forma e questões de significado”, cujos signos são socialmente motivados, isto é, “que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares”⁹² (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 102 e 103).

Essas dimensões da organização linguística podem ser analisadas de maneira ascendente: do vocabulário ao texto.

O vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos (FAIRCLOUGH, *ibidem*, p. 103).

A análise de aspectos gramaticais, a partir da oração simples para a oração complexa, deve ser orientada pela combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais visto que “toda oração é multifuncional” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 104).

No tocante ao vocabulário, Fairclough (*ibidem*, p. 105) sugere três focos de análise:

Um foco de análise recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica [...] Outro foco é o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas [...] Um terceiro foco recai sobre a metáfora, sobre a implicação política e ideológica de metáforas particulares e sobre o conflito entre metáforas alternativas.

Nesta pesquisa, a análise textual é orientada com foco nas escolhas lexicais – que o lexicógrafo faz ao descrever determinada palavra – tanto de

⁹²Em relação ao significado, Fairclough (2001a, p. 103) distingue o significado potencial de um texto e sua interpretação. Dada a ambivalência potencial dos textos e a possibilidade de múltiplas interpretações, e ainda a dependência que o sentido tem da interpretação, o autor opta por “usar ‘sentido’ tanto para os potenciais das formas como para os sentidos atribuídos na interpretação”.

forma particularizada (vocabulário) quanto no nível do enunciado (gramática), em que analiso aspectos ideológicos subjacentes aos sentidos das palavras, às pressuposições e às metáforas.

Do ponto de vista da coesão, a análise textual procura investigar “como as orações são ligadas em frases e como as frases, por sua vez, são ligadas para formar unidades maiores nos textos”. Nesse caso,

Obtém-se a ligação de várias maneiras: mediante o uso de vocabulário de um campo semântico comum, a repetição de palavras, o uso de sinônimos próximos [...]; mediante uma variedade de mecanismos de referência e substituição [...]; mediante o uso de conjunções [...] (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 106).

No que concerne à estrutura textual, o autor explica que este item analítico “também diz respeito à ‘arquitetura’ dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de texto”. Fairclough (*ibidem*, p. 106) afirma que “tais convenções de estruturação podem ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e crença e dos pressupostos sobre as relações sociais e as identidades sociais que estão embutidos nas convenções dos tipos de texto”.

De acordo com os tópicos mencionados (vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual), a análise da prática textual pressupõe análise de propriedades formais dos textos. Os itens *força* dos enunciados, *coerência* e *intertextualidade* também envolvem aspectos formais. Apesar disso, Fairclough os utiliza na análise da prática discursiva que abrange processos produtivos e interpretativos. Para uma análise empírica que considere o discurso como prática discursiva, o autor destaca, além destes, outros tópicos analíticos (produção, distribuição, consumo textual e contexto), abordados a seguir.

2.1.1.2 Discurso como prática discursiva

Os diferentes tipos de discurso norteiam os processos envolvidos na dinâmica da prática discursiva: produção, distribuição e consumo de textos. Uma vez “produzidos de formas particulares em contextos sociais

específicos”⁹³, os textos têm distribuição simples (quando pertencem apenas ao contexto imediato de situação em que ocorrem) ou distribuição complexa. De maneira individual ou coletiva, como no processo de produção, “os textos também são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos” (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 107). Segundo esse linguista (*ibidem*, p. 108), “as instituições possuem rotinas específicas para o processamento de textos” cujos resultados são variáveis porque emergem da articulação entre o extradiscursivo e o discursivo.

Dependendo dos interesses (políticos, econômicos, culturais, religiosos etc.) de quem produz determinados textos, estes “são distribuídos em uma variedade de diferentes domínios institucionais, cada um dos quais possui padrões próprios de consumo e rotinas próprias para a reprodução e transformação de textos” (FAIRCLOUGH, *ibidem*, p. 108). O consumo desses textos pode ser de uma versão cujo discurso tenha sido propositalmente transformado. Nesses casos, a distribuição, transformação e consumo são previstos no momento da produção de textos dessa natureza em que se constroem leitores múltiplos: receptores, ouvintes e destinatários (cf. *op. cit.*, p. 108).

Em termos de dicionário, o processo de produção realiza-se na rotina de produção desse tipo de obra na qual várias pessoas estão envolvidas. A distribuição atinge diversos domínios institucionais – tais como escola, universidade, família, biblioteca. O consumo do texto lexicográfico também se processa diferentemente em contextos sociais diversos, por exemplo, na sala de aula e na sala de leitura.

Fairclough (2001a, p. 109) discute sobre produção e interpretação textual e argumenta que esses processos são socialmente restringidos por duas razões:

Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que

⁹³Fairclough (2001a, p. 107) exemplifica o processo de produção com a rotina de produção do artigo de jornal durante a qual várias pessoas estão envolvidas variavelmente nos diferentes estágios de produção desse tipo de discurso.

determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre.

Retornando à discussão a respeito dos aspectos sociocognitivos da produção e da interpretação, o autor retoma as dimensões analíticas *contexto*, *força* e *coerência*. Ele apresenta dois sentidos para *contexto* que afetam a interpretação do texto: (1) o que precede (ou segue) em um texto – contexto sequencial; (2) “o que às vezes é chamado o ‘contexto de situação’”. Para Fairclough (2001a, p. 110), no contexto de situação,

Os intérpretes chegam a interpretações da totalidade da prática social da qual o discurso faz parte, e tais interpretações conduzem a predições sobre os sentidos dos textos que novamente reduzem a ambivalência pela exclusão de outros sentidos possíveis.

Fairclough acrescenta que o contexto, nesses dois sentidos, “é um fator importante na redução da ambivalência da força”, pois, inseridos em um dado contexto, os enunciados denunciam e/ou demandam ações passíveis de serem compreendidas e realizadas. Dada a interpretação que ocorre em tempo real, a ambiguidade potencial dos enunciados é reduzida e mesmo desfeita no ‘aqui’ e ‘agora’, seja pelas posições sequenciais nos textos, seja pelos momentos de interação na prática social.

“As partes dos textos são tipicamente ambivalentes em termos de força”. É possível que os intérpretes reduzam a ambivalência potencial dos textos via contexto. Entretanto, “o efeito do contexto no sentido e a redução da ambivalência nem sempre são os mesmos” (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 110-111). Isso me faz lembrar de uma situação em que um executivo, aproximando-se de uma recepcionista em uma empresa de telefonia onde trabalhei, pediu-lhe uma linha e foi surpreendido pela pergunta: “De qual cor?”.

De acordo com Fairclough (*ibidem*, p. 111), em *Prometo pagar ao(à) portador(a) se exigida a soma de 5 libras*, por exemplo, “a força é a de uma promessa”. No enunciado *Você pode carregar a mala?*, subjaz uma ‘força potencial’ extensiva, pois “poderia ser uma pergunta, um pedido ou uma ordem, uma sugestão, uma reclamação, e assim por diante”. Nesse sentido, o linguista assegura que:

A força de parte de um texto (frequentemente, mas nem sempre, uma parte na extensão de uma frase) é seu componente acional, parte de seu significado interpessoal, a ação social que realiza, que 'ato(s) de fala' desempenha (dar uma ordem, fazer uma pergunta, ameaçar, prometer, etc).

Ao explicar o contexto de situação, Fairclough (2001a, p. 112) o aponta em termos de mapa mental⁹⁴ da ordem social. Dessa forma, “fornece dois grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular”:

Uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando os elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes.

O autor sustenta que: “assim, um efeito sobre a interpretação da leitura da situação é ressaltar ou diminuir a importância de aspectos da identidade social dos participantes [...]”; e também que: “assim, o efeito do contexto de situação sobre a interpretação textual (e produção textual) depende da leitura da situação”. E ainda que: “o efeito do contexto sequencial depende do tipo de discurso”.

Em termos de força enunciativa, Fairclough (2001a, p. 112-113) conclui que “a ênfase unilateral no contexto sequencial como determinante da interpretação sem o reconhecimento de tais variáveis é um aspecto insatisfatório da análise conversacional”. Portanto, para interpretar a força de um enunciado, os participantes devem recorrer tanto ao contexto sequencial quanto ao contexto de situação, visto que são dois poderosos preditores de força.

No que diz respeito à coerência⁹⁵, Fairclough (*ibidem*, p. 113) a considera propriedade das interpretações, ao invés de propriedade dos textos, como frequentemente é tratada. Na inter-relação entre pistas contextuais e

⁹⁴Fairclough afirma que “o mapa mental é necessariamente apenas uma interpretação das realidades sociais que se prestam a muitas interpretações, política e ideologicamente investidas de formas particulares”.

⁹⁵Do ponto de vista da coerência, Fairclough (2001a, p. 113) entende que “um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo ‘faça sentido’, mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido – isto é, relativamente pouca coesão explícita”.

realidades sociais, permeiam funções ideológicas da coerência que são acionadas na interpelação dos sujeitos.

Por meio de conexões e inferências, que podem se apoiar em pressupostos de tipo ideológicos, os intérpretes restabelecem, automaticamente, elos coesivos (entre orações, frases, parágrafos) cujos marcadores formais estão implícitos, a favor das relações de sentido dos textos, gerando leituras coerentes.

Nas palavras do autor, “o pressuposto de que as mulheres param de trabalhar quando têm filhos estabelece a ligação coerente entre as duas frases *Ela pede demissão do emprego na próxima quarta-feira. Está grávida*”. Compreendo, então, que essa pressuposição tem função ideológica e é interpretada/consumida de forma naturalizada.

Nessa perspectiva, a leitura coerente de um texto, ou seja, o estabelecimento das relações de sentido depende da natureza dos princípios interpretativos associados aos tipos de discurso, de maneira naturalizada. Em contrapartida, segundo Fairclough (2001a, p. 113), “os textos estabelecem posições para os sujeitos intérpretes” que, por sua vez, se tornam assujeitados pelo texto, à medida que vão se apropriando dessas posições argumentativas veiculadas no texto. Posições essas de natureza, inclusive, ideológica.

Ressalto que a condição de sujeito assujeitado, não é a mesma tratada na Análise de Discurso Francesa – ADF (ver seção 2.1), pois, aqui, no jogo interpretativo entre o extradiscurso e o discurso para que o texto como um todo faça sentido, Fairclough (2001a, p. 114) adverte que “existe a possibilidade não apenas de luta quanto a diferentes leituras dos textos, mas também de resistência às posições estabelecidas nos textos”.

Em relação à intertextualidade⁹⁶, Fairclough (*ibidem*, p. 114) observa que esse fenômeno ocorre não apenas na produção, mas também na distribuição e no consumo dos textos. Assim, em termos da produção, a análise numa perspectiva intertextual evidencia a historicidade dos textos, pois aí existem convenções e textos prévios cujas vozes ecoam no movimento dos textos

⁹⁶“Intertextualidade é basicamente a propriedade que tem os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente e assim por diante” (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 114).

presentes. Estes, por sua vez, são usados em outras conexões intertextuais, favorecendo a dinâmica das *cadeias de comunicação verbal*.

Em termos da distribuição, uma perspectiva intertextual auxilia na transformação de um tipo de texto para outro(s), visto que há, entre os diversos domínios, “redes relativamente estáveis em que os textos se movimentam”. O autor lembra que “os discursos políticos frequentemente se transformam em reportagens”. E em termos do consumo, uma perspectiva intertextual valoriza o papel do intérprete enquanto consumidor ativo ao considerar que a interpretação é moldada não apenas pelo texto, nem somente pelos textos que intertextualmente o constituem, mas também por “outros textos que os intérpretes variavelmente trazem ao processo de interpretação” (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 114).

O linguista (*ibidem*, p. 114) faz uma distinção entre *intertextualidade manifesta*, em que, no texto, se recorre explicitamente a outros textos específicos e *interdiscursividade* ou *intertextualidade constitutiva*. E explica que:

Por um lado, temos a constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos (intertextualidade manifesta); por outro lado, temos a constituição heterogênea de textos por meio de elementos (tipos de convenção) das ordens de discurso (interdiscursividade).

Para Fairclough (*ibidem*, p. 115), a análise da prática discursiva envolve uma combinação de requisitos mútuos para que se realizem microanálise e macroanálise. A primeira, que fornece evidências para a macroanálise, viabiliza “a explicação do modo preciso como os participantes produzem e interpretam textos com base nos recursos dos membros”. A segunda, que complementa a microanálise, permite o conhecimento da “natureza dos recursos dos membros (como também das ordens de discurso) a que se recorre para produzir e interpretar os textos”. Esse conhecimento, inclusive, é imprescindível para que se proceda microanálise.

Essa inter-relação é imperativa para que a dimensão da prática discursiva possa “mediar a relação entre as dimensões da prática social [abordada na próxima subseção] e do texto”. O autor acrescenta que “é a

natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto”.

2.1.1.3 Discurso como prática social

Na vida social⁹⁷, o uso da linguagem (materializada pelas diversas formas simbólicas) é indispensável, uma vez que, por meio dela, os atores sociais constroem identidades, estabelecem relações de poder e veiculam ideologias nas diversas práticas sociais, isto é, nos diversos tipos de ação social. Para Fairclough (2001b, p. 1), “prática social significa uma forma de atividade social relativamente estável (exemplos seriam o ensino em sala de aula, o noticiário da televisão, refeições em família, consultas médicas)”. O autor (*ibidem*, p. 1) explica que “toda prática é uma articulação de diversos elementos⁹⁸ sociais em uma configuração relativamente estável, sempre incluindo o discurso”.

Diversos tipos de práticas sociais, interligados em redes de um modo particular, constituem uma ordem social cujo aspecto discursivo/semiótico configura-se em uma ordem do discurso (cf. FAIRCLOUGH, 2001b, p. 2). Nesse complexo de redes, dispostas em conexões nas interações sociais, subjaz a noção de conjunto e de subconjunto em que tanto as práticas quanto a ordem social e a ordem do discurso se movimentam e assumem posições interdependentes em função, muitas vezes, da conjuntura hegemônica.

Fairclough (2001a) apropria-se do conceito de ‘ordem do discurso’ de Foucault para operacionalizá-lo com a noção de ‘ordem social’. Segundo Nogueira (2000, p. 39), Fairclough “usa o termo ordem social referindo-se à estruturação de um espaço social, dentro de vários tipos de prática. Uma ordem do discurso seria uma ordem social vista numa perspectiva discursiva”. A autora acrescenta que:

⁹⁷Fairclough (2001b, p. 1) afirma que “a vida social significa redes interligadas de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, da família, etc)”.

⁹⁸Os elementos das práticas sociais, segundo Fairclough (2001b, p.1), são: atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores, discurso. Tais elementos estão relacionados dialeticamente. “Há um *sentido* em que cada um ‘interioriza’ os outros sem ser a eles reduzido”.

A ordem do discurso na sociedade como um todo, estrutura as diversas ordens de discursos de várias instituições sociais. Somente a partir das relações de poder, pode-se compreender como os discursos são estruturados numa determinada ordem do discurso.

Fairclough (2001b, p. 1) reforça que “a ADC é o estudo das relações dialéticas entre o discurso (inclusive a linguagem, mas também outras formas de semiose, por exemplo, a linguagem do corpo ou imagens visuais) e outros elementos das práticas sociais”. E ainda que, em sua abordagem,

O foco específico são as transformações radicais que estão ocorrendo na vida social contemporânea e o papel do discurso nos processos de mudança, e as alterações na relação entre semiose e outros elementos sociais nas redes de práticas (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 1-2).

No que concerne ao discurso como prática social, Bou Maroun (2007, p. 87) afirma que “a ADC é uma prática teórica ‘crítica’, pois se baseia na ideia de que situações opressoras podem mudar, ou seja, podem ser mudadas, porque são criações sociais e, como tal, são passíveis de ser transformadas socialmente”.

Portanto, a análise do discurso na perspectiva da prática social delinea uma visão crítica “não apenas [sobre] o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também [sobre] seu papel fundamental na transformação social” (cf. MAGALHÃES, 2001, p. 11), em que se constitui a face social da relação interna e dialética entre linguagem e sociedade, mencionada anteriormente. Relação essa atrelada a práticas ideológicas e hegemônicas.

Essa dimensão de análise envolve os conceitos de ideologia e de hegemonia cujos aspectos se manifestam (na categoria ideologia) por meio dos sentidos das palavras, das pressuposições, das metáforas – que podem ser investidos ideologicamente no texto; e, na categoria hegemonia, a partir das orientações da prática social, que podem ser orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas. Assim, tanto o texto quanto a prática social são descritos como dimensões do evento discursivo, mediadas pela prática discursiva (ver RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 28).

Conforme o modelo tridimensional, a análise da prática social se dá pelo texto em que se investigam as estruturas de dominação, as operações de

ideologia e as relações sociais. Para isso, Fairclough recorre às contribuições clássicas do marxismo do século XX, mais precisamente às ideias de Althusser e de Gramsci, por entender que tais ideias se harmonizam com a concepção de discurso que defende, especialmente discurso como forma de prática social, ou seja, discurso em relação à ideologia e ao poder.

Nesse sentido, Fairclough (2001a, p. 116) situa “o discurso em uma concepção de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica”. Na página 122 dessa mesma obra, o linguista expõe vários conceitos gramscianos que explicam tanto o sentido de hegemonia quanto seu potencial e campos de ação. Assim tem-se:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

Fairclough (*ibidem*, p. 28) compreende a hegemonia como “um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação de grupos subordinados e na geração de consentimento”. E acrescenta que “as hegemônias em organizações e instituições particulares, e no nível societário, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso”.

De acordo com esses conceitos, há tensões nos vários domínios de uma sociedade, decorrentes das relações de poder fomentadas por instituições particulares (família, escolas, tribunais de justiça etc.) e grupos dominantes em práticas de luta permanente para assegurar o consentimento da sociedade, por meio do processo de integração dos sujeitos sociais. No entanto, há possibilidade de mudança, pela resistência, a favor daqueles que estão ou possam se encontrar em desvantagem nas relações assimétricas de poder.

Essa luta hegemônica, isto é, essa luta pelo poder é estimulada pela relativa estabilidade do poder que, por sua vez, é provocada por reações

adversas dos atores sociais, pois, sendo a vida social um sistema aberto em que as práticas e redes de práticas são articuladas em relações dialéticas, os sujeitos são capazes de agir e de interferir em práticas cristalizadas de ação social, mesmo que sejam constrangidos por tipos de práticas ou por tipos de discurso. Trata-se, portanto, de uma hegemonia constituída por um *equilíbrio instável* visto que é atingida apenas parcial e temporariamente.

Nesse movimento de causa e efeito, o *equilíbrio instável* da hegemonia é assegurado justamente pela concepção dialética de poder como luta hegemônica, na relação entre estrutura e ação social. Ramalho (2005a, p. 286) afirma que “a dialética entre estrutura e ação permite ver o discurso como ação capaz de constituir o social – o conhecimento, as relações sociais, as identidades – e ser constituído por ele”.

Em termos de análise, o conceito de hegemonia fornece para o discurso tanto uma matriz quanto um modelo. No primeiro caso, tem-se “uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes”. No caso do modelo, tem-se “uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes” (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 126). Dessa maneira, “procura-se investigar como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos”⁹⁹ (FAIRCLOUGH, 1997 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2004, p. 188).

Nesta subseção, abordei a dimensão analítica da prática social, com foco nas questões concernentes ao poder como hegemonia e como luta hegemônica, mostrando que o discurso é um poderoso instrumento para a obtenção do consenso da sociedade como um todo, mas que pode ser contestado a favor de mudanças discursivas, sociais e culturais – desestabilizando, assim, a conjuntura organizacional hegemônica. Embora a ideologia seja imbricada à noção de hegemonia, reservo sua descrição para a seção *Discurso e ideologia*, a seguir.

⁹⁹Fairclough (2001a, p. 123) explica que “Gramsci concebia “o campo das ideologias em termos de correntes ou formações conflitantes, sobrepostas ou cruzadas” [...], a que se referiu como ‘um complexo ideológico’”.

2.1.2 Discurso e ideologia

Fairclough usa o termo *discurso* com foco específico no uso de linguagem. Porém, refuta tanto a visão tradicional sobre o uso de linguagem iniciada por Saussure quanto àquela defendida pelos sociolinguistas¹⁰⁰. Para Fairclough (2001a, p. 90), o uso de linguagem configura-se “como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais”.

As implicações decorrentes da concepção de discurso faircloughiana estão diluídas nesta pesquisa, mais precisamente, nas seções diretamente relacionadas à ADC. Com base em Fairclough (2001a, p. 91), destaco tais implicações de forma resumitiva.

O discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. A relação entre o discurso e a estrutura social é dialética: o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

No papel que tem o discurso de, ao mesmo tempo, constituir e construir o mundo em significado, Fairclough aponta vários aspectos dos efeitos que daí emergem. De acordo com o autor (2001a, p. 91), em termos dos efeitos construtivos, o discurso contribui para a construção de identidades sociais e posições de sujeito¹⁰¹, bem como para construir as relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença¹⁰². Em

¹⁰⁰Na tradição iniciada por Ferdinand de Saussure (1959), a fala (*parole*) não é objeto de estudo, pois os linguistas acreditam que não é possível sistematizá-la, visto que é uma atividade individual, materializada por formas imprevisíveis, dependentes dos desejos e das intenções dos indivíduos. Já na visão contemporânea de linguagem, os sociolinguistas “afirmam ser o uso da linguagem moldado socialmente e não individualmente” e que a variação no uso da linguagem, correlacionada a variáveis sociais, permite um estudo sistemático. Para os sociolinguistas, “a língua varia de acordo com a natureza da relação entre os participantes em interações, o tipo de evento social, os propósitos sociais das pessoas na interação, e assim por diante” (cf. FAIRCLOUGH, 2001, p. 90).

¹⁰¹Segundo Fairclough (2001a, p. 96), um indivíduo pode assumir diversas posições de sujeito nos diferentes ambientes e atividades de uma instituição.

¹⁰²Fairclough (2001a, p. 91-92) afirma que “esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que coexistem e interagem em todo discurso (...): as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no

relação aos efeitos constitutivos, o linguista afirma que “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade [...] como é, mas também contribui para transformá-la”.

O autor acrescenta, na página 93, que “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”. Assim, o discurso figura como um constituinte, ainda que parcialmente, nas várias orientações que tem a prática social (econômica, política, cultural, ideológica). Nesses domínios, há formas de prática de natureza basicamente discursiva e não-discursiva¹⁰³.

A palavra *discurso* gera ambiguidade, pois se refere tanto às estruturas de convenção que subjazem aos eventos discursivos reais, quanto aos próprios eventos. Fairclough (2001a, p. 21) esclarece que há várias definições para o conceito de discurso, sob diferentes perspectivas teóricas e disciplinares. Em sua abordagem teórico-metodológica, ele se apropria da concepção de discurso defendida pela Linguística e pela Ciência Social. Nesse caso, considerando a análise linguística e social, Fairclough opta por um conceito multidimensional de discurso, cujos sentidos expressam uma natureza linguística e socioteórica. Assim, na teoria e na análise social, “‘discurso’ é amplamente usado [...] com referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social”. E na Linguística,

‘Discurso’ é usado algumas vezes com referência a amostras ampliadas de diálogo falado, em contraste com ‘textos’ escritos. [...] Mais comumente, entretanto, ‘discurso’ é usado na linguística com referência a amostras ampliadas de linguagem falada ou escrita. [...] Finalmente, ‘discurso’ também é usado em relação a diferentes tipos de linguagem usada em diferentes tipos de situação social (por exemplo, ‘discurso de jornal’, ‘discurso publicitário’, ‘discurso de sala de aula’, ‘discurso de consultas médicas’). (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 22).

discurso; a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas; a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações”.

¹⁰³ Exemplos de formas de prática econômica de natureza basicamente não-discursiva: a construção de pontes ou a produção de máquinas de lavar roupa. Exemplos de formas de prática econômica que são de natureza basicamente discursiva: a bolsa de valores, o jornalismo ou a produção de novelas para a televisão (ver FAIRCLOUGH, 2001a, p. 94).

Vimos que a prática social tem várias orientações. No entanto, Fairclough focaliza o discurso como modo de prática política e ideológica para discutir sobre discurso e mudança social. O autor (*ibidem*, p. 94) argumenta que:

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

A prática política e a ideológica estabelecem entre si uma relação de dependência, em que a primeira contém a última, “pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 94).

Sabemos que a orientação político-ideológica é, por natureza, hegemônica sem que seja, no entanto, inerente aos diversos tipos de discurso. Isso significa que os valores políticos e ideológicos estão inscritos nos diferentes tipos de discurso em diferentes domínios ou ambientes institucionais quando são (re)investidos política e ideologicamente de formas particulares (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 95).

Conforme o autor (*ibidem*, p. 94-95), as convenções e as normas discursivas, recorrentes nas ordens de discurso que subjazem aos eventos discursivos, “naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os **modos** em que se articulam são um foco de luta” (grifo meu).

Entendo que esses *modos* dizem respeito aos limites entre os elementos que se projetam nos diferentes tipos de discurso¹⁰⁴, de formações discursivas (que são partes de uma ordem de discurso) e, ainda, entre os ambientes e as práticas, nas quais os sujeitos assumem posições diversas. Segundo Fairclough (*ibidem*, p. 96), “os limites entre os elementos podem ser linhas de tensão” e a relação entre esses elementos “pode ser ou tornar-se

¹⁰⁴ Fairclough (2001a, p. 96) exemplifica com os “‘gêneros mistos’, que combinam elementos de dois ou mais gêneros, tais como o ‘bate-papo’ em *shows* da televisão, que é parte conversação e parte entretenimento e desempenho”.

contraditória”, em que se instaura um foco, uma plataforma de luta, favorecendo a mudança discursiva, social e cultural.

Ainda na página 96 da mesma obra, o autor argumenta que:

Muitos eventos discursivos manifestam uma orientação para configurações de elementos do código e para seus limites, para que se possa considerar como regra o evento discursivo existente (mas especial) construído da concretização normativa de um único código. [...] É possível que os limites entre os ambientes e as práticas sejam tão naturalizados que essas posições de sujeito sejam vividas como complementares. Em diferentes circunstâncias sociais, os mesmos limites poderiam tornar-se foco de contestação e luta, e as posições de sujeito e práticas discursivas associadas a eles poderiam ser consideradas contraditórias.

Ao conceber as posições de sujeito e as convenções discursivas associadas, os atores sociais podem ou não seguir as orientações políticas e ideológicas investidas nos textos/discursos. Nas palavras de Fairclough (2001a, p. 28),

É importante evitar uma imagem da mudança discursiva como um processo unilinear, de cima para baixo: há luta na estruturação de textos e ordens de discurso, e as pessoas podem resistir às mudanças que vêm de cima ou delas se apropriar, como também simplesmente as seguir.

Para o autor (*ibidem*, p. 97), isso se aplica também “aos elementos das ordens de discurso e aos limites entre distintas ordens de discurso”. Dependendo do grau de percepção das contradições existentes entre os vários domínios sociais, os sujeitos podem se posicionar em plataformas de lutas para redefinir os limites e as relações desses domínios. Conforme Fairclough, os resultados de tais lutas são rearticulações das relações entre elementos e ordens de discurso locais e societárias.

Observo, aqui, que os elementos estão para as ordens de discurso locais assim como estas estão para a ordem de discurso societária que, por sua vez, abrange as ordens de discurso locais bem como os elementos – constituindo, dessa forma, uma cadeia instancial em que há jogos simultâneos, relacionais e interativos de elementos cujos limites, segundo Fairclough, podem ser redefinidos a favor de novos elementos como consequência da luta articulatória.

Referindo-se à heterogeneidade histórica dos elementos, que pode ser sentida como contradição no elemento (exceto quando as convenções são altamente naturalizadas)¹⁰⁵, Fairclough (2001a, p. 97-98) explica que:

Se aplicarmos o conceito de investimento nesse caso, pode-se dizer que os elementos, as ordens de discurso locais e as ordens de discurso societárias são na prática potencialmente estruturadas de maneira contraditória e, desse modo, estão abertas para ter os investimentos políticos e ideológicos como foco de disputa em lutas para desinvesti-los ou reinvesti-los.

Ao discutir sobre ideologia, Fairclough (*ibidem*, p. 117) recorre às bases teóricas de Althusser (porém com reservas), sintetizadas nas asserções abaixo:

(1) Ela [a ideologia] tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. (2) A ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso [...] é a constituição dos sujeitos. (3) Os ‘aparelhos ideológicos de estado’ (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 116-117).

As reflexões que Fairclough faz sobre essas assertivas pontuam equívocos, contradições na teoria althusseriana. Fairclough se refere, mais especificamente, à visão de dominação – “em que a ideologia figura como um cimento social universal” – predominante no trabalho de Althusser em relação ao papel dos aparelhos na luta de classe “cujo resultado está sempre em equilíbrio” na engrenagem social. Ao contrário de Althusser, Fairclough prevê a “marginalização da luta, da contradição e da transformação” nessas bases teóricas (ver FAIRCLOUGH, 2001a, p. 117).

O conceito de ideologia também é muito fluido no sentido de que esse termo é explorado sob vários pontos de vista¹⁰⁶. Para Fairclough (*ibidem*, p. 117),

¹⁰⁵ Fairclough (2001a, p. 97) explica que o estilo de ensino familiar “não é necessariamente sentido em termos de uma contradição quando usado por professores com o propósito de dar ordens aos alunos mediante a solicitação de informações, mas pode ser entendida dessa maneira”.

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

E, para que essas significações sejam desveladas, Fairclough sugere a análise dos sentidos (das palavras), das pressuposições e das metáforas. Entender como esses recursos são estruturados nas práticas discursivas, nos leva à compreensão dos propósitos ideológicos, investidos em um dado discurso.

O linguista (2001a, p. 230) explica que as escolhas e as decisões dos produtores e dos intérpretes, respectivamente, quanto ao uso e à interpretação das palavras, são efetivadas numa dimensão social. Ele afirma que “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos”. Nessa direção, a análise dos sentidos das palavras busca mostrar “como o significado potencial¹⁰⁷ pode ser ideológica e politicamente investido no curso da constituição discursiva de um conceito cultural chave”.

Em relação às pressuposições, o autor (2001a, p. 155) as define como “proposições que são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’”. De acordo com o autor, há várias pistas formais na superfície textual que indicam proposições pressupostas. É o caso, por exemplo, da conjunção *que*: ao introduzir uma oração, essa partícula pressupõe que seu uso seja antecedido por verbos como *esquecer*, *lamentar* e *perceber*, em construções do tipo “Eu esqueci que sua mãe tinha casado novamente”. As pressuposições construídas pelos artigos definidos têm significados existenciais: em “a ameaça soviética”, a afirmação estabelecida é que, de fato, há uma ameaça soviética.

¹⁰⁶ Há vários autores que discutem sobre ideologia. Por exemplo: BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*, 1998; EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma introdução*. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges, 1997; VAN DIJK, Teun A. *Ideología y Discurso. Una introducción multidisciplinaria*, 2003; ŽIŽEK, Slavoj (org). *Um mapa da ideologia*. Tradução Vera Ribeiro, 1996.

¹⁰⁷ Fairclough (2001a, p. 230) usa “o termo significado-potencial para a gama de significados convencionalmente associados com a palavra, que um dicionário tentará representar”.

Segundo Fairclough (2001a, p. 156), as pressuposições podem ser manipulativas assim como sinceras. Ele afirma que “as pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas porque elas são frequentemente difíceis de desafiar”. O autor acrescenta que “as pressuposições manipulativas contribuem para a constituição ideológica dos sujeitos”.

As metáforas permeiam fortemente em todos os tipos de linguagem e de discurso. Elas são eficazes na estruturação da realidade de uma maneira particular, porque, ao contrário de se tratar apenas de um jogo superficial de lexicalização, “as metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental”. Compreendo que, assim, o discurso é moldado também pelas construções metafóricas cujas sutilezas lhe conferem potência ideológica, ainda que sejam imperceptíveis, devido ao alto grau de naturalização que ocorre com algumas metáforas – o que torna difícil, inclusive, de eximi-las do discurso, do pensamento ou da ação (cf. FAIRCLOUGH, 2001a, p. 241-242).

A concepção faircloughiana de ideologia vai ao encontro daquela sustentada por Thompson (2009). Na página 76, este autor explica que “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. A afinidade do pensamento de Fairclough e de Thompson, quanto às relações de dominação, reside em ver o discurso como portador de ideologia, se relacionado à manutenção do poder. Ou seja, materializados pelas formas simbólicas, os discursos podem ser construtos ideológicos ou não.

Além disso, para esses autores, a ideologia se configura no sentido negativo e crítico, cujos recursos são operacionalizados para ludibriar os sujeitos sociais, em que o poder pretende ser unilateral, dada a aceitação da sociedade de uma forma geral. No entanto, Fairclough e Thompson argumentam que os efeitos ideológicos de um discurso particular podem ser subvertidos, gerando daí uma transformação nas relações de poder existentes nas práticas sociais (em que a linguagem desempenha um papel extremamente relevante) e constringindo, portanto, a unilateralidade do poder, o amoldamento ideológico. Ramalho (2005a, p. 281) salienta que “os analistas críticos do discurso acreditam que a desconstrução ideológica de textos que

integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade a fim de desvelar e superar relações de dominação”.

Thompson (2009, p. 80) sugere cinco modos gerais de operacionalização da ideologia – legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação¹⁰⁸ – aos quais o autor associa várias estratégias típicas de construção simbólica, conforme Figura 4.

Figura 4 – Modos de operação da ideologia

Modos gerais	Algumas estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandarização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson (2009, p. 81)

O autor (2009, p. 82) explica que, pela *legitimação*, “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas [...] pelo fato de serem representadas como legítimas, isto é, como justas e dignas de apoio”. Essa representação das relações de dominação como legítimas é expressa por formas simbólicas que estruturam construções simbólicas estrategicamente

¹⁰⁸ Thompson (2009, p. 81-82) esclarece que: (1) “esses modos podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente e a ideologia pode, em circunstâncias particulares, operar de outras maneiras”; (2) “essas estratégias [não] estão associadas, *unicamente*, com esses modos” e “[não] são as únicas relevantes”; (3) “essas estratégias [não] são ideológicas como tais”.

orientadas, em decorrência da *exigência de legitimação* que se impõe no próprio âmbito dessas relações. A *racionalização* é uma estratégia a partir da qual uma cadeia de raciocínio é acionada por forma(s) simbólica(s), propositalmente selecionada(s) pelo produtor de um determinado texto para persuadir uma audiência de que relações de poder ou instituições sociais são dignas de apoio, porque são legítimas, justas. A *universalização* é utilizada com o objetivo de abranger acordos institucionais de grupos específicos, generalizando-os aos interesses de todos. Para justificar o exercício do poder, o produtor de um texto pode também recorrer à *narrativização*, apresentando “histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável” (cf. THOMPSON, 2009, p. 83).

Conforme Thompson (*ibidem*, p. 83), a *dissimulação* como *modus operandi* da ideologia utiliza várias estratégias para que relações de dominação possam ser estabelecidas e sustentadas. Nesse jogo, formas simbólicas são manipuladas para que essas relações sejam “ocultadas, negadas ou obscurecidas”, ou para que sejam “representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes”. O *deslocamento* é uma estratégia que permite a transferência de conotações positivas ou negativas de um termo (já usado em relação a um determinado objeto ou pessoa) para realçar um outro, disfarçando relações de poder entre este objeto ou pessoa e os sujeitos sociais. A *eufemização* é outra estratégia cujo foco é a valoração positiva de ações, instituições ou relações sociais que são (re)descritas com esse objetivo¹⁰⁹. Thompson (*ibidem*, p. 84) esclarece que “o processo de eupemização é muitas vezes mais sutil do que sugerem [os] exemplos bastantes conhecidos”. O autor acrescenta que “existe um espaço vago, aberto e indeterminado em muitas das palavras que nós usamos, de tal modo que a eupemização pode se dar através de uma mudança de sentido pequena ou mesmo imperceptível”. Ao sugerir o *tropo* como estratégia típica de construção simbólica, na verdade, Thompson inclui aí um grupo de estratégias que são formas de tropo. O autor (2009, p. 84) entende por tropo “o uso figurativo da linguagem ou, mais em geral, das formas simbólicas” para o qual

¹⁰⁹ Thompson (2009, p. 84) menciona, por exemplo, que “a supressão violenta do protesto é descrita como a “restauração da ordem””.

Thompson destaca a sinédoque¹¹⁰, a metonímia¹¹¹ e a metáfora¹¹². Esses tipos de tropo, em circunstâncias específicas, facilitam a dissimulação das relações de dominação.

A operacionalização da ideologia via *unificação* ocorre quando se constrói, no nível simbólico, “uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (cf. THOMPSON, 2009, p. 86). Para isso, “formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica”: *padronização/standardização*. Além desta estratégia, a *simbolização da unidade* também viabiliza a *unificação*, visto que se trata de uma “estratégia que envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos”¹¹³ (ver THOMPSON, *ibidem*, p. 86).

A ideologia pode operar também em uma direção contrária à *unificação*, ou seja, pela prática da *fragmentação*. Segundo Thompson (2009, p. 86-87), através desse modo, as relações de dominação podem ser mantidas pela segmentação de “indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes”, ou pela concentração de “forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador”. Aqui, as características que opõem e contrapõem

¹¹⁰ “A sinédoque envolve a junção semântica da parte e do todo: alguém usa um termo que está no lugar de uma parte, a fim de se referir ao todo, ou usa um termo que se refere ao todo a fim de se referir a uma parte” (THOMPSON, 2009, p. 84). O autor (*ibidem*, p. 85) afirma que “termos genéricos como “os ingleses”, “os americanos”, “os russos”, passam a ser usados para se referir a governos particulares ou a grupos dentro de um estado-nação”.

¹¹¹ “A metonímia envolve o uso de um termo que toma o lugar de um atributo, de um adjunto, ou de uma característica relacionada a algo para se referir à própria coisa, embora não exista conexão necessária entre o termo e a coisa à qual alguém possa estar se referindo” (THOMPSON, 2009, p. 85). O autor (*ibidem*, p. 85) acrescenta que “através do uso da metonímia, o referente pode estar suposto sem que isso seja dito explicitamente, ou pode ser avaliado valorativamente, de maneira positiva ou negativa, através da associação com algo”.

¹¹² “A metáfora implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado” (THOMPSON, 2009, p. 85). O autor (*ibidem*, p. 85) mostra um caso de metáfora em que “a primeira-ministra britânica foi muitas vezes descrita como “Dama-de-ferro”, uma metáfora que lhe conferia uma determinação sobre-humana e uma firmeza de vontade”.

¹¹³ Thompson (2009, p. 86) afirma que os símbolos de unidade nacional, assim construídos, são exemplos evidentes para o *modus operandi* da ideologia como *unificação*: (1) o estabelecimento de uma linguagem nacional – *padronização*; (2) bandeiras, hinos nacionais, emblemas e inscrições de vários tipos – *simbolização da unidade*.

peças e grupos (aliás, frutíferas para a geração de conflitos) são bastante valorizadas pela estratégia da *diferenciação* que enfatiza as diferenças entre esses sujeitos, “apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder”. Razões pelas quais o *expurgo do outro* também é pertinente: “essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo”¹¹⁴ (cf. THOMPSON, 2009, p. 87).

A *exigência de legitimação* de relações de dominação se subsidia também da *reificação*. De acordo com Thompson (*ibidem*, p. 87), esse *modus operandi* da ideologia retrata “uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, a-temporal”. O autor acrescenta que “a ideologia como reificação envolve, pois, a eliminação, ou a ofuscação, do caráter sócio-histórico dos fenômenos”. Através da estratégia *naturalização*, “um estado de coisas que é uma criação social e histórica pode ser tratado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais”¹¹⁵. A *eternalização* procede de maneira semelhante, em que os “fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes”¹¹⁶ (cf. THOMPSON, 2009, p. 88). A *nominalização* e a *passivização* são estratégias de *reificação* que operam com recursos gramaticais e sintáticos. A primeira “acontece quando sentenças, ou parte delas, descrições da ação e dos participantes nelas envolvidos, são transformadas em nomes”¹¹⁷. Por sua vez, a segunda estratégia “se dá quando verbos são colocados na voz passiva”¹¹⁸. O

¹¹⁴ Para exemplificar o *expurgo do outro*, Thompson (2009, p. 87) cita “a representação dos judeus e comunistas na literatura nazista em 1920 e 1930, ou a caracterização dos dissidentes políticos na era stalinista como “inimigos do povo””.

¹¹⁵ Thompson (2009, p. 88) evidencia que “a divisão socialmente instituída do trabalho entre homens e mulheres pode ser retratada como um resultado de características fisiológicas nos sexos, ou de diferenças entre sexos”.

¹¹⁶ Thompson (2009, p. 88) afirma que “costumes, tradições e instituições que parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado [...] se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente”.

¹¹⁷ Por exemplo: “o banimento das importações”, ao invés de “o Primeiro-Ministro decidiu banir as importações”.

¹¹⁸ Por exemplo: “o suspeito está sendo investigado”, ao invés de “os policiais estão investigando o suspeito”.

efeito da utilização desses recursos consiste no apagamento de atores e de ações, na representação de processos como coisas e ainda na eliminação de referências a contextos espaciais e temporais específicos (cf. THOMPSON, 2009, p. 88).

Essa reestruturação de aspectos morfossintáticos em um discurso, obviamente, provoca uma mudança de natureza semântico-pragmática. Thompson (*ibidem*, p. 88-89) argumenta que:

Esses e outros recursos gramaticais ou sintáticos podem, em circunstâncias particulares, servir para estabelecer e sustentar relações de dominação através da reificação de fenômenos sócio-históricos. Representando processos como coisas, diluindo atores e ações, apresentando o tempo como uma extensão eterna do tempo presente: estas são muitas maneiras de restabelecer a dimensão da sociedade “sem história” no coração da sociedade histórica.

Neste trabalho, com base em Fairclough (2001a) e em Thompson (2009), analiso o modo como a ideologia está presente/latente na representação do homem e da mulher, a partir da descrição de verbetes referentes a esses gêneros sociais. Para isso, focalizo os conceitos desses autores sobre ideologia bem como as categorias de análise faircloughianas (sentidos, pressuposições, metáforas) da prática social e os modos de operacionalização das ideologias apresentados por Thompson. Dado que o *corpus* é constituído por verbetes, na próxima seção, abordo a relação sutil entre dicionário e ideologia.

2.1.3 Dicionário e ideologia

Os significados-potenciais mencionados por Fairclough (cf. subseção anterior), na verdade, não estão isentos de comentários culturais¹¹⁹ (veiculados muitas vezes nas entrelinhas), visto que “o dicionário, como a linguagem, é evidentemente ligado à linguística, mas é também ligado à sociologia, à

¹¹⁹ Esses comentários são passíveis de ser analisados por recursos linguísticos tais como os sentidos, as pressuposições e as metáforas que as palavras aportam.

antropologia cultural, assim como a outras ciências sociais”¹²⁰ (BALL, 1997, p. 78). De acordo com este autor (*ibidem*, p. 77), “o dicionário inclui e exclui um grande número de ensinamentos sobre as unidades lexicais que define, e muitas dessas informações não são linguísticas, mas preferencialmente socioculturais”¹²¹.

Yaguello (2002, p. 209-210) assegura que “o dicionário é uma criação ideológica”. E, nesses termos,

Ele reflete a sociedade e a ideologia dominante. Como autoridade indiscutível, como ferramenta cultural, o dicionário desempenha o papel de fixação e de conservação, não somente da língua, mas também das mentalidades e da ideologia¹²².

Ou seja, o dicionário é tão bem aceito socialmente, como *autoridade máxima* de descrição vernacular, como lei e mesmo como a *Bíblia* da língua, que seu conteúdo linguístico e cultural se torna inquestionável pela sociedade de um modo geral. Também por isso, os dicionários não são iguais, não descrevem a língua de forma objetiva, neutra e científica. “Ele[s] se utiliza[m] de marcas para abordar os assuntos delicados, as ‘más’ conotações e os registros ‘inferiores’ e ‘superiores’”¹²³ (BALL, 1997, p. 78).

A seleção dos verbetes constituintes na macroestrutura do dicionário (isto é, a lista de todas as unidades lexicais incluídas na nomenclatura) contradiz a concepção de neutralidade por parte do lexicógrafo. Segundo Yaguello (2002, p. 210), “o dicionário não é, em nenhum caso, um inventário neutro de palavras da língua”¹²⁴. A autora reforça, mais adiante, que:

Por trás do dicionário, criação aparentemente anônima, se escondem autores, indivíduos. Ora, o lexicógrafo é submetido a tabus, a proibições, a modelos, conscientes ou não. Quando ele define *homem* e *mulher*, ele é influenciado fatalmente pelos estereótipos

¹²⁰ Le dictionnaire, comme le langage, est évidemment lié à la linguistique, mais il est davantage lié à la sociologie, à l’anthropologie culturelle, ainsi qu’à d’autres sciences sociales.

¹²¹ Le dictionnaire inclut et exclut un grand nombre de renseignements sur les unités lexicales qu’il définit, et beaucoup de ces renseignements ne sont pas linguistiques, mais plutôt socioculturels.

¹²² Le dictionnaire est une création idéologique. Il reflète la société et l’idéologie dominante. En tant qu’autorité indiscutable, en tant qu’outil culturel, le dictionnaire joue un rôle de fixation et de conservation, non seulement de la langue mais aussi de mentalités et de l’idéologie.

¹²³ Il se sert de marques pour signaler les sujets délicats, les << mauvaises >> connotations et les registres << inférieurs >> et << supérieurs >>.

¹²⁴ Le dictionnaire n’est en aucun cas un inventaire neutre des mots de la langue.

culturais e pelos constrangimentos sociais (YAGUELLO, 2002, p. 212)¹²⁵.

Talvez por isso, a descrição das unidades lexicais seja fortemente marcada por dissimetrias de várias ordens. Vejo também que o papel que assume o lexicógrafo em expressar e veicular ideologia (ainda que inconscientemente) e que a natureza social da lexicografia (cf YAGUELLO, 2002, p. 212), se considerarmos a concepção de hegemonia explicitada na subseção 2.1.1.3, talvez sejam uma forma, uma estratégia de integração.

No nível da microestrutura do dicionário, Ball (1997, p. 80) afirma que “a ideologia dominante se encontra principalmente em três diferentes partes da palavra-entrada: a definição, as marcas de uso, e os exemplos”¹²⁶, cuja linguagem parece ser sutilmente elaborada pelo lexicógrafo de maneira que, segundo Girardin (1979, p. 84), “privilegia a cultura e a ideologia das classes ou grupos dominantes”¹²⁷. Para Yaguello (2002, p. 209), “toda palavra associa um componente denotativo a um conotativo e a outro associativo”¹²⁸ cujos valores permeiam as definições, os exemplos de uso e as citações, as remissões análogas ou antonímicas, nessa ordem, em que há diferenças, e elas são evidentes. Por componente associativo, Yaguello explica que é o “lugar da palavra em um campo semântico, relações de complementaridade, de analogia, de antonímia”.

A tendência que tem o lexicógrafo ao anonimato, uma vez que o dicionário se apropria do nome do autor, na visão de Dubois (1970, p. 41),

Não é somente o resultado de regras comuns e a necessidade de fornecer um produto comercial competitivo. É também a consequência do fato de que as informações contidas são o “tesouro comum”, e que, nesse sentido, sua definição não é mais a obra específica de um determinado sujeito falante¹²⁹.

¹²⁵ Derrière le dictionnaire, création en apparence anonyme, se cachent des auteurs, des individus. Or, le lexicographe est soumis à des tabous, à des interdits, à des modèles, conscients ou pas. Lorsqu’il a à définir *homme* et *femme*, il est influencé fatalement par les stéréotypes culturels et les contraintes sociales.

¹²⁶ L’idéologie dominante se retrouve principalement dans trois différentes parties de l’entrée : la définition, les marques d’usages et les exemples.

¹²⁷ Les dictionnaires fournissent des informations [...] de manière à privilégier la culture et l’idéologie des classes ou fractions dominantes.

¹²⁸ Tout mot associe une composante *dénotative* [...] à une composante *connotative* [...] et enfin une composante associative (place du mot dans un champ sémantique, relations de complémentarité, d’analogie, d’antinomie ; [...]).

¹²⁹ [...] ce démarcage n’est pas seulement le résultat de règles communes et la nécessité de fournir un produit commercial concurrentiel; c’est aussi la conséquence du fait que les

Dubois discute sobre a abrangência e as implicações do discurso didático que emana do contexto dicionarístico e que se sustenta pela imposição de várias regras. O autor (*ibidem*, p. 41) argumenta que “a ausência das referências a textos em um dicionário é inerente à regra do discurso pedagógico que tende ao anonimato do autor e à universalidade do objeto (língua e saber)”¹³⁰.

Essa tendência atinge também as citações e os exemplos. Estes podem ser construídos, segundo Dubois (ainda na página 41), por “frases comuns forjadas pelos próprios lexicógrafos”¹³¹, ou seja, sem referência de autor. Quanto às citações, a decisão de mencionar sua autoria “é somente para confirmar que o dicionário é bem identificado com a língua”¹³². Nesse sentido, “os lexicógrafos não são apenas os sujeitos falando a língua [...], mas [são] também somente os mediadores da língua, ela própria que fala através deles. Esta língua não pertence, portanto, a ninguém”¹³³ (DUBOIS, 1970, p. 41).

Para Dupuy (2010, p. 1), o fazer dicionarístico, “mais do que uma ciência, é uma arte”¹³⁴. O autor (*ibidem*, p. 3) reconhece que o dicionário tem, por natureza, a tarefa de se re(construir) à medida que as oportunidades aparecem, assim como o faz a deusa do pensamento em Lévi-Strauss. Essa metáfora de *bricolages* conduz Dupuy (*ibidem*, p. 3-4) aos argumentos de que “os dicionários são construções humanas, imperfeitas, não isentas de erros”¹³⁵ e que, de acordo com “sua própria forma, seu conteúdo e seu propósito, eles traduzem a época que os vê nascer”¹³⁶. Por isso, o autor (*ibidem*, p. 4) defende que “o dicionário é, primeiramente, o produto de uma época, o resultado de

informations contenues sont le << trésor commun >>, et qu'en ce sens leur définition n'est plus l'oeuvre spécifique d'un sujet parlant déterminé.

¹³⁰ La disparition des références à des textes dans un dictionnaire est inhérente à la règle du discours pédagogique qui tend à l'anonymat de l'auteur et à l'universalité de l'objet (langue et savoir).

¹³¹ On a conçu, dès le XVII^e siècle, que le dictionnaire pouvait avoir pour exemples des phrases communes forgées par les lexicographes eux-mêmes : [...].

¹³² Et lorsque les citations sont suivies d'un nom d'auteur [...], ce n'est que pour confirmer que le dictionnaire est bien identifié avec la langue ; [...].

¹³³ [...] ceux-ci sont non seulement les sujets parlant la langue [...], mais encore ils ne sont, en ce cas, que les médiateurs de la langue elle-même qui parle par leur bouche. Celle-ci n'appartient donc à personne.

¹³⁴ [...] et qui font de la dictionnaire un art plus qu'une science.

¹³⁵ Bref les dictionnaires [...] ce sont des constructions humaines, imparfaites, non exemptes d'erreurs.

¹³⁶ [...] notons simplement que dans leur forme même, dans leur contenu, dans leur ambition, ils [les dictionnaires] traduisent l'époque qui les voit naître : [...].

uma cultura; tanto nos objetos descritos como nos métodos de descrição, ele revela suas relações com o mundo”¹³⁷.

Os dicionários são produzidos com objetivos pré-estabelecidos. Dupuy (2010, p. 2) observa que essas obras são feitas ou para definir, ou traduzir, ou repertoriar, ou ainda para evocar¹³⁸. Determinado o objetivo, conforme o autor (*ibidem*, p. 5), “a atividade dicionarística pode se resumir em quatro verbos: escolher, estruturar, definir [e] ilustrar”¹³⁹. Nesse percurso (bem detalhado entre as páginas 5 e 12 da mesma obra), o lexicógrafo deixa vestígios da censura que faz em relação à seleção das entradas e sua apresentação (sobretudo das palavras tabus), tanto na macroestrutura quanto na microestrutura. E, ainda, em relação à elaboração da definição e à escolha das ilustrações¹⁴⁰ (textuais ou gráficas).

Girardin (1979, p. 88) assegura que “a exclusão [de palavras] não é o único meio de censura usado nos dicionários”¹⁴¹. Ele aponta outras formas de censura que permeiam, inclusive, a descrição das unidades lexicais: (1) na definição, a utilização de termos altamente especializados e de um discurso implícito, marcado por um sistema de remissivas, por exemplo, dificultam o acesso à informação sociocultural; (2) nos dicionários monolíngues, o recurso da perífrase sinonímica para definir “permite excluir as palavras, assim tratadas, do sistema, visto que elas são ‘traduzidas’ e não definidas como o são as palavras da língua padrão”¹⁴². Portanto, ao considerar as entradas como palavras de uma língua estrangeira, “o lexicógrafo lhes aplica, efetivamente,

¹³⁷ On le voit, le dictionnaire est d’abord le produit d’une époque, le resultat d’une culture ; dans les objets décrits aussi bien que dans les méthodes de description, il révèle ses relations au monde.

¹³⁸ À y regarder de plus près, les buts de ces ouvrages diffèrent sensiblement : définir, bien sûr (dictionnaires juridiques, médicaux, financiers, etc.), traduire (dictionnaires bilingues, des sigles...), mais aussi simplement répertorier (les chats, les plantes, des noms de famille, les citations, etc.) ou simplement évoquer, tels les dictionnaires amoureux (des langues, de la Grèce, du vin, de la gastronomie, de Venise, et même un dictionnaire amoureux des dictionnaires (Rey 2010) !).

¹³⁹ L’activité dictionnaire peut se résumer en quatre verbes : choisir, structurer, définir, illustrer.

¹⁴⁰ Segundo Dupuy (2010, p. 11) “As ilustrações podem aparecer sob forma de desenhos, fotos mas também de citações ou de exemplos”. << Les illustrations, qui peuvent apparaître sous la forme de dessins, photos mais aussi de citations ou d’exemples, ... >>

¹⁴¹ L’exclusion [de mots] n’est pas le seul moyen de censure dont use les dictionnaires.

¹⁴² Dans les dictionnaires monolingues, la définition de censure revêt la forme d’une périphrase synonymique qui peut être réduite à une seule unité lexicale ou à une série de synonymes, cas exceptionnellement fréquent pour les mots objets de réprobation : [...] Ce qui aboutit à exclure les mots ainsi traités du système, puisqu’ils sont << traduits >> et non définis comme le sont les mots de la langue standard.

um tratamento idêntico àquele dos dicionários bilíngues”¹⁴³; (3) “o deslocamento das definições dos sintagmas cristalizados da palavra [...] é um outro exemplo de censura que consiste em dar a informação de maneira desviada/distorcida”¹⁴⁴.

Esse autor (1979, p. 89) distingue as palavras submetidas à censura: (1) “aquelas que são, de fato, do controle dos discursos na sociedade pelas instituições”; (2) “aquelas que a tradição qualifica de ‘tabus’”¹⁴⁵, mas que ele prefere chamar de ‘palavra proibida’¹⁴⁶. Girardin (*ibidem*, p. 90-91) mostra também as causas da censura. Para ele, parece que:

Este período¹⁴⁷ foi marcado por dois fatos que marcaram profundamente a língua e sua descrição nos dicionários. Um diz respeito à religião, que era no século XVII a ‘região’ dominante de ideologia. [...] O outro fato surge da economia. O desenvolvimento do maquinismo, a multiplicação das manufaturas [...] necessita de uma mão-de-obra cada vez mais especializada, cada vez mais concentrada nas cidades. Além desses efeitos, sobre os comportamentos, essa evolução tem consequências linguísticas; [...]. Paralelamente [...] os dicionários, que eram reservados a uma elite nos séculos XVI e XVII, deverão por conseguinte cumprir uma missão pedagógica, que se traduzirá por uma ação mais normativa e mais repressiva e multiplicará as proibições lexicais¹⁴⁸.

¹⁴³ Le lexicographe leur applique [aux entrées] effectivement un traitement identique à celui des dictionnaires bilingues : [...].

¹⁴⁴ Le déplacement des définitions des syntagmes figés du mot [...] est un autre exemple de censure qui consiste à donner l’information de manière détournée.

¹⁴⁵ Parmi les mots exclus ou censurés, il faut distinguer (a) ceux qui le sont du fait du contrôle des discours dans la société par les institutions. [...] (b) Ceux que la tradition qualifie de << tabou >>.

¹⁴⁶ Girardin (1979, p. 89) salienta que “a exclusão do vocabulário referente à sexualidade e a excrementos corresponde a uma racionalidade, a uma motivação ideológica que a noção de tabu exclui: << o caráter distintivo do tabu, é que a interdição não é motivada >>. Seria, portanto, mais exato falar de *palavra proibida* (a proibição incluindo uma racionalidade que reside em sua função)”.

¹⁴⁷ Girardin (1979, 1º §, p. 90) se refere aos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

¹⁴⁸ Il nous a semblé que cette période avait été marquée par deux faits qui ont profondément marqué la langue et par la même sa description dans les dictionnaires. L’un concerne la religion, qui était au XVII^e siècle la << région >> dominante de l’idéologie. [...] L’autre fait relève de l’économie. Le développement du machinisme, la multiplication des manufactures [...] nécessite une main-d’oeuvre de plus en plus spécialisée, de plus en plus concentrée dans les villes. Outre ses effets, sur les comportements, cette évolution a des conséquences linguistiques ; la multiplicité des << dialectes >> dont le pouvoir monarchique s’accommodait devient un frein au développement économique, et fait ressentir la nécessité d’une uniformisation linguistique, d’une langue nationale. Parallèlement [...] les dictionnaires, qui étaient réservés à une élite au XVI et XVII^e siècle, devront par la suite remplir une mission pédagogique, ce qui se traduira par une action plus normative et plus répressive et multipliera les interdits lexicaux.

Uma questão problemática, quanto à escolha dos verbetes, se refere às palavras *tabus*. Conforme Girardin (1979, p. 84), “os leitores esperam do dicionário um certo tipo de discurso que lhes permita se reconhecerem como participantes de uma mesma cultura”¹⁴⁹. Entretanto, “no nível da macroestrutura, um grande número de unidades lexicais que tratam de assuntos delicados jamais figuram na nomenclatura”¹⁵⁰ (BALL, 1997, p. 79). Na página anterior, este autor observa que “certos grupos marginalizados [...] e outros grupos minoritários não se veem no dicionário, ou, quando se veem, sua imagem é sempre distorcida”¹⁵¹. Essa estratégia de exclusão, de *rejeição* da palavra da nomenclatura, segundo Girardin (*ibidem*, p. 99), não garante que tal palavra não apareça na microestrutura. Como vimos em Ball (*ibidem*, p. 80), a definição, as marcas de uso e os exemplos são impregnados de informação cultural.

Ball (1997, p. 78) acrescenta que “[esses grupos] são privados de voz porque eles não têm o poder de influenciar a sociedade, que é a própria fonte dos valores contidos no dicionário”¹⁵². Todavia “a censura jamais alcança seu objetivo, perfeitamente, [porque] o dicionário [...] reflete [não apenas] a ideologia dominante [da sociedade], mas também as lutas de tendências”¹⁵³ (GIRARDIN, 1979, p. 99). Esse argumento, a meu ver, vai ao encontro da noção de *equilíbrio instável* da hegemonia, discutida anteriormente (cf. subseção 2.1.1.3). Na verdade, essa questão em torno da seleção das palavras *admitidas* ou *rejeitadas* confirma que “a sociedade sempre exerceu sua censura no domínio conceitual, [pois] os assuntos tabus tornam tabus as palavras que descrevem sobre esse assunto”¹⁵⁴ (YAGUELLO, 2002, p. 218).

¹⁴⁹ [...] les lecteurs attendent du dictionnaire un certain type de discours qui leurs permet de se reconnaître comme participant à une même culture, [...].

¹⁵⁰ Au niveau de la macrostructure, un grand nombre d'unités lexicales qui traitent de sujets délicats ne figurent jamais dans la nomenclature.

¹⁵¹ [...] certains groupes marginalisés comme les femmes, les Noirs (et d'autres groupes ethniques minoritaires), les personnes âgées, les jeunes, les minorités religieuses, les communautés lesbienne, gaie et bisexuelle, les groupes politiques, les personnes sans instruction, les groupes contre-culturels, et d'autres groupes minoritaires ne se voient pas dans le dictionnaire, ou, quand ils se voient, leur image est souvent déformée.

¹⁵² Ils sont privés de voix parce qu'ils n'ont pas le pouvoir d'influencer la société, qui est elle-même la source des valeurs contenues dans le dictionnaire.

¹⁵³ D'autre part le dictionnaire, en tant que description d'une culture, est au sein même de la société ; il en reflète l'idéologie dominante, mais aussi les luttes de tendances. C'est pourquoi la censure n'atteint jamais parfaitement son but.

¹⁵⁴ La société a toujours exercé sa censure dans le domaine conceptuel ; les sujets tabous rendant tabous les mots qui en parlent.

A essa altura da discussão, não estaríamos nos perguntando *E agora, o que fazer? Qual o tratamento dado aos dicionários existentes?* Partindo da interrogativa “É necessário queimar os dicionários?”, Yaguello (2002, cap. 5, p. 209-220) conclui que não se trata de riscar do dicionário palavras, acepções, usos considerados ‘problemáticos’ do ponto de vista ideológico, porque “não se pode recusar de ver a realidade” tampouco de expurgá-la, pois, do contrário, “se abre a porta para a censura e para tudo que daí resulta”. Por outro lado, a autora preocupa-se com a perpetuação, no dicionário, de “clichês e estereótipos inúteis, nocivos e cada vez menos correspondentes à realidade”¹⁵⁵.

Ball (1997, p. 90-91) também questiona “como a lexicografia deveria tratar o problema dos valores dominantes”. Refutando a neutralização dos dicionários, o autor argumenta que:

Não se pode esperar que os dicionários descrevam um mundo ideal sem sexismo, sem racismo, sem homofobia, sem preconceito de idade e sem xenofobia, isto não seria realista. O dicionário deve descrever o uso da língua, e este uso reflete as atitudes da sociedade¹⁵⁶.

Trata-se, portanto, de uma (re)produção de discursos/voz autorizada, mas como qualquer produto cultural, é passível de contestação. Ball (*ibidem*, p. 90-91), consciente de que o problema dos preconceitos culturais é complexo, sugere que:

A melhor abordagem seria aceitar os limites do dicionário geral e ensinar às pessoas a criticar a informação cultural que é veiculada nas entradas. [...] Mas, sobretudo, é necessário ensinar aos usuários a reconhecer que o dicionário não se faz autoridade¹⁵⁷.

¹⁵⁵ [...] il ne servirait à rien de rayer du dictionnaire tel mot, telle acception, tel emploi, jugés sexistes, du moment que ça existe ; on ne peut refuser de voir la réalité en face et on a toujours tort d'expurger car en expurgeant on ouvre la porte à la censure et à tout ce qui en découle. Mais doit-on pour autant y perpétuer les clichés et stéréotypes inutiles, nuisibles et correspondant de moins en moins à la réalité ?

¹⁵⁶ Comment la lexicographie devrait-elle traiter le problème des valeurs dominantes ? [...] On ne peut pas s'attendre à ce que les dictionnaires décrivent un monde idéal sans sexisme, sans racisme, sans homophobie, sans âgisme et sans xénophobie, ce ne serait pas réaliste. Le dictionnaire doit demeurer descriptif de l'usage de la langue, et cet usage reflète les attitudes de la société.

¹⁵⁷ Toutefois, selon moi, la meilleure approche serait d'accepter les limites du dictionnaire général, et d'apprendre aux gens à critiquer l'information culturelle qui est véhiculée dans les entrées. [...] Mais surtout, il faut enseigner aux utilisateurs à reconnaître que le dictionnaire ne fait pas autorité.

Nessa mesma direção, Dupuy (2010, p. 1 e 12) defende que “o lexicógrafo deve fazer, permanentemente, uma série de ajustes, de decisões subjetivas, de escolhas empíricas e mesmo ideológicas”¹⁵⁸. O autor afirma também que “o lexicógrafo procede necessariamente a escolhas [...] mas não é escolha neutra ou inocente, e é a sociedade, com seus tabus e suas ideias, que se poderá ler nas entrelinhas do dicionário”¹⁵⁹.

Minha argumentação aqui busca, basicamente, desconstruir o que está posto (pelo senso comum e mesmo pela academia) nos discursos tradicionais sobre dicionário como obra objetiva, neutra e científica, a favor de uma concepção de dicionário “como descrição de uma cultura, [uma vez que] está no próprio seio da sociedade”¹⁶⁰ (cf. GIRARDIN, 1979, p. 99). Essa mudança de perspectiva nos exige, portanto, tomadas de decisão sobre a elaboração e o uso do dicionário, inclusive para as atividades de recepção e de produção textual.

¹⁵⁸ [...] le lexicographe doit effectuer en permanence une série d'ajustements, de décisions subjectives, de choix empiriques voir idéologiques [...].

¹⁵⁹ [...] le lexicographe procède nécessairement à des choix [...] mais il n'est pas de choix neutre ou innocent, et c'est la société, avec ses tabous et ses partis pris, que l'on pourra lire entre les lignes du dictionnaire.

¹⁶⁰ Ler nota de rodapé 153, p. 88.

CAPÍTULO 3: Dissimetrias ideológicas no contexto dicionarístico.

En cela le dictionnaire est l'indicateur de toute transformation sociale, il enregistre, même là où elles ne font que poindre, les phases transitoires des changements sociaux (GIRARDIN, 1979, p. 99)¹⁶¹.

3.1 Percurso metodológico

Apresento, aqui, os procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa e que explicitam a natureza e o objeto deste trabalho e a coleta de dados, respectivamente. Os procedimentos para a análise e a própria análise dos dados obtidos estão inseridos na segunda seção (3.2) deste capítulo.

3.1.1 Natureza da pesquisa

O tema proposto foi desenvolvido com base em um estudo descritivo sobre ideologias em verbetes, referentes aos gêneros sociais homem e mulher, registrados no dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa *Robert Micro* – edições de 1988 e de 2006, editadas em suporte papel.

Segundo Costa & Costa (2001, p. 62-63), a pesquisa descritiva preocupa-se em descrever “as características de uma determinada população ou de um determinado fenômeno” e pode ser realizada sob várias formas, dentre as quais destaco a pesquisa bibliográfica. Para esses autores, esse tipo de pesquisa é “aquela realizada em livros, revistas, jornais etc. Ela é básica para qualquer tipo de pesquisa, mas também, pode esgotar-se em si mesma”.

Por sua vez, Rudio (1998, p. 71) afirma que “a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los e interpretá-los”. E acrescenta que, “estudando o fenômeno, a pesquisa

¹⁶¹ Dessa forma, o dicionário é o indicador de toda transformação social; ele registra – mesmo lá, onde elas somente aparecem – as fases transitórias das mudanças sociais.

descritiva deseja conhecer a sua natureza, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam”.

Baseada nesses teóricos, entendo que este trabalho é do tipo descritivo/bibliográfico com abordagem de análise qualitativa, uma vez que seus pressupostos, no tocante à metodologia da pesquisa, fomentam a natureza desta pesquisa.

3.1.2 Objeto da pesquisa

O dicionário *Robert Micro* foi concebido em 1970, sob o título *Micro-Robert*. Trata-se de uma adaptação do *Petit Robert* com vistas a atender as necessidades de ensino-aprendizagem de francês. No entanto, Alain Rey esclarece, no prefácio da 2ª edição (1988) e da 3ª edição (2006), que este dicionário se diferencia profundamente daquele de sua origem, por seu objetivo e por seu método, para responder a uma necessidade social: descrição simples, precisa, concisa e apresentação de mais de 30 000 palavras (2 ed.) e de mais de 35 000 (3 ed.), cujo vocabulário é necessário aos alunos francófonos, àqueles não francófonos que estudam francês e aos adultos que desejam completar seu conhecimento da língua.

Além disso, Alain Rey evidencia “que o presente dicionário é essencialmente *funcional*; seu objeto é o francês contemporâneo e ainda o que for necessário do francês clássico”¹⁶². Ele explica que “o [dicionário] *Robert Micro* procede a reagrupamentos de conveniência, e não pretende descrever tão completamente as construções e a sintaxe”¹⁶³. Nesse caso, esse dicionário “consagra ao funcionamento atual da língua todo o lugar disponível”¹⁶⁴.

Alain Rey salienta ainda que, “conservando totalmente os objetivos da primeira edição, conseguimos atingi-los de maneira mais eficaz e, quando

¹⁶² [...] le présent dictionnaire est essentiellement *fonctionnel* ; son objet est le français d’aujourd’hui et ce qu’il faut encore connaître du français classique.

¹⁶³ [...] le *ROBERT MICRO* procède à des regroupements de commodité, et ne prétend pas décrire aussi complètement les constructions et la syntaxe.

¹⁶⁴ No prefácio da 3ª edição, Alain Rey acrescenta o seguinte comentário: À la différence du *ROBERT POUR TOUS*, de dimension comparable, il [le *ROBERT MICRO*] consacre au fonctionnement actuel de la langue toute la place disponible.

possível, mais elegante”¹⁶⁵. Ressalto que, para esta pesquisa, delimito como objeto a segunda e a terceira edição (1988 e 2006, respectivamente) de *Robert Micro* – dicionário monolíngue de aprendizagem da língua francesa. Mas, utilizei suas respectivas reimpressões (1994 e 2008), formatadas em tamanho de pequeno porte: na capa dessas duas reimpressões, o editor registrou a palavra *poche* que, nesse contexto, significa *livro de bolso* – fácil de ser manuseado, transportado.

3.1.3 Coleta de dados

Os dados coletados nas edições de 1988 e de 2006 do dicionário *Robert Micro* constituem-se de 18 (dezoito) itens lexicais referentes a homem e a mulher (iguais nessas duas edições impressas), que pertencem aos campos semânticos “sexo”, “órgãos sexuais”, “família” e “profissão” e que marcam bem a oposição homem/mulher e as diferenças no tratamento da descrição dos verbetes analisados. Assim temos: *femme, femmelette, homme, mère, père, pénis, phallus, vagin, avocat, député, docteur, doctoresse, écrivain, médecin, ministre, professeur, soldat, soldatesque*. Construí, portanto, um *corpus* cujos verbetes selecionados são coincidentes nas edições de *Robert Micro*, aqui apresentadas como objeto desta pesquisa.

Ao escolher esse dicionário, levei em conta o público-alvo: alunos de francês como língua estrangeira (FLE). Também considerei o intervalo de quase duas décadas/gerações (18 anos) entre as duas publicações (revistas e ampliadas), porque isso me permitiu um estudo crítico-comparativo, verificando se houve ou não diferenças/mudanças no tratamento dos verbetes analisados. Ademais, as edições mais atuais são mais passíveis de receber tratamento adequado, com base nas concepções das ciências do léxico. Focalizar essas duas edições, também me possibilitou um estudo sincrônico da língua em sua fase contemporânea, observando inclusive enunciados, ao invés de somente fragmentos.

¹⁶⁵ Tout en conservant les objectifs de la première édition, nous avons cherché à les atteindre de manière plus efficace et, s’il se pouvait, plus élégante.

3.2 Análise dos dados

Após a criação do *corpus* (disponível em anexo), fiz uma análise qualitativa, em que considerei aspectos linguísticos e sociodiscursivos, com o objetivo de desvelar aspectos ideológicos, considerando a dinâmica textual dos verbetes em questão. Para isso, tomei por base os pressupostos teóricos da Lexicografia (mais precisamente da Lexicografia Pedagógica) e da Análise de Discurso Crítica (ADC), focalizando os critérios de análise de texto como prática social (sentidos, metáforas, pressuposições) propostos por Fairclough (2001a), e, ainda, os modos de operacionalização da ideologia (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação, reificação) defendidos por Thompson (2009). No texto lexicográfico, essas ideologias, aparentemente invisíveis, se escondem nas conotações e nas convenções linguísticas de gênero gramatical, principalmente, nas definições, nas marcas e nos exemplos de uso (cf. as subseções que se seguem). Em seguida, discuti a análise crítico-comparativa, em termos de considerações finais, refletindo sobre os resultados obtidos.

3.2.1 Representações do homem e da mulher no dicionário

Nesta subseção, analiso palavras que delineiam a marcação de oposição entre homem e mulher, verificando as várias conotações assimétricas que lhes são atribuídas no contexto dicionarístico. Yaguello (2002, p. 177) afirma que:

As dissimetrias mais produtivas, no final das contas, são aquelas que se escondem no sentido de palavras aparentemente simétricas. Essas dissimetrias *semânticas* provêm da depreciação generalizada de tudo aquilo que serve para qualificar ou designar as mulheres. Se um grande número de palavras masculinas não tem equivalente feminino, lá onde coexistem masculino e feminino, elas são sempre conotadas diferentemente¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Les dissymétries les plus criantes, en fin de compte, sont celles qui se cachent dans le sens de mots en apparence symétriques. Ces dissymétries *sémantiques* proviennent de la péjoration généralisée de tout ce qui sert à qualifier ou à designer les femmes. Si nombre de mots masculins n'ont pas d'équivalent féminin, là où coexistent masculin et féminin, ils sont souvent connotés différemment.

Os verbetes *femme*, *homme*, *mère*, *père*, *pénis*, *phallus* e *vagin* têm a mesma descrição nas duas edições (1988 e 2006) do dicionário *Robert Micro*, salvo algumas discretas mudanças, aqui comentadas em nota de rodapé. O lexicógrafo apresenta a entrada, considerando uma hierarquia de sentidos e de empregos desse verbete. Nesse sentido, usa algarismos romanos (I..., II...,) – que “correspondem aos grandes valores funcionais ou de sentido” – e algarismos indo-arábicos (1., 2., 3.), quando se trata de “uma simples diferença de sentido”¹⁶⁷.

Na descrição de *femme* (cf. Anexos, p. 129 e 147), encontram-se três seções em algarismos romanos: I. *Être humain du sexe qui met au monde les enfants* (Ser humano do sexo que coloca no mundo as crianças); II. *Épouse* (Esposa). Na terceira divisão, o lexicógrafo insere locuções relativas a trabalho/função para designar a mulher de negócios (FEMME D’AFFAIRES), a camareira (FEMME DE CHAMBRE¹⁶⁸), a faxineira/diarista (FEMME DE MÉNAGE), a servente (FEMME DE SERVICE) e, ainda, a mulher objeto (FEMME OBJET).

Na primeira parte (I), em que *mãe* lexicaliza o sentido de *quem coloca ao mundo as crianças*, há seis acepções. Na acepção de número 1., o exemplo de uso *Une belle, une jolie femme* (Uma bela, uma bonita mulher) evidencia tão somente a aparência física que, apesar do sentido positivo, expressa padrão de beleza estabelecido pela sociedade. Para Campbell (2004, p. 69), “da mesma maneira que o corpo das mulheres serve para vender carros ou contratos de seguro, a aparência feminina é julgada mais propícia para ilustrar certas palavras”¹⁶⁹.

Parece que o poder, normalmente reservado ao homem, é dado à *maîtresse femme*, pelo sentido da locução verbal *se faire obeïr*. Mas, em todo caso, trata-se de uma autoridade limitada, agenciada apenas por aquelas mulheres que (*qui*) sabem organizar, comandar. Em *Cette femme est professeur, c’est un professeur ; un professeur femme*, o lexicógrafo insiste em

¹⁶⁷ Le système de division de l’article est en général à deux niveaux au moins : I., II., etc., correspondent aux grandes valeurs fonctionnelles ou de sens ; et 1., 2., 3., à une simple différence de sens.

¹⁶⁸ Na edição de 1988, a definição de *femme de chambre* é *domestique attachée au service intérieur d’une maison, d’un hôtel*. Na edição de 2006, o lexicógrafo substitui *domestique* por *employée*. Vejo que esta palavra é mais adequada, coerente com a definição.

¹⁶⁹ De la même manière que le corps des femmes sert à vendre des voitures ou des contrats d’assurance, l’apparence féminine est jugée plus propice à illustrer certains mots [...].

mostrar a incoerência do acordo gramatical entre nome feminino e atributo masculino (cf. próxima subseção).

Na segunda acepção, a crescente gradação, marcada no exemplo de uso *Elle est femme, très femme, elle a de la féminité* conduz feminilidade para o primeiro plano da imagem da mulher, em vez de, por exemplo, a inteligência, a instrução. Nesse sentido, observo que, pela naturalização, os traços semânticos depreendidos de *femme* são tratados como um resultado inevitável de características naturais da mulher. Tais traços pressupõem, sobretudo, uma mulher maternal, bela, extremamente feminina, que desempenha o papel de esposa e funções menos valorizadas na vida social.

A reificação da mulher, pela estratégia de naturalização, operacionaliza ideologia(s) e gera tensões entre os mais diversos tipos de discurso. O discurso naturalista, por exemplo, “passou a exigir uma série de comportamentos e deveres que tornariam a maternidade um trabalho em tempo integral” (cf. FERNANDES, 2010). Contrariando esse discurso, Badinter – em entrevista a Fernandes (2010) – afirma que “a natureza se tornou um novo Deus, com critérios morais que culpabilizam quem não seguir o discurso”. De acordo com Fernandes, Badinter

Acusa os movimentos ambientalistas de representar grande perigo para a emancipação feminina, [pois] eles contribuem para a regressão do papel da mulher na sociedade, com seus discursos sobre a necessidade de amamentar, de usar fraldas de pano em vez das descartáveis e de alimentar as crianças somente com pratos preparados em casa, de preferência com produtos orgânicos.

Ao contrário da mulher, o homem¹⁷⁰ (cf. Anexos, p. 131 e 148-149) é um “ser [que] pertence à espécie animal, a mais evoluída da Terra”, que tem origem familiar e é “o único representante de sua espécie, vivendo em sociedade”. Apesar de o lexicógrafo explicar que, “nesse sentido, *homem* significa [o] ser humano macho (II) e [também] as mulheres”, as diferenças entre os dois sexos são realçadas a favor do homem cujos traços semânticos delineiam, sobretudo, um animal macho, porém racional, inteligente, com linguagem articulada, que – por ser digno, virtuoso, sedutor, viril, corajoso, confiável, notório – é, portanto, o ser perfeito para representar a humanidade.

¹⁷⁰ Na edição de 2006, no final da descrição do verbete *homme*, há um acréscimo no sistema de remissão: <> *bonhomie, bonhomme, gentilhomme, hommasse, prud’homme, surhomme*.

Além disso, o lexicógrafo confere ao homem posições de prestígio social em vários domínios, principalmente quando se refere às profissões, às funções: *homme d'État, homme de loi, homme d'affaires, homme de lettres, homme de science, savant, chercheur*.

A observação de que *homme* (conforme a primeira definição) designa tanto os homens quanto as mulheres torna-se contraditória diante do uso excessivo de adjetivos positivos para construir os sentidos de “ser humano macho”. Trata-se, portanto, de uma aparente neutralidade que suaviza as diferenças entre os gêneros sociais. A ideologia aí, a meu ver, é construída pelo *modus operandi unificação* em que a neutralidade na descrição do verbete (ou a tentativa de) torna-se uma estratégia produtiva para que as relações de dominação entre homem e mulher possam ser estabelecidas e sustentadas.

A estrutura da descrição de *homme* é dividida (por algarismos romanos) em quatro grandes partes. Destaco *Homme à femmes* cujo sentido positivo (para a sociedade) é acentuado com *don Juan, séducteur*, pois, ser afeiçoado a mulheres, também é condição imperativa para ser homem, como prova de sua masculinidade, virilidade. Porém, se há o uso de *Femme à hommes*, essa expressão é investida de sentido negativo por uma sociedade machista. Portanto, *Homme à femmes* se impõe na língua, por valores equivocados sobre *homem*, construídos nas interações sociais, tais como sexismo e machismo. Da mesma forma, o homem pode ser do mundo (*Homme du monde*), sem que isso lhe impregne nenhum preconceito, nenhum juízo de valor negativo. Evidencio, ainda, a comparação entre homem e mulher em *Ne pleure pas, sois un homme !* (Não chore, seja homem!), que exige do homem uma força vital para enfrentar e superar problemas. Para a memória coletiva, quem chora por suas próprias fraquezas é a mulher, considerada *sexo frágil*. Logo, *homem não chora*, pois do contrário, comporta-se como a mulher. Percebo, aqui, que a mulher é duplamente reificada: ao mesmo tempo, a estratégia de naturalização do discurso constrói o “ser homem” e o “não ser homem”, quando realça características positivas do homem (ofuscando a mulher) e quando compara esses dois gêneros em detrimento da mulher.

A respeito de *féminité* e *virilité*, Yaguello (2002, p. 179-180) assegura que esses dois termos são os que “colocam os homens e as mulheres em seu lugar. [...] Estão longe de ser neutros, de maneira que é necessário empregar

um outro termo: a condição feminina [*condition féminine*], para ser objetivo”¹⁷¹. No verbete *femme* de *Robert Micro*, há a locução exemplificativa *Émancipation de la femme*. Nos dois casos, tanto *condition* quanto *émancipation* denotam “a luta contra a injustiça”; conotação essa investida por *féminine* e por *de la femme*, visto que não se costuma dizer *condição masculina* tampouco *emancipação masculina/do homem*.

Há vários sentidos construídos na/pela descrição de *mère* (cf. Anexos, p. 133 e 152), ordenados em duas partes maiores (I e II) que são subdivididas em várias acepções. Focalizo aquelas que definem *mère* numa concepção de *femme maternelle*, extremamente protetora tanto quanto a leoa (*Une mère lionne et ses lionceaux*) e que, para isso, não precisa, necessariamente, ter filhos (ver *mère adoptive*). A responsabilidade e a preocupação de cuidar dos filhos são atribuídas à mãe, além de muitas outras atividades exigidas na sociedade contemporânea. Yaguello (2002, p. 182) lembra que *maternel* “evoca doçura, seio, infância, língua”. Já *paternel* “evoca, principalmente, poder e autoridade”¹⁷². A autora salienta que “as palavras *père* e *mère* e suas derivações oferecem numerosas dissimetrias tanto de forma quanto de sentido [devido a] conotações e associações divergentes que se prendem a *pai* e a *mãe* nas sociedades patriarcais”.

Esse “mito da mãe perfeita” é desconstruído por Badinter (*apud* FERNANDES, 2010) que reivindica o direito, a liberdade de dizer não aos deveres maternos (decorrentes de uma política de pressões pela sociedade patriarcal) que “limitariam a mulher ao papel único de mãe e a levariam a ficar em casa e abdicar de uma vida profissional” – o que Badinter chama de “ofensiva naturalista”. Essa autora esclarece que denuncia

Um discurso que não leva em conta as ambivalências da maternidade. As mulheres não têm liberdade para dizer não. Nas maternidades públicas, há pressões para que as mulheres amamentem. As que não fazem isso se sentem culpabilizadas. Todas as revoluções morais ocorrem graças ao sentimento de culpabilidade.

¹⁷¹ Les deux termes qui mettent les hommes et les femmes à leur place, *féminité* et *virilité*, sont loin d’être neutres, de sorte qu’il faut employer un autre terme : la *condition féminine*, pour être objectif.

¹⁷² *Maternel* évoque douceur, sein, enfance, langue. [...] *Paternel* évoque surtout pouvoir et autorité, d’où les dissymétries qu’on retrouve dans tous les mots dérivés.

Père (cf. Anexos, p. 136-137 e 156-157) também admite várias conotações dentre as quais destaco *père de famille* e *chef de famille* em oposição à *mère de famille*. A esta locução adjetiva não segue nenhuma definição. Mas, a *père de famille* atribui-se a responsabilidade de prover seus filhos e que, por isso, deve ser o *chef de famille*, com todos os atributos autoritários que essa locução possa expressar. Acredito que *mère de famille* seja uma expressão perfeitamente produtiva para designar as mulheres (solteiras ou não, inclusive em número bem expressivo) que precisam trabalhar fora para sustentar sua família. No entanto, o lexicógrafo não apresenta a definição desse grupo nominal. De acordo com Campbell (2004, p. 66), “o papel do homem é visto em termos de autoridade ou de apoio financeiro, e ele não tem praticamente convivência afetiva com os filhos como grupo [família]”¹⁷³. Ou seja, ao contrário de *mãe*, que é vista como “a cuidadora”, *pai* é ressentido como “o provedor”.

A descrição de *pénis*¹⁷⁴ (cf. Anexos, p. 135 e 155) se restringe à definição de “órgão sexual do homem, [que] permite o coito”. Por uma seta dupla, o lexicógrafo nos remete a *phallus*, *sexe*, *verge*. Detenho-me em analisar *phallus* (cf. Anexos, p. 138 e 158), símbolo da virilidade do macho, e que, por isso, sugere que esteja *sempre* em ereção, reforçando, portanto, a qualidade e mesmo a obrigatoriedade do homem de ser viril. Diferentemente do *pénis*, na descrição de *vagin* (cf. Anexos, p. 141 e 161), observo uma definição estruturada muito mais pelo domínio da ciência (sob o ponto de vista da anatomia humana) do que propriamente pelo viés da sensualidade/do erotismo, constrangendo/disfarçando, assim, a libido da mulher, que parece não ter direito ao orgasmo durante o coito *oferecido/permitido* pelo homem. “Não esqueçamos, por outro lado, que as *partes nobres* do homem correspondem às *partes vergonhosas* da mulher” (YAGUELLO, 2002, p. 184)¹⁷⁵.

Aqui, os papéis do homem e da mulher, decorrentes de imposições sociais, emergem, principalmente, pela análise dos sentidos das palavras que revelam uma ideologia sexista, subjacente no corpo dos verbetes analisados.

¹⁷³ Le rôle de l'homme est vu en termes d'autorité ou de soutien financier, et il n'a pratiquement pas de rapports affectifs avec les enfants en tant que groupe.

¹⁷⁴ Na edição de 2006, o lexicógrafo inclui *bite* e *queue*, termos considerados de uso vulgar (*vulg.*).

¹⁷⁵ N'oublions pas d'autre part qu'aux *parties nobles* de l'homme correspondent les *parties honteuses* de la femme.

Observo que essa ideologia é sutilmente imposta sobretudo pela estratégia da *naturalização*, pois os verbetes analisados são tratados como se fossem a-temporais, como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais. No entanto, como consequência de lutas e reivindicações de movimentos feministas, a mulher da década de 1980 e do século XXI, por exemplo, não devem ser igualmente retratadas. Thompson (2009, p. 88) afirma que:

Costumes, tradições e instituições que parecem prolongar-se indefinidamente em direção ao passado [...] se cristalizam na vida social, e seu caráter aparentemente a-histórico é reafirmado através de formas simbólicas que, na sua construção, como também na sua pura repetição, eternalizam o contingente.

Percebo também que o desequilíbrio semântico, no tratamento dos verbetes analisados, pode provocar uma *fragmentação* entre os grupos, principalmente, entre os gêneros sociais, pois a *diferenciação* na descrição dos verbetes homem/mulher é, marcadamente, evidente. Além disso, há desequilíbrio numérico, pois os exemplos no masculino são apresentados em maior quantidade, embora Alain Rey aponte mudanças significativas sobre os exemplos de uso. No prefácio das duas edições analisadas, o lexicógrafo adianta que, quanto aos exemplos, “notar-se-à que os exemplos com sujeito no feminino são muito mais numerosos do que nos dicionários do passado; o que corresponde a uma feminização geral dos conteúdos [...]”¹⁷⁶. Essas dissimetrias, inclusive as morfológicas, também são constadas nas subseções que se seguem.

3.2.2 Construções de verbetes relacionados a homem e a mulher

Nesta subseção, analiso, primeiramente, verbetes pertencentes ao domínio das profissões, mostrando que a feminização de palavras masculinas sofre bloqueios – de natureza muito mais social do que propriamente morfológica – que evidenciam, supostamente, a desigualdade das

¹⁷⁶ On notera que les exemples ayant un sujet au féminin sont beaucoup plus nombreux que dans les dictionnaires du passé ; ce qui correspond à une féminisation générale des contenus (formes de mots désignant des personnes ; formulation de définitions).

competências entre homens e mulheres. Em seguida, mostro como os nomes femininos tomam conotações depreciativas e são ridicularizados, inclusive com valor de injúria. Ressalto que, como não houve mudanças na descrição microestrutural dos verbetes analisados, minhas observações, portanto, são válidas para as duas edições (1988 e 2006) do dicionário *Robert Micro*.

3.2.2.1 A desigualdade das competências

As irregularidades existentes em uma língua “podem ser reveladoras de conflitos psicológicos e sociais” (YAGUELLO, 2002, p. 144)¹⁷⁷. No que concerne às dissimetrias gramaticais relativas ao gênero masculino/feminino, a autora (*ibidem*, p. 143) mostra que “[elas] são fontes de hesitações, de embaraço e de incoerências”¹⁷⁸, pois os usuários, ao recorrer à concordância de gênero, se deparam com várias dificuldades provocadas por esse tipo de acordo gramatical. Yaguello (*ibidem*, p. 144) lembra que, “nas línguas indo-europeias, a maioria dos nomes de animais fêmeas não são derivados por sufixação dos nomes de seus [respectivos] machos e que não é, necessariamente, o nome do macho que designa a espécie”¹⁷⁹. No caso da espécie humana, *mulher* não é derivada da raiz de *homem*. No entanto, é esta palavra que designa essa espécie.

Em termos da formação dos nomes de agente ou de profissões, na língua francesa, há várias possibilidades de se marcar o gênero masculino e o feminino. No entanto, a feminização das palavras desse domínio enfrenta vários tipos de dificuldades, provocadas por bloqueios de natureza muito mais social do que propriamente morfológica. Yaguello (2002, p. 168) assegura que:

O bloqueio constatado para a formação dos femininos se deve, somente, a razões de prestígio social, [visto que] os *papéis* masculinos e femininos, tais como são definidos em estado de

¹⁷⁷ Bref, la langue n'est pas un instrument parfait et ses dysfonctionnements peuvent être révélateurs de conflits psychologiques et sociaux.

¹⁷⁸ Enfin les irrégularités, les dissymétries, notamment dans la formation des noms d'agent, sont sources d'hésitations, de gêne et d'incohérences dans l'accord.

¹⁷⁹ Notons tout d'abord que dans les langues indo-européennes, la plupart des noms d'animaux femelles ne sont pas dérivés par suffixation des noms de leurs compagnons mâles et que ce n'est pas forcément le nom du mâle qui désigne l'espèce comme c'est le cas pour l'homme [...].

sociedade largamente ultrapassado, deixaram uma marca indelével sobre a língua. E, como é necessário nomear essas mulheres que conquistaram bastões masculinos, se assiste há algumas décadas a uma evolução na formação dos femininos¹⁸⁰.

Essa formação pode se realizar por flexão ou por sufixação cuja forma feminina, muitas vezes, é bloqueada em função dos papéis masculinos e femininos na sociedade, mesmo nos casos dos nomes epicenos (*psychologue*, *gynéchologue*). Há casos, inclusive, em que a forma do feminino “realça a diferença, sugerindo assim a desigualdade das competências” (cf. YAGUELLO, *ibidem*, p. 149)¹⁸¹.

As unidades lexicais analisadas nesta subseção referem-se ao campo semântico *profissão*. Em *avocat*, *député*, *docteur*, *écrivain*, *médecin*, *ministre*, *professeur* e *soldat*, detenho-me, principalmente, na formação do feminino desses nomes, registrados no dicionário *Robert Micro* (1988 e 2006), com o objetivo de desvelar aspectos ideológicos que permeiam na descrição microestrutural desses verbetes.

A palavra *avocat* (cf. Anexos, p. 124 e 142) está igualmente registrada nas duas edições desse dicionário, com duas entradas cujos sentidos são completamente diferentes: 1. *avocat*, *ate* (nome de profissão: advogado, advogada); 2. *avocat* (nome de fruta: abacate). Para esta análise, considero apenas a descrição da primeira entrada.

Nesse caso, o lexicógrafo apresenta duas acepções para *avocat*, *ate*. Tanto na primeira quanto na última, ele usa a palavra *personne* (pessoa) para definir esse item lexical, ou seja, o lexicógrafo usa o recurso da generalização/indefinição do gênero gramatical, que exclui naturalmente o feminino face a imposição da prioridade do masculino como gênero gramatical. Na última acepção, inclusive, há um sinal de remissão (seta dupla) para a palavra *défenseur*, sem que se apresente uma forma do feminino, que, se houvesse, pela regra da língua francesa, *défenseuse* seria uma alternância produtiva.

¹⁸⁰ Le blocage constaté pour la formation des féminins n'est pas dû qu'à des raisons de prestige social. [...] Les rôles masculins et féminins, tels qu'ils sont définis dans un état de société largement dépassé, ont laissé une empreinte indélébile sur la langue et comme il faut bien nommer ces femmes qui ont conquis des bastions masculins, on assiste depuis quelques décennies à une évolution dans la formation des féminins [...].

¹⁸¹ Les féministes américaines s'insurgent contre une telle féminisation des noms d'agent épiciens, qui souligne la différence, suggérant ainsi l'inégalité des compétences.

Segundo Yaguello (2002, p. 161), “*avocat/avocate* soube se impor, na linguagem oral”¹⁸² e, em decorrência disso, encontram-se dicionarizadas as formas dos dois gêneros gramaticais masculino/feminino. Apesar de o dicionário registrar a forma do feminino *avocate* e, ainda, de observar (na definição da primeira acepção) que se diz *une avocate* ou *un avocat*, em referência a uma mulher, os exemplos são marcados pela forma do masculino *avocat*. *Consulter un avocat. Avocat d'affaires. L'Ordre des avocats*. Há um único exemplo em que o pronome feminino *elle* aparece, porém não mostra a forma feminina *avocate* do verbete em questão: *Elle s'est faite l'avocat de cette cause*.

Para o substantivo *docteur* (cf. Anexos, p. 126 e 144), também há duas entradas: a primeira expressa o sentido de título; já a última é registrada com o sentido de profissão. Neste sentido, a entrada do verbete é marcada apenas pelo masculino. A definição de *docteur* também é iniciada por *personne*. Após a parte definitória, há uma seta dupla que indica remissão para *médecin*.

Quanto aos exemplos, o lexicógrafo utiliza os pronomes pessoais masculino e feminino em *Il, elle est docteur*, mas não faz o acordo gramatical da forma feminina que poderia ser *doctoresse*, apresentada (no próprio corpo da entrada principal) como palavra da mesma família. Essa postura, a meu ver sexista, é acentuada pelo exemplo *Le docteur Marie Dupont*, ou seja, a forma masculina diante de nome próprio feminino.

Écrivain (cf. Anexos, p. 128 e 145-146) faz parte da descrição de *écrire* (escrever) e é considerada palavra da mesma família desse verbo, pela indicação de uma seta posta antes de *écrivain*. Esta, por sua vez, remete a *auteur*, porém nenhuma delas apresenta a forma de seus respectivos nomes femininos. A definição começa por *personne* que, apesar de ser nome feminino, pressupõe pessoa do sexo masculino, inclusive pela omissão do sufixo feminino *-aine* na entrada do verbete.

Após o exemplo *Elle est écrivain*, o lexicógrafo admite (entre parênteses) que, às vezes, se usa a forma feminina *écrivaine*. No entanto, quando se trata de nome pejorativo (indicado pela marca de uso *péj.*, de *pejoratif, ive*), o feminino *repousa* ao lado da forma masculina: *écrivainneur, euse*. Nesse caso,

¹⁸² *Avocat/avocate* (qui s'est bien imposé, dans l'usage oral).

personne é bem definida como *Homme ou femme de lettres médiocre*. Vejo, aqui, que a decisão que toma o lexicógrafo em apresentar as duas formas (m/f) na subentrada *écrivain*, *-euse* (marcada com sentido pejorativo) denota que a ideologia sexista que atravessa o texto verbete de *écrivain* (marcadamente pelos desequilíbrios semântico e morfológico aí existentes) é construída por *dissimulação*, provocada pelo deslocamento da representação feminina com valor positivo – em *écrivain*, *-aine* (terminação que se encontra ofuscada) – para uma representação de sentido negativo, investida no registro evidente da forma feminina em *écrivain*, *-euse*.

Médecin (cf. Anexos, p. 132 e 150-151) também pressupõe que ser médico é, antes de tudo, ser homem. O único exemplo apresentado pelo pronome *elle* tem como predicativo/atributo a forma do nome masculino: *Elle est médecin*. Além de não mencionar uma forma para o feminino, as remissões *docteur*, *praticien* e a marca de uso familiar (*fam.*) *toubib* apontam tão somente para o emprego do masculino. Na verdade, o feminino de *médecin* já está preenchido por *médecine*, porém, com o sentido de área de estudo, medicamento (dentre outros), menos com o sentido de profissão feminina.

O nome *professeur* (cf. Anexos, p. 139 e 159) está inserido na descrição de *professer* por uma seta (►) que indica palavra da mesma família da palavra-entrada. *Professeur* também não apresenta forma feminina no exemplo *Elle est professeur*. Em observação, marcada por esse sinal gráfico (—), o lexicógrafo esclarece que, em Québec, *professeuse* faz parte da norma usual/normal: *Elle est professeuse*. Mas, na França, trata-se de uso *incorreto*. Portanto, esse exemplo referente à norma de Québec, não exclui a mulher. Nyrop (1979, citado por YAGUELLO, 2002, p. 162) afirma que “o feminino *professeuse* foi empregado por Voltaire e por outros, mas parece que sem sucesso”¹⁸³.

O sentido construído na descrição de *soldat* (cf. Anexos, p. 140 e 160) pressupõe uma profissão exclusivamente masculina. A definição é introduzida pela palavra *homme*; e a palavra *militaire* (ordenada no sistema remissivo) reforça o sentido de *soldat*. Além do ser masculino, trata-se de *Un grand soldat*, *un grand homme de guerre*. Observo que a ofuscação da flexão de gênero

¹⁸³ Le féminin *professeuse* a été employé par Voltaire et par d'autres, mais il ne semble pas devoir réussir.

gramatical (em '-e') e a adjetivação de construções positivas (em relação ao masculino) são recursos gramaticais que funcionam como estratégias produtivas para a operacionalização da ideologia como *reificação*.

Nesse verbete, o lexicógrafo apresenta quatro acepções. Na segunda, em que define *soldat* como *Simple soldat ou soldat, militaire non gradé des armées de terre et de l'air*, há uma observação gramatical, indicando que existe *Une femme soldat* (sem concordância do gênero feminino) e que, às vezes, é chamada de *soldate* (n. f.). Ou seja, esse exemplo está localizado em uma acepção de *soldat* cujo sentido não se refere a *un grand soldat*, mas a *un simple soldat*. Yaguello (2002, p. 161) salienta que “*soldate* não pode ser empregada com seriedade”¹⁸⁴, porque imprime depreciação.

Yaguello (*ibidem*, p. 153) observa que “o bloqueio [da forma feminina] é mais evidente nas profissões não manuais: aquelas que conferem maior prestígio social”¹⁸⁵. Talvez por isso, segundo Yaguello (*ibidem*, p. 153), “as mulheres interiorizaram largamente”¹⁸⁶ as designações masculinas, assimilando-as e utilizando-as em diversas situações discursivas que realçam cada vez mais a dominação masculina. A sigla P-DG, por exemplo, não designa *une présidente-directrice générale*, ainda que seja uma mulher a desempenhar essa função.

Nesse sentido, vejo que o desejo que têm muitas mulheres em “se apropriar totalmente dos títulos dos homens”¹⁸⁷ as levaria a uma espécie de sujeição às avessas, porque elas não estariam assumindo seu lugar na sociedade de maneira plena, mas seriam, na verdade, portadoras das representações simbólicas masculinas. Mais uma vez, portanto, estariam acentuando a pretensa dominação masculina. Por outro lado, visto que o sujeito aqui não é assujeitado, mas agente de transformações sociais a partir de mudanças discursivas, as mulheres reivindicam ressignificações para construir seu próprio espaço na sociedade.

¹⁸⁴ *Soldat/soldate* : *soldate* ne peut être employé sérieusement ; aussi lui préfère-t-on *femme-soldat*.

¹⁸⁵ D'autre part, c'est dans les professions non manuelles, celles qui confèrent le plus grand prestige social, que le blocage est le plus évident.

¹⁸⁶ Il faut dire d'ailleurs qu'en dehors de toute contrainte grammaticale, les femmes ont largement intériorisé cet usage.

¹⁸⁷ << Ce qui augmente la difficulté, c'est que beaucoup de femmes croiraient n'avoir rien obtenu si l'assimilation n'était pas complète. Elles veulent porter tout crus des titres d'hommes >> (F. Brunot, 1936 *apud* Yaguello, 2002).

As mudanças linguístico-discursivas decorrem, geralmente, de conquistas sócio-históricas, marcadas por resistências ao poder dominante. De acordo com Campbell (2004, p. 71)¹⁸⁸, embora a comissão relativa à feminização dos nomes de profissões (designada em 1984, com o objetivo de apresentar soluções aceitáveis para remediar ‘a invisibilidade linguística das mulheres’), o francês da França tem-se mostrado hostil durante muito tempo. Em contrapartida, a autora ressalta que:

Por causa da entrada das mulheres (em número expressivo) na Assembléia nacional e no governo em maio de 1997, o feminino de ‘député’, de ‘ministre’ e de um certo número de nomes de funções, até então ocupadas por homens, foi adotado pelas próprias mulheres, titulares dessas funções [inclusive reconhecido oficialmente]¹⁸⁹.

No Brasil, segundo Bagno (2011), “Dilma Rousseff adotou a forma *presidenta*, oficializou essa forma em todas as instâncias do governo e deixou claro que é assim que deseja ser chamada”. Entretanto, a “grande mídia” em geral, por razões ideológicas, insiste em ocultar o feminino *presidenta*. Trata-se, a meu ver, de um caso de reificação da mulher pela ausência e mesmo pela negação da forma do feminino. Apesar de termos uma mulher na presidência e de a forma *presidenta* constar nos dicionários e nas gramáticas e ainda de a desinência *-a* produzir regularidade na flexão de gênero gramatical da língua portuguesa, Bagno conclui que “o Brasil ainda está longe da feminização da língua ocorrida em outros lugares”. O autor entende que “é a exasperação da mídia, umbilicalmente ligada às camadas dominantes, que tenta, nem que seja por um simples *-e* no lugar de um *-a*, continuar sua torpe missão de desinformação e distorção da opinião pública”.

Forgas Berdet (2007, p. 14) também mostra a reação à discriminação sexual e de gênero pelas muitas e constantes

¹⁸⁸ Un exemple frappant concerne la féminisation des noms de fonction, à laquelle, comme l’ont fait remarquer Grevisse et Brunot, le français de France, à l’inverse du québécois, s’est longtemps montré hostile. La commission relative à la féminisation des noms de métiers, mise en place en 1984 par la ministre des droits de la femme, avait pour but de présenter des solutions acceptables pour remédier à ‘l’invisibilité linguistique des femmes’.

¹⁸⁹ A la suite de l’entrée des femmes en nombre non négligeable à l’Assemblée nationale et au gouvernement en mai 1997, le féminin de ‘député’, ‘ministre’ et d’un certain nombre de noms de fonctions, jusque-là occupées par des hommes, a été adopté en haut lieu, c’est-à-dire par les titulaires elles-mêmes de ces fonctions.

Reclamações, queixas e recomendações de particulares, organizações e órgãos oficiais, entre eles, os do Parlamento e, claro, de instituições interessadas em questões de igualdade de gênero, como o *Instituto da Mulher do Ministério de Trabalho e Assuntos Sociais* e suas filiais autônomas¹⁹⁰.

No entanto, a terceira edição (2006) do dicionário *Robert Micro* – lançada nove anos após esse fato sociopolítico mencionado por Campbell – não registra a forma feminina do verbete *député* que deveria apresentar *députée*, *ée* (cf. Anexos, p. 125 e 143). O dicionário apenas mostra a possibilidade de esta função ser desempenhada também pela mulher, ao inserir os exemplos: *Madame le député ou Madame la députée*. Em relação a *ministre* (cf. Anexos, p. 134 e 153-154), o lexicógrafo informa que se trata de um nome (sem identificar o gênero gramatical), mas, na definição, se refere a *homme ou femme d'État placé(e) à la tête d'un ministère* (homem ou mulher de Estado colocado à frente de um ministério). Em *ministre*, o gênero gramatical pode ser diferenciado pela anteposição de determinantes, por exemplo, os artigos *le* e *la*. Saliento, ainda, que a descrição de *député* e *ministre* (na edição de 2006) é tão somente uma reprodução da descrição constante na edição de 1988.

E, portanto, os lexicógrafos mostram um conservadorismo extremo quando se trata de perceber as formas femininas desses nomes de função (CAMPBELL, 2004, p. 71)¹⁹¹. Essa postura conservadora, face à formação do feminino no domínio da atividade profissional, talvez encontre reminiscências “[n]a divisão socialmente instituída do trabalho entre homens e mulheres [que] pode ser retratada como um resultado de características fisiológicas nos sexos, ou de diferenças entre sexos” (THOMPSON, 2009, p. 88).

Como vimos, a grande maioria dos nomes masculinos, particularmente os que se referem à profissão, designam igualmente as mulheres, quer dizer, as profissões femininas são frequentemente nomeadas pela forma masculina. Em muitos casos, mesmo que haja a forma do feminino, o nome masculino é

¹⁹⁰ Es, quizá, el más conocido de los ámbitos [el ámbito de la discriminación sexual y de género] por los que a la Academia le han llovido reclamaciones, quejas y recomendaciones de particulares, organizaciones y organismos oficiales, entre ellos, los del Parlamento y, claro está, de instituciones interesadas en cuestiones de igualdad de género, como el *Instituto de la Mujer* del Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y sus filiales autonómicas.

¹⁹¹ Et pourtant les lexicographes montrent un conservantisme extrême lorsqu'il s'agit de rendre compte des formes féminines de ces noms de fonction.

precedido pelo artigo feminino *la*; pelo nome *Madame*, seguido do artigo masculino *le*; ou pelo próprio nome *femme*: *la ministre*; *Madame le ministre*; *femme-avocat*, *femme-médecin*, *femme-écrivain*. Essas discrepâncias são suavizadas quando se trata dos nomes epicenos (ainda que sejam, muitas vezes, ressentidos como masculinos), visto que há uma única forma para designar os dois gêneros. Nesse caso, talvez seja uma tentativa de *unificação* pela utilização de uma palavra supostamente “neutra”, mas que pode ser naturalmente assimilada como masculina.

Em termos de operacionalização da ideologia, observo que a *diferenciação* dos papéis sociais entre homens e mulheres, no domínio das profissões, é uma estratégia predominante, que pode vislumbrar a *fragmentação* da sociedade, a favor da internalização de uma hierarquia social na qual se impõe uma superioridade masculina. Rignault e Richert (*apud* CAMPBELL, 2004, p. 72) afirmam que “a atividade [da mulher] é ocultada, porque ela [a mulher] não é, ainda, integrada na mentalidade coletiva que evolui mais lentamente do que as práticas [sociais]”¹⁹².

3.2.2.2 A designação do desprezo e das injúrias

Analiso, aqui, nomes femininos usados com valor depreciativo (lançados à própria mulher) e também nomes femininos injuriosos, lançados aos homens. Trata-se, no primeiro caso, da feminização (por derivação sufixal) de palavras masculinas, materializada pelo radical do masculino acrescido de um sufixo com valor pejorativo, construído socialmente. E, no segundo caso, da utilização de palavras femininas cujo sufixo diminutivo (em *-ette*) impõe valor negativo. Sobre a categorização genérica das palavras em masculino/feminino, Yaguello (2002, p. 149-150) afirma que:

Em francês, o usuário da língua se depara, a cada instante, com o problema do gênero dos nomes de profissão e dos substantivos de qualidade, porque eles são submetidos aos constrangimentos do

¹⁹² Dans les dictionnaires tout comme dans les manuels scolaires, ‘les femmes n’apparaissent pas comme des acteurs économiques au même titre que les hommes. [...] Leur activité est occultée, parce qu’elle n’est pas encore intégrée dans la mentalité collective qui évolue plus lentement que les pratiques’.

acordo gramatical. [...] Os animados se dividem de acordo com o sexo, com pouquíssimas incoerências¹⁹³.

Uma dessas incoerências é a tendência em se utilizar nomes diminutivos femininos para depreciar a imagem da mulher, inclusive ao se fazer injúrias aos homens. Nesse caso, o sufixo *-ette* é bem recorrente.

As palavras femininas usadas com sentido negativo permeiam diversos campos semânticos. No âmbito das profissões, elas são bem produtivas tal como *doctoresse*. Os termos femininos de injúria, por sua vez, formam uma classe semântica em que se inserem, por exemplo, *femmelette*. Mas, há palavras femininas com valor menos favorável socialmente que se destinam tanto ao homem quanto à mulher. É o caso, p. ex., de *soldatesque*.

Segundo Yaguello (2002, p. 167), “tanto *poétesse* quanto *doctoresse*, são concebidos como [nomes] depreciativos”¹⁹⁴. Para esta pesquisa, destaco *doctoresse* (cf. Anexos, p. 126 e 144), porque já faz parte da descrição de *docteur* (mencionada na subseção anterior). Nas duas edições (1988 e 2006) de *Robert Micro*, *doctoresse* (n. f.) compõe a descrição do verbete *docteur*, sendo apresentada por uma seta dupla com função remissiva (indicando seu valor sinonímico) e por uma outra (►) que indica palavra cognata de *docteur*. Em seguida, o lexicógrafo informa, por meio da palavra *vieilli*, que *doctoresse* é um arcaísmo, significando *femme médecin* (novamente o uso do masculino).

Nas páginas introdutórias do dicionário, o lexicógrafo explica *vieilli*: “palavra, sentido ou expressão ainda compreensível atualmente, mas que não se emprega mais na língua falada corrente”. Esse recurso omite o que de fato acontece com *doctoresse*, contribuindo, assim, com a postura sexista da classe dominante. Nyrop (1979, *apud* YAGUELLO 2002, p. 163) assegura que “*doctoresse*, que remonta ao século XV, se generalizou na língua moderna no início deste século [do século XX] graças ao movimento feminista”¹⁹⁵. A esse comentário, Yaguello (*ibidem*, p. 164) responde que “se, portanto, o emprego

¹⁹³ En français, c’est à chaque instant que le locuteur (ou la locutrice) se heurte au problème du genre des noms d’agent et des substantifs de qualité, car ils sont soumis aux contraintes de l’accord grammatical. [...] Les animés se répartissent selon le sexe avec très peu d’incohérences.

¹⁹⁴ *Poétesse*, ainsi que *doctoresse*, sont perçus comme dépréciatifs.

¹⁹⁵ Nyrop nous assure que *doctoresse*, qui remonte au XV^e siècle, s’est généralisé dans la langue moderne au début de ce siècle grâce au mouvement féministe.

de *doctoresse* foi um dia uma vitória do feminismo, a palavra parece ter se deteriorado ao ponto que, hoje, não é mais reivindicada pelas interessadas¹⁹⁶.

Sabemos que, na verdade, as dissimetrias aí estabelecidas não são apenas de natureza morfológica, mas, principalmente, de natureza social, visto que há regularidade na correspondência entre os gêneros gramaticais masculino/feminino por *-eur/-esse*, respectivamente. E que, portanto, essa correspondência é perfeitamente viável, pois se configura em alternância simétrica e sistemática do masculino e do feminino – regra de base da morfologia da língua francesa. Logo, se a regra de base favorece a ocorrência de regularidades linguísticas na formação/designação genérica gramatical, as diferenças aí existentes resultam de tensões externas causadas, inclusive, por questões ideológicas.

O sufixo *-esse*, como evidencia Yaguello (2002, p. 166-167), já foi muito produtivo na Idade Média, mas “sofreu uma evolução ao mesmo tempo social e histórica¹⁹⁷. A autora acrescenta que:

O sufixo, entretanto, longe de se cristalizar, permanece vivo. Simplesmente, eliminado da língua formal, escrita [...] ele circula na língua popular e principalmente na gíria, onde seu valor, pouco a pouco, pelo jogo das conotações e das associações, se cristaliza em valor negativo e se torna a arma da ridicularização/do escárnio contra as mulheres¹⁹⁸.

Femmelette (cf. Anexos, p. 130 e 147) está registrada na descrição de *femme*, como palavra da mesma família, cuja definição atribui a um *Homme sans force, craintif* (Homem sem força, medroso) e cujo exemplo de uso (aliás, o único) esclarece que esse homem/ele treme, porque é uma verdadeira mulherzinha (*Il tremble, c'est une vraie femmelette*). Ou seja, a comparação aí utilizada, antes mesmo de injuriar o homem, evidencia características da mulher, consideradas negativas. Referindo-se à metáfora, Thompson (2009, p. 85) explica que:

¹⁹⁶ Si donc l'emploi de *doctoresse* fut autrefois une victoire du féminisme, le mot semble s'être détérioré au point qu'il n'est plus aujourd'hui revendiqué par les intéressées.

¹⁹⁷ [...] Malheureusement, le suffixe *-esse* a subi une évolution à la fois sociale et historique.

¹⁹⁸ Le suffixe [-esse], cependant, loin de se figer, reste vivant. Simplement, éliminé de la langue instruite, écrite, [...] il se cantonne dans la langue populaire et principalement dans l'argot, où sa valeur, peu à peu, par le jeu des connotations et des associations, se cristallise en valeur négative et devient l'arme de la dérision envers les femmes.

Expressões metafóricas levantam uma tensão dentro de uma sentença, através da combinação de termos extraídos de campos semânticos diferentes, tensão essa que, se bem sucedida, gera um sentido novo e duradouro. A metáfora pode dissimular relações sociais através de sua representação, ou da representação de indivíduos e grupos nelas implicados, como possuidoras de características que elas, literalmente, não possuem, acentuando, com isso, certas características às custas de outras e impondo sobre elas um sentido positivo ou negativo.

Em *soldat*, logo depois das acepções que definem essa palavra, há a indicação de *soldatesque* como palavra da mesma família, pelo sinal gráfico (►). O verbete *soldatesque* (cf. Anexos, p. 140 e 160) é descrito por duas acepções, em que a última exerce a função de nome feminino, com sentido pejorativo (*péj.*). Nesse caso, o sentido negativo é latente na definição e no exemplo de uso que se seguem: *Ensemble de soldats brutaux et indisciplinés. Violences commises par la soldatesque.*

A respeito da partícula *-ette*, Yaguelo (2002, p. 147) afirma que esse sufixo “impregna facilmente um valor diminutivo e pejorativo”¹⁹⁹. Em relação ao sufixo *-esse*, a autora (*ibidem*, p. 167) apresenta algumas reflexões: “a partir do momento em que o sufixo *-esse* é percebido como pejorativo pelas mulheres, ele muda de função: ele não indica mais o feminino, mas o escárnio, o escárnio para com a mulher que imita o homem”²⁰⁰.

Em resumo, a feminização dos nomes de profissão, na língua francesa, registra em sua história uma espécie de contra-ataque por parte da sociedade como um todo, chegando mesmo a sofrer escárnio através de palavras construídas socialmente, pela adição, por exemplo, dos sufixos *-ette* (sendo diminutivo) e *-esse* (frequentemente depreciativo). O sufixo *-esque* também produz ressentimentos depreciativos na língua. Yaguello (2002, p. 168) afirma que “pelo escárnio que investe às denominações femininas, é o corpo social como um todo [...] que se defende como pode contra o investimento pelas mulheres dos bastões masculinos”²⁰¹.

¹⁹⁹ Ainsi *-ette*, [...] prend facilement une valeur diminutive et péjorative.

²⁰⁰ À partir du moment où le suffixe *-esse* est perçu comme péjoratif pour les femmes, il change de fonction : il n'indique plus le féminin mais la dérision, dérision envers la femme qui singe l'homme.

²⁰¹ Par la dérision qui s'attache aux dénominations féminines, c'est le corps social tout entier [...] qui se défend comme il peut contre l'investissement par les femmes des bastions masculins.

Dessa forma, entendo que a ideologia que permeia nos verbetes analisados é construída, principalmente, pelas estratégias *diferenciação* e *expurgo do outro*, que se sobrepõem e se reforçam mutuamente, cujo *modus operandi* é a *fragmentação*, uma vez que a dominação masculina *pretende* ser mantida e sustentada pela segmentação das mulheres que se dividem em opiniões contra ou a favor do uso das formas masculinas para designar suas diversas funções na vida social. Para isso, recorrem-se às características que opõem e contrapõem os gêneros sociais homem/mulher, enfatizando, portanto, suas diferenças a partir das quais se constrói um inimigo – a mulher – que deve ser rechaçado pela sociedade.

Considerações finais e reflexões sobre a pesquisa

A análise de ideologia(s) em torno do gênero discursivo verbete, no dicionário *Robert Micro* (ed. de 1988 e de 2006), mobilizou a interação da Lexicografia Pedagógica e da Análise de Discurso Crítica, permitindo-me descrever aspectos ideológicos subjacentes em verbetes relativos ao homem e à mulher, investigar os modos de operacionalização da ideologia nesse contexto e verificar mudanças no tratamento da descrição desses verbetes, constantes nas duas edições mencionadas. Face ao que proponho nesta dissertação, apresento algumas observações pontuais no que se refere aos resultados obtidos e às reflexões sobre a pesquisa.

O contexto informacional dos verbetes analisados é bastante frutífero para as conotações e as associações divergentes que delineiam as representações do homem e da mulher. Dentre as categorias de Fairclough (2001a) para a análise de texto como prática social, a mais frequente e produtiva é a dos sentidos das palavras nos/pelos quais se constrói, sobretudo, a ideologia sexista.

Essa ideologia é operacionalizada, principalmente, pelos modos *fragmentação* e *reificação* que, por sua vez, acionam estratégias que *diferenciam* e *naturalizam* os papéis dos gêneros sociais homem/mulher nas práticas sociodiscursivas e que, ainda, *expurgam* a mulher, na/pela memória coletiva, a favor do apagamento feminino diante do masculino quando se trata de poder ou de prestígio social.

Os *modi operandi unificação* e *dissimulação* também são percebidos na descrição de alguns verbetes pelas estratégias da *neutralidade* e do *deslocamento*, respectivamente. A tentativa de neutralização dos significados suaviza as diferenças nas relações de dominação entre homens e mulheres, o que promove unificação (ainda que pontualmente) desses gêneros sociais.

No entanto, trata-se de uma unificação que fragmenta, pois essas relações são ressentidas, seja pelo uso excessivo de adjetivos positivos atribuídos ao homem, seja pela omissão e mesmo pelo apagamento de formas que estruturam a feminização de palavras masculinas. Da mesma forma, o deslocamento da representação feminina com valor positivo para uma representação de sentido negativo é uma estratégia produtiva para que se

estabeleçam e se sustentem relações assimétricas de poder entre esses gêneros, nas mais diversas práticas discursivas.

A *derivação sufixal* (de conotação diminutiva e depreciativa) e o *apagamento* da flexão de gênero gramatical funcionam como estratégias dos modos *fragmentação* e *reificação*, nessa ordem. Essas estratégias também constroem o sentido do texto verbete analisado como forma de manipulação da ideologia sexista que atravessa esse texto. Trata-se, portanto, de um caso específico para ideologias: relações de assimetrias de gênero gramatical.

O tratamento assimétrico entre os verbetes analisados (que se configura numa postura machista, sexista na língua) se materializa nos desequilíbrios morfológicos e semânticos de palavras e enunciados que permeiam, principalmente, a definição, as marcas e os exemplos de uso. Há também um desequilíbrio numérico, pois, os exemplos no masculino são apresentados em maior quantidade. No entanto, essas dissimetrias (dada a sua natureza social) são muito mais ideológicas do que propriamente morfológicas, semânticas ou mesmo numéricas.

O texto lexicográfico delinea-se pela *exigência de legitimação* que se impõe no próprio âmbito das relações de dominação, se considerarmos a concepção tradicional de dicionário como obra que se faz autoridade e ainda as práticas de luta permanente de grupos dominantes para assegurar o consentimento da sociedade, a favor da unilateralidade do poder. Nesse sentido, o dicionário *Robert Micro* fomenta construções ideológicas, no tocante aos gêneros sociais, legitimando relações de dominação entre esses sujeitos sociais pela estratégia da *racionalização* a partir da qual uma cadeia de raciocínio é acionada por formas simbólicas para que essas relações sejam dignas de apoio, porque são legítimas, justas e, dessa maneira, podem ser estabelecidas e sustentadas.

Em termos de aplicabilidade do modelo tridimensional de discurso, proposto por Fairclough (2001a), o foco de análise incide sobre a dimensão da prática social. Todavia, as três dimensões estão interligadas: texto, prática discursiva e prática social. No que se refere ao discurso como texto e como prática social, a análise é orientada com foco nas escolhas lexicais – que o lexicógrafo faz ao descrever determinada palavra – tanto de forma particularizada (vocabulário) quanto no nível do enunciado (gramática), em que

são analisados aspectos ideológicos subjacentes aos sentidos das palavras, às pressuposições e às metáforas.

Quanto ao discurso como prática discursiva – considerando-se os processos de produção, de distribuição e de consumo textual – o dicionário é um construto social que emerge da articulação entre o extradiscursivo e o discursivo, seja pela rotina de produção desse tipo de obra na qual várias pessoas estão envolvidas (em editoras, por exemplo), seja pela distribuição em diversos domínios institucionais (escola, universidade, família etc.) e, ainda, pelo consumo em contextos sociais diversos, de diferentes formas (p. ex., na sala de aula).

A investigação dos modos de operação da ideologia propostos por Thompson (2009) resultou na constatação das seguintes estratégias típicas de construção simbólica: *racionalização*, *deslocamento*, *neutralidade*, *derivação sufixal*, diferenciação, expurgo do outro, *apagamento* e naturalização. A *neutralidade* (pela unificação), a *derivação sufixal* (pela fragmentação) e o *apagamento* (pela reificação) – apesar de não serem apresentadas por Thompson – são estratégias sugeridas na análise porque são produtivas para a construção ideológica do sexismo e, portanto, relevantes no *corpus* analisado.

O lexicógrafo assume também uma postura conservadora ao contribuir com a disseminação de práticas discriminatórias no tocante à interrelação gênero gramatical, sexo e gênero social. Esse conservadorismo se revela na comparação entre as duas edições mencionadas, com foco no tratamento dos verbetes estudados, em cujas descrições há algumas discretas mudanças. Portanto, considerando o *corpus* analisado, a edição de 2006 ainda reproduz práticas e modelos sociais que, muitas vezes, não correspondem com a realidade das sociedades contemporâneas.

A esse discurso no/do contexto dicionarístico, opõe-se uma reação consciente não somente por parte das mulheres, mas também por instituições sociais, que reivindicam tratamento paritário entre homens e mulheres, contrariando práticas ultrapassadas de controle dominante, mas que, ainda, se encontram integradas na memória coletiva e, portanto, refletidas no discurso.

Nesse sentido, esta pesquisa, longe de ter exaurido o objeto, torna-se envolvente porque vislumbra mudanças discursivas – no que concerne ao

machismo e ao sexismo – para a desconstrução da política que assume o dicionário: incluir para excluir.

Além do mais, com apoio na literatura revisitada e com foco no uso desse dicionário nas atividades de recepção e de produção textual da aula de língua francesa, gostaria de dividir com você a responsabilidade de preencher as lacunas desta pesquisa.

Referências

ARAÚJO, E. M. V. M. **O dicionário para aprendizes em sala de aula: uma ferramenta de ensino aprendizagem.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, 2007.

ARRUDA, F. E. C. **Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das Ciências Biológicas para alunos surdos do Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, 2009.

AZORÍN FERNÁNDEZ, D. La investigación sobre el uso del diccionario en el ámbito escolar. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** vol 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 169-191.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BALL, M. Le dictionnaire et l'idéologie dominante : le portrait des groupes marginaux. In: CORNIER, M.; FRANCOEUR, A. **Problèmes et méthodes de la lexicographie québécoise.** Canadá: Centre International de recherche en aménagement linguistique, Université LAVAL au Québec, p. 77-96, 1997.

BAGNO, M. Presidenta, sim!. **CARTA CAPITAL.** Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/presidenta-sim>>. Acesso em 19/01/2011.

BARBOSA, M. A. **Da microestrutura dos vocábulos técnico-científicos.** In: Anais do IV encontro nacional da ANPOLL. Recife: UFPE, 1989.

BESSA, D. **Charges Eletrônicas da Eleições 2006: uma análise de discurso crítica.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2007.

BOU MAROUN, C. R. G. O texto multimodal no Livro Didático de Português. In: VIEIRA, J. A. [et al.]. **Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAMPBELL, E. La représentation des femmes dans les dictionnaires bilingues. **French Studies**, Vol. LVIII, No. I, p. 61-76, 2004.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. O Projeto de Pesquisa. **Metodologia da Pesquisa** – conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

DAMIM, C. P. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Dictionnaire d'apprentissage de la langue française le Robert Micro, 2. ed, DICTIONNAIRES LE ROBERT, Paris: 1988.

Dictionnaire d'apprentissage de la langue française le Robert Micro, 3. ed, DICTIONNAIRES LE ROBERT, Paris: 2006.

DIJK, T. A. van. **Discurso e poder**. HOFFNAGEL, J; FALCONE, K. (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.

DUBOIS, J. Dictionnaire et discours didactique. In: **Langages**, nº 19, pp. 35-47, 1970.

_____. [et al]. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

_____. [et al]. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DUPUY, J. Du bricolage en général et des dictionnaires de langue en particulier. **Les Cahiers de l'APLIUT**, v. XXIX Nº 1, fevereiro 2010.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a, 2008 (reimpressão).

_____. A dialética do discurso. Tradução de Izabel Magalhães. **Textus**, 2001b.

FERNANDES, D. Perigo verde no mundo rosa. **VALOR**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso em 09/07/2010.

FERRAZ, J. A. multimodalidade e formação identitária: o brasileiro em materiais didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE). In: VIEIRA, J. A. [et al.]. **Reflexões sobre a língua portuguesa**: uma abordagem multimodal. Petrópolis: Vozes, 2007.

FORGAS BERDET, E. Dicionários e ideologias. **Interlingüística**, nº 17, pp. 2-16, 2007.

GIRARDIN, C. Contenu, usage social et interdits dans le dictionnaire. In: **Langue Française**, nº 43, pp. 84-99, 1979.

GOMES, J. J. **Discurso feminino**: uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

GOUVEIA, C. A. M. **Análise Crítica do Discurso**: enquadramento histórico. Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/artigos/HCC.pdf>>. Acesso em: 06 abr 2010.

GRILLO, S. V. C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. **Alfa**, n. 52 (1), pp. 57-79, São Paulo: USP, 2008.

HERNÁNDEZ, H. **Los diccionarios de orientación escolar**: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1989.

_____. El diccionario en la enseñanza de E.L.E. (diccionarios de español para extranjeros). In: Actas del XI Congreso internacional de **ASELE**. Zaragoza, 2000.

HUMBLÉ, P. Melhor do que muitos pensam. Quatro dicionários bilíngues português-inglês de uso escolar. **Cardenos de Tradução**, n. 18, pp. 253-273, UFSC, 2006/2.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia,

lexicografia, terminologia. vol 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, pp. 295-309, 2007.

_____. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos.** Cláudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua, Philippe René Marie Humblé [ORGS.] – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **DELTA**, v. 21, nº esp., pp. 1-9, São Paulo, 2005.

MARTIN-RUTLEDGE, V. L'utilité des exemples dans les dictionnaires bilingues français-anglais pour les étudiants en traduction. Traduction: Diane Brunette et Isabelle Guilbault. In: CORNIER, M.; FRANCOEUR, A. **Problèmes et méthodes de la lexicographie québécoise.** Canadá: Centre International de recherche en aménagement linguistique, Université LAVAL au Québec, 1997.

MIEZNIKOWSKI, T. F. E. **Notas de uso em quatro dicionários bilíngues inglês/português e português/inglês.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MOREIRA, G. L. **O uso do dicionário monolíngue na sala de aula: uma ferramenta para compreensão leitora em língua espanhola por alunos avançados de espanhol/LE.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual do Ceará, 2009.

MUSSALIM, F e BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2, 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

NOGUEIRA, C. **Os “mais velhos” na Folha de São Paulo: uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice (1990-1999).** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade de Campinas, São Paulo, 2000.

PARREIRA DA SILVA, M. C. O tratamento da lexicultura nos dicionários bilíngues francês-português, 2006.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê.** Fortaleza: EDUECE, 2009.

_____. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 12(2), pp. 151-170, 2010.

_____. Verbetes lexicográfico como gênero discursivo: a questão do estilo. **SELIN/UFC**, 2011.

RAMALHO, V. Constituição da análise de discurso crítica: um percurso teórico-metodológico. **SIGNÓTICA**, v. 17, n. 2, pp. 275-298, jul./dez. 2005a.

_____. **O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2005b.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. **Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress**, pp. 1069-1081, 2006.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**, Tubarão, v. 5, n. 1, pp. 185-207, jul./dez. 2004.

_____. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

RUDIO, F. V. Pesquisa descritiva e pesquisa experimental. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, pp. 69-86, 1998.

SEABRA, M. C. T. C. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua, Philippe René Marie Humblé [ORGS.] – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SILVA, L. F. P. **Estudo crítico da representação visual do léxico em dicionários infantis ilustrados**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**, 8. ed. – Petrópolis: Vozes, 2009.

WELKER, H. A. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua, Philippe René Marie Humblé [ORGS.] – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008a.

_____. Lexicografia Pedagógica: definições, história, peculiaridades. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (Org.). **Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Santa Catarina: UFSC/NUT, pp. 9-45, 2008b. Disponível em: <www.cilp.ufsc.br/LEXICOPED.pdf>. Acesso em 24/11/2010.

_____. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**, 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WODAK, R. Do que trata a ACD _ um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, nº esp., 2004.

YAGUELLO, M. **Les mots et les femmes**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2002.

Anexos

aviateur, trice [avjatœr, tris] n. ■ Personne qui pilote un avion ou appartient au personnel de l'aviation. *Une combinaison d'aviateur.* ⇒ **pilote**.

aviation [avjasjõ] n. f. 1. Locomotion aérienne par les appareils plus lourds que l'air (à l'exclusion des fusées). ⇒ **aéronautique, air**. — Ensemble des techniques et des activités relatives au transport aérien. *Aviation civile, commerciale, de tourisme. Compagnie d'aviation. Terrain d'aviation, aérodrome, aéroport.* 2. Avions. *Aviation de chasse, de bombardement.* < ► **aviateur** >

aviculture [avikyltyʁ] n. f. ■ Élevage des oiseaux, des volailles. ► **aviculteur, trice** n. ■ Éleveur(euse) d'oiseaux, de volailles.

avide [avid] adj. 1. Qui a un désir immodéré de nourriture. ⇒ **glouton, vorace**. — Poét. *Être avide de sang, se plaire à répandre le sang.* ⇒ **altéré, assoiffé**. 2. Qui désire (qqch.) avec violence. *Un héritier avide.* — AVIDE DE. *Être avide d'argent, de plaisir.* — (+ infinitif) *Être avide d'apprendre.* ⇒ **anxieux, désireux**. 3. Qui exprime l'avidité. *Regards, yeux avides.* ► **avidement** adv. ■ *Manger avidement. Écouter qqn avidement.* ► **avidité** n. f. ■ Désir ardent, immodéré de qqch.; vivacité avec laquelle on le satisfait. *Manger avec avidité.* ⇒ **gloutonnerie, voracité.** *Son avidité pour l'argent.*

avilir [avilir] v. tr. ■ conjug. 2. 1. Rendre vil, méprisable. ⇒ **abaïsser, dégrader, déshonorer, rabaisser.** / contr. *élever, honorer* / *On cherche à l'avilir par des calomnies.* — Pronominale (réfl.). *Il s'avilit par sa lâcheté.* 2. Littér. Abaisser la valeur de. ⇒ **déprécier.** *L'inflation avilit la monnaie.* / contr. *valoriser* / ► **avilissant, ante** adj. ■ Qui avilit (1). *Une dépendance avilissante.* ⇒ **abaissant, dégradant, déshonorant.** / contr. *honorable* / ► **avilissement** n. m. Littér. 1. Action d'avilir; état d'une personne avilie. ⇒ **abaïssement, abjection.** *Tomber dans l'avilissement.* 2. (Valeurs, prix) Le fait de se déprécier. ⇒ **baisse.** *L'avilissement de la monnaie.* / contr. *hausse* /

aviné, ée [avine] adj. ■ Qui a trop bu de vin. ⇒ **ivre.** — *Une haleine avinée, qui sent le vin.*

avion [avjõ] n. m. ■ Appareil de locomotion aérienne plus lourd que l'air, muni d'ailes et d'un organe propulseur. ⇒ **appareil**; vx **aéroplane.** *Vieil avion.* ⇒ fam. **coucou.** *Avions à hélices. Avion à réaction.* ⇒ ② **jet.** *Avion de ligne, de transport. Avions de chasse, de bombardement.* ⇒ **bombardier, chasseur.** *Escadrille d'avions de chasse. Défense contre avions (D.C.A.).* — EN AVION: en vol. — PAR AVION. *Lettre par avion.* < ► **aviation, aviateur** >

aviron [avirõ] n. m. 1. Dans la langue des marins. Rame (mot qui n'est pas employé en marine). *À l'aviron, en ramant.* — Rame légère, à long manche, des embarcations sportives. 2. Sport du canotage. *Faire de l'aviron.*

avis [avi] n. m. invar. 1. Ce que l'on pense, ce que l'on exprime sur un sujet. ⇒ **jugement, opinion, point de vue.** *Donner son avis. Être du même avis que qqn. Je suis de votre avis. Les avis sont partagés, tout le monde n'est pas du même avis. Changer d'avis.* — *Être d'avis de faire, qu'on fasse qqch.* — *À mon avis, selon moi.* 2. Opinion exprimée dans une délibération. ⇒ **voix, vote.** *Tous les membres ont émis un avis. Avis du Conseil d'État.* 3. Ce que l'on porte à la connaissance de qqn. ⇒ **information.** *Avis au public. Sauf avis contraire. Donner avis que...* ⇒ ② **aviser.** 4. Opinion donnée à qqn sur une conduite à tenir. *Demander, solliciter l'avis de qqn, d'un expert.*

① **aviser** [avize] v. tr. ■ conjug. 1. I. V. tr. 1. Apercevoir inopinément (qqch.) pour prendre, utiliser. *Il avise un portefeuille oublié sur un banc, il le ramasse.* 2. Transitivement ind. AVISER À: réfléchir, songer à (qqch.). *J'aviserai à la situation, à ce qu'il faut faire: j'y aviserai.* II. S'AVISER de v. pron. 1. Faire attention à qqch. que l'on n'avait pas remarqué tout d'abord. *Elle s'est brusquement avisée de cela.* ⇒ **s'apercevoir.** 2. *S'aviser de* (+ infinitif), être assez audacieux pour. *S'il s'avise de bavarder, cet élève sera puni.* ⇒ **essayer.** ► **avisé, ée** adj. ■ Qui agit avec à-propos et intelligence après avoir mûrement réfléchi. *Un homme avisé. Vous avez été bien avisé de venir.*

② **aviser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Littér. ou terme d'administration. Avertir (qqn de qqch.) par un avis. ⇒ **avertir, informer.** *Elle avait été avisée du mariage de son frère.* < ► **avis** (3) >

aviso [avizo] n. m. ■ Petit bâtiment de guerre employé comme escorte. *Des avisos.*

avitaminose [avitaminoz] n. f. ■ Maladie déterminée par la privation de vitamines.

aviver [avive] v. tr. ■ conjug. 1. I. Rendre plus vif, plus éclatant. ⇒ **animer.** *Aviver le feu.* ⇒ **activer.** *L'émotion avivait son teint.* II. Fig. 1. Rendre plus fort. ⇒ **exciter.** *Aviver des regrets.* ⇒ **augmenter.** *Aviver une dispute.* ⇒ **envenimer.** 2. Rendre plus douloureux. *Aviver une plaie, une douleur.* ► **avivement** n. m. ■ Littér. Action d'aviver. < ► **raviver** >

① **avocat, ate** [avoka, at] n. 1. Personne régulièrement inscrite à un barreau*, qui conseille en matière juridique, assiste ou représente ses clients en justice (on dit *une avocate* ou *un avocat* pour une femme). *Consulter un avocat. Avocat d'affaires. L'Ordre des avocats.* — AVOCAT GÉNÉRAL: membre du ministère public qui supplée le procureur général. 2. Personne qui défend (une cause, une personne). ⇒ **défenseur.** *Elle s'est faite l'avocat de cette cause.* — Loc. *L'avocat du diable*, personne qui défend volontairement une mauvaise cause (pour prouver qqch.).

② **avocat** n. m. ■ Fruit de la grosseur d'une poire, à peau verte, dont la chair a la consistance du beurre et un goût rappelant celui de l'artichaut. ► **avocatier** n. m. ■ Arbre dont le fruit est l'avocat.

déprédation

ne pas apprécier à sa valeur réelle ; chercher à déconsidérer. ⇒ **critiquer, décrier, dénigrer, rabaisser**. *Il cherche à vous déprécier par jalousie, par rivalité.* II. SE DÉPRÉCIE V. pron. (suj. chose) : perdre de sa valeur. *Monnaie qui se déprécie, dont le pouvoir d'achat baisse (⇒ se dévaloriser).* ► **dépréciation** n. f. ■ Action de déprécier ; état de ce qui est déprécié. *Dépréciation des marchandises, de la monnaie.* ⇒ **dévalorisation**.

déprédation [depredasjɔ̃] n. f. ■ Administration. Dommage matériel causé aux biens d'autrui, aux biens publics. ⇒ **dégradation, détérioration**. *Les déprédations causées par des vandales. Les émeutiers se sont livrés à des déprédations.*

① **dépression** [depresjɔ̃] n. f. I. Enfoncement, concavité dans le relief. ⇒ **creux**. *Dépression de terrain.* II. *Dépression atmosphérique*, baisse de la pression atmosphérique (temps pluvieux, froid).

② **dépression** n. f. I. État mental pathologique caractérisé par de la lassitude, du découragement, de la faiblesse, de l'anxiété. ⇒ **mélancolie, neurasthénie** ; fam. **déprime**. *Avoir des moments de dépression, être déprimé. — Dépression nerveuse, crise d'abattement.* II. Anglic. Crise économique. ► **dépressif, ive** adj. ■ Relatif à la dépression. *États dépressifs.*

déprimer [deprime] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Affaiblir physiquement ou moralement. ⇒ **abattre, décourager, démoraliser** ; ② **dépression**. *La mort de son fils l'a beaucoup déprimé.* 2. (ÊTRE) DÉPRIMÉ, ÉE. *Se sentir déprimé. Je l'ai trouvée très déprimée.* ► **déprimant, ante** adj. ■ Qui déprime. *Climat déprimant.* ⇒ **débilitant**. — *Occupation morne et déprimante.* ⇒ **démoralisant**. ► **déprime** n. f. ■ Fam. Le fait d'être déprimé. ⇒ ② **dépression**.

dépuceler [depysle] v. tr. ■ conjug. 4. ■ Fam. Faire perdre son pucelage à (une fille, un garçon). ⇒ **déflorer**.

depuis [d(ə)puʝi] prép. ■ À partir de. I. (Temps) 1. À partir de (un moment passé). ⇒ **dès**. *Depuis le 15 mars, à partir de cette date. Depuis le matin jusqu'au soir, du matin au soir. Depuis quand ? (quel moment).* — Adv. *Nous ne l'avons plus vu depuis. Depuis, nous sommes inquiets.* — À partir de (une époque passée). *Depuis sa mort.* — *Depuis Platon, Aristote.* — DEPUIS QUE loc. conj. (+ indicatif). *Depuis qu'il est parti.* 2. Pendant la durée passée qui sépare du moment dont on parle. *On vous cherche depuis dix minutes, il y a dix minutes que... ⇒ voilà.* « *Vous ne l'avez pas vu depuis combien de temps ?* — *Depuis quelques jours.* » *Depuis longtemps. Depuis peu, récemment. Depuis le temps que..., il y a si longtemps. Depuis le temps que je lui dis d'être prudent !* II. (Espace) 1. DEPUIS... JUSQU'À : de cet endroit à tel autre. ⇒ **de**. *Depuis Paris jusqu'à Strasbourg.* 2. DEPUIS employé seul,

marque la provenance avec une idée de continuité. *Depuis Tours, il pleut. On l'entend depuis le perron, du perron.* — Abusiv. *Transmis depuis Marseille, de Marseille.* III. DEPUIS... JUSQU'À : exprime une succession ininterrompue dans une série. *Depuis le début jusqu'à la fin ; depuis A jusqu'à Z. Depuis le haut jusqu'en bas.* — Ellipt. *Costumes depuis 1500 francs, à partir de.*

dépurer [depyre] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Didact. Rendre plus pur. ⇒ **épurer, purifier**. *Dépurer le sang.* ► **dépuratif, ive** adj. et n. m. ■ Qui purifie l'organisme, en favorisant l'élimination des toxines, des poisons. *Plante dépurative.* — N. m. *Prendre un dépuratif.*

député [depyte] n. m. ■ Personne élue pour faire partie d'une assemblée délibérante. ⇒ **représentant**. *Les députés du tiers état sous l'Ancien Régime.* — En France. Représentant élu pour faire partie de la chambre législative. ⇒ **élu, n., parlementaire**. *Être élu député. Madame le député ou Madame la députée (n. f.). La Chambre des députés ou Assemblée nationale.* ► **députation** n. f. ■ Fonction de député. *Candidat à la députation.*

déraciner [derasine] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Arracher (ce qui tient au sol par des racines). ⇒ **extirper**. *L'orage a déraciné plusieurs arbres.* / contr. **enraciner** / 2. Abstrait. *Déraciner une erreur.* 3. *Déraciner qqn, l'arracher de son pays, de son milieu.* — N. Un *déraciné.* ► **déracinement** n. m.

① **dérailer** [deraje] v. intr. ■ conjug. 1. ■ (Wagons, trains) Sortir des rails. *Faire dérailler un train.* ► **déraillement** n. m. ► **dérailleur** n. m. ■ Sur une bicyclette, changement de vitesse (qui fait que la chaîne « déraile » et change de pignon).

② **dérailer** v. intr. ■ conjug. 1. ■ Fonctionner anormalement. *Voix qui déraile.* — Fam. S'écarter du bon sens. ⇒ **déraisonner, divaguer**. *Elle déraile drôlement !*

déraison [derezɔ̃] n. f. ■ Littér. Manque de raison dans les paroles ou la conduite. *C'est le comble de la déraison !* ► **déraisonnable** adj. ■ Qui n'est pas raisonnable. ⇒ **absurde, insensé**. *Conduite déraisonnable.* ► **déraisonner** v. intr. ■ conjug. 1. ■ Littér. Tenir des propos dépourvus de raison, de bon sens. ⇒ **divaguer** ; fam. ② **dérailer, déménager** (3). *Vous déraisonnez !*

① **déranger** [derāʝe] v. tr. ■ conjug. 3. 1. Déplacer de son emplacement assigné ; mettre en désordre (ce qui était rangé). ⇒ **bouleverser, chambarder, déplacer**. *Déranger des papiers. Ne dérangez pas mes affaires.* 2. Troubler le fonctionnement, l'action normale de (qqch.). ⇒ **dérégler, détraquer**. *L'orage a dérangé le temps.* ► **dérangé, ée** adj. ■ Détraqué. *Il a le cerveau, l'esprit un peu dérangé.* ⇒ **malade**. ► ① **dérangement** n. m. 1. Mise en désordre. 2. Dérèglement (dans le fonctionnement). *Ligne (téléphonique) en dérangement.*

arrondissement (à Paris). ► **dix-sept** [disset] adj. numér. invar. et n. invar. 1. Adj. cardinal. (17; XVII). *Dix-sept cents* (1 700). — Adj. ordinal. *Le numéro dix-sept*. 2. N. m. Nombre formé de dix plus sept. ► **dix-septième** adj. et n. ■ *Le XVII^e (siècle)*. *Il est le dix-septième de sa classe*. < ► **dizaine**, quatre-vingt-dix, soixante-dix >

dizaine [dizɛn] n. f. 1. Groupe de dix unités (nombre). *Une dizaine de mille*. *Le chiffre des dizaines*. 2. Réunion de dix personnes, de dix choses (ou environ) de même nature. *Une dizaine de livres*. *Il y a une dizaine d'années*. 3. *Une dizaine de chapelet*, série de dix grains d'un chapelet; série de dix prières qui y correspond.

djellaba(h) [dʒɛlabɑ] n. f. ■ Longue robe à manches longues et à capuchon, portée par les hommes et les femmes, en Afrique du Nord. *Des djellaba(h)s bleues*.

do [do] n. m. invar. ■ Premier son de la gamme naturelle. ⇒ **ut**. *Do dièse, do bémol*. *Dans la notation allemande, anglaise, do est désigné par C*.

doberman [dɔbɛʁmɑn] n. m. ■ Chien de garde appartenant à une race d'origine allemande, à poils ras, de forme svelte. *Des dobermans*.

docile [dɔsil] adj. ■ Qui obéit facilement. ⇒ **obéissant**. *Docile à, avec, envers (qqn, qqch.)*. *Caractère docile*. ⇒ **facile, maniable**. — *Animal, monture docile*. / contr. **indocile** / — *Cheveux dociles*, qui se coiffent aisément. ► **docilement** adv. ■ *Il me suivit docilement*. ► **docilité** n. f. ■ Comportement soumis; tendance à obéir. ⇒ **obéissance**. *Il se résigna avec docilité*. < ► **indocile** >

dock [dɔk] n. m. 1. Vaste bassin entouré de quais et destiné au chargement et au déchargement des navires. 2. Hangars, magasins situés en bordure de ce bassin. *Dock à blé*. *Aller se promener aux docks*. ► **docker** [dɔkɛʁ] n. m. ■ Ouvrier qui travaille au chargement et au déchargement des navires. ⇒ **débardeur**. *Grève des dockers*.

docte [dɔkt] adj. ■ Vieilli. Érudit, savant. — Péj. *Un docte personnage*. ⇒ **pédant**. ► **doctement** adv. ■ *Parler doctement*. ⇒ **savamment**. < ► ① **docteur** >

① **docteur** [dɔktœʁ] n. m. — REM. S'emploie le plus souvent avec un compl. 1. Les DOCTEURS DE L'ÉGLISE : les théologiens qui ont enseigné les dogmes du christianisme. 2. Personne qui est promue au plus haut grade universitaire dans une faculté. ⇒ **doctorat**. *Docteur ès lettres*. *Docteur en droit, en médecine*. *Elle est docteur ès sciences*. — REM. *Docteur ès* doit être suivi d'un nom au pluriel sans article (*ès* veut dire « dans les »). ► **doctoral, ale, aux** [dɔktɔʁal, o] adj. ■ Péj. *Air, ton doctoral*, l'air, le ton grave, solennel de celui qui pontifie. ⇒ **docte, doctrinaire, pédantesque**. ► **doctorat** n. m. ■ Grade de docteur. *Avoir un doctorat ès lettres, en médecine*. *Thèse de doctorat*. < ► ② **docteur** >

do-déca-

② **docteur** n. m. ■ Personne qui possède le titre de docteur en médecine et qui exerce la médecine ou la chirurgie (abrév. *Dr* ou *D^r*). ⇒ **médecin**; fam. **toubib**. *Il, elle est docteur*. *Appeler, faire venir le docteur*. *Allez chez le docteur*. *Le docteur Marie Dupont*. ⇒ **doctoresse**. — (Appellatif) *Bonjour, docteur* (aussi à une femme). ► **doctoresse** n. f. ■ Vieilli. Femme médecin.

doctrine [dɔktrin] n. f. 1. Ensemble de principes, de croyances, de règles qu'on affirme être vrais et par lesquels on prétend fournir une interprétation des faits, orienter ou diriger l'action. ⇒ **dogme, système, théorie**. *La doctrine de Hegel*. *Les adeptes d'une doctrine*. *Doctrines politiques, religieuses, morales, philosophiques*. 2. Ensemble des travaux juridiques destinés à exposer ou à interpréter le droit (opposé à **législation** et à **jurisprudence**). ► **doctrinaire** n. et adj. 1. Personne qui se montre étroitement attachée à une doctrine, à une opinion. ⇒ **dogmatique**. 2. Adj. Doctoral, sentencieux. *Il parla d'un ton doctrinaire*. ► **doctrinal, ale, aux** adj. ■ Qui se rapporte à une doctrine, aux systèmes de doctrine. *Querelles doctrinales*. < ► **endoctriner** >

document [dɔkymɑ] n. m. 1. Écrit qui sert de preuve ou de renseignement. *Documents scientifiques*. *Les archives sont l'ensemble des documents*. 2. Objet ou texte servant de preuve, de témoignage. ⇒ **pièce** à conviction. *C'est un document précieux pour l'enquête*. *Document historique*. *Document cinématographique*. *Document sonore*. 3. Pièce qui permet d'identifier une marchandise en cours de transport. ► **documentaliste** n. ■ Personne dont le métier est de réunir, classer, conserver et utiliser des documents. ► ① **documentaire** adj. 1. Qui a le caractère d'un document, repose sur des documents. *Ce livre présente un réel intérêt documentaire*. — Loc. *À titre documentaire*, à titre de renseignement. 2. Qui concerne l'information des documents. *L'analyse documentaire*. ► ② **documentaire** n. m. ■ Film instructif destiné à montrer des faits enregistrés et non élaborés pour l'occasion (opposé à **film de fiction**). *Des documentaires de court métrage*. ► **documenter** v. tr. ■ conjug. 1. 1. Fournir des documents à (qqn). ⇒ **informer**. *Documenter qqn sur une question*. — Pronominalement. *Elle s'est documentée sur ce sujet*. — Au passif et p. p. adj. (ÊTRE) DOCUMENTÉ, ÉE. *Elle est très bien documentée sur...* 2. Appuyer, étayer sur des documents (surtout au p. p.). *Thèse solidement documentée*. ► **documentation** n. f. 1. Recherche de documents. *Travail, fiches de documentation*. 2. Ensemble de documents sur un sujet. *Réunir une documentation*. *Une riche documentation*. — Abrév. fam. *La doc*. 3. Connaissances, travail de documentaliste. < ► **porte-documents** >

do-déca- ■ Élément savant signifiant « douze ». ► **do-décaphonique** [dɔdekafɔnik] adj. ■ (Musique) Qui utilise la série de douze sons. ⇒ **sériel**. *La musique do-décapho-*

écoutille

écouter nos conseils. ⇒ **suivre**. *Ces enfants n'écoutent pas leurs parents.* ⇒ **obéir**. — *N'écouter que son courage, son devoir, se laisser uniquement guider par lui.* 3. V. pron. **S'ÉCOUTER.** *Il s'écoute parler, il parle lentement et avec complaisance, en s'admirant.* — *Suivre son inspiration. Si je m'écoutais, je n'irais pas.* — *Prêter une trop grande attention à sa santé.* ⇒ **s'observer**. *Ne vous écoutez pas tant, vous irez mieux.* ► **écoute** n. f. 1. **ÊTRE AUX ÉCOUTES** (à un endroit où on peut guetter, écouter) : être aux aguets, très attentif. *Journaliste aux écoutes de l'actualité.* 2. Détection par le son. *Appareil d'écoute sous-marine, servant à repérer des sous-marins. Poste d'écoute.* 3. Action d'écouter une communication téléphonique, une émission radiophonique. *Les heures de grande écoute. Restez à l'écoute. Prenez l'écoute, commencez à écouter. Table d'écoute, permettant d'intercepter les communications téléphoniques.* ► **écouteur** n. m. ■ Partie du récepteur téléphonique qu'on applique sur l'oreille pour écouter. *Prendre l'écouteur.*

écoutille [ekuti] n. f. ■ Ouverture rectangulaire pratiquée dans le pont d'un navire et qui permet l'accès aux étages inférieurs. *Fermer les écoutilles.*

écouvillon [ekuvijõ] n. m. ■ Brosse cylindrique pour nettoyer un objet creux (canon, etc.). *Nettoyer une bouteille avec un écouvillon.* ⇒ **goupillon**.

écrabouiller [ekrabuje] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Fam. **Écraser**, réduire en bouillie (un être vivant, un membre, une chose). ⇒ **broyer**. *Regarde où tu marches, tu écrabouilles les fleurs.* ⇒ **écraser**.

écran [ekrã] n. m. 1. Panneau, enveloppe ou paroi destinée à protéger de la chaleur, d'un rayonnement, des actions électriques ou magnétiques. *Écran métallique.* 2. Objet interposé qui dissimule ou protège. *Un écran de fumée.* ⇒ **rideau**. *Faire écran de (avec) sa main.* 3. Surface sur laquelle se reproduit l'image d'un objet. *Écran de projection ou écran, surface blanche sur laquelle sont projetées des images photographiques ou cinématographiques.* *Écran de cinémascope.* — Loc. Cinéma. *Crever l'écran, avoir beaucoup de présence. C'est un acteur qui crève l'écran.* — Surface fluorescente sur laquelle se forme l'image dans les tubes cathodiques. *L'écran d'un récepteur de télévision.* 4. **L'écran**, l'art cinématographique. *Porter un roman à l'écran, en tirer un film.* — Le **PETIT ÉCRAN** : la télévision. *Une vedette du petit écran.*

écraser [ekraze] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Aplatiser et déformer (un corps) par une forte compression, par un choc violent. *Écraser une limace sous son pied.* ⇒ fam. **écrabouiller**. *La porte en se refermant lui a écrasé le doigt. Écraser du poivre, de l'ail.* ⇒ **piler**. — Pronominalement. *L'avion s'est écrasé au sol.* 2. Renverser et passer sur le corps de. *Il s'est fait écraser*

(par une automobile). — Au p. p. adj. *La rubrique des chiens écrasés, dans un journal, les faits divers sans intérêt.* 3. Fam. Appuyer fortement sur. *Il a écrasé la pédale de frein.* — Pronominalement. *Se serrer à l'extrême, s'entasser. La foule s'écrasait dans le métro.* 4. Dominer par sa masse, faire paraître bas ou petit. *Les grands immeubles écrasaient les pavillons.* — (Personnes) Dominer, humilier. *Il nous écrase de son luxe.* 5. **Écraser qqn de...** ⇒ **accabler, surcharger**. — Au passif. *Le peuple était écrasé d'impôts.* 6. Vaincre, réduire totalement (un ennemi, une résistance). ⇒ **anéantir**. *L'armée a écrasé l'insurrection. Notre équipe a été écrasée, a subi une lourde défaite.* 7. Fam. **EN ÉCRASER** : dormir profondément. — Fam. *Écrase !, n'insiste pas, laisse tomber !* 8. **S'ÉCRASER** v. pron. : se faire petit. *Je m'écrasais contre le mur pour le laisser passer.* — Fam. *S'écraser devant qqn, ne pas protester, ne rien dire. Tu ferais mieux de t'écraser.* ► **écrasé, ée** adj. ■ Très aplati, court et ramassé. *Un nez écrasé.* ► **écrasant, ante** adj. 1. Extrêmement lourd. *Un poids écrasant. Une responsabilité écrasante. Des dettes écrasantes. Il faisait une chaleur écrasante.* ⇒ **accablant**. 2. Qui entraîne l'écrasement de l'adversaire. *Il a fait preuve d'une supériorité écrasante.* ► **écrasement** n. m. 1. Action d'écraser, fait d'être écrasé. *L'écrasement du raisin dans la cuve.* 2. Destruction complète (des forces d'un adversaire). ⇒ **anéantissement**. *L'écrasement des forces ennemies, d'une révolte.* ► **écraseur, euse** n. ■ Conducteur dangereux. ⇒ **chauffard**. < ► **écrabouiller** >

écrémer [ekreme] v. tr. ■ conjug. 6. 1. Dépouiller (le lait) de la crème, de la matière grasse. — Au p. p. adj. *Lait écrémé, demi-écrémé.* ⇒ **maigre**. 2. Dépouiller des meilleurs éléments (un ensemble, un groupe). *Sa collection a déjà été écrémée, les pièces rares n'y sont plus.* ► **écrémage** n. m. ■ Action d'écrémer (1). *L'écrémage du lait pour faire le beurre.* ► **écrémeuse** n. f. ■ Machine à écrémer le lait.

écrevisse [ekrəvis] n. f. ■ Crustacé d'eau douce, de taille moyenne, aux pattes antérieures armées de fortes pinces. *Préparer des écrevisses au court-bouillon.* — Loc. *Marcher, aller comme une écrevisse, à reculons.* — *Rouge comme une écrevisse* (comme les écrevisses après la cuisson).

s'écrier [ekrije] v. pron. ■ conjug. 7. ■ Dire d'une voix forte et émue. *Elle s'écria que c'était injuste. « Dépêchez-vous ! » s'écria-t-il.*

écrin [ekrē] n. m. ■ Boîte ou coffret où l'on range des bijoux, des objets précieux. *Ranger l'argenterie dans les écrins.*

écrire [ekri] v. tr. ■ conjug. 39. I. 1. Tracer (des signes d'écriture, un ensemble organisé de ces signes). *Effacez ce que vous avez écrit. Écrire un paragraphe. Écrire quelques mots sur (dans) un cahier.* — Sans compl. *Apprendre à écrire. Il ne sait ni lire, ni écrire. Écrire mal,*

comme un chat. *Écrire gros, fin. Écrire en majuscules. Écrire lisiblement. Écrire au brouillon, au propre.* — Orthographe. Je ne sais pas écrire son nom. Pronominalement. « Appeler » s'écrit avec deux p. **2.** Consigner, noter par écrit. ⇒ **inscrire, marquer.** J'ai dû écrire son adresse quelque part. **3.** Rédiger (un message destiné à être envoyé à qqn). Il écrivait une longue lettre à sa mère. Pronominalement. Ils ne s'écrivent plus. — Sans compl. Faire de la correspondance. Il n'aime pas écrire. **4.** Annoncer par lettre. Je lui ai écrit que j'étais malade. **II.** **1.** Composer (un ouvrage scientifique, littéraire). Il a commencé à écrire ses mémoires. Il n'a rien écrit cette année. ⇒ **publier.** — Sans compl. Composer un texte pour la publication. *Écrire en prose, en vers. Il écrit dans un grand journal.* — Sans compl. Être écrivain et produire. **2.** Exprimer sa pensée par le langage écrit. Il écrit comme il parle. Il écrit bien, mal. *L'art d'écrire, de bien écrire.* **3.** Exposer (une idée) dans un ouvrage. On lui a reproché d'avoir écrit que... ▶ **① écrit** n. m. **1.** Document écrit. Un écrit anonyme. **2.** Ouvrage de l'esprit, composition littéraire, scientifique. ⇒ **livre, œuvre.** Les écrits des anciens. **3.** Épreuves écrites d'un examen ou d'un concours. Il attend les résultats de l'écrit. *L'écrit et l'oral.* **4.** PAR ÉCRIT loc. adv. : par un document écrit. Je veux que vous m'en donniez l'ordre par écrit. ▶ **② écrit, ite** adj. **1.** Tracé par l'écriture. Des notes très mal écrites. — Couvert de signes d'écriture. Deux pages écrites et une page blanche. **2.** Exprimé par l'écriture, par des textes. / contr. **oral, parlé / La langue écrite.** **3.** Qui est voulu par la Providence ou le destin, fixé et arrêté d'avance. C'était écrit. ⇒ **fatal.** Il est écrit qu'on n'y arrivera jamais. ▶ **écriteau** n. m. ■ Surface plane portant une inscription en grosses lettres, destinée à faire connaître qqch. au public. ⇒ **pancarte.** Un écriteau annonçait que la maison était à vendre. Des écriteaux. ▶ **écritoire** n. f. ■ Anciennement. Petit coffret contenant tout ce qu'il faut pour écrire. Une écritoire portative. ▶ **écriture** n. f. **1.** Système de signes visibles, tracés, représentant le langage parlé. *Écriture idéographique (ex. : hiéroglyphes), alphabétique.* **2.** Type de caractères adopté dans un tel système. *Écriture gothique, romaine, arabe, russe (cyrillique).* **3.** Manière personnelle dont on trace les caractères en écrivant ; ces caractères. ⇒ **graphologie.** Avoir une belle écriture, une écriture illisible. J'ai reconnu votre écriture. **4.** Littér. Manière d'écrire (II) d'une personne (style), d'une époque, etc. *L'écriture automatique, technique des surréalistes visant à traduire la pensée spontanée.* — Acte d'écrire. **5.** Droit. Écrit. *Faux en écriture.* — Au plur. Actes de procédure nécessaires à la soutenance d'un procès. — Inscription d'une opération comptable. *Passer une écriture. Tenir les écritures, la comptabilité.* **6.** (Avec une majuscule) *L'Écriture, les Écritures, les livres saints.* ⇒ **Bible.** ▶ **écrivain** n. m. **1.** Personne qui compose,

écrit des ouvrages littéraires. ⇒ **auteur.** Les grands écrivains. Le style d'un écrivain. Elle est écrivain (parfois écrivaine, n. f.). Un écrivain traduit en plusieurs langues. **2.** ÉCRIVAIN PUBLIC : celui qui écrit (des lettres, etc.) pour ceux qui ne savent pas ou savent mal écrire. ▶ **écrivainleur, euse** [ekrivajœr, øz] ou **écrivainillon** [ekrivajɔ̃] n. ■ Péj. Homme ou femme de lettres médiocre (qui ne fait qu'écrire ou écrivasser). < ▶ récrire >

① écrou [ekru] n. m. ■ Procès-verbal constatant qu'un individu a été remis à un directeur de prison, et mentionnant la date et la cause de l'emprisonnement. *Registre d'écrou. Levée d'écrou,* constatation de la remise en liberté d'un détenu. ▶ **écrouer** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Inscrire sur le registre d'écrou, emprisonner. Il a été écroué à la prison de la Santé. ⇒ **incarcérer.** / contr. **élargir, libérer /**

② écrou n. m. ■ Pièce de métal, de bois, etc., percée d'un trou fileté pour le logement d'une vis ou d'un boulon. *Serrer, desserrer des écrous.*

écrouelles [ekruɛl] n. f. pl. ■ Abcès ganglionnaires que le roi de France, le jour du sacre, était censé pouvoir guérir par attouchement. ⇒ **scrofuleux.**

s'écrouler [ekrue] v. pron. ■ conjug. 1. **1.** Tomber soudainement de toute sa masse. ⇒ **s'abattre, s'affaisser, crouler, s'ébouler, s'effondrer.** Des pans de murs s'écroulaient dans les flammes. — Au p. p. adj. Une maison écroulée. **2.** Abstrait. Subir une destruction, une fin brutale. ⇒ **sombrier.** Sa fortune, son autorité s'est écroulée. Tous ses projets s'écroulent. **3.** Fam. (Personnes) Se laisser tomber lourdement. ⇒ **s'affaler.** Il s'écroula dans un fauteuil. **4.** Fig. Être accablé de. Le soir, il s'écroulait de fatigue. — Fam. *S'écrouler (de rire),* n'en plus pouvoir à force de rire. Au p. p. adj. Rien qu'à le voir, on était tous écroulés. ▶ **écroulement** n. m. **1.** Fait de s'écrouler, chute soudaine. ⇒ **effondrement, ruine.** L'écroulement d'un mur. **2.** Fig. Destruction soudaine et complète. ⇒ **anéantissement.** Après l'écroulement de l'Empire. L'écroulement de sa raison. **3.** Fait de s'écrouler physiquement, de s'effondrer.

écru, ue [ekry] adj. ■ Qui n'est pas blanchi, lessivé (chanvre, soie...). *Toile écru.*

-ectomie ■ Élément savant signifiant « ablation ». ⇒ **-tomie.**

ectoplasme [ektɔplasm] n. m. ■ Émission visible du corps du médium ②. — Par plaisanterie. Personne faible, molle, silencieuse qu'on ne remarque pas. ⇒ **zombie.**

écu [eky] n. m. **1.** Bouclier des hommes d'armes au Moyen Âge. **2.** Champ en forme de bouclier où sont représentées les pièces des armoiries ; ces armoiries. ⇒ **écusson.** **3.** Ancienne monnaie française. Un écu d'or. — Ancienne pièce de cinq francs en argent. < ▶ écusson >

feldspath

Boxeur qui fait une feinte. 3. Fam. Attrape, piège. ► **feinter** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Fam. Tromper (qqn) par une feinte. ⇒ avoir, posséder, rouler, tromper. Il a été plus malin que moi, j'ai été bien feinté.

feldspath [feldspat] n. m. ■ Minéral à structure en lamelles, à éclat vitreux.

fêler [fele] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Fendre (un objet cassant) sans que les parties se séparent. ⇒ briser, rompre. — Pronominalement. La glace s'est fêlée (⇒ fêlure). ► **fêlé, ée** adj. 1. Qui est fêlé, présente une fêlure. Une assiette fêlée et ébréchée. 2. Voix fêlée, cassée, au timbre peu clair. 3. Avoir la tête, le cerveau fêlé, être un peu fou. Fam. Tu es fêlé ! < ► fêlure >

félibre [felibr] n. ■ Écrivain, poète de langue d'oc (surtout provençal), faisant partie du Félibrige.

félicité [felisite] n. f. 1. Littér. Bonheur calme et durable. ⇒ béatitude. 2. Littér. Au plur. Joies, plaisirs.

féliciter [felisite] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Assurer (qqn) de la part qu'on prend à ce qui lui arrive d'heureux. ⇒ congratuler. Féliciter la jeune accouchée. 2. Complimenter (qqn) sur sa conduite. ⇒ applaudir, approuver. Il m'a félicité d'avoir été si prudente. / contr. blâmer / Je ne vous félicite pas pour cette initiative. 3. SE FÉLICITER v. pron. : s'estimer heureux, content. ⇒ se réjouir. Je me félicite de ton succès. / contr. déplorer / — S'approuver soi-même. Je me félicite de mon choix, d'avoir choisi cela. / contr. se reprocher / ► **félicitations** n. f. pl. 1. Compliments que l'on adresse à qqn pour lui témoigner la part que l'on prend à ce qui lui arrive d'heureux. ⇒ congratulation. / contr. condoléances / Faire, adresser des félicitations. Toutes mes félicitations. 2. Chaleureuse approbation. ⇒ éloge. Recevoir les félicitations du jury. / contr. blâme /

félin, ine [felē, in] n. et adj. 1. N. m. UN FÉLIN : un carnassier du type chat. Les grands félins (tigres, lions, panthères...). ⇒ fauve. 2. Adj. Qui a les mouvements doux, souples et gracieux du chat. Une grâce féline.

fellag(h)a [fe(ɛl)laga] n. m. ■ Nom donné par les Français aux combattants partisans de l'Algérie indépendante (1954-1962). Des fellaghas. ⇒ moudjahid.

fellah [fe(ɛl)la] n. m. ■ Paysan égyptien. Des fellahs.

félon, onne [felō, ɔn] adj. ■ Pendant la féodalité. Qui agit contre la parole donnée. Un vassal félon. ⇒ traître. ► **félonie** n. f. ■ Trahison.

felouque [fɛluk] n. f. ■ Petit bateau de la Méditerranée ou du Nil, à voile ou à rames.

fêlure [felyr] n. f. ■ Fente d'une chose fêlée. Fêlure d'une assiette.

femelle [fəmei] n. f. et adj. I. N. f. 1. Animal du sexe qui reproduit l'espèce en étant fécondé par le mâle. La chèvre est la femelle du bouc.

2. Injurieux. Femme. II. Adj. 1. (Animaux et plantes) Une souris femelle, un hareng femelle. Un démon femelle, une femme mauvaise. Palmier femelle. 2. Se dit de pièces destinées à en recevoir une autre, appelée « mâle ». Tuyau femelle, prise femelle.

féminin, ine [feminē, in] adj. 1. Qui est propre à la femme. Sexe féminin. Charme féminin. / contr. masculin, viril / 2. Qui a de la féminité (2). Il a un beau visage, des traits un peu féminins. Elle est très féminine. 3. Qui concerne les femmes. Main-d'œuvre féminine. Journaux féminins. 4. (Quand il y a deux genres) Qui appartient au genre marqué (opposé à masculin). « Sentinelle » est un nom féminin. — N. m. Accord du féminin. 5. Rime féminine, terminée par un e muet. ► **féminiser** v. tr. ■ conjug. 1. 1. Donner le caractère, l'aspect féminin à. 2. Féminiser une profession, une organisation, augmenter la proportion de femmes qui en font partie. — SE FÉMINISER. La médecine s'est beaucoup féminisée en vingt ans. ► **féminisation** n. f. 1. Action de féminiser (2). La féminisation de la médecine. 2. Action de créer une forme féminine pour un nom de métier masculin. La féminisation d'« écrivain » en « écrivaine ». ► **féminisme** n. m. ■ Doctrine qui lutte en faveur de droits égaux entre l'homme et la femme. ► **féministe** adj. ■ Qui a rapport au féminisme. Propagande féministe. — N. Partisan du féminisme. Un, une féministe. ► **féminité** n. f. 1. Sexe féminin. 2. Ensemble des caractères (charme, douceur, délicatesse...) correspondant à une image sociale de la femme qu'on oppose à une image sociale de l'homme. / contr. virilité /

femme [fam] n. f. I. Être humain du sexe qui met au monde les enfants. 1. UNE FEMME : un être humain adulte de sexe féminin. ⇒ fille, fillette, jeune fille. Les hommes, les femmes et les enfants. Une belle, une jolie femme. Une maîtresse femme, qui sait se faire obéir. Cette femme est professeur, c'est un professeur ; un professeur femme. Femme médecin, doctoresse (ou docteur). 2. LA FEMME (collect.) : l'être humain du sexe féminin. La psychologie de la femme. Émancipation de la femme. — (En attribut) Elle est femme, très femme, elle a de la féminité. / contr. mâle / 3. Jeune fille nubile ou qui n'est plus vierge. À présent, tu es une femme. 4. JEUNE FEMME : femme (mariée ou supposée telle) qui est jeune. 5. ⇒ bonne femme. 6. ⇒ sage-femme. II. Épouse. Jeanne est la femme de Philippe. C'est sa femme. Sa première femme, sa seconde femme. Prendre femme, se marier. III. Loc. FEMME D'AFFAIRES : femme cadre ou chef d'entreprise privée. — Femme politique. — FEMME DE CHAMBRE : domestique attachée au service intérieur d'une maison, d'un hôtel. ⇒ servante, soubrette. — FEMME DE MÉNAGE : femme qui vient faire le ménage dans une maison et qui est généralement payée à l'heure. — FEMME DE SERVICE : employée d'une collectivité, chargée du nettoyage. — FEMME OBJET : femme

considérée par l'homme (les hommes) comme un objet et non comme une personne, un sujet. ► **femmelette** [famlet] n. f. ■ Homme sans force, craintif. *Il tremble, c'est une vraie femmelette.* < ► bonne femme, sage-femme >

fémur [femyr] n. m. ■ Os long qui constitue le squelette de la cuisse. ► **fémoral, ale, aux** adj. ■ Du fémur. *L'artère fémorale.*

fenaison [fənezɔ] n. f. ■ Coupe et récolte des foins.

fendant [fādā] n. m. ■ Variété de chasselas cultivée en Suisse. — Vin blanc produit de ce raisin. *Un décilitre de fendant.*

fendiller [fādiʒe] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Provoquer de petites fentes superficielles à (qqch.). — Pronominalement. *Peau qui se fendille sous l'effet du froid.* ⇒ se crevasser, se gercer. *La peinture se fendille.* ⇒ craqueler.

fendre [fādr] v. tr. ■ conjug. 41. I. 1. Diviser (un corps solide), le plus souvent dans le sens de la longueur. *Fendre du bois avec une hache.* ⇒ couper. *Il gèle à pierre fendre, très fort. Elle s'est fendu la lèvre en tombant.* ⇒ ouvrir. — Loc. Fam. *Se fendre la pipe, rire aux éclats.* 2. Abstrait. *Fendre le cœur, l'âme, faire éprouver un vif sentiment de chagrin, de pitié.* ⇒ briser, déchirer. *Ce spectacle me fend le cœur. Des cris à fendre l'âme.* 3. S'ouvrir un chemin à travers. *Le navire fend les flots. Fendre la foule pour se frayer un passage.* II. 1. SE FENDRE v. pron. : s'ouvrir, se couvrir de fentes. *Un vieux mur qui se fend.* ⇒ se crevasser, se lézarder. 2. Abstrait. Se briser. *Son cœur se fend.* 3. Escrime. Porter vivement une jambe loin en avant pour toucher l'adversaire. 4. Fam. *Se fendre de, se décider à offrir, à payer. Il s'est fendu d'une bouteille.* ► **fendu, ue** adj. 1. Coupé. *Du bois fendu.* 2. Qui présente une fente. — Qui présente une entaille. *Crâne fendu.* 3. Qui présente une fêlure. *Assiette fendue de part en part.* 4. Ouvert en longueur, comme une fente. *Bouche fendue jusqu'aux oreilles.* < ► fendiller, fente, pourfendre >

fenêtre [f(ə)netr] n. f. ■ Ouverture faite dans un mur pour laisser pénétrer l'air et la lumière. ⇒ baie, porte-fenêtre. *Appartement à trois fenêtres sur cour. Ouvrir, fermer une fenêtre. Se mettre à la fenêtre. Passer, regarder par la fenêtre.* — Loc. *Jeter son argent par les fenêtres, le dépenser inconsidérément.* < ► porte-fenêtre >

fenil [fəni(l)] n. m. ■ Grenier à foin. ⇒ grange.

fennec [fenək] n. m. ■ Mammifère d'Afrique ayant l'aspect d'un petit renard.

fenouil [fənuj] n. m. ■ Plante herbacée à goût anisé utilisée comme légume ou comme épice. *Loup (poisson) au fenouil.*

fente [fāt] n. f. 1. Fissure à la surface d'un solide. *Il y a une fente dans la toiture. Reboucher une fente.* 2. Ouverture étroite et allongée, accidentelle ou fabriquée. ⇒ inters-

tice. *Mettre son œil aux fentes d'une palissade. Fente d'une boîte à lettres. Fentes d'un volet.*

féodal, ale, aux [feodal, o] ■ adj. Qui appartient à un fief, à l'ordre politique et social fondé sur l'institution du fief. *Certains pays ont conservé une économie féodale. De grands seigneurs féodaux.* ⇒ médiéval. ► **féodalisme** n. m. ■ Caractère des institutions, coutumes... de la féodalité. ► **féodalité** n. f. ■ Forme d'organisation politique et sociale du Moyen Âge, caractérisée par l'existence de fiefs.

fer [fɛr] n. m. I. 1. Métal blanc grisâtre, très commun. *L'aimant attire le fer. L'acier, la fonte contiennent du fer. Le fer rouille. Fer battu.* PROV. *Il faut battre le fer quand il est chaud, mener l'entreprise à son terme. Fer forgé. Fil de fer. Rideau de fer. Chemin de fer.* — *Croire dur comme fer à qqch., en être absolument convaincu.* — *Âge du fer, période qui succède à l'âge du bronze (vers l'an 1000 av. J.-C.).* 2. Abstrait. DE FER. ⇒ fort, résistant, robuste, rude. *Avoir une santé de fer. Avoir une main, une poigne de fer. Avoir une volonté de fer.* ⇒ inflexible. II. Objet, instrument en fer, en acier. 1. Partie en fer, partie métallique d'un instrument, d'une arme. *Le fer d'une lance, d'une flèche. En fer de lance, pointu.* — Abstrait. *Le fer de lance* (d'une organisation), l'avant-garde. 2. Instrument en fer servant à donner une forme, à marquer d'un signe. — FER À REPASSER, et absolt, FER : instrument en métal, à base plane, muni d'une poignée, qui une fois chaud sert à repasser le linge. *Fer à vapeur. Coup de fer, repassage rapide.* — FER À SOUDER : instrument servant à faire fondre de la soudure. — FER ROUGE : tige de fer que l'on porte au rouge. *Le marquage des bœufs au fer rouge.* 3. Épée, fleuret. *Croiser le fer, se battre à l'épée, livrer un duel.* — Loc. *Retourner le fer dans la plaie, insister sur un fait qui est cause de déplaisir pour l'interlocuteur.* 4. FER À CHEVAL ou FER : pièce de fer qui sert à garnir les sabots des chevaux. — Sa forme. *Escalier en fer à cheval.* 5. LES FERS n. m. pl. : barre de fer servant à enchaîner un prisonnier. *Mettre un prisonnier aux fers. Être dans les fers.* ⇒ captif. ► **fer-blanc** n. m. ■ Tôle de fer recouverte d'une couche d'étain pour la protéger de la rouille. *Boîte en fer-blanc.* ► **ferblantier, ière** n. ■ Fabricant(e), commerçant(e) d'objets en fer-blanc. < ► brise-fer, chemin de fer, déferrer, s'enfermer, ferraille, ferrailleur, ① ferré, ② ferré, ferrer, ferreux, ferronnerie, ferrugineux, ferrure, maréchal-ferrant >

-fère ■ Élément de mots savants, signifiant « qui porte ».

férié, ée [ferje] adj. ■ Se dit d'un jour où il y a cessation de travail pour la célébration d'une fête religieuse ou civile. *Les dimanches sont des jours fériés.* / contr. ouvrable / *Ne pas travailler entre deux jours fériés.* ⇒ faire le pont.

férir [ferir] v. tr. ■ Uniquement à l'infinitif, dans SANS COUP FÉRIR : sans rencontrer la moindre résistance.

homéo- ■ Élément qui signifie « semblable, le même ». ⇒ **homo-**. ► **homéopathie** [ɔmɛɔpati] n. f. ■ Méthode thérapeutique qui consiste à administrer à doses minuscules des remèdes capables, à doses plus élevées, de produire des symptômes semblables à ceux de la maladie à combattre. ► **homéopathe** n. ■ Médecin qui pratique l'homéopathie. *L'homéopathe a prescrit des granulés.* — Adj. *Médecin homéopathe.* ► **homéopathique** adj. ■ Pharmacie. *Traitement, dose homéopathique.* — *À dose homéopathique, à très petite dose.* ► **homéostasie** n. f. ■ Biologie. Réglage des constantes physiologiques d'un organisme.

homérique [ɔmɛrik] adj. 1. Qui a rapport à Homère. *Poèmes homériques.* 2. Qui a un caractère épique, spectaculaire. *Personnage homérique. Lutte homérique.* — Loc. *Rire homérique, fou rire bruyant.*

homicide n. m. 1. N. m. Action de tuer un être humain. *Commettre un homicide involontaire, par imprudence. Être accusé d'homicide volontaire.* ⇒ **assassinat, crime, meurtre.** 2. Adj. Qui cause la mort d'une ou de plusieurs personnes. ⇒ **meurtrier.** *Folie, guerre homicide. Personne homicide.*

hominien [ɔminjɛ] n. m. pl. ■ Famille de primates qui comprend l'homme actuel et toutes les espèces fossiles considérées comme des ancêtres de notre espèce. ⇒ **homo sapiens.** — Au sing. *Le pithécanthrope est un hominien.*

hommage [ɔmaʒ] n. m. 1. Acte de courtoisie, preuve de dévouement d'un homme à une femme. *Recevoir l'hommage de nombreux admirateurs. Elle est sensible aux hommages.* ⇒ **compliment, flatterie.** — Au plur. (Formule de politesse) ⇒ **civilité.** *Présenter ses hommages. Daignez agréer, Madame, mes respectueux hommages.* Ellipt. *Mes hommages, Madame.* 2. Marque de vénération. ⇒ **culte.** *Rendre hommage à Dieu.* — *Rendre hommage à qqn.* ⇒ **honorer.** *Rendre hommage au talent, au courage, à la loyauté de qqn. Rendre un dernier hommage (à un défunt).* 3. Vx. Don respectueux. *L'auteur m'a fait l'hommage de son livre, m'en a offert un exemplaire.*

hommasse [ɔmas] adj. ■ Péj. (Femme) Qui ressemble à un homme par la carrure, les manières. ⇒ **masculin.** *Elle est un peu hommasse.*

homme [ɔm] n. m. I. Être appartenant à l'espèce animale la plus évoluée de la Terre, mammifère de la famille des hominiens, seul représentant de son espèce, vivant en société, caractérisé par une intelligence développée et un langage articulé. — REM. Dans ce sens, *homme* désigne les hommes (II) et les femmes, mais ne se dit pas en parlant seulement des femmes. *Les hommes.* ⇒ **humanité.** *Les droits de l'homme. L'homme est un « animal raisonnable ».* *Les dieux et les hommes.* ⇒ **créature, mortel.** — *Le fils de Dieu fait homme, le Fils de l'homme, le Christ. Être digne du nom d'homme, en avoir les vertus.*

Ce n'est qu'un homme (avec toutes ses faiblesses). II. Être humain mâle. *Les hommes et les femmes.* 1. Être humain mâle et adulte. *Comment s'appelle cet homme ?* ⇒ **individu, monsieur.** *Parvenir à l'âge d'homme. Vieil homme.* ⇒ **vieillard, vieux.** *Une voix d'homme. Vêtements d'homme.* ⇒ **masculin.** *À quinze ans il était déjà un homme. Il se fait homme.* — *Homme à femmes.* ⇒ **don Juan, séducteur.** *Homme marié* ⇒ **époux, mari, qui a des enfants** ⇒ **père.** — HOMME DE. *Homme d'action. Homme de bien. Homme de génie.* — (Condition) *Homme du monde. Homme du peuple.* — (Collectif) *L'homme de la rue, l'homme moyen quelconque. L'homme du jour, celui dont on parle actuellement.* — (Profession) *Homme d'État. Homme de loi. Homme d'affaires. Homme de lettres. Homme de science, savant, chercheur. Homme de peine.* — Loc. ÊTRE HOMME À (+ infinitif) : être capable de. *Il n'est pas homme à tenir ses promesses.* — (Précédé d'un possessif) *L'homme qui convient, dont on a besoin. Le parti a trouvé son homme. Voilà mon homme. Je suis votre homme. Être l'homme de qqch., qui convient à (qqch.). C'est l'homme de la situation.* — D'HOMME À HOMME : directement, en toute franchise et sans intermédiaire. 2. L'homme considéré quant aux qualités attribuées ou propres à son sexe. *Ose le répéter si tu es un homme ! Parole d'homme. Ne pleure pas, sois un homme !* — (Quant à sa virilité) *Les eunuques ne sont pas des hommes.* — Fam. *C'est mon homme, mon mari, mon amant.* III. Individu dépendant d'une autorité (civile ou militaire). *Il y avait trente mille hommes en ligne.* ⇒ **soldat.** *Le chef de chantier et ses hommes.* ⇒ **ouvrier.** — Loc. COMME UN SEUL HOMME : avec un ensemble parfait. *Ils ont agi comme un seul homme.* IV. JEUNE HOMME. 1. Homme jeune. *Il n'a plus des jambes de jeune homme.* 2. Garçon pubère, homme jeune célibataire (plur. *jeunes gens*). ⇒ **adolescent, garçon, gars.** *Un jeune homme et une jeune fille* (on dit globalement *des jeunes gens*). *Un tout jeune homme, qui sort à peine de l'enfance. Un grand jeune homme.* — Pop. ⇒ **fils.** *Votre jeune homme.* — Fam. *Petit garçon. Bonjour, jeune homme ! Que veut ce jeune homme ?* ► **homme-grenouille** n. m. ■ Plongeur muni d'un scaphandre autonome, qui travaille sous l'eau. *Des hommes-grenouilles.* ► **homme-orchestre** n. m. 1. Musicien qui joue en même temps de plusieurs instruments. 2. Personne qui accomplit des fonctions diverses dans un domaine, qui a des compétences variées. *Des hommes-orchestres.* ► **homme-sandwich** [ɔmsɑdwitʃ] n. m. ■ Homme qui promène dans les rues deux panneaux publicitaires, l'un sur la poitrine, l'autre dans le dos. *Des hommes-sandwichs.* < ► **bonhomie, bonhomme, gentilhomme, hommasse, prud'homme, surhomme** >

homo- ■ Élément savant signifiant « semblable, le même ». ⇒ **homéo-**. / contr. **hétéro-** /

de mèche

⇒ **boucle**. Elle s'est fait faire des mèches chez le coiffeur, elle s'est fait éclaircir, teindre certaines mèches.

③ de **mèche** loc. invar. ■ Loc. fam. Être de mèche avec qqn, être d'accord en secret. ⇒ **complicité, connivence**.

méchoui [mɛʃwi] n. m. ■ Mouton rôti à la broche. *Dimanche, nous ferons un méchoui.* Des méchouis.

mécompte [mekɔ̃t] n. m. ■ Erreur de prévision; espoir fondé à tort. ⇒ **déception**. De graves mécomptes.

méconnaître [mekɔ̃nɛtr] v. tr. ■ conjug. 57. 1. Littér. Ne pas reconnaître (une chose) pour ce qu'elle est, refuser d'en tenir compte. ⇒ **ignorer, négliger**. *Méconnaître les lois.* ⇒ **ignorer, négliger** (qqn ou qqch.) à sa juste valeur. ⇒ **méjuger, mésestimer**. *La critique méconnaît souvent les auteurs de son temps.* / contr. **apprécier** / ► **méconnaissable** adj. ■ Qui est si changé (en bien ou en mal) qu'on ne peut le reconnaître. *Je ne l'avais pas revu depuis sa maladie; il est méconnaissable. Sa boutique est méconnaissable depuis qu'il l'a repeinte.* ► **méconnaissance** n. f. ■ Littér. Action de méconnaître; ignorance, incompréhension. ► **méconnu, ue** adj. ■ Qui n'est pas reconnu, estimé à sa juste valeur. *Un génie méconnu.* / contr. **reconnu** /

mécontent, ente [mekɔ̃tɑ̃, ɑ̃t] adj. et n. 1. Qui n'est pas content, pas satisfait. *Il est rentré déçu et très mécontent.* ⇒ **contrarié, fâché**. *Être mécontent de son sort. Je suis mécontent que vous ne soyez pas venu.* / contr. **enchanté, ravi** / 2. N. *Un perpétuel mécontent.* ⇒ **grognon, insatisfait**. ► **mécontentement** n. m. ■ État d'esprit d'une personne mécontente; sentiment pénible d'être frustré dans ses espérances, ses droits. ⇒ **déplaisir, insatisfaction**. *Sujet de mécontentement, contrariété, ennui. Une cause de mécontentement populaire.* / contr. **contentement, satisfaction** / ► **mécontenter** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Rendre mécontent. ⇒ **contrarier, fâcher**. *Cette mesure a mécontenté tout le monde.*

mécréant, ante [mekrɛɑ̃, ɑ̃t] adj. et n. ■ Littér. ou plais. Qui n'a aucune religion. ⇒ **athée, irréligieux**. — N. *Un mécréant.* / contr. **croyant** /

médaille [medaj] n. f. 1. Pièce de métal, généralement circulaire, frappée ou fondue en l'honneur d'un personnage illustre ou en souvenir d'un événement (⇒ **monnaie**). *Science des médailles.* ⇒ **numismatique**. 2. Pièce de métal constituant le prix (dans un concours, une exposition). *Médaille d'or, d'argent, de bronze.* — Décoration (médaille, ruban, etc.). *Médaille militaire, décoration française décernée aux sous-officiers et soldats les plus méritants.* 3. Petite pièce de métal portée sur soi en breloque. *Médaille pieuse.* ► **médaille, ée** adj. et n. ■ Qui a reçu une médaille (2). — N. *Les médaillés militaires.* ► **médailillon** n. m. 1. Portrait ou sujet sculpté, dessiné ou

gravé dans un cadre circulaire ou ovale. ⇒ **camée**. 2. Bijou de forme ronde ou ovale. 3. Tranche mince et ronde (de viande). *Un médaillon de foie gras.*

médecin [mɛdsɛ̃] n. m. ■ Personne qui exerce la médecine, est titulaire du diplôme de docteur en médecine. ⇒ **docteur, praticien**; fam. **toubib**. *Je vais chez le médecin. Elle est médecin. Médecin consultant. Médecin traitant, qui suit le malade. Médecin généraliste, spécialiste.* ► **médecine** n. f. I. Vx ou région. Médicament, remède. *Prendre médecine.* II. 1. Science qui a pour objet la conservation et le rétablissement de la santé; art de prévenir et de soigner les maladies de l'homme (⇒ **médical**). *Étudiant en médecine.* ⇒ fam. **carabin**. *Docteur en médecine.* ⇒ **médecin**. *Médecine préventive. Médecine mentale.* ⇒ **psychiatrie**. *Médecine générale, qui s'occupe de l'ensemble de l'organisme, en dehors de toute spécialisation. — Médecine légale, exercée pour aider la justice, en cas de crime, etc.* ⇒ **médico-légal**. 2. Profession du médecin. *Guérisseur qui exerce illégalement la médecine.* ► **médical, ale, aux** adj. ■ Qui concerne la médecine. *Soins médicaux. Visite médicale.* ► **médicalement** adv. ■ Du point de vue de la médecine. ► **médicament** n. m. ■ Substance spécialement préparée pour servir de remède. ⇒ **médication, remède**; fam. **drogue**. *Ordonner, prescrire un médicament à un malade.* ► **médicamenteux, euse** adj. ■ Qui a des propriétés thérapeutiques. ► **médication** n. f. ■ Emploi systématique d'agents médicaux dans une intention précise. ⇒ **thérapeutique**. ► **médicinal, ale, aux** adj. ■ Qui a des propriétés curatives. *Les plantes médicinales.* ► **médico-** ■ Élément signifiant « médical ». ► **médico-légal, ale, aux** adj. ■ Relatif à la médecine légale. *Institut médico-légal, la morgue.* ► **médico-social, ale, aux** adj. ■ Relatif à la médecine sociale, à la médecine du travail. *Centre médico-social.* < ► paramédical >

média [medja] n. m. ■ Technique, support de diffusion massive de l'information (presse, radio, télévision, cinéma). ⇒ **mass media**. *Un événement couvert par les médias. Un nouveau média.* ► **médiatique** adj. ■ Qui concerne les médias, est transmis par les médias. *L'information médiatique.*

médian, ane [medjɑ̃, an] adj. ■ Qui est situé, placé au milieu. *Ligne médiane.* ► **médiane** n. f. ■ Segment de droite joignant un sommet d'un triangle au milieu du côté opposé. ≠ **médiatrice**. — Statistique. Valeur centrale qui sépare en deux parties égales un ensemble. ≠ **moyenne**.

médiateur, trice [medjatœr, tris] n. ■ Personne qui s'entremet pour faciliter un accord. ⇒ **arbitre, conciliateur**. — Adj. *Puisance médiatrice.*

médiation [medjasjɔ̃] n. f. ■ Entremise destinée à mettre d'accord, à concilier ou à

mère

796

désordre, confusion inextricable. *Comment sortir de ce merdier ?* ► **merdique** adj. ■ Fam. Mauvais, sans valeur, sans intérêt. *Film, soirée merdique.* ► **merdoyer** [mɛrdwajɛ] v. intr. ■ conjug. 8. ■ Fam. S'embrouiller dans une explication, dans des démarches maladroites. ⇒ fam. **vasouiller**. *Elle a merdoyé lamentablement.* < ► se démerder, emmerder >

mère [mɛʁ] n. f. I. 1. Femme qui a mis au monde un ou plusieurs enfants. ⇒ **maman**. *De la mère.* ⇒ **maternel**. *Qualité, état de mère.* ⇒ **maternité**. *Mère de famille. C'est sa mère.* 2. Femelle qui a un ou plusieurs petits. *Une mère lionne et ses lionceaux.* 3. Femme qui est comme une mère. *Mère adoptive.* ⇒ **nourrice**. *Leur grande sœur est une mère pour eux.* 4. Titre de vénération donné à une religieuse (supérieure d'un couvent, etc.). — Appellatif. *Oui, ma mère.* 5. Appellation familière pour une femme d'un certain âge. *La mère Mathieu.* « *C'est la mère Michel qui a perdu son chat* » (chanson). II. 1. *La mère patrie*, la patrie d'origine (d'émigrés, etc.). 2. Origine, source. PROV. *L'oisiveté est mère de tous les vices.* — En appos. *Branche mère. Des maisons mères.* ► **mère-grand** n. f. ■ Vx (ou dans les contes de fées). Grand-mère. *Des mères-grand.* < ► belle-mère, grand-mère, mémère >

merguez [mɛʁgɛz] n. f. invar. ■ Petite saucisse fortement pimentée. *Il nous a servi le couscous avec des merguez.*

méridien, ienne [mɛʁidjɛ, jɛn] adj. et n. m. I. Adj. *Plan méridien* (que le soleil coupe à midi), plan défini par l'axe de rotation de la Terre et la verticale du lieu. — Relatif au plan méridien. *Hauteur méridienne d'un astre.* II. N. m. Cercle imaginaire passant par les deux pôles terrestres. *Heure du méridien de Greenwich (G.M.T.).* — Demi-cercle joignant les pôles. *Méridiens et parallèles sur les cartes.*

méridional, ale, aux [mɛʁidjɔnal, o] adj. 1. Qui est au sud. / contr. **septentrional** / 2. Qui est du Midi, propre aux régions et aux gens du Midi (d'un pays, et notamment en français de France, de la France). *Climat méridional.* — N. Personne du Midi.

meringue [mɛʁɛ̃g] n. f. ■ Gâteau très léger fait de blancs d'œufs battus et de sucre. ► **meringué, ée** adj. ■ Enrobé, garni de pâte à meringue. *Glace meringuée.* ⇒ **vacherin**.

mérinos [mɛʁinos] n. m. invar. 1. Mouton de race espagnole (originaire d'Afrique du Nord) à toison épaisse ; sa laine. 2. Loc. fam. *Laisser pisser le mérinos*, attendre, laisser aller les choses.

merise [mɛʁiz] n. f. ■ Petite cerise sauvage, rose ou noire. ► **merisier** n. m. ■ Cerisier sauvage. — Bois de cet arbre. *Une armoire en merisier.*

mérite [mɛʁit] n. m. I. 1. Ce qui rend (une personne) digne d'estime, de récompense. ⇒ **vertu**. *Le mérite de qqn, son mérite. Avoir du mérite à...* *Il n'en a que plus de mérite.* II

a au moins le mérite d'avoir protesté. — SE FAIRE UN MÉRITE DE : se glorifier de. *Elle s'est fait un mérite de nous avoir aidés.* 2. Ce qui rend (une conduite) digne d'éloges. *Sa persévérance n'est pas sans mérite.* II. 1. LE MÉRITE : ensemble de qualités intellectuelles et morales, particulièrement estimables. ⇒ **valeur**. *Un homme de mérite. Ce travail a certains mérites. Vanter les mérites de qqn, de qqch.* 2. Avantage (de qqch.). *Cela a au moins le mérite d'exister.* III. Nom de certains ordres et décorations (récompenses). *Chevalier du Mérite agricole.* ► **mériter** v. tr. ■ conjug. 1. 1. (Personnes) Être par sa conduite, en droit d'obtenir (un avantage) ou exposé à subir (un inconvénient). ⇒ **encourir**. *Mériter l'estime, la reconnaissance de qqn. Tu mérites une fessée. Il l'a bien mérité* (→ C'est bien fait, il ne l'a pas volé). — Au p. p. adj. *Un repos bien mérité.* — *Il méritait de réussir. Il mériterait qu'on lui en fasse autant !* — (Choses) *Cet effort mérite un encouragement. Ceci mérite réflexion.* — Loc. prov. *Tout travail mérite salaire.* 2. Être digne d'avoir (qqn) à ses côtés, dans sa vie. *Il ne méritait pas de tels amis.* ► **méritant, ante** adj. ■ Souvent iron. Qui a du mérite (I, 1). ► **méritoire** adj. ■ (Choses) Où le mérite est grand ; qui est digne d'éloge. ⇒ **louable**. *Œuvre, effort méritoire.* / contr. **blâmable** / < ► **démériter**, **émérite**, **immérite** >

merlan [mɛʁlɑ̃] n. m. ■ Poisson de mer à chair légère. — Fam. *Faire des yeux de merlan frit*, lever les yeux au ciel de façon ridicule.

merle [mɛʁl] n. m. ■ Oiseau passereau au plumage généralement noir chez le mâle. *Siffler comme un merle.*

merlin [mɛʁlɛ̃] n. m. ■ Masse pour assommer les bœufs. *Un coup de merlin.*

merlu n. m., ou **merlus** [mɛʁly] n. m. invar. ■ Région. Colin (poisson). ► **merluce** n. f. ■ Morue séchée.

mérou [mɛʁu] n. m. ■ Grand poisson sphérique des côtes de la Méditerranée, à la chair très délicate. *Pêche au mérou. Des mérours.*

mérovingien, ienne [mɛʁɔ̃vɛ̃zjɛ̃, jɛn] adj. et n. ■ Relatif à la famille qui régna sur la Gaule franque, de Clovis à l'élection de Pépin le Bref ; de cette époque. *Les rois mérovingiens.* — N. *Les Mérovingiens.*

merveille [mɛʁvɛj] n. f. ■ Chose qui cause une intense admiration. *Les merveilles de la nature, de l'art. Les sept merveilles du monde. Ce livre est une merveille d'intelligence.* — Loc. *Faire merveille*, obtenir ou produire des résultats remarquables. — À MERVEILLE loc. adv. : parfaitement, remarquablement. *Il se porte à merveille.* ► **merveilleux, euse** [mɛʁvɛjø, øz] adj. et n. I. Adj. 1. Qui étonne par son caractère inexplicable, surnaturel. ⇒ **magique**, **miraculeux**. / contr. **naturel** / *Aladin, ou la lampe merveilleuse.* ⇒ **enchanté**. 2. Qui est admirable au plus haut point,

— En appos. *Train miniature. Des golfs miniatures.* ▶ **miniaturé, ée** adj. ■ Orné de miniatures. ▶ **miniaturiser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Donner à (un objet, un mécanisme) les plus petites dimensions possibles. ▶ **miniaturisation** n. f. ■ Action de miniaturiser. ▶ **miniaturiste** n. ■ Peintre de miniatures.

minibus [minibys] n. m. invar. ■ Petit autobus. *Des minibus.*

minicassette [minikasɛt] n. f. ■ Petit magnétophone portatif.

minier, ière [minje, jɛʀ] adj. ■ Qui a rapport aux mines ☉. *Gisement minier.* — Où il y a des mines. *Pays minier.*

minijupe [miniʒyp] n. f. ■ Jupe très courte. *Des minijupes.*

minima ⇒ **minimum.**

minimal, ale, aux [minimal, o] adj. ■ Qui constitue un minimum. *Températures minimales.* / contr. **maximal** /

minime [minim] adj. et n. 1. (Choses abstraites) Très petit, peu important. ⇒ **infime.** *Des faits minimes. Salaires minimes.* 2. N. Dans les sports. *Enfant de 13 à 15 ans. Match de minimes.* ▶ **minimiser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Réduire l'importance de (qqch.). *Minimiser des résultats, des incidents; le rôle de qqn.* / contr. **amplifier, grossir** / < ▶ **minimal, minimum** >

minimum [minimɔm] n. m. et adj. 1. Valeur la plus petite atteinte par une quantité variable; limite inférieure. *Un minimum de frais. Les minimums ou les minima atteints.* — Fam. *S'il avait un minimum de savoir-vivre.* ⇒ le **moindre.** — Loc. AU MINIMUM : au moins, pour le moins. *Les travaux dureront au minimum trois jours.* — MINIMUM VITAL : somme permettant de satisfaire le minimum des besoins qui correspondent au niveau de vie dans une société donnée. 2. Adj. Minimal. *Âge minimum. Pertes, gains minimums (ou minima).*

mini-ordinateur [miniɔrdinatœʀ] n. m. ■ Ordinateur de petite taille, d'une capacité moyenne de mémoire (plus que le micro-ordinateur).

ministère [ministɛʀ] n. m. I. 1. Corps des ministres et secrétaires d'État. ⇒ **cabinet, gouvernement.** *Former, modifier un ministère.* — (Suivi du nom du Premier ministre) *Le ministère Chirac.* 2. Département ministériel; partie des affaires de l'administration centrale dépendant d'un ministre. *Le ministère des Affaires étrangères.* — Bâtiment, services d'un ministère. 3. Fonction de ministre. ⇒ **portefeuille.** II. MINISTÈRE PUBLIC : magistrats qui défendent les intérêts de la société, l'exécution des décisions (avocat général, procureur, etc.). ⇒ **parquet.** III. Charge remplie par le prêtre, le pasteur (⇒ **ministre, II**). ⇒ **sacerdoce.** *Il exerce son ministère dans une petite paroisse.* ▶ **ministériel, elle** adj. ■ Relatif au ministère (I), au gouvernement. *Crise ministérielle.*

— Partisan du ministère. *Député ministériel.* ⇒ **gouvernemental.** — Relatif à un ministère; qui émane d'un ministre. *Arrêté ministériel.* ▶ **ministre** n. m. I. 1. Agent supérieur du pouvoir exécutif; homme ou femme d'État placé(e) à la tête d'un ministère. *Nomination d'un ministre. Le Conseil des ministres.* ⇒ **cabinet, gouvernement, ministère.** *Il a des chances de devenir ministre, il est ministrable. Le ministre de l'Éducation nationale. Madame X, le ministre de la Santé publique. Elle est ministre. Le Premier ministre, le chef du gouvernement.* — En appos. *Bureau ministre, bureau de grande taille. Des bureaux ministres.* 2. Agent diplomatique de rang immédiatement inférieur à celui d'ambassadeur, à la tête d'une légation. *Ministre plénipotentiaire.* II. *Ministre du culte, prêtre.* — *Ministre, pasteur protestant.* < ▶ **administrer, interministériel** >

minitel [minitel] n. m. ■ Petit terminal de consultation de banques de données commercialisé par les P.T.T. *Des minitels.*

minium [minjɔm] n. m. ■ Peinture rouge, à l'oxyde de plomb, préservant le fer de la rouille. < ▶ **miniature** >

minois [minwa] n. m. invar. ■ Jeune visage délicat, éveillé, plein de charme. *Un petit minois d'enfant.* ⇒ **frimousse.**

① **minorité** [minɔrite] n. f. 1. Groupement (de voix) qui est inférieur en nombre dans un vote, une réunion de votants. / contr. ① **majorité** / *Une petite minorité d'électeurs. Ils sont en minorité.* — Parti, groupe qui n'a pas la majorité des suffrages. — *Gouvernement mis en minorité, qui ne recueille pas la majorité des voix.* 2. *La, une minorité de, le plus petit nombre de, le très petit nombre.* *Dans la minorité des cas.* 3. Groupe englobé dans une collectivité plus importante. *Minorités ethniques. Droits des minorités.* ▶ **minoritaire** adj. ■ De la minorité. *Groupe, tendance minoritaire.*

② **minorité** n. f. ■ (Opposé à ② **majorité**) État d'une personne qui n'a pas encore atteint l'âge où elle sera légalement considérée comme pleinement capable et responsable de ses actes (⇒ ② **mineur**). — Temps pendant lequel un individu est mineur.

minoterie [minɔtri] n. f. 1. Grand établissement industriel pour la transformation des grains en farine. ⇒ **moulin.** 2. Meunerie. ▶ **minotier** n. m. ■ Industriel qui exploite une minoterie. ⇒ **meunier.**

minou [minu] n. m. ■ Fam. Lang. enfantin. Petit chat. ⇒ **minet.** *Des petits minous.*

minuit [minɥi] n. m. 1. Milieu de la nuit. *Soleil de minuit. Bain de minuit.* 2. Heure du milieu de la nuit, la douzième après midi (24 heures ou 0 heure). *À minuit précis. Messe de minuit, à Noël.*

minus [minys] n. m. invar. ■ Fam. Individu incapable ou peu intelligent. *C'est un minus.*

PENDUE : être très bavard. **III. SE PENDRE** v. pron. **1.** Se tenir en laissant pendre (I) son corps. *Se pendre par les mains à une barre fixe.* ⇒ se suspendre. **2.** Au p. p. **ÊTRE PENDU, UE** À : ne pas quitter, ne pas laisser. *Il est tout le temps pendu au téléphone.* **3.** Sans compl. Se suicider par pendaison. *Il s'est pendu par désespoir.* ► **pendu, ue** n. ■ Personne qui a été mise à mort par pendaison, ou qui s'est pendue. Loc. *Parler de corde dans la maison d'un pendu*, évoquer une chose gênante, qu'il fallait taire. < ► dépendre, pendable, pendaison, ① pendant, pendar, pendeloque, pendentif, penderie, pendiller, suspendre >

① **pendule** [pãdy] n. m. **1.** Masse suspendue à un point fixe par un fil tendu, qui oscille dans un plan fixe. *Oscillations, fréquence, période d'une pendule. Le pendule d'une horloge, balancier.* **2.** Pendule de sourcier, de radiesthésiste, servant, comme la baguette du sourcier, à déceler les « ondes ». ► **pendulaire** adj. ■ Mouvement pendulaire.

② **pendule** n. f. ■ Petite horloge, souvent munie d'un carillon qu'on pose ou qu'on applique (parce que son balancier est un pendule). *La pendule sonne midi. Pendule-réveil.* ⇒ réveil. *Pendule électrique.* ► **pendulette** n. f. ■ Petite pendule portative. *Pendulette de voyage.*

pêne [pen] n. m. ■ Pièce mobile d'une serrure, qui s'engage dans une cavité (gâche) et tient fermé l'élément (porte, fenêtre) auquel la serrure est adaptée. *Le pêne est coincé.*

pénéplaine [peneplen] n. f. ■ Terme de géographie. Région faiblement onduleuse.

pénétrer [penetre] v. ■ conjug. 6. **I.** V. intr. **1.** (Choses) Entrer profondément dans, en passant à travers ce qui fait obstacle. ⇒ s'enfoncer, s'insinuer. / contr. effleurer / *La balle a pénétré dans les chairs. Le soleil pénètre dans la chambre. Faire pénétrer qqch. dans...*, enfoncer, introduire. **2.** (Êtres vivants) Entrer. *Pénétrer dans une maison. Les envahisseurs qui pénètrent dans un pays.* **3.** Abstrait. *Une habitude qui pénètre dans les mœurs.* **II.** V. tr. **1.** (Suj. chose) Passer à travers, entrer profondément dans. *Liquide qui pénètre une substance.* ⇒ imbiber, imprégner. — Procurer une sensation forte, intense (froid, humidité, etc.) à (qqn). ⇒ transpercer. *Le froid vous pénètre jusqu'aux os.* — Abstrait. *Votre bonté me pénètre d'admiration.* ⇒ remplir. **2.** (Suj. personne) Parvenir à connaître, à comprendre d'une manière poussée. ⇒ approfondir, percevoir, saisir. *Pénétrer un mystère.* ⇒ découvrir. *Pénétrer les intentions de qqn.* ⇒ sonder. *Connaissances ésotériques, impossibles à pénétrer.* ⇒ impénétrable. **III.** **SE PÉNÉTRER** v. pron. *Se pénétrer de, s'imprégner (d'une idée).* *Il n'arrive pas à se pénétrer de l'utilité de ce travail.* ⇒ pénétré. ► **pénétrable** adj. **1.** Où il est possible de pénétrer. *Pénétrable à l'eau.* ⇒ perméable. **2.** Qu'on peut comprendre. *Secret difficilement pénétrable.* / contr. impéné-

trable / ► **pénétrant, ante** adj. **1.** Qui transperce les vêtements, contre quoi on ne peut se protéger. *Une petite pluie pénétrante et fine.* **2.** Qui procure une sensation, une impression puissante. *Une odeur pénétrante. Des regards pénétrants.* ⇒ perçant. **3.** Qui pénètre dans la compréhension des choses. ⇒ clair, clairvoyant, perspicace. / contr. obtus / *Vue pénétrante. Un esprit très pénétrant.* — (Personnes) *Un critique fin et pénétrant.* ► **pénétration** n. f. **1.** Mouvement par lequel un corps pénètre dans un autre. *La force de pénétration d'un projectile.* — Abstrait. *Favoriser la pénétration d'idées nouvelles.* **2.** Facilité à comprendre, à connaître. ⇒ clairvoyance, perspicacité. *Un esprit doué de beaucoup de pénétration.* ► **pénétré, ée** adj. ■ Rempli, imprégné profondément (d'un sentiment, d'une conviction). ⇒ imbu, plein. *Une mère pénétrée de ses devoirs. Être pénétré de son importance, de soi-même.* ⇒ vaniteux. — Souvent iron. *Un air, un ton pénétré*, convaincu. < ► impénétrable >

pénible [penibl] adj. **1.** Qui se fait avec peine, fatigue. ⇒ ardu, difficile. *Travail pénible. Respiration pénible.* **2.** Qui cause de la peine, de la douleur ou de l'ennui ; qui est moralement difficile. ⇒ désagréable ; cruel, déplorable, dur, triste. *Vivre des moments pénibles. Être pénible à qqn. Il m'est pénible de vous voir dans cet état. C'est pénible pour moi.* **3.** (Personnes) Fam. Difficile à supporter. *Il a un caractère pénible, il est pénible.* ► **péniblement** adv. **1.** Avec peine, fatigue ou difficulté. / contr. aisément, facilement / *Il y est arrivé péniblement.* **2.** Avec douleur, souffrance. *Il en a été péniblement affecté.* ⇒ cruellement. **3.** À peine, tout juste. *Un journal qui tire péniblement à trente-cinq mille exemplaires.*

péniche [penif] n. f. ■ Bateau de transport fluvial, à fond plat. ⇒ barge, chaland. *Train de péniches remorquées* (par un remorqueur), *poussées* (par un pousseur).

pénicilline [penisilin] n. f. ■ Antibiotique de synthèse ou provenant d'une moisissure, très actif contre les microbes.

péninsule [penēsyl] n. f. ■ Grande presqu'île ; région ou pays qu'entoure la mer de tous côtés sauf un. ⇒ cap, presqu'île. *La péninsule Ibérique, l'Espagne et le Portugal.* ≠ île. ► **péninsulaire** adj. ■ Relatif à une péninsule, à ses habitants.

pénis [penis] n. m. invar. ■ Organe sexuel de l'homme, permettant le coït. ⇒ phallus, sexe, verge.

pénitence [penitãs] n. f. **1.** *La pénitence*, profond regret, remords d'avoir offensé Dieu, accompagné de l'intention de réparer ses fautes. ⇒ contrition ; se repentir. *Faire pénitence*, se repentir. — Rite par lequel le prêtre donne l'absolution. ⇒ confession. **2.** (*Une, des pénitences*) Peine que le confesseur impose au pénitent ; pratique pénible que l'on s'impose pour expier ses péchés. — Châtiment. ⇒ puni-

perdris

s'échapper. *Il perd son pantalon*, son pantalon tombe. — *Le blessé perd beaucoup de sang*.
6. (En parlant de ce qui échappe à la portée des sens) *Ne pas perdre une bouchée, une miette d'une conversation*, n'en rien perdre. — Loc. PERDRE qqn, qqch. DE VUE : ne plus voir ; ne plus fréquenter qqn. *Nous nous sommes perdus de vue*. **7.** Ne plus pouvoir suivre, contrôler. *Perdre son chemin*. — Loc. *Perdre pied*, être dans l'embarras. *Perdre le nord*, s'affoler.
8. Ne pas profiter de (qqch.), en faire mauvais usage. ⇒ **dissiper ; gâcher, gaspiller. Perdre du temps. Perdre son temps. ≠ passer. Vous n'avez pas un instant à perdre.** — *Il a perdu une bonne occasion de se taire*, il aurait mieux fait de se taire. **9.** Ne pas obtenir ou ne pas garder (un avantage). *Perdre l'avantage*. — Ne pas obtenir l'avantage dans. *Perdre la partie. Perdre une bataille. Perdre un procès*. Sans compl. *Il a perdu*, il s'est fait battre. *Il a horreur de perdre*, il est mauvais joueur. — *Perdre du terrain*, aller moins vite que son adversaire. *Cette maladie perd du terrain*, recule.
II. (Compl. personne) Priver (qqn) de la possession ou de la disposition de biens, d'avantages. ⇒ **perdu (II)**. **1.** (Suj. personne) Causer la ruine totale, ou même la mort de (qqn). *Il cherche à nous perdre*. **2.** (Suj. chose) Priver de sa réputation, de son crédit (auprès de qqn) ; priver de sa situation. *Son excès d'ambition le perdra. Perdre qqn auprès de qqn*. ⇒ **discréditer**. — Faire condamner. *C'est le témoignage de son complice qui l'a perdu*. **3.** Littér. Pervertir. *Ses mauvaises fréquentations l'ont perdu*. — Religion. Damner. ⇒ **perdition**. **4.** Mettre (qqn) hors du bon chemin. ⇒ **égarer, fourvoyer. J'ai l'impression que notre guide nous a perdus. ⇒ **perdu (III)**.
III. SE PERDRE v. pron. **1.** Être réduit à rien ; cesser d'exister ou de se manifester. *Les traditions se perdent*. **2.** Être mal utilisé, ne servir à rien. *Laisser (se) perdre une occasion*. **3.** (Réfl.) Cesser d'être perceptible. ⇒ **disparaître. Des silhouettes qui se perdent dans la nuit. **4.** (Personnes) S'égarer ; ne plus retrouver son chemin. *Nous allons nous perdre. C'était la nuit et je me suis perdu*. ⇒ **perdu (III)**. — Abstrait. Être incapable de se débrouiller, d'expliquer, ne plus voir clair dans. *Plus je pense à ce problème, plus je m'y perds*. — SE PERDRE DANS, EN : appliquer entièrement son esprit au point de n'avoir conscience de rien d'autre. ⇒ **s'absorber, se plonger. Se perdre dans ses pensées**. **5.** Relig. (Personnes) Être damné. ⇒ **perdition**. < ► **déperdition, imperdable, perdant, perdition, perdu** >****

perdris [pɛrdri] n. f. invar. ■ Oiseau de taille moyenne, au plumage roux ou gris cendré, très apprécié comme gibier. ► **perdreau** n. m. ■ Jeune perdrix de l'année. *Un vol de perdreaux*.

perdu, ue [pɛrdy] adj. **I.** Qui a été perdu (⇒ **perdre, I**). **1.** Dont on n'a plus la possession, la disposition, la jouissance. *Argent perdu au jeu. Tout est perdu*, il n'y a plus d'espoir, plus de remède. — Loc. prov. *Un(e) de*

perdu(e), dix de retrouvé(e)s, se dit d'une personne ou d'une chose dont on pense que la perte sera facilement réparable. **2.** Égaré. *Objets perdus*. — (Lieu) Écarté ; éloigné, isolé. *Pays perdu. Un coin perdu*. **3.** Mal contrôlé, abandonné au hasard. *Il a été blessé par une balle perdue*, qui a manqué son but et l'a atteint par hasard. **4.** Qui a été mal utilisé ou ne peut plus être utilisé. *Verre, emballage perdu* (opposé à *consigné*). *Une occasion perdue*. ⇒ **manqué. Ce n'est pas perdu pour tout le monde, il y a des gens qui en ont profité. — (À propos du temps) *C'est du temps perdu, inutilement employé. Je joue du piano à mes moments perdus*, à mes moments de loisir. *À temps perdu*, dans les moments où l'on a du temps à perdre. **5.** Où on a eu le dessous. *Bataille, guerre perdue*. **II.** Qui a été perdu (II), atteint sans remède (par le fait d'une personne ou d'une chose). **1.** (Personnes) Atteint dans sa santé. *Le malade est perdu*. ⇒ **condamné, incurable ; fam. fichu, foutu**. — Atteint dans sa fortune, sa situation, son avenir... *C'est un homme perdu*. ⇒ **fini**. — Loc. *Fille perdue, prostituée*. **2.** (Choses) Abîmé, endommagé. *Récoltes perdues à cause de la grêle*. **III.** **1.** Qui se perd (III), qui s'est perdu. *Ça y est, on est encore perdu !* ⇒ **égaré ; fam. paumé. Se sentir perdu dans la foule**. Abstrait. *Je suis perdu, je ne m'y retrouve plus*. — N. *Courir comme un perdu, un fou*. **2.** Absorbé. *Perdu dans ses pensées, dans sa douleur*. < ► **éperdu** >**

perdurer [pɛrdyʁe] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Littér. Continuer, durer*. *La douleur perdure*.

père [pɛʁ] n. m. **1.** Homme qui a engendré, donné naissance à un ou plusieurs enfants. *Être, devenir père. Être (le) père de deux enfants. Le père de qqn. Le père et la mère*. ⇒ **parents. Du père**. ⇒ **paternel**. Loc. prov. *Tel père, tel fils*. — Appellatif. ⇒ **papa. Oui, père !** **2.** PÈRE DE FAMILLE : qui a un ou plusieurs enfants qu'il élève. ⇒ **chef de famille. Les responsabilités du père de famille**. Loc. *Vivre en bon père de famille*, sans bruit ni scandale. **3.** Le parent mâle (de tout être vivant sexué). *Le père de ce poulain était un pur-sang*. — *Père biologique*, dont le rôle s'est limité à la fécondation de l'ovule ou dont le sperme a servi pour cette opération. **4.** Au plur. Littér. Ancêtre. ⇒ **aïeul**. **5.** Dieu le Père, la première personne de la Sainte-Trinité. ⇒ **Notre-Père**. **6.** Fig. *Le père de qqch.* ⇒ **créateur, fondateur, inventeur**. **7.** Celui qui se comporte comme un père, est considéré comme un père. *Père légal, adoptif. Il a été un père pour moi*. **8.** (Titre de respect) Nom donné à certains religieux. *Les Pères Blancs. — Le Saint-Père, notre saint-père le pape. — Les Pères de l'Église*, les docteurs de l'Église (du I^{er} au VI^e siècle). — *Mon Père*, se dit en s'adressant à certains religieux. — (Avant le prénom) *Le père Jean*. **9.** Fam. (Avant le nom de famille) Désignant un homme mûr de condition modeste. *Le père Goriot*. — Loc. *Le coup du père François*, un coup sur la nuque. — *Le père Noël*. — Loc. *Un gros père, un gros homme placide*. ⇒ **fam. pépère**. Fam. *Alors, mon petit père, comment ça va ?*

Un père tranquille, un homme paisible. <► beau-père, compère, grand-père, pèpère, saint-père; mots en patern- >

pérégrination [perɛgrɪnɑsjɔ̃] n. f. ■ Sur-tout au plur. Déplacements incessants sur de longues distances et en de nombreux endroits.

péremption [perɛpsjɔ̃] n. f. ■ Terme de droit. Anéantissement (des actes de procédure) après un certain délai. ≠ **prescription**.

péremptoire [perɛptwar] adj. ■ Qui détruit d'avance toute objection; contre quoi on ne peut rien répliquer. ⇒ **décisif, tranchant**. Argument **péremptoire**. Elle a adopté un ton **péremptoire**. — Il a été **péremptoire**. ► **péremptoirement** adv.

pérennité [perenite] n. f. ■ Littér. État, caractère de ce qui dure toujours ⇒ **continuité, immortalité**, ou très longtemps. Assurer la **pérennité des institutions**.

péréquation [perɛkwɑsjɔ̃] n. f. ■ Répartition égalitaire de charges ou de moyens.

perestroïka [perɛstrɔjka] n. f. ■ Histoire. Politique prônée en U.R.S.S. à partir de 1986 par M. Gorbatchev, visant à une reconstruction socio-économique du pays.

perfectible [pɛrfɛktibl] adj. ■ Susceptible d'être amélioré. / contr. **imperfectible** / La science est **perfectible**.

perfection [pɛrfɛksjɔ̃] n. f. 1. État, qualité de ce qui est parfait. / contr. **imperfection** / Atteindre un haut degré de **perfection**. La **perfection de son travail est étonnante**. 2. À LA PERFECTION loc. adv. : d'une manière parfaite, excellente. ⇒ **parfaitement**. Elle danse à la **perfection**. 3. Au plur. Littér. Qualités remarquables. On ne voit que des **perfections** chez la personne qu'on aime. 4. UNE PERFECTION : personne parfaite qui a toutes les qualités requises. Cette jeune fille est une **perfection**. ⇒ **perle**. ► **perfectionner** v. tr. ■ conjug. 1. I. Rendre meilleur, plus proche de la perfection. ⇒ **améliorer, parfaire**. **Perfectionner un procédé, une technique**. II. SE PERFECTIONNER v. pron. : acquérir plus de qualités, de valeur. Les **techniques se perfectionnent**. — (Personnes) Se **perfectionner en anglais**. ⇒ **progresser**. ► **perfectionné, ée** adj. ■ Muni des dispositifs les plus modernes. Une **machine perfectionnée**. ⇒ **sophistiqué**. ► **perfectionnement** n. m. ■ Action de perfectionner, de rendre meilleur; amélioration. ⇒ **progrès**. Le **perfectionnement des moyens de production**. Stage de **perfectionnement**. Un **perfectionnement de détail**. ► **perfectionniste** n. et adj. ■ Personne qui cherche la perfection dans son travail. C'est une **perfectionniste**. — Adj. Tu es trop **perfectionniste**. <► **imperfection** >

perfide [pɛrfid] adj. et n. Littér. 1. Qui manque à sa parole, trahit la personne qui lui faisait confiance. ⇒ **déloyal**. Femme **perfide**, infidèle. 2. (Choses) Dangereux, nuisible sans qu'il y paraisse. De **perfides promesses**. ⇒ **fallacieux**. Une **insinuation perfide**. ⇒ **sournois**.

► **perfidement** adv. ■ Littér. Il nous a **perfidement induits en erreur**. ► **perfidie** n. f. Littér. 1. Action, parole perfide. 2. Caractère perfide. ⇒ **déloyauté, fourberie**. Un **hypocrite d'une étonnante perfidie**.

perforer [pɛrfɔrɛ] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Traverser en faisant un ou plusieurs petits trous. ⇒ **percer, trouser**. La balle lui a **perforé l'intestin**. — Machine à **perforer**, composteur, poinçonneuse; perforatrice. ► **perforé, ée** adj. 1. Percé. 2. Informatique. Cartes, bandes **perforées**, commandant le travail ou le calcul d'une machine selon le programme ainsi transmis. ⇒ **bande**. ► **perforateur, trice** adj. et n. m. I. Adj. Qui **perfore**. Pince **perforatrice**. II. N. m. 1. Outil de bureau servant à perforer. 2. Personne travaillant à la perforatrice (1, 2). ► **perforatrice** n. f. 1. Machine-outil destinée à percer profondément les roches, le sol. **Perforatrice à air comprimé**. 2. Machine destinée à établir des cartes, des bandes perforées. — REM. On dit aussi **perforeuse**. ► **perforation** n. f. 1. Action de perforer. 2. Ouverture accidentelle dans un organe. **Perforation intestinale**. 3. Petit trou (d'une carte, d'une bande perforée).

performance [pɛrfɔrmɑ̃s] n. f. 1. Résultat obtenu par un cheval de course, un athlète, dans une compétition. Les **performances d'un champion**. Sa **performance sera peut-être homologuée comme record***. 2. Exploit, succès. C'est une belle **performance** ! 3. Résultat obtenu dans un domaine précis. Élève, voiture qui **améliore ses performances**. 4. Production réelle (notamment du discours), opposé à **compétence**. ► **performant, ante** adj. ■ Angl. Dont le niveau de performances est, peut être élevé; Un **ordinateur très performant**. — (Personnes) Un **directeur des ventes très performant**.

perfusion [pɛrfyzjɔ̃] n. f. ■ Injection lente et continue de sérum. Le **blessé est placé sous perfusion**.

pergola [pɛrgɔla] n. f. ■ Petite construction de jardin qui sert de support à des plantes grimpantes. ⇒ **tonnelle**. ≠ **treille**.

péri- ■ Élément signifiant « autour » (ex. : **périmètre, périphérie, périscope**).

péricarde [pɛrikard] n. m. ■ Anatomie. Membrane qui enveloppe le cœur et l'origine des gros vaisseaux.

péricarpe [pɛrikarp] n. m. ■ Botanique. Partie du fruit qui enveloppe la graine (ou les graines).

péricliter [pɛriklite] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Aller à sa ruine, à sa fin. Son affaire, son commerce **périclite**. ⇒ **décliner, dépérir**. / contr. **prospérer** /

péril [pɛril] n. m. 1. Littér. Situation où l'on court de grands risques; ce qui menace l'existence. ⇒ (plus cour.) **danger**. S'exposer au **péril**. Affronter les **périls avec audace**. Navire en **péril**. ⇒ **détresse**. 2. (Un, des **périls**) Risque

phalanstère

phalanstère [falãstɛʁ] n. m. ■ Didact. Groupe qui vit en communauté. — Endroit où vit ce groupe.

phalène [falɛn] n. f. ou m. ■ Grand papillon nocturne ou crépusculaire.

phallus [falys] n. m. invar. 1. Membre viril en érection ⇒ **pénis**; son image symbolique. 2. *Phallus impudicus*, variété de champignon.

► **phallique** adj. ■ Du phallus (1). *Symbole phallique*. ► **phalocrate** n. ■ Personne (surtout homme) qui considère les femmes comme inférieures aux hommes. *Un phalocrate*. ⇒ **machiste**. — Abrév. fam. : UN PHALLO. — Adj. *Un comportement phalocrate*.

phanérogame [fanɛʁɔgam] adj. et n. f. pl. ■ (Plantes) Qui a des fleurs apparentes. — N. f. pl. LES PHANÉROGAMES.

phantasme ⇒ **fantasme**.

pharamineux ⇒ **faramineux**.

pharaon [fãraɔ̃] n. m. ■ Ancien souverain égyptien. *Les momies des pharaons*. ► **pharaonique** adj. ■ Des pharaons.

phare [fãʁ] n. m. 1. Tour élevée sur une côte ou un îlot, munie à son sommet d'un feu qui guide les navires. *Phare tournant. Gardien de phare*. 2. Projecteur placé à l'avant d'un véhicule, d'une voiture automobile. *Phares antibrouillard. Faire des appels de phares*, pour signaler. — Position où le phare éclaire le plus (opposé à *code* et à *lanterne*).

pharisien, ienne [farizjɛ̃, jɛn] n. 1. Antiquité. Membre d'une secte puritaine d'Israël; chef religieux juif de cette secte. *Les Évangiles présentent les pharisiens comme responsables de la mort de Jésus*. 2. Littér., péj. Personne hypocrite et sûre d'elle-même.

pharmacie [farmasi] n. f. 1. Science des remèdes et des médicaments, art de les préparer et de les contrôler (⇒ **allopathie**, **homéopathie**). *Préparateur en pharmacie*. ⇒ **trousse**. *Armoire à pharmacie*. 4. Local d'un hôpital où l'on range ces produits. ► **pharmaceutique** adj. ■ Relatif à la pharmacie. *Produit pharmaceutique. Formules pharmaceutiques*. ► **pharmacien, enne** n. ■ Personne qui exerce la pharmacie, est responsable d'une pharmacie (2, 4). ► **pharmaco-** ■ Élément de mots savants signifiant « remède ». ► **pharmacologie** [farmakɔlɔʒi] n. f. ■ Étude des médicaments, de leur action (propriétés thérapeutiques, etc.) et de leur emploi. ► **pharmacopée** n. f. ■ Liste de médicaments.

pharynx [farɛks] n. m. invar. ■ Cavité où aboutissent les conduits digestifs et respiratoires (⇒ **bouche**, **larynx**, **nez**). ► **pharyngien, ienne** adj. ■ Du pharynx. ► **pharyn-**

gite n. f. ■ Inflammation, angine du pharynx.

► **pharyngo-** ■ Élément de mots de médecine signifiant « pharynx ». < ► **rhinopharynx** >

phase [faz] n. f. 1. Chacun des états successifs (d'une chose en évolution). ⇒ **période**. *Les phases d'une maladie*. ⇒ **stade**. *Il énuméra les différentes phases de l'opération*. 2. Chacun des aspects que présentent la Lune et les planètes à un observateur terrestre, selon leur éclairage par le Soleil. *Les phases de la Lune*. ⇒ **lunaison**. 3. EN PHASE : en variant de la même façon. 3. En chimie. État d'un élément. *Les phases solide, liquide et gazeuse*. 5. Fam. État passager (d'une personne). *Il est entré dans une phase d'activité, de travail intense*. < ► **déphasé**, **monophasé**, **triphase** >

phénicien, enne [fenisjɛ̃, ɛn] adj. et n. ■ De la Phénicie antique (Méditerranée orientale).

① **phénix** [feniks] n. m. invar. 1. Oiseau unique de son espèce, qui, selon la mythologie, vivait plusieurs siècles et, se brûlant lui-même sur un bûcher, renaissait de ses cendres. 2. Personne unique en son genre, supérieure par ses dons. *Ce n'est pas un phénix!*

② **phénix** ou **phœnix** [feniks] n. m. invar. ■ Palmier ornemental cultivé dans le midi de la France.

phénol [fenɔl] n. m. 1. Solide cristallisé blanc, soluble dans l'eau, corrosif et toxique, à odeur forte. *Le phénol est un antiseptique*. 2. **Phénols**, série de composés organiques analogues au phénol. ► **phéniqué, ée** adj. ■ Qui contient du phénol. *Eau phéniquée*.

phénomène [fenɔmɛn] n. m. 1. Didact., surtout au plur. Fait naturel complexe pouvant faire l'objet d'expériences et d'études scientifiques. *Étudier le phénomène des éclipses. Phénomènes physiques et psychologiques*. 2. Fait observé, événement anormal ou surprenant. *La diminution du nombre des suicides est un phénomène courant en temps de guerre*. 3. Sujet exceptionnel d'étude. *Un article sur le phénomène de la violence*. 4. Fam. Individu, personne bizarre. ⇒ **excentrique**, **original**. *Quel phénomène tu fais!* ► **phénoménal, ale, aux** adj. ■ Qui sort de l'ordinaire. ⇒ **étonnant**, **surprenant**. *Un acrobate phénoménal*. ► **phénoménologie** n. f. ■ Didact. Philosophie qui écarte toute interprétation abstraite pour se limiter à la description et à l'analyse des seuls phénomènes perçus. *La phénoménologie de Husserl*.

phil-, philo-, -phile, -philie ■ Éléments savants signifiant « ami », ou « aimer ». / contr. **-phobe**, **-phobie** / ► **philanthrope** [filãtrɔp] n. 1. Personne qui aime l'humanité. / contr. **misanthrope** / 2. Personne qui a une conduite désintéressée. *Je suis un commerçant, je ne suis pas un philanthrope!* ► **philanthropie** n. f. 1. Amour de l'humanité. 2. Désintéressement. ► **philanthropique** adj. ■ Organisation philanthropique. ► **philhellène** adj. et n. ■ Partisan de

produit [pʁɔdyi] n. m. I. LE PRODUIT DE. 1. Ce que rapporte (une propriété, une activité). ⇒ **bénéfice, profit, rapport**. *Vivre du produit de ses terres. Produit brut*, avant déduction des taxes, des frais. *Produit net*, après déduction des charges et des frais. — *Produit intérieur brut* (abrév. P.I.B.), somme des valeurs créées en un an par un pays à l'intérieur de ses frontières. *Produit national brut*, (abrév. P.N.B.) somme du P.I.B. et des valeurs créées à l'étranger. 2. Nombre qui est le résultat d'une multiplication. *Le produit de deux facteurs*. — Résultat (d'opérations mathématiques). II. 1. UN, LES PRODUITS DE : chose qui résulte d'un processus naturel, d'une opération humaine. *Les produits de la terre. Les produits de la distillation du pétrole. — Le produit de son imagination*. ⇒ **fruit**. 2. Production de l'agriculture ou de l'industrie. *Produits fabriqués, manufacturés* (opposé à *matières premières*). *Produits bruts, semi-finis, finis. Produits pharmaceutiques, chimiques. Produits d'entretien*, nécessaires à l'entretien des objets ménagers. *Un nouveau produit pour la vaisselle*. < ► sous-produit >

proéminent, ente [pʁɔeminã, ãt] adj. ■ Qui dépasse en relief ce qui l'entoure, forme une avancée. ⇒ **saillant**. *Nez, front proéminent*. ≠ **prééminent**. ► **proéminence** n. f. ■ Littér. Caractère proéminent ; protubérance, saillie. ≠ **prééminence**.

prof [pʁɔf] n. ■ Fam. ⇒ **professeur**. *Un, une prof. Des profs*.

profane [pʁɔfan] adj. et n. 1. Littér. Qui est étranger à la religion (opposé à *religieux, sacré*). *L'art profane*. — N. m. *Le profane et le sacré*. 2. N. m. et f. Personne qui n'est pas initiée à une religion. 3. Adj. Qui n'est pas initié à un art, une science, etc. ⇒ **ignorant**. *Expliquez-moi, je suis profane en la matière*. — N. *Je suis une profane en musique*. / contr. **connaisseur** / — N. m. (Collectif) *Aux yeux du profane*, des gens profanes. < ► profaner >

profaner [pʁɔfane] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Traiter sans respect (un objet, un lieu), en violant le caractère sacré. *Les vandales ont profané plusieurs tombes*. 2. Faire un usage indigne, mauvais de (qqch.), en violant le respect qui est dû. ⇒ **avilir, dégrader**. *C'est profaner les plus beaux sentiments*. ► **profanateur, trice** n. et adj. ■ Personne qui profane. ► **profanation** n. f. ■ Action de profaner. *Profanation de sépulture*.

proférer [pʁɔfere] v. tr. ■ conjug. 6. ■ Articuler à voix haute, prononcer avec force. *Il partit en proférant des menaces, des injures*.

professer [pʁɔfese] v. ■ conjug. 1. 1. V. tr. Littér. Déclarer hautement avoir (un sentiment, une opinion). *Ils professaient envers leur maître la plus vive admiration*. ⇒ faire ① **profession**. 2. V. intr. Vx. Enseigner en qualité de professeur. *Il professe dans un lycée parisien*. ► **professeur** n. m. ■ Personne rémunérée pour enseigner une discipline, un art, une

technique ou des connaissances, d'une manière habituelle. ⇒ **enseignant, instituteur, maître** ; fam. **prof**. *Professeur de collège, de lycée, de faculté. Elle est professeuse d'anglais*. — Au Québec, n. f., *elle est professeuse* (incorrect en France). ► **professoral, ale, aux** adj. ■ Propre aux professeurs. *Le corps professoral*. — Péj. *Un ton professoral, pédant*. ► **professorat** n. m. ■ État de professeur. ⇒ **enseignement**. < ► prof, ① profession >

① **profession** [pʁɔfesjɔ̃] n. f. 1. Littér. Loc. *Faire profession de* (une opinion, une croyance), la déclarer publiquement, ouvertement. ⇒ **professer** (I). 2. PROFESSION DE FOI : manifeste.

② **profession** n. f. 1. Occupation déterminée dont on peut tirer ses moyens d'existence. ⇒ **métier**. *Quelle est votre profession ? Ma mère est sans profession. La profession de chef d'entreprise*. 2. Métier qui a un certain prestige social ou intellectuel. ⇒ **carrière**. *La profession d'avocat. Les professions libérales. Embrasser, exercer une profession*. 3. DE PROFESSION : professionnel. *Un chanteur de profession*. ► **professionnel, elle** adj. et n. 1. Relatif à la profession, au métier. *L'orientation professionnelle. Enseignement professionnel*. ⇒ **technique**. — (En France) *Certificat d'aptitude professionnelle* (C.A.P.), diplôme qui sanctionne le premier niveau d'apprentissage d'un métier. *Brevet d'études professionnelles* (B.E.P.), diplôme de qualification de l'ouvrier professionnel. 2. De profession. *Sportif professionnel*. — N. (Football, cyclisme, tennis, etc.) *Les professionnels* (opposé à *amateur*). ⇒ fam. **pro**. — Iron. Se dit d'une habitude invétérée. *Un farceur professionnel*. 3. N. Personne de métier (opposé à *amateur*). *C'est un vrai professionnel ; fam. Un vrai pro*. — Ouvrier spécialisé (appelé P1, P2, etc.). ► **professionnellement** adv. ■ De façon professionnelle ; du point de vue de la profession. ► **professionnalisme** n. m. 1. Condition des sportifs professionnels (opposé à *amateurisme*). 2. Qualité de professionnel. ⇒ **compétence, sérieux**. *Un professionnalisme sans faille*.

profil [pʁɔfil] n. m. 1. Aspect du visage vu par un de ses côtés. ⇒ **contour**. *Dessiner le profil de qqn*. ⇒ **silhouette**. *Profil grec*, conforme aux règles de la beauté antique. 2. DE PROFIL : en étant vu par le côté (en parlant d'un visage, d'un corps). *Un portrait de profil. De face, de dos, de profil*. 3. Représentation ou aspect (d'une chose dont les traits, le contour se détachent). ⇒ **silhouette**. *Le profil de la cathédrale se découpait sur le ciel*. 4. Coupe perpendiculaire (d'un bâtiment ou d'une de ses parties). — Coupe géologique. *Le profil d'un lit de rivière*. 5. Ensemble d'aptitudes, de qualités (requis pour un emploi). *Le profil moyen des candidats. Il n'a pas le bon profil pour ce poste*. 6. Dessin d'une courbe statistique. Fam. *Un profil bas*, une attitude réservée (en politique). < ► profiler >

profilier [pʁɔfile] v. tr. ■ conjug. 1. 1. (Choses) Présenter (ses contours) avec netteté.

soja

1196

environ soixante ans. ► **soixantième** [swa sɔ̃tjɛm] adj. et n. ■ Ordinal de *soixante*. — Se dit d'une fraction d'un tout divisé également en soixante parties.

soja [sɔʒa] n. m. ■ Plante légumineuse d'origine exotique, utilisée dans l'alimentation. *Huile, germes de soja. Sauce de soja.*

① **sol** [sɔl] n. m. 1. Partie superficielle de la croûte terrestre, à l'état naturel ou aménagée par l'homme. ⇒ **terre**. *Posé au sol, à même le sol. Vitesse au sol d'un avion. Un sol revêtu, cimenté. Les sols à bâtir.* 2. Cette partie, considérée du point de vue géologique ou agricole. *La pédologie, science des sols. Des sols argileux, calcaires.* ⇒ **terrain**. *Sol riche, pauvre.* 3. Couche superficielle de tout corps céleste. *Le sol lunaire.* < ► entresol, sous-sol >

② **sol** n. m. invar. ■ Cinquième degré de la gamme de do; signe qui le représente. < ► solfège, solfier >

solaire [sɔlɛʀ] adj. I. 1. Relatif au soleil, à sa position ou à son mouvement apparent dans le ciel. *Heure solaire* (opposé à *heure légale*). 2. Du soleil. *Taches solaires. Énergie solaire. La lumière solaire.* — **Système solaire**, ensemble des corps célestes formé par le soleil et son champ de gravitation (planètes, comètes...). 3. Qui fonctionne grâce à la lumière, au rayonnement du soleil. *Cadran solaire. Chauffage solaire.* — *Maison solaire.* 4. Qui protège du soleil. *Crème, filtre solaire.* II. Fig. De forme rayonnante. *Plexus solaire.*

solarium [sɔlarjɔm] n. m. ■ Emplacement réservé aux bains de soleil dans une piscine, une maison... *Des solariums.*

soldat [sɔlda] n. m. 1. Homme qui sert dans une armée. ⇒ **militaire**. *Le métier de soldat. Un grand soldat, un grand homme de guerre.* — Loc. JOUER AU PETIT SOLDAT : faire le brave, le malin. 2. *Simple soldat* ou *soldat*, militaire non gradé des armées de terre et de l'air. *Les soldats et les marins.* — En appos. *Une femme soldat* (appelée parfois *soldate*, n. f.). — *La tombe du Soldat inconnu*, où repose la dépouille anonyme d'un soldat de la guerre de 14-18. 3. Abstrait. Littér. Combattant, défenseur au service d'une cause. *Les soldats de la foi.* 4. *Soldats de plomb*, figurines (à l'origine en plomb) représentant des soldats. ► **soldatesque** adj. et n. f. 1. Adj. Propre aux soldats, à la condition de soldat. 2. N. f. Péj. Ensemble de soldats brutaux et indisciplinés. *Violences commises par la soldatesque.*

① **solde** [sɔld] n. f. 1. Rémunération (versée aux militaires). *Toucher sa solde.* 2. Loc. péj. À LA SOLDE DE qqn : payé par qqn, acheté par qqn. *On l'accusait d'être à la solde de l'étranger.* < ► demi-solde, soldat, soudoyer >

② **solde** [sɔld] n. m. 1. Différence qui apparaît, à la clôture d'un compte, entre le crédit et le débit. *Solde créditeur, débiteur.* — Absolt. Ce qui reste à payer sur un compte. *Je vous paierai le solde demain.* — Loc. POUR

SOLDE DE TOUT COMPTE : s'écrit sur une facture, etc., lorsque la totalité de la somme due est réglée. 2. EN SOLDE : vendu au rabais. *Acheter des bottes en solde.* — Au plur. SOLDES : articles mis en solde. *Des soldes intéressants, avantageux* (le fém. est incorrect).

solder [sɔldɛ] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Arrêter (un compte) en établissant le solde. *Solder un compte en banque.* — Pronominalement. (Compte, budget) SE SOLDER PAR : faire apparaître à la clôture un solde consistant en (un débit ou un crédit). *Le bilan se solde par un déficit de cinq millions.* — Abstrait. Aboutir en définitive à. *Tous ses efforts se sont soldés par un échec.* 2. Mettre, vendre en solde. ► **soldeur, euse** n. ■ Personne qui fait le commerce d'articles en solde. < ► ② solde >

sole [sɔl] n. f. ■ Poisson plat ovale couvert d'écaillés fines, qui vit près des côtes et dont la chair est très estimée. *Des filets de sole. Des soles meunière.*

solécisme [sɔlesism] n. m. ■ Emploi fautif, relativement à la syntaxe, de formes par ailleurs existantes (opposé à *barbarisme*). « *Je veux qu'il vient* » (au lieu de « *je veux qu'il vienne* ») est un solécisme.

soleil [sɔlɛj] n. m. I. 1. Astre qui donne la lumière et la chaleur à la Terre, et qui rythme la vie à sa surface. ⇒ **héli(o)-**. *Les rayons, la chaleur du soleil* (⇒ **solaire**). *Le lever, le coucher du soleil.* — PROV. *Le soleil brille pour tout le monde*, chacun a le droit d'être heureux. *Rien de nouveau sous le soleil*, sur la terre. — (Avec une majuscule) En sciences. Cet astre, en tant qu'étoile de la galaxie, autour de laquelle gravitent plusieurs planètes dont la Terre. — Le Soleil, en tant qu'objet d'un culte. *Les dieux du Soleil.* 2. Lumière de cet astre; temps ensoleillé. *Un beau soleil. Il fait soleil, du soleil*, il fait beau temps. *Les pays du soleil*, ceux où il fait souvent un temps ensoleillé. — Rayons du soleil; lieu exposé à ces rayons (opposé à *ombre*). *Se mettre au soleil, en plein soleil. Bain* de soleil. Des lunettes de soleil*, qui protègent du soleil. — COUP DE SOLEIL : insolation, ou légère brûlure causée par le soleil. — Loc. AVOIR UNE PLACE AU SOLEIL : une situation où l'on profite de certains avantages. *Avoir des biens au soleil*, des propriétés. 3. Image de cet astre, cercle entouré de rayons. 4. Abstrait. RAYON DE SOLEIL : ce qui réjouit, console. 5. Pièce d'artifice, cercle monté sur pivot, garni de fusées qui le font tourner en lançant leurs feux. II. Fig. 1. Tour acrobatique d'une personne autour d'un axe horizontal. *Faire le grand soleil à la barre fixe.* 2. Grande fleur à pétales jaune vif entourant un cœur plus foncé. ⇒ **tournesol**. 3. Loc. fam. PIQUER UN SOLEIL : rougir violemment. < ► ensoleiller, insolation, parasol, pare-soleil, solaire, solarium, solstice, ① tournesol >

solennel, elle [sɔlanɛl] adj. 1. Qui est célébré avec pompe, par des cérémonies

vacherin

(⇒ **vachement**), l'indignation. *La vache ! c'est superbe !* — (Devant le nom) *Une vache de belle bagnole.* ⇒ fam. **sacré**. 3. Adj. Méchant ou sévère, injuste. *Il a été vache avec moi. Une réponse assez vache. C'est vache !*, se dit aussi d'un contretemps, d'une malchance. ► **vachement** adv. ■ Fam. (Intensif, admiratif) Beaucoup ; très. ⇒ **drôlement**, **rudement**. *C'est vachement bien. Il nous aide vachement.* ► **vacherie** n. f. ■ Fam. Parole, action méchante. ⇒ **méchanceté**. *Dire, faire des vacheries.* — Caractère vache (3), méchant. *Elle est d'une vacherie inouïe !* / contr. **gentillesse** /

vacherin n. m. ■ Meringue à la crème fraîche, souvent servie glacée.

vaciller [vasije] v. intr. ■ conjug. 1. 1. Être animé de mouvements répétés, alternatifs, être en équilibre instable et risquer de tomber. ⇒ **chanceler**. *Vaciller sur ses jambes.* 2. Trembler, être sur le point de s'éteindre ; scintiller faiblement. ⇒ **trembloter**. *Bougie, flamme, lumière qui vacille.* 3. Devenir faible, incertain ; manquer de solidité. *Mémoire, intelligence qui vacille.* ⇒ **s'affaiblir**. ► **vacillant, ante** adj. ■ Qui vacille. *Démarche vacillante.* ⇒ **chancelant, tremblant**. *Flamme, lumière vacillante !* ► **vacillation** n. f. ou **vacillement** n. m. ■ Mouvement, état de ce qui vacille. *Vacillation d'une flamme.*

vacuité [vakuite] n. f. 1. Didact. État de ce qui est vide. 2. Vide moral, intellectuel. *La vacuité de ses propos.* / contr. **plénitude** /

vacuole [vakoule] n. f. ■ Sciences naturelles. Petite cavité.

vade-mecum [vademekom] n. m. invar. ■ Littér. Livre (manuel, guide, aide-mémoire) que l'on garde sur soi pour le consulter. *Des vade-mecum.*

vadrouiller [vadrouje] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Fam. Se promener sans but précis, sans raison. ⇒ **traîner**. ► **vadrouille** n. f. ■ Fam. Action de vadrouiller. ⇒ **balade**. *Être en vadrouille.*

va-et-vient [vaevjẽ] n. m. invar. 1. Dispositif servant à établir une communication en un sens et dans le sens inverse. — Dispositif électrique comportant deux interrupteurs (ou plus) montés en circuit, et permettant d'allumer, d'éteindre de plusieurs endroits. *Installer un va-et-vient dans une grande salle.* 2. Mouvement alternatif. *Les va-et-vient d'une balançoire.* ⇒ **balancement**. 3. Allées et venues de personnes. *Le va-et-vient perpétuel d'un café.*

vagabond, onde [vagabõ, õd] adj. et n. I. Adj. 1. Littér. Qui mène une vie errante. ⇒ **nomade**. *Les tribus vagabondes de bohémiens.* 2. Qui change sans cesse, n'est retenu par rien. *Humeur, imagination vagabonde.* II. N. Personne sans domicile fixe et sans ressources, qui se déplace à l'aventure. ⇒ **clochard**. ► **vagabondage** n. m. 1. Le fait ou l'habitude d'errer, d'être vagabond. 2. État de

l'imagination vagabonde. ► **vagabonder** v. intr. ■ conjug. 1. 1. Circuler, marcher sans but, se déplacer sans cesse. ⇒ **errer**. *Vagabonder sur les chemins.* 2. Fig. Passer sans s'arrêter d'un sujet à l'autre. *Son imagination vagabondait.*

vagin [vazẽ] n. m. ■ Organe sexuel féminin, conduit qui s'étend de l'utérus à la vulve. ► **vaginal, ale, aux** adj. ■ Du vagin. *Muqueuse vaginale.*

vagir [vazir] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Pousser de faibles cris. ► **vagissant, ante** adj. ■ Qui vagit. ► **vagissement** n. m. ■ Cri de l'enfant nouveau-né. — Cri plaintif et faible (de quelques animaux).

① **vague** [vag] n. f. 1. Inégalité de la surface d'une étendue liquide (mer, lac...) due aux courants, au vent, etc. ; masse d'eau qui se soulève et s'abaisse. ⇒ **flot, houle, lame**. *Le bruit des vagues. Une grosse vague.* 2. Phénomène comparable (par l'ampleur, la puissance, la progression...). *La vague d'enthousiasme pour cet auteur est passée.* ⇒ **courant, mouvement**. *Vague de protestation.* — Fam. *Ça a fait des vagues, des remous, de l'agitation.* — La NOUVELLE VAGUE : la dernière génération ou tendance. — *Vague de chaleur, de froid*, afflux de masses d'air chaud, froid. — Masse (d'hommes, de choses) qui se répand brusquement. *Des vagues successives d'immigrants.* 3. Surface ondulée. *Les vagues de sa chevelure.* ► **vaguelette** n. f. ■ Petite vague ; ride à la surface de l'eau.

② **vague** adj. ■ Terrain vague, vide de cultures et de constructions, dans une ville.

③ **vague** adj. et n. m. I. Adj. 1. Que l'esprit a du mal à saisir, à cause de son caractère mouvant ou de son sens mal défini, mal établi. ⇒ **confus, imprécis, incertain**. *Il m'a donné des indications vagues.* / contr. **précis** / *Il est resté vague, il s'est contenté de propos vagues* ⇒ **évasif**. *Une angoisse vague, sans objet précis.* ⇒ **indéfinissable**. — (Avant le nom) Insuffisant, faible. *Elle n'a qu'une vague idée de ce qui se passe. Elle a de vagues souvenirs de cette époque. De vagues connaissances d'anglais.* 2. Regard vague, qui exprime des pensées ou des sentiments indécis. ⇒ **distract**. 3. Qui est perçu d'une manière imparfaite. ⇒ **indéfinissable, obscur**. *On apercevait dans l'obscurité une silhouette vague.* / contr. **distinct, net** / 4. Qui n'est pas ajusté, serré. *Manteau vague.* / contr. **moulant** / 5. (Avant le nom) Dont l'identité précise importe peu ; quelconque, insignifiant. *Il travaille dans un vague bureau. Un vague cousin.* II. N. m. 1. Ce qui n'est pas défini, fixé (espace, domaine intellectuel, affectif). *Regarder dans le vague, sans rien fixer. Rester dans le vague, ne pas préciser sa pensée.* 2. Loc. *Avoir du vague à l'âme*, être dans un état mélancolique. ► **vaguement** adv. 1. D'une manière vague, en termes imprécis. *Il m'a vaguement dit de quoi il s'agit.* / contr. **précisément** / 2. D'une

rain d'aviation, aérodrome, aéroport. **2.** Avions. Aviation de chasse, de bombardement. (> *aviateur*)

aviculture [avikyltyʁ] n. f. ■ Élevage des oiseaux, des volailles. ► **aviculteur, trice** n. ■ Éleveur(euse) d'oiseaux, de volailles.

avide [avid] adj. **1.** Qui a un désir immodéré de nourriture. ⇒ **glouton, vorace**. — Poét. *Être avide de sang*, se plaire à répandre le sang. ⇒ **altéré, assoiffé**. **2.** Qui désire (qqch.) avec violence. *Un héritier avide*. — (+ infinitif) *Être avide d'argent, de plaisir*. — (+ infinitif) *Être avide d'apprendre*. ⇒ **anxieux, désireux**. **3.** Qui exprime l'avidité. *Regards, yeux avides*. ► **avidement** adv. ■ Manger avidement. *Écouter qqm avidement*. ► **avidité** n. f. ■ Désir ardent, immodéré de qqch. ; vivacité avec laquelle on le satisfait. *Manger avec avidité*. ⇒ **gloutonnerie, voracité**. *Son avidité pour l'argent*.

avilir [avilir] v. tr. ■ conjug. 2. **1.** Rendre vil, méprisable. ⇒ **abaïsser, dégrader, déshonorer, rabaisser**. / contr. **élever, honorer** / *On cherche à l'avilir par des calomnies*. — Pronominalement (réfl.). *Il s'avilit par sa lâcheté*. **2.** Littér. Abaisser la valeur de. ⇒ **déprécier**. *L'inflation avilit la monnaie*. / contr. **valoriser** / ► **avilissant, ante** adj. ■ Qui avilit (1). *Une dépendance avilissante*. ⇒ **abaissant, dégradant, déshonorant**. / contr. **honorable** / ► **avilissement** n. m. Littér. **1.** Action d'avilir ; état d'une personne avilie. ⇒ **abaissement, abjection**. *Tomber dans l'avilissement*. **2.** (Valeurs, prix) Le fait de se déprécier. ⇒ **baisse**. *L'avilissement de la monnaie*. / contr. **hausse** /

aviné, ée [avine] adj. ■ Qui a trop bu de vin. ⇒ **ivre**. — *Une haleine avinée, qui sent le vin*.

avion [avjɔ̃] n. m. ■ Appareil de locomotion aérienne plus lourd que l'air, muni d'ailes et d'un organe propulseur. ⇒ **appareil** ; vx **aéroplane**. *Vieil avion*. ⇒ fam. **coucou**. *Avions à hélices*. *Avion à réaction*. ⇒ ② **jet**. *Avion de ligne, de transport*. *Avions de chasse, de bombardement*. ⇒ **bombardier, chasseur**. *Escadrille d'avions de chasse*. *Défense contre avions* (D.C.A.). — EN AVION : en vol. — PAR AVION. *Lettre par avion*. (> *aviation, aviateur*)

aviron [avirɔ̃] n. m. **1.** Dans la langue des marins. Rame (mot qui n'est pas employé en marine). À l'aviron, en ramant. — Rame légère, à long manche, des embarcations sportives. **2.** Sport du canotage. *Faire de l'aviron*.

avis [avi] n. m. invar. **1.** Ce que l'on pense, ce que l'on exprime sur un sujet. ⇒ **jugement, opinion, point de vue**. *Donner son avis*. *Être du même avis que qqm*. *Je suis de votre avis*. *Les avis sont partagés*, tout le monde n'est pas du même avis. *Changer d'avis*. — *Être d'avis de faire, qu'on fasse qqch.* — *À mon avis, selon moi*. **2.** Opinion exprimée dans une délibération. ⇒ **voix, vote**. *Tous les membres ont émis un avis*. *Avis du Conseil d'État*. **3.** Ce que l'on porte à la connaissance

avoir

de qqm. ⇒ **information**. *Avis au public*. *Sauf avis contraire*. *Donner avis que...* ⇒ ② **aviser**. **4.** Opinion donnée à qqm sur une conduite à tenir. *Demander, solliciter l'avis de qqm, d'un expert*.

① **aviser** [avize] v. tr. ■ conjug. 1. I. V. tr. **1.** Apercevoir inopinément (qqch.) pour prendre, utiliser. *Il avise un portefeuille oublié sur un banc, il le ramasse*. **2.** Transitivement ind. AVISER À : réfléchir, songer à (qqch.). *J'aviserais à la situation, à ce qu'il faut faire ; j'y aviserais*. II. S'AVISER de v. pron. **1.** Faire attention à qqch. que l'on n'avait pas remarqué tout d'abord. *Elle s'est brusquement avisée de cela*. ⇒ **s'apercevoir**. **2.** S'aviser de (+ infinitif), être assez audacieux pour. *S'il s'avise de recommencer, il le regrettera*. ⇒ **essayer**. ► **avisé, ée** adj. ■ Qui agit avec à-propos et intelligence après avoir mûrement réfléchi. *Un homme avisé*. *Vous avez été bien avisé de venir*.

② **aviser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Littér. ou terme d'administration. Avertir (qqm de qqch.) par un avis. ⇒ **avertir, informer**. *Elle avait été avisée du mariage de son frère*. (> **avis** (3))

aviso [avizo] n. m. ■ Petit bâtiment de guerre employé comme escorte. *Des avisos*.

avitaminose [avitaminoz] n. f. ■ Maladie déterminée par la privation de vitamines.

aviver [avive] v. tr. ■ conjug. 1. I. Rendre plus vif, plus éclatant. ⇒ **animer**. *Aviver le feu*. ⇒ **activer**. *L'émotion avivait son teint*. II. Fig. **1.** Rendre plus fort. ⇒ **exciter**. *Aviver des regrets*. ⇒ **augmenter**. *Aviver une dispute*. ⇒ **envenimer**. **2.** Rendre plus douloureux. *Aviver une plaie, une douleur*. ► **avivement** n. m. ■ Littér. Action d'aviver. (> **raviver**)

① **avocat, ate** [avoka, at] n. **1.** Personne régulièrement inscrite à un barreau*, qui conseille en matière juridique, assiste ou représente ses clients en justice (on dit *une avocate* ou *un avocat pour une femme*). *Consulter un avocat*. *Avocat d'affaires*. *L'Ordre des avocats*. — AVOCAT GÉNÉRAL : membre du ministère public qui supplée le procureur général. **2.** Personne qui défend (une cause, une personne). ⇒ **défenseur**. *Elle s'est faite l'avocat de cette cause*. — Loc. *L'avocat du diable*, personne qui défend volontairement une mauvaise cause (pour prouver qqch.).

② **avocat** n. m. ■ Fruit de la grosseur d'une poire, à peau verte, dont la chair a la consistance du beurre et un goût rappelant celui de l'artichaut. ► **avocatier** n. m. ■ Arbre dont le fruit est l'avocat.

avoine [avwan] n. f. ■ Plante graminée (céréale) dont le grain sert surtout à l'alimentation des chevaux et des volailles.

① **avoir** [avwar] v. tr. ■ conjug. 34. I. (Possession) **1.** *Avoir qqch.*, posséder, disposer de. *Avoir une maison*. *Quelle voiture avez-vous ?*

déprimer

364

lancolie, neurasthénie ; fam. **déprime**. *Avoir des moments de dépression, être déprimé.* — *Dépression nerveuse, crise d'abattement.* **II.** Angl. Crise économique. ▶ **dépressif, ive** adj. **1.** Relatif à la dépression. *États dépressifs.* **2.** Sujet à la dépression. — N. *Une dépressive.* (▷ **antidépresseur, maniacodépresseur**)

déprimer [deprime] v. tr. ■ conjug. 1. **1.** Affaiblir physiquement ou moralement. ⇒ **abattre, décourager, démoraliser** ; **2** **dépression.** *Son licenciement l'a beaucoup déprimé.* **2.** (ÊTRE) DÉPRIMÉ, ÉE. *Se sentir déprimé. Je l'ai trouvée très déprimée.* ▶ **déprimant, ante** adj. ■ Qui déprime. *Climat déprimant.* ⇒ **débilissant.** — *Occupation morne et déprimante.* ⇒ **démoralisant.** ▶ **déprime** n. f. ■ Fam. Le fait d'être déprimé. ⇒ **2** **dépression.**

déprogrammer [deprograme] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Supprimer d'un programme. *Déprogrammer une émission de télévision.* ▶ **déprogrammation** n. f.

dépuceler [depysle] v. tr. ■ conjug. 4. ■ Fam. Faire perdre son pucelage à (une fille, un garçon). ⇒ **déflorer.**

depuis [d(ə)puj] prép. ■ À partir de. **I.** (Temps) **1.** À partir de (un moment passé). ⇒ **dès.** *Depuis le 15 mars,* à partir de cette date. *Depuis le matin jusqu'au soir,* du matin au soir. *Depuis quand ?* (quel moment). — Adv. *Nous ne l'avons plus vu depuis.* *Depuis, nous sommes inquiets.* — À partir de (une époque passée). *Depuis sa mort.* — *Depuis Platon, Aristote.* — **DEPUIS QUE** loc. conj. (+ indicatif). *Depuis qu'il est parti.* **2.** Pendant la durée passée qui sépare du moment dont on parle. *On vous cherche depuis dix minutes, il y a dix minutes que...* ⇒ **voilà.** « *Vous ne l'avez pas vu depuis combien de temps ?* — *Depuis quelques jours.* » *Depuis longtemps.* *Depuis peu,* récemment. *Depuis le temps que...*, il y a si longtemps. *Depuis le temps que je lui dis d'être prudent !* **II.** (Espace) **1.** **DEPUIS...** **JUSQU'À** : de cet endroit à tel autre. ⇒ **de.** *Depuis Paris jusqu'à Strasbourg.* **2.** **DEPUIS** employé seul, marque la provenance avec une idée de continuité. *Depuis Tours, il pleut. On l'entend depuis le perron, du perron.* — **Abusiv.** *Transmis depuis Marseille, de Marseille.* **III.** **DEPUIS...** **JUSQU'À** : exprime une succession ininterrompue dans une série. *Depuis le début jusqu'à la fin ; depuis A jusqu'à Z. Depuis le haut jusqu'en bas.* — **Ellipt.** *Costumes depuis 1500 francs, à partir de.*

dépurer [depyre] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Didact. Rendre plus pur. ⇒ **épurer, purifier.** *Dépurer le sang.* ▶ **dépuratif, ive** adj. et n. m. ■ Qui purifie l'organisme, en favorisant l'élimination des toxines, des poisons. *Plante dépurative.* — N. m. *Prendre un dépuratif.*

député [depyte] n. m. ■ Personne élue pour faire partie d'une assemblée délibérante. ⇒ **représentant.** *Les députés du tiers état sous l'Ancien*

Régime. — En France. Représentant élu pour faire partie de la chambre législative. ⇒ **élu, n., parlementaire.** *Être élu député. Madame le député ou Madame la députée* (n. f.). *La Chambre des députés ou Assemblée nationale.* ▶ **députation** n. f. ■ Fonction de député. *Candidat à la députation.*

déraciner [derasine] v. tr. ■ conjug. 1. **1.** Arracher (ce qui tient au sol par des racines). ⇒ **extirper.** *L'orage a déraciné plusieurs arbres.* / contr. **enraciner** / **2.** Abstrait. *Déraciner une erreur.* **3.** *Déraciner qqn, l'arracher de son pays, de son milieu.* — N. *Un déraciné.* ▶ **déracinement** n. m.

① **dérailer** [deraje] v. intr. ■ conjug. 1. ■ (Wagons, trains) Sortir des rails. *Faire dérailler un train.* ▶ **déraillement** n. m. ▶ **dérailleur** n. m. ■ Sur une bicyclette, changement de vitesse (qui fait que la chaîne « déraile » et change de pignon).

② **dérailer** v. intr. ■ conjug. 1. ■ Fonctionner anormalement. *Voix qui déraile.* — Fam. S'écarter du bon sens. ⇒ **déraisonner, divaguer.** *Elle déraile drôlement !*

déraison [derezɔ̃] n. f. ■ Littér. Manque de raison dans les paroles ou la conduite. *C'est le comble de la déraison !* ▶ **déraisonnable** adj. ■ Qui n'est pas raisonnable. ⇒ **absurde, insensé.** *Conduite déraisonnable.* ▶ **déraisonner** v. intr. ■ conjug. 1. ■ Littér. Tenir des propos dépourvus de raison, de bon sens. ⇒ **divaguer** ; fam. **2** **dérailer, déménager** (3). *Vous déraisonnez !*

① **déranger** [derãʒe] v. tr. ■ conjug. 3. **1.** Déplacer de son emplacement assigné ; mettre en désordre (ce qui était rangé). ⇒ **bouleverser, chambarder, déplacer.** *Déranger des papiers. Ne dérangez pas mes affaires.* **2.** Troubler le fonctionnement, l'action normale de (qqch.). ⇒ **dérégler, détraquer.** *L'orage a dérangé le temps.* ▶ **dérangé, ée** adj. ■ Détraqué. *Il a le cerveau, l'esprit un peu dérangé.* ⇒ **malade.** ▶ ① **dérangement** n. m. **1.** Mise en désordre. **2.** Dérèglement (dans le fonctionnement). *La ligne (téléphonique) est en dérangement.*

② **déranger** v. tr. ■ conjug. 3. ■ Gêner (qqn) dans son travail, ses occupations. ⇒ **importuner.** *Excusez-moi de vous déranger. J'ai demandé à la secrétaire de ne me déranger sous aucun prétexte.* — **SE DÉRANGER** v. pron. : quitter ses occupations, son travail. *Ne vous dérangez pas pour moi.* ▶ **dérangeant, ante** adj. ■ Qui dérange, provoque un malaise moral, une remise en question. *Un film dérangeant.* ▶ ② **dérangement** n. m. ■ ⇒ **gêne, trouble.** *Causer du dérangement à qqn. Pour vous éviter du dérangement.*

déraper [derape] v. intr. ■ conjug. 1. ■ (Voitures, bicyclettes, etc.) Glisser sur le sol. — Fig. S'écarter d'une ligne, de manière incontrôlée.

du dix-huitième siècle. *L'esprit des lumières au dix-huitième siècle*. ► **dix-neuf** [diznœf] adj. invar. et n. m. invar. 1. Adj. numéral cardinal (19). *Dix-neuf ans* [diznœvā]. — Adj. ordinal. *Page dix-neuf*. 2. N. m. *Dix-neuf est un nombre premier*. ► **dix-neuvième** adj. et n. ■ Il habite au dix-neuvième étage d'une tour. *Le dix-neuvième arrondissement* (à Paris). ► **dix-sept** [disset] adj. numér. invar. et n. invar. 1. Adj. cardinal. (17 ; XVII). *Dix-sept cents* (1 700). — Adj. ordinal. *Le numéro dix-sept*. 2. N. m. Nombre formé de dix plus sept. ► **dix-septième** adj. et n. ■ *Le XVII^e (siècle)*. Il est le dix-septième de sa classe. <▷ *dizaine, quatre-vingt-dix, soixante-dix*>

dixit [diksit] mot invar. ■ S'emploie devant ou après un nom de personne pour signaler que l'on rapporte ses paroles.

dizaine [dizen] n. f. 1. Groupe de dix unités (nombre). *Une dizaine de mille*. *Le chiffre des dizaines*. 2. Réunion de dix personnes, de dix choses (ou environ) de même nature. *Une dizaine de livres*. Il y a une dizaine d'années. 3. Une dizaine de chapelet, série de dix grains ; série de dix prières qui y correspond.

D.J. [didʒi ; didʒe] n. invar. ■ Anglic. 1. Disc-jockey. 2. Personne qui crée de la musique, des effets musicaux en manipulant des disques (de vinyle) en cours de lecture. *Elle est D.J.*

djebel [dʒebɛl] n. m. ■ Montagne, zone montagneuse, en Afrique du Nord.

djellaba(h) [dʒɛlabɑ] n. f. ■ Longue robe à manches longues et à capuchon, portée par les hommes et les femmes, en Afrique du Nord. *Des djellaba(h)s bleues*.

djihad [dʒiad] n. m. ■ Guerre sainte menée pour propager ou défendre l'islam.

djinn [dʒin] n. m. ■ Génie (bon ou mauvais) des légendes arabes. *Les djinns*. ≠ gin, jean.

do [do] n. m. invar. ■ Premier son de la gamme naturelle. ⇒ ut. *Do dièse, do bémol*. Dans la notation allemande, anglaise, do est désigné par C.

doberman [dɔbɛrman] n. m. ■ Chien de garde appartenant à une race d'origine allemande, svelte, à poils ras. *Des dobermans*.

docile [dosil] adj. ■ Qui obéit facilement. ⇒ obéissant. *Docile à, avec, envers (qqn, qqch.)*. Caractère *docile*. ⇒ **facile, maniable**. — Animal *docile*. / contr. **indocile** / — Cheveux *dociles*, qui se coiffent aisément. ► **docilement** adv. ■ Il me suivit docilement. ► **docilité** n. f. ■ Comportement soumis ; tendance à obéir. ⇒ **obéissance**. Il se résigna avec docilité. <▷ **indocile**>

dock [dɔk] n. m. 1. Vaste bassin entouré de quais et destiné au chargement et au déchargement des navires. 2. Hangars, magasins situés en bordure de ce bassin. *Dock à blé*. *Aller se promener aux docks*. ► **docker** [dɔkɛr] n. m.

■ Ouvrier qui travaille au chargement et au déchargement des navires. ⇒ **débardeur**.

docte [dɔkt] adj. ■ Vieilli. Érudit, savant. — Péj. *Un docte personnage*. ⇒ **pédant**. ► **doctement** adv. ■ Parler doctement. ⇒ **savamment**. <▷ ① **docteur**>

① **docteur** [dɔktœʁ] n. m. — REM. S'emploie le plus souvent avec un compl. 1. *Les DOCTEURS DE L'ÉGLISE* : les théologiens qui ont enseigné les dogmes du christianisme. 2. Personne qui est promue au plus haut grade universitaire dans une faculté. ⇒ **doctorat**. *Docteur ès lettres*. *Docteur en droit, en médecine*. Elle est docteur ès sciences. — REM. *Docteur* ès doit être suivi d'un nom ou pluriel sans article (ès veut dire « dans les »). ► **doctoral, ale, aux** [dɔktɔʁal, o] adj. ■ Péj. *Air, ton doctoral, l'air, le ton grave, solennel d'une personne qui pontifie*. ⇒ **docte, doctrinaire, pédantesque**. ► **doctorat** n. m. ■ Grade de docteur. *Avoir un doctorat ès lettres, en médecine*. *Thèse de doctorat*. <▷ ② **docteur**>

② **docteur** n. m. ■ Personne qui possède le titre de docteur en médecine et qui exerce la médecine ou la chirurgie (abrév. *Dr* ou *D^r*). ⇒ **médecin** ; fam. **toubib**. Il, elle est docteur. *Appeler, faire venir le docteur*. *Allez chez le docteur*. *Le docteur Marie Dupont*. ⇒ **doctoresse**. — (Appellatif) *Bonjour, docteur* (aussi à une femme). ► **doctoresse** n. f. ■ Vieilli. Femme médecin.

doctrine [dɔktrin] n. f. 1. Ensemble de principes, de croyances, de règles qu'on affirme être vrais et par lesquels on prétend fournir une interprétation des faits, orienter ou diriger l'action. ⇒ **dogme, système, théorie**. *La doctrine de Hegel*. *Les adeptes d'une doctrine*. *Doctrines politiques, religieuses*. 2. Ensemble des travaux juridiques destinés à exposer ou à interpréter le droit (opposé à *législation* et à *jurisprudence*). ► **doctrinaire** n. et adj. 1. Personne qui se montre étroitement attachée à une doctrine, à une opinion. ⇒ **dogmatique**. 2. Adj. *Doctrinal, sentencieux*. Il parla d'un ton doctrinaire. ► **doctrinal, ale, aux** adj. ■ Qui se rapporte à une doctrine, aux systèmes de doctrine. *Querelles doctrinales*. <▷ **endoctriner**>

document [dɔkymɑ] n. m. 1. Écrit qui sert de preuve ou de renseignement. *Documents scientifiques*. *Les archives sont l'ensemble des documents*. 2. Objet ou texte servant de preuve, de témoignage. ⇒ **pièce** à conviction. *C'est un document précieux pour l'enquête*. 3. Pièce qui permet d'identifier une marchandise en cours de transport. 4. Fichier informatique créé à partir d'un logiciel. *Ouvrir, enregistrer un document*. ► **documentaliste** n. ■ Personne dont le métier est de réunir, classer, conserver et utiliser des documents. ► ① **documentaire** adj. 1. Qui a le caractère d'un document, repose sur des documents. *Ce livre présente un réel intérêt documentaire*. — Loc. À titre documen-

paraître bas ou petit. *Les grands immeubles écrasaient les pavillons.* — (Personnes) Dominer, humilier. *Il nous écrase de son luxe.* 5. *Écraser qqn de...* ⇒ **accabler, surcharger.** — Au passif. *Le peuple était écrasé d'impôts.* 6. Vaincre, réduire totalement (un ennemi, une résistance). ⇒ **anéantir.** *L'armée a écrasé l'insurrection.* Notre équipe a été écrasée, a subi une lourde défaite. 7. Fam. **EN ÉCRASER** : dormir profondément. — Fam. *Écrase !, n'insiste pas, laisse tomber !* 8. **S'ÉCRASER** v. pron. : se faire petit. *Je m'écrasais contre le mur pour le laisser passer.* — Fam. *S'écraser devant qqn, ne pas protester, ne rien dire. Tu ferais mieux de t'écraser.* ► **écrasé, ée** adj. ■ Très aplati, court et ramassé. *Un nez écrasé.* ► **écrasant, ante** adj. 1. Extrêmement lourd. *Un poids écrasant. Une responsabilité écrasante. Des dettes écrasantes. Il faisait une chaleur écrasante.* ⇒ **accablant.** 2. Qui entraîne l'écrasement de l'adversaire. *Il a fait preuve d'une supériorité écrasante.* ► **écrasement** n. m. 1. Action d'écraser, fait d'être écrasé. *L'écrasement du raisin dans la cuve.* 2. Destruction complète (des forces d'un adversaire). ⇒ **anéantissement.** *L'écrasement des forces ennemies, d'une révolte.* ► **écraseur, euse** n. ■ Conducteur dangereux. ⇒ **chauffard.** (> **écrabouiller**)

écrémer [ekrɛmɛ] v. tr. ■ conjug. 6. 1. Dépouiller (le lait) de la crème, de la matière grasse. — Au p. p. adj. *Lait écrémé, demi-écrémé.* ⇒ **maigre.** 2. Dépouiller des meilleurs éléments (un ensemble, un groupe). *Sa collection a déjà été écrémée, les pièces rares n'y sont plus.* ► **écrémage** n. m. ■ Action d'écramer (1). *L'écémage du lait pour faire le beurre.* ► **écremeuse** n. f. ■ Machine à écramer le lait.

écrevisse [ekrɛvis] n. f. ■ Crustacé d'eau douce, de taille moyenne, aux pattes antérieures armées de fortes pinces. *Préparer des écrevisses au court-bouillon.* — Loc. *Marcher, aller comme une écrevisse, à reculons.* — *Rouge comme une écrevisse* (comme les écrevisses après la cuisson).

s'écrier [ekrije] v. pron. ■ conjug. 7. ■ Dire d'une voix forte et émue. *Elle s'écria que c'était injuste.* « Dépêchez-vous ! » *s'écria-t-il.*

écrin [ekrɛ̃] n. m. ■ Boîte ou coffret où l'on range des bijoux, des objets précieux. *Ranger l'argenterie dans les écrins.*

écrire [ekriʁ] v. tr. ■ conjug. 39. I. 1. Tracer (des signes d'écriture, un ensemble organisé de ces signes). *Effacez ce que vous avez écrit. Écrire un paragraphe. Écrire quelques mots sur (dans) un cahier.* — Sans compl. *Apprendre à écrire. Il ne sait ni lire, ni écrire. Écrire mal, comme un chat. Écrire gros, fin. Écrire en majuscules. Écrire lisiblement. Écrire au brouillon, au propre.* — Orthographier. *Je ne sais pas écrire son nom.* Pronominalement. « Appeler » *s'écrit avec deux p.* 2. Consigner,

noter par écrit. ⇒ **inscrire, marquer.** *J'ai dû écrire son adresse quelque part.* 3. Rédiger (un message destiné à être envoyé à qqn). *Il écrivait une longue lettre à sa mère.* Pronominalement. *Ils ne s'écrivent plus.* — Sans compl. Faire de la correspondance. *Il n'aime pas écrire.* 4. Annoncer par lettre. *Je lui ai écrit que j'étais malade.* II. 1. Composer (un ouvrage scientifique, littéraire). *Il a commencé à écrire ses mémoires. Il n'a rien écrit cette année.* ⇒ **publier.** — Sans compl. Composer un texte pour la publication. *Écrire en prose, en vers. Il écrit dans un grand journal.* — Sans compl. Être écrivain et produire. 2. Exprimer sa pensée par le langage écrit. *Il écrit comme il parle. Il écrit bien, mal. L'art d'écrire, de bien écrire.* 3. Exposer (une idée) dans un ouvrage. *On lui a reproché d'avoir écrit que...* ► ① **écrit** n. m. 1. Document écrit. *Un écrit anonyme.* 2. Ouvrage de l'esprit, composition littéraire, scientifique. ⇒ **livre, œuvre.** *Les écrits de Pasteur.* 3. Épreuves écrites d'un examen ou d'un concours. *Il attend les résultats de l'écrit. L'écrit et l'oral.* 4. **PAR ÉCRIT** loc. adv. : par un document écrit. *Je veux que vous m'en donniez l'ordre par écrit.* ► ② **écrit, ite** adj. 1. Tracé par l'écriture. *Des notes très mal écrites.* — Couvert de signes d'écriture. *Deux pages écrites et une page blanche.* 2. Exprimé par l'écriture, par des textes. / **contr. oral, parlé** / *La langue écrite.* 3. Qui est voulu par la Providence ou le destin, fixé et arrêté d'avance. *C'était écrit.* ⇒ **fatal. *Il est écrit qu'on n'y arrivera jamais.* ► **écriteau** n. m. ■ Surface plane portant une inscription en grosses lettres, destinée à faire connaître qqch. au public. ⇒ **pancarte.** *Un écriteau annonçait que la maison était à vendre. Des écriteaux.* ► **écritoire** n. f. ■ Anciennement. Petit coffret contenant tout ce qu'il faut pour écrire. *Une écritoire portable.* ► **écriture** n. f. 1. Système de signes visibles, tracés, représentant le langage parlé. *Écriture idéographique (ex. : hiéroglyphes), alphabétique.* 2. Type de caractères adopté dans un tel système. *Écriture gothique, romaine, arabe, russe (cyrillique).* 3. Manière personnelle dont on trace les caractères en écrivant ; ces caractères. ⇒ **graphologie.** *Avoir une belle écriture, une écriture illisible. J'ai reconnu votre écriture.* 4. Littér. Manière d'écrire (II) d'une personne (style), d'une époque, etc. *L'écriture automatique, technique des surréalistes visant à traduire la pensée spontanée.* — Acte d'écrire. 5. Droit. Écrit. *Faux en écriture.* — Au plur. Actes de procédure nécessaires à la soutenance d'un procès. — Inscription d'une opération comptable. *Passer une écriture. Tenir les écritures, la comptabilité.* 6. (Avec une majuscule) *L'Écriture, les Écritures, les livres saints.* ⇒ **Bible.** ► **écrivain** n. m. 1. Personne qui compose, écrit des ouvrages littéraires. ⇒ **auteur.** *Les grands écrivains. Le style d'un écrivain. Elle est écrivain (parfois écrivaine, n. f.). Un écrivain traduit en plusieurs langues.* 2. **ÉCRIVAIN PUBLIC** : celui qui écrit (des lettres,**

écrou

432

etc.) pour ceux qui ne savent pas ou savent mal écrire. ► **écrivain**, **euse** [ekrivajœʁ, øz] ou **écrivain** [ekrivajɔ̃] n. ■ Pôj. Homme ou femme de lettres médiocre (qui ne fait qu'écrire) ou **écrivain** ou **écrivain**. (> **récrire**)

① **écrou** [ekʁu] n. m. ■ Procès-verbal constatant qu'un individu a été remis à un directeur de prison, et mentionnant la date et la cause de l'emprisonnement. *Registre d'écrou. Levée d'écrou*, constatation de la remise en liberté d'un détenu. ► **écrouer** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Inscrire sur le registre d'écrou, emprisonner. *Il a été écroué à la prison de la Santé.* ⇒ **incarcérer**. / contr. **élargir**, **libérer** /

② **écrou** n. m. ■ Pièce de métal, de bois, etc., percée d'un trou fileté pour le logement d'une vis ou d'un boulon. *Serrer, desserrer des écrous.*

écrouelles [ekʁuɛl] n. f. pl. ■ Abcès ganglionnaires d'origine tuberculeuse. ⇒ **scrofuleux**.

s'écrouler [ekʁule] v. pron. ■ conjug. 1. 1. Tomber soudainement de toute sa masse. ⇒ **s'abattre**, **s'affaisser**, **crouler**, **s'ébouler**, **s'effondrer**. *Des pans de murs s'écroulaient dans les flammes.* — Au p. p. adj. *Une maison écroulée.* 2. Abstrait. Subir une destruction, une fin brutale. ⇒ **sombrier**. *Sa fortune, son autorité s'est écroulée. Tous ses projets s'écroulent.* 3. Fam. (Personnes) Se laisser tomber lourdement. ⇒ **s'affaler**. *Il s'écroula dans un fauteuil.* 4. Fig. Être accablé de. *Le soir, il s'écroulait de fatigue.* — Fam. *S'écrouler (de rire)*, n'en plus pouvoir à force de rire. Au p. p. adj. *Rien qu'à le voir, on était tous écroulés.* ► **écroulement** n. m. 1. Fait de s'écrouler, chute soudaine. ⇒ **effondrement**, **ruine**. *L'écroulement d'un mur.* 2. Fig. Destruction soudaine et complète. ⇒ **anéantissement**. *Après l'écroulement de l'Empire.* 3. Fait de s'écrouler physiquement, de s'effondrer.

écru, ue [ekʁy] adj. ■ Qui n'est pas blanchi, lessivé (chanvre, soie...). *Toile écru.*

ecstasy [ɛkstazi] n. f. ■ Anglic. Stupéfiant hallucinogène dérivé de l'amphétamine, qui lève certaines inhibitions. — Abrév. fam. **ECSTA** n. f.

-ectomie ■ Élément savant signifiant « ablation ». ⇒ **-tomie**.

ectoplasme [ektoplasm] n. m. ■ Émanation visible du corps du médium ②. — Par plaisanterie. Personne faible, molle, silencieuse qu'on ne remarque pas. ⇒ **zombie**.

① **écu** [eky] n. m. 1. Bouclier des hommes d'armes au Moyen Âge. 2. Champ en forme de bouclier où figurent les pièces des armoiries ; ces armoiries. ⇒ **écusson**. 3. Ancienne monnaie française. *Un écu d'or.* — Ancienne pièce de cinq francs en argent. (> **écusson**)

② **écu** ou **E.C.U.** [eky] n. m. Invar. ■ Unité monétaire européenne (unité de compte). ⇒ aussi **euro**. ≠ ① **écu** (3).

écubier [ekybje] n. m. ■ Ouverture ménagée à l'avant d'un navire, sur le côté de l'étrave, pour le passage des câbles ou des chaînes.

écueil [ekœj] n. m. 1. Rocher, banc de sable à fleur d'eau contre lequel un navire risque de se briser ou de s'échouer. ⇒ **brisant**, **récif**. *Heurter un écueil. Se briser sur, contre un écueil.* 2. Obstacle dangereux, cause d'échec. ⇒ **danger**. *La vie est pleine d'écueils. C'est là l'écueil.*

écuelle [ekœl] n. f. ■ Assiette large et creuse sans rebord (encore utilisée dans certaines campagnes) ; son contenu. *Une écuelle en bois.*

éculé, ée [ekyle] adj. 1. Dont le talon est usé, déformé. *Des savates éculées.* 2. Usé, qui a perdu toute fraîcheur, à force d'avoir servi. *Ces plaisanteries éculées ne font plus rire.* ⇒ **rebuté**.

écumant, ante ⇒ **écumer**.

① **écume** [ekym] n. f. 1. Mousse blanchâtre qui se forme à la surface des liquides agités, chauffés ou en fermentation. *L'écume d'un bouillon. L'écume d'un torrent, de la mer.* 2. Bave mousseuse de certains animaux. *Mufle couvert d'écume.* — Bave mousseuse qui vient aux lèvres d'une personne en colère ou en proie à une attaque (épilepsie, etc.). — Sueur blanchâtre qui s'accumule sur le corps d'un cheval, d'un taureau. 3. Impuretés qui flottent à la surface des métaux en fusion. ► **écumeux, euse** adj. ■ Qui forme de l'écume, se couvre d'écume. ⇒ **écumant**. *Cascade écumeuse.* (> **écumer**)

② **écume** n. f. ■ Silicate naturel de magnésium. (On dit aussi **écume de mer**.) *Pipe en écume.*

écumer [ekyme] v. ■ conjug. 1. I. V. intr. 1. (Mer) Se couvrir d'écume. ⇒ **moutonner**. 2. (Animaux) Baver. *Le cheval écumait.* — (Personnes) *Écumer (de rage)*, être au dernier degré de la fureur. II. V. tr. 1. Débarrasser (qqch.) de son écume, des impuretés. ⇒ **écumoire**. *Il faut écumer les confitures. Écumer un pot-au-feu.* 2. Fig. *Écumer les mers, les côtes*, y exercer la piraterie. — Prendre ce qui est le plus profitable ou intéressant dans... *Les antiquaires ont écumé la région.* ► **écumant, ante** adj. ■ Qui écume (I). *Une mer écumante.* ⇒ **écumeux**. — *Chien écumant.* — (Personnes) *Être écumant de rage.* ► **écumoire** n. f. ■ Ustensile de cuisine composé d'un disque aplati, percé de trous, monté sur un manche, servant à écumer le bouillon, le sirop, etc. — Loc. *Comme une écumoire, en écumoire*, criblé, percé de nombreux trous. ⇒ **passoire**.

écureuil [ekyʁœj] n. m. ■ Petit mammifère rongeur au pelage généralement roux, à la queue longue et en panache. — Fourrure de cet animal. *Une veste en écureuil.* — Loc. *Être vif, souple, agile comme un écureuil.*

féliciter

548

féliciter [felisite] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Assurer (qqn) de la part qu'on prend à ce qui lui arrive d'heureux. ⇒ **congratuler**. *Féliciter la jeune maman.* 2. Complimenter (qqn) sur sa conduite. ⇒ **applaudir**, **approuver**. *Il m'a félicité d'avoir été si prudente.* / contr. **blâmer** / *Je ne vous félicite pas pour cette initiative.* 3. SE **FÉLICITER** v. pron. : s'estimer heureux, content. ⇒ se réjouir. *Je me félicite de ton succès.* / contr. **déplorer** / — S'approuver soi-même. *Je me félicite de mon choix, d'avoir choisi cela.* / contr. se reprocher / ► **félicitations** n. f. pl. 1. Compliments que l'on adresse à qqn pour lui témoigner la part que l'on prend à ce qui lui arrive d'heureux. ⇒ **congratulation**. / contr. **condoléances** / *Faire, adresser des félicitations. Toutes mes félicitations.* 2. Chaleureuse approbation. ⇒ **éloge**. *Recevoir les félicitations du jury.* / contr. **blâme** /

félin, ine [felē, in] n. et adj. 1. N. m. UN **FÉLIN** : un carnassier du type chat. *Les grands félins* (tigres, lions, panthères...). ⇒ **fauve**. 2. Adj. Qui a les mouvements doux, souples et gracieux du chat. *Une grâce féline.*

fellag(h)a [fe(ɛl)laga] n. m. ■ Nom donné par les Français aux combattants partisans de l'Algérie indépendante (1954-1962). *Des fellaghas.* ⇒ **moudjahid**.

fellah [fe(ɛl)la] n. m. ■ Paysan égyptien. *Des fellahs.*

fellation [fe(ɛl)lasjɔ̃] n. f. ■ Acte sexuel consistant en des caresses buccales du sexe masculin.

félon, onne [felɔ̃, ɔn] adj. ■ Pendant la féodalité. Qui agit contre la parole donnée. *Un vassal félon.* ⇒ **traître**. ► **félonie** n. f. ■ Trahison.

felouque [fɛluk] n. f. ■ Petit bateau de la Méditerranée ou du Nil, à voile ou à rames.

fêlure [fɛlyʁ] n. f. ■ Fente d'une chose fêlée. *Fêlure d'une assiette.*

femelle [fɛmɛl] n. f. et adj. I. N. f. 1. Animal du sexe qui reproduit l'espèce en étant fécondé par le mâle. *La chèvre est la femelle du bouc.* 2. Injurieux. Femme. II. Adj. 1. (Animaux et plantes) *Une souris femelle, un hareng femelle. Un démon femelle, une femme mauvaise. Palmier femelle.* 2. Se dit de pièces destinées à en recevoir une autre, appelée « mâle ». *Tuyau femelle, prise femelle.*

féminin, ine [feminē, in] adj. 1. Qui est propre à la femme. *Sexe féminin. Charme féminin.* / contr. **masculin**, **viril** / 2. Qui a de la féminité (2). *Il a un beau visage, des traits un peu féminins. Elle est très féminine.* 3. Qui concerne les femmes. *Main-d'œuvre féminine. Journaux féminins.* 4. (Quand il y a deux genres) Qui appartient au genre marqué (opposé à **masculin**). « *Sentinelle* » est un nom féminin. — N. m. *Accord du féminin.* 5. Rime féminine, terminée par un e

muet. ► **féminiser** v. tr. ■ conjug. 1. 1. Donner le caractère, l'aspect féminin à. 2. *Féminiser une profession, une organisation*, augmenter la proportion de femmes qui en font partie. — SE **FÉMINISER**. *Cette profession s'est fortement féminisée.* ► **féminisation** n. f. 1. Action de féminiser (2). *La féminisation du monde politique.* 2. Action de créer une forme féminine pour un nom de métier masculin. *La féminisation d'« écrivain » en « écrivaine ».* ► **féminisme** n. m. ■ Doctrine qui lutte en faveur de droits égaux entre l'homme et la femme. ► **féministe** adj. ■ Qui a rapport au féminisme. *Mouvement féministe.* — N. Partisan du féminisme. *Un, une féministe.* ► **féminité** n. f. 1. Sexe féminin. 2. Ensemble des caractères (charme, douceur, délicatesse...) correspondant à une image sociale de la femme qu'on oppose à une image sociale de l'homme. / contr. **virilité** /

femme [fam] n. f. I. Être humain du sexe qui met au monde les enfants. 1. UNE **FEMME** : un être humain adulte de sexe féminin. ⇒ **fillette**, **jeune fille**. *Les hommes, les femmes et les enfants. Une belle, une jolie femme. Une maîtresse femme, qui sait se faire obéir. Cette femme est professeur, c'est un professeur; un professeur femme. Femme médecin, doctoresse (ou docteur).* 2. LA **FEMME** (collect.) : l'être humain du sexe féminin. *La psychologie de la femme. Émancipation de la femme.* — (En attribut) *Elle est femme, très femme, elle a de la féminité.* / contr. **mâle** / 3. Jeune fille nubile ou qui n'est plus vierge. *À présent, tu es une femme.* 4. JEUNE **FEMME** : femme (mariée ou supposée telle) qui est jeune. 5. ⇒ **bonne femme**. 6. ⇒ **sage-femme**. II. Épouse. *Jeanne est la femme de Philippe. C'est sa femme. Sa première femme, sa seconde femme. Prendre femme, se marier.* III. Loc. **FEMME D'AFFAIRES** : femme cadre ou chef d'entreprise privée. — **Femme politique**. — **FEMME DE CHAMBRE** : employée attachée au service intérieur d'une maison, d'un hôtel. ⇒ **servante**, **soubrette**. — **FEMME DE MÉNAGE** : femme qui vient faire le ménage dans une maison et qui est généralement payée à l'heure. — **FEMME DE SERVICE** : employée d'une collectivité, chargée du nettoyage. — **FEMME OBJET** : femme considérée par l'homme (les hommes) comme un objet et non comme une personne, un sujet. ► **femmelette** [famlet] n. f. ■ Homme sans force, craintif. *Il tremble, c'est une vraie femmelette.* (► **bonne femme**, **sage-femme**)

fémur [fɛmyʁ] n. m. ■ Os long qui constitue le squelette de la cuisse. ► **fémoral, ale, aux** adj. ■ Du fémur. *L'artère fémorale.*

fenaison [fənɛzɔ̃] n. f. ■ Coupe et récolte des foins.

fendant [fādā] n. m. ■ Variété de chasselas cultivée en Suisse. — Vin blanc produit de ce raisin. *Un décilitre de fendant.*

holà

***holà** [ˈɔla ; hola] interj. et n. m. 1. Interj. Sert à appeler ; sert à modérer, à arrêter. ⇒ assez, doucement. *Holà ! Du calme !* ⇒ hé. 2. N. m. Loc. METTRE LE HOLÀ À : mettre fin, bon ordre à. *Mettre le holà à des dépenses excessives.*

***holding** [ˈɔldɪŋ] n. f. ■ Anglic. Société qui prend des participations financières dans d'autres sociétés afin de diriger ou de contrôler leur activité.

***hold-up** [ˈɔldʊp] n. m. invar. ■ Anglic. Attaque à main armée dans un lieu public, pour effectuer un cambriolage. *Le hold-up d'une banque, d'un fourgon postal. Des hold-up sanglants.*

***hollandais, aise** [ˈɔllɑ̃dɛ, ɛz] adj. et n. ■ De Hollande, des Pays-Bas. ⇒ néerlandais. — N. *Les Hollandais.*

***hollande** [ˈɔllɑ̃d] n. m. 1. Fromage de Hollande, à croûte rouge, à pâte dure. *Du hollande étuvé.* 2. Papier de luxe. *Édition originale sur hollande.*

holocauste [ɔlɔkɔst] n. m. 1. Sacrifice total, à caractère religieux ou non. *Victime brûlée en holocauste.* — Loc. Littér. *S'offrir en holocauste (à la patrie, à une cause...), se sacrifier totalement.* 2. Extermination (d'un peuple). ⇒ génocide.

holographie [ɔlɔɡrafi] n. f. ■ Procédé photographique qui restitue le relief des objets, grâce à un faisceau laser. ► **hologramme** n. m. ■ Image obtenue par le procédé de l'holographie. *Une exposition d'hologrammes.*

***homard** [ˈɔmar] n. m. ■ Grand crustacé marin, aux pattes antérieures armées de grosses pinces. ≠ langouste. — Loc. fam. *Être rouge comme un homard, très rouge, comme l'est un homard après la cuisson.*

***home** [ˈɔm] n. m. Anglic. 1. Le foyer, le logis. *Enfin ! je retrouve mon home !, mon chez-moi.* 2. HOME D'ENFANTS : centre d'accueil pour enfants. ≠ heaume.

homélie [ɔmeli] n. f. ■ Littér. Discours moralisateur. ⇒ sermon. *Subir des homélies continuelles.*

homéo- ■ Élément qui signifie « semblable, le même ». ⇒ homo-. ► **homéopathie** [ɔmɛɔpati] n. f. ■ Méthode thérapeutique qui consiste à administrer à doses minuscules des remèdes capables, à doses plus élevées, de produire des symptômes semblables à ceux de la maladie à combattre. ► **homéopathe** n. ■ Médecin qui pratique l'homéopathie. *L'homéopathe a prescrit des granulés.* — Adj. *Médecin homéopathe.* ► **homéopathique** adj. ■ Pharmacie. *Traitement, dose homéopathique.* — À dose homéopathique, à très petite dose. ► **homéostasie** n. f. ■ Biologie. *Régulation des constantes physiologiques d'un organisme.*

homérique [ɔmɛrik] adj. 1. Qui a rapport à Homère. *Poèmes homériques.* 2. Qui a un caractère épique, spectaculaire. *Personnage homérique. Lutte homérique.* — Loc. *Rire homérique, fou rire bruyant.*

homicide n. m. 1. N. m. Action de tuer un être humain. *Commencer un homicide involontaire, par imprudence. Être accusé d'homicide volontaire.* ⇒ assassinat, crime, meurtre. 2. Adj. Qui cause la mort d'une ou de plusieurs personnes. ⇒ meurtrier. *Folie, guerre homicide. Personne homicide.*

hominien [ɔminjɛ] n. m. pl. ■ Famille de primates qui comprend l'homme actuel et toutes les espèces fossiles considérées comme des ancêtres de notre espèce. ⇒ homo sapiens. — Au sing. *Le pithécantrope est un hominien.*

hommage [ɔmaʒ] n. m. 1. Acte de courtoisie, preuve de dévouement d'un homme à une femme. *Recevoir l'hommage de nombreux admirateurs. Elle est sensible aux hommages.* ⇒ compliment, flatterie. — Au plur. (Formule de politesse) ⇒ civilité. *Présenter ses hommages. Daignez agréer, Madame, mes respectueux hommages. Ellipt. Mes hommages, Madame.* 2. Marque de vénération. ⇒ culte. *Rendre hommage à Dieu. — Rendre hommage à qqn. ⇒ honorer. Rendre hommage au talent, au courage, à la loyauté de qqn. Rendre un dernier hommage (à un défunt).* 3. Vx. Don respectueux. *L'auteur m'a fait l'hommage de son livre, m'en a offert un exemplaire.*

hommasse [ɔmas] adj. ■ Péj. (Femme) Qui ressemble à un homme par la carrure, les manières. ⇒ masculin. *Elle est un peu hommasse.*

homme [ɔm] n. m. I. Être appartenant à l'espèce animale la plus évoluée de la Terre, mammifère de la famille des hominiens, seul représentant de son espèce, vivant en société, caractérisé par une intelligence développée et un langage articulé. — REM. Dans ce sens, *homme* désigne les hommes (II) et les femmes, mais ne se dit pas en parlant seulement des femmes. *Les hommes.* ⇒ humanité. *Les droits de l'homme. L'homme est un « animal raisonnable ». Les dieux et les hommes.* ⇒ créature, mortel. — *Le fils de Dieu fait homme, le Fils de l'homme, le Christ. Être digne du nom d'homme, en avoir les vertus. Ce n'est qu'un homme (avec toutes ses faiblesses).* II. Être humain mâle. *Les hommes et les femmes.* 1. Être humain mâle et adulte. *Comment s'appelle cet homme ? ⇒ individu, monsieur. Parvenir à l'âge d'homme. Vieil homme. ⇒ vieillard, vieux. Une voix d'homme. Vêtements d'homme. ⇒ masculin. À quinze ans il était déjà un homme. Il se fait homme. — Homme à femmes. ⇒ don Juan, séducteur. Homme marié ⇒ époux, mari, qui a des enfants ⇒ père. — HOMME DE. Homme d'action. Homme de bien. Homme de génie. — (Condition) Homme du monde. Homme du*

peuple. — (Collectif) *L'homme de la rue*, l'homme moyen quelconque. *L'homme du jour*, celui dont on parle actuellement. — (Profession) *Homme d'État*. *Homme de loi*. *Homme d'affaires*. *Homme de lettres*. *Homme de science*, savant, chercheur. *Homme de peine*. — Loc. ÊTRE HOMME À (+ infinitif) : être capable de. *Il n'est pas homme à tenir ses promesses*. — (Précédé d'un possessif) *L'homme qui convient, dont on a besoin*. *Le parti a trouvé son homme*. *Voilà mon homme*. *Je suis votre homme*. Être l'homme de qqch., qui convient à (qqch.). *C'est l'homme de la situation*. — D'HOMME À HOMME : directement, en toute franchise et sans intermédiaire. 2. L'homme considéré quant aux qualités attribuées ou propres à son sexe. *Ose le répéter si tu es un homme ! Parole d'homme*. *Ne pleure pas, sois un homme !* — (Quant à sa virilité) *Les eunuques ne sont pas des hommes*. — Fam. *C'est mon homme*, mon mari, mon amant. III. Individu dépendant d'une autorité (civile ou militaire). *Il y avait trente mille hommes en ligne*. ⇒ *soldat*. *Le chef de chantier et ses hommes*. ⇒ *ouvrier*. — Loc. COMME UN SEUL HOMME : avec un ensemble parfait. *Ils ont agi comme un seul homme*. IV. JEUNE HOMME. 1. Homme jeune. *Il n'a plus des jambes de jeune homme*. 2. Garçon pubère, homme jeune célibataire (plur. *jeunes gens*). ⇒ *adolescent*, *garçon*, *gars*. *Un jeune homme et une jeune fille* (on dit globalement *des jeunes gens*). *Un tout jeune homme*, qui sort à peine de l'enfance. *Un grand jeune homme*. — Pop. ⇒ *fil*. *Votre jeune homme*. — Fam. *Petit garçon*. *Bonjour, jeune homme ! Que veut ce jeune homme ?* ► *homme-grenouille* n. m. ■ Plongeur muni d'un scaphandre autonome, qui travaille sous l'eau. *Des hommes-grenouilles*. ► *homme-orchestre* n. m. 1. Musicien qui joue en même temps de plusieurs instruments. 2. Personne qui accomplit des fonctions diverses dans un domaine, qui a des compétences variées. *Des hommes-orchestres*. ► *homme-sandwich* [ɔmsɔ̃dwiʃ] n. m. ■ Homme qui promène dans les rues deux panneaux publicitaires, l'un sur la poitrine, l'autre dans le dos. *Des hommes-sandwichs*. (▷ *bonhomie*, *bonhomme*, *gentilhomme*, *hommase*, *prud'homme*, *surhomme*)

homo- ■ Élément savant signifiant « semblable, le même ». ⇒ *homéo-*. / contr. *hétéro-* (▷ *homogène*, *homologue*, *homonyme*, *homosexuel*)

homogène [ɔmɔʒɛn] adj. 1. (En parlant d'un tout) Formé d'éléments de même nature ou répartis de façon uniforme. / contr. *hétérogène* / *Mélange homogène*. *Substance homogène*. — Abstrait. ⇒ *cohérent*, *uniforme*. *Classe homogène* : composée d'élèves de niveau semblable. *Équipe homogène*, *œuvre homogène*, qui a une grande unité. / contr. *disparate* / 2. Au plur. (En parlant des parties) Qui sont de même nature. ⇒ *semblable*. *Les éléments homogènes d'une substance chimiquement pure*. / contr. *hétérogène* / ► *homogénéité*

hongrois

ser [ɔmɔʒeneize] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Rendre homogène. — Au p. p. adj. *Lait homogénéisé*, qui a subi un traitement empêchant la crème de remonter. ► *homogénéisation* n. f. ► *homogénéité* n. f. ■ Caractère de ce qui est homogène. *L'homogénéité d'une substance*. — Abstrait. ⇒ *cohérence*, *cohésion*, *harmonie*, *unité*. *L'homogénéité d'un parti*. / contr. *hétérogénéité* /

homographe [ɔmɔʒɡraf] adj. ■ Se dit des mots qui ont la même orthographe. « *Mousse* » (n. f.) et « *mousse* » (n. m.) sont *homographes* et *homophones* (⇒ *homonyme*). — N. m. *Des homographes*.

homologue [ɔmɔlɔʒ] adj. et n. ■ Équivalent. *Le grade d'amiral est homologue de celui de général*. — N. *Le chef de l'État français s'est entretenu avec son homologue américain*. ► *homologuer* v. tr. ■ conjug. 1. 1. En droit. Entériner (un acte) afin de permettre son exécution. ⇒ *ratifier*, *sancionner*, *valider*. *Le tribunal homologue le testament*. — Au p. p. adj. *Tarif homologué*. 2. Reconnaître, enregistrer officiellement après vérification (une performance, un record). ► *homologation* n. f.

homonyme [ɔmɔnim] adj. et n. 1. Se dit des mots de prononciation identique et de sens différents. *Noms, adjectifs homonymes* (ex. : *ceint*, *sain*, *sein*, *seing*). — N. m. *Un homonyme*. 2. N. Se dit des personnes, des villes, etc., qui portent le même nom. *Monsieur Dupont a de nombreux homonymes*. *Troyes et son homonyme Troie*. ► *homonymie* n. f. ■ *Il y a homonymie entre « pain » et « pin »*.

homophobe [ɔmɔfɔb] adj. ■ Qui manifeste de l'hostilité à l'égard des homosexuels. — N. *Un homophobe*. ► *homophobie* n. f.

homophone [ɔmɔfɔn] adj. ■ Se dit des mots qui ont la même prononciation. « *Eau* » et « *haut* » sont *homophones*. — N. m. *Les homophones*.

homo sapiens [ɔmɔsapjɛ̃s] n. m. ■ Espèce à laquelle appartiennent les humains actuels (par rapport aux hommes préhistoriques).

homosexuel, elle [ɔmɔsɛksɥɛl] n. et adj. ■ Personne qui éprouve une attirance sexuelle pour les individus de son propre sexe. — Adj. Relatif à l'homosexualité. *Tendances homosexuelles*. / contr. *hétérosexuel* / ► *homosexualité* n. f. ■ Tendance des homosexuels. *L'homosexualité féminine, masculine*.

homozygote [ɔmɔzigoʒ] adj. ■ Se dit d'un individu qui possède deux gènes identiques situés au même niveau de chaque chromosome d'une même paire (opposé à *hétérozygote*).

***hongre** [ɔ̃ɡʁ] adj. et n. m. ■ (Cheval) Châtré. *Des pur-sang hongres*.

***hongrois, oise** [ɔ̃ɡʁwa, waz] adj. et n. ■ De Hongrie. *Peuple hongrois*. ⇒ *magyar*.

chante. ⇒ **cruauté, dureté, malveillance.** / **contr. bienveillance, bonté** / *C'est de la pure méchanceté. La méchanceté d'une remarque.* **2.** Une méchanceté, parole ou action par laquelle s'exerce la méchanceté. *Cesse de dire des méchancetés.* ⇒ **fam. vacherie.**

① **mèche** [mɛʃ] n. f. **I. 1.** Cordon, tresse de fils de coton, de chanvre, imprégné(e) de combustible et qu'on fait brûler. *La mèche d'une lampe à huile.* **2.** Cordon fait d'une matière qui prend feu aisément. *La mèche d'une mine.* **3.** Loc. fig. *Éventer, découvrir la mèche, découvrir le secret d'un complot.* ⇒ **pot aux roses. Vendre la mèche, trahir le secret.** **II.** Tige d'acier servant à percer le bois, le métal. *La mèche d'un vilebrequin, d'une perceuse.* ⇒ **vrille.**

② **mèche** n. f. ■ Cheveux distincts dans l'ensemble de la chevelure par leur position, leur forme, leur couleur. *Mèches bouclées.* ⇒ **boucle.** *Elle s'est fait faire des mèches chez le coiffeur, elle s'est fait éclaircir, teindre certaines mèches.*

③ **de mèche** loc. invar. ■ Loc. **fam.** *Être de mèche avec qqn,* être d'accord en secret. ⇒ **complicité, connivence.**

méchoui [mɛʃwi] n. m. ■ Mouton rôti à la broche. *Dimanche, nous ferons un méchoui. Des méchouis.*

mécompte [mɛkɔ̃t] n. m. ■ Erreur de prévision ; espoir fondé à tort. ⇒ **déception.** *De graves mécomptes.*

se méconduire [mɛkɔ̃dɥir] v. pron. ■ **conjug.** 38. ■ En Belgique. *Se conduire mal. Il s'est méconduit avec ses amis.* ▶ **méconduite** n. f.

méconnaître [mɛkɔ̃nɛtr] v. tr. ■ **conjug.** 57. **1.** Littér. Ne pas reconnaître (une chose) pour ce qu'elle est, refuser d'en tenir compte. ⇒ **ignorer, négliger.** *Méconnaître les lois.* **2.** Ne pas apprécier (qqn ou qqch.) à sa juste valeur. ⇒ **méjuger, mésestimer.** *La critique méconnaît souvent les auteurs de son temps.* / **contr. apprécier** / ▶ **méconnaissable** adj. ■ Qui est si changé (en bien ou en mal) qu'on ne peut le reconnaître. *Je ne l'avais pas revu depuis sa maladie ; il est méconnaissable. Sa boutique est méconnaissable depuis qu'il l'a repeinte.* ▶ **méconnaissance** n. f. ■ Littér. Action de méconnaître ; ignorance, incompréhension. ▶ **méconnu, ue** adj. ■ Qui n'est pas reconnu, estimé à sa juste valeur. *Un génie méconnu.* / **contr. reconnu** /

mécontent, ente [mɛkɔ̃tã, ãt] adj. et n. **1.** Qui n'est pas content, pas satisfait. *Il est rentré déçu et très mécontent.* ⇒ **contrarié, fâché.** *Être mécontent de son sort. Je suis mécontent que vous ne soyez pas venu.* / **contr. enchanté, ravi** / **2.** N. *Un perpétuel mécontent.* ⇒ **grognon, insatisfait.** ▶ **mécontentement** n. m. ■ État d'esprit d'une personne mécontente ; sentiment pénible d'être frustré dans ses espérances,

ses droits. ⇒ **déplaisir, insatisfaction.** *Sujet de mécontentement, contrariété, ennui. Une cause de mécontentement populaire.* / **contr. contentement, satisfaction** / ▶ **mécontenter** v. tr. ■ **conjug.** 1. ■ Rendre mécontent. ⇒ **contrarier, fâcher.** *Cette mesure a mécontenté tout le monde.*

mécréant, ante [mekrɛã, ãt] adj. et n. ■ Littér. ou **plais.** Qui n'a aucune religion. ⇒ **athée, irréligieux.** — N. *Un mécréant.* / **contr. croyant** /

médaille [medaj] n. f. **1.** Pièce de métal, généralement circulaire, frappée ou fondue en l'honneur d'un personnage illustre ou en souvenir d'un événement (⇒ **monnaie**). *Science des médailles.* ⇒ **numismatique.** **2.** Pièce de métal constituant le prix (dans un concours, une exposition). *Médaille d'or, d'argent, de bronze.* — Décoration (médaille, ruban, etc.). *Médaille militaire,* décoration française décernée aux sous-officiers et soldats les plus méritants. **3.** Petite pièce de métal portée sur soi en breloque. *Médaille pieuse.* ▶ **médaille, ée** adj. et n. ■ Qui a reçu une médaille (2). — N. *Les médaillés militaires.* ▶ **médailillon** n. m. **1.** Portrait ou sujet sculpté, dessiné ou gravé dans un cadre circulaire ou ovale. ⇒ **camée.** **2.** Bijou de forme ronde ou ovale. **3.** Tranche mince et ronde (de viande). *Un médailillon de foie gras.*

médecin [mɛdsɛ̃] n. m. ■ Personne qui exerce la médecine, est titulaire du diplôme de docteur en médecine. ⇒ **docteur, praticien** ; **fam. toubib.** *Je vais chez le médecin. Elle est médecin. Médecin consultant. Médecin traitant, qui suit le malade. Médecin généraliste, spécialiste.* ▶ **médecine** n. f. **I.** Vx ou région. Médicament, remède. *Prendre médecine.* **II. 1.** Science qui a pour objet la conservation et le rétablissement de la santé ; art de prévenir et de soigner les maladies de l'homme (⇒ **médical**). *Étudiant en médecine.* ⇒ **fam. carabin. Docteur en médecine.** ⇒ **médecin. Médecine préventive. Médecine mentale.** ⇒ **psychiatrie. Médecine générale,** qui s'occupe de l'ensemble de l'organisme, en dehors de toute spécialisation. — *Médecine légale,* exercée pour aider la justice, en cas de crime, etc. ⇒ **médico-légal.** **2.** Profession du médecin. *Guérisseur qui exerce illégalement la médecine.* ▶ **médical, ale, aux** adj. ■ Qui concerne la médecine. *Soins médicaux. Visite médicale.* ▶ **médicalement** adv. ■ Du point de vue de la médecine. ▶ **médicaliser** v. tr. ■ **conjug.** 1. **1.** Soumettre à l'intervention de la médecine. *Médicaliser le sport, la grossesse.* **2.** Pourvoir d'une infrastructure médicale. — Au p. p. adj. *Résidence médicalisée pour personnes âgées.* ▶ **médicament** n. m. ■ Substance spécialement préparée pour servir de remède. ⇒ **médication, remède** ; **fam. drogue.** *Ordonner, prescrire un médicament à un malade.* ▶ **médicamenteux, euse** adj. ■ Qui a des propriétés thérapeutiques. ▶ **médication** n. f. ■ Emploi systématique d'agents médicaux dans

média

une intention précise. ⇒ **thérapeutique**. ▶ **médicinal, ale, aux** adj. ■ Qui a des propriétés curatives. *Les plantes médicinales*. ▶ **médico-** ■ Élément signifiant « médical ». ▶ **médico-légal, ale, aux** adj. ■ Relatif à la médecine légale. *Institut médico-légal, la morgue*. ▶ **médico-social, ale, aux** adj. ■ Relatif à la médecine sociale, à la médecine du travail. *Centre médico-social*. (▷ **paramédical**)

média [medja] n. m. ■ Technique, support de diffusion massive de l'information (presse, radio, télévision, cinéma). ⇒ **mass media**. *Un événement couvert par les médias. Un nouveau média*. ▶ **médiathèque** n. f. ■ Collection rassemblant des supports d'information correspondant aux différents médias. — Lieu où l'on peut consulter cette collection. ▶ **médiatique** adj. 1. Qui concerne les médias, est transmis par les médias. *L'information médiatique*. 2. Qui est à l'aise dans les médias, sait les utiliser. *Un politicien médiatique*. ▶ **médiatiser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Diffuser largement par les médias. — Au p. p. adj. *Un festival médiatisé*. (▷ **multimédia**)

médian, ane [medjä, an] adj. ■ Qui est situé, placé au milieu. *Ligne médiane*. ▶ **médiane** n. f. ■ Segment de droite joignant un sommet d'un triangle au milieu du côté opposé. ≠ **médiatrice**. — Statistique. Valeur centrale qui sépare en deux parties égales un ensemble. ≠ **moyenne**.

médiateur, trice [medjatœr, tris] n. ■ Personne qui s'entremet pour faciliter un accord. ⇒ **arbitre, conciliateur**. — Adj. *Puissance médiatrice*.

médiation [medjasjõ] n. f. ■ Entremise destinée à mettre d'accord, à concilier ou à réconcilier des personnes, des partis. ⇒ **arbitrage, conciliation**.

médiatrice [medjatri] n. f. ■ Lieu géométrique des points équidistants de deux points donnés. ≠ **médiane**.

médical, médicament... ⇒ **médecin**.

médiéval, ale, aux [medjeval, o] adj. ■ Relatif au Moyen Âge. ⇒ **moyenâgeux**. *Art médiéval*. ▶ **médiéviste** n. ■ Didact. Spécialiste du Moyen Âge.

médina [medina] n. f. ■ Partie musulmane (souvent ancienne) d'une ville, en Afrique du Nord (spécialt au Maroc).

médio- ■ Élément signifiant « moyen ».

médiocre [medjœkr] adj. 1. Qui est au-dessous de la moyenne, qui est insuffisant. / contr. **grand** / *Salaire médiocre*. ⇒ **modeste, modique, petit**. — Assez mauvais. ⇒ **faible, pauvre, piètre, quelconque**. *Travail médiocre, réussite médiocre*. / contr. **excellent, supérieur** / *Vie médiocre*. ⇒ **étriqué, mesquin**. 2. (Personnes)

Qui ne dépasse pas ou même n'atteint pas la moyenne. ⇒ **inférieur**. *Esprit médiocre. Élève médiocre en français*. ⇒ **faible**. — N. *C'est un médiocre*. ▶ **médiocratie** n. f. ■ Gouvernement, domination des médiocres. ▶ **médiocrement** adv. ■ Assez peu, assez mal. *Il joue, il travaille médiocrement*. ▶ **médiocrité** n. f. ■ État de ce qui est médiocre. — Insuffisance de qualité, de valeur. ⇒ **imperfection, pauvreté, petitesse**. *La médiocrité d'une œuvre*. ⇒ **faiblesse**. / contr. **excellence** /

médire [medir] v. intr. — REM. ■ conjug. 37, sauf (vous) *médisez*. ■ Dire (de qqn) le mal qu'on sait ou croit savoir sur son compte. *Médire de, sur qqn*. ⇒ **attaquer, critiquer, dénigrer**. / contr. **louer** / ≠ **calomnier**. ▶ **médiance** n. f. 1. Action de médire. ⇒ **dénigrement, diffamation**. ≠ **calomnie**. 2. *Une médiance*, propos de celui qui médit. ⇒ **bavardage, potin, ragot**. ▶ **médiant, ante** adj. et n. 1. Qui médit. *Bavardages médians*. 2. N. *Il ne craint pas les médians*.

méditer [medite] v. ■ conjug. 1. 1. V. tr. Soumettre (qqch.) à une longue et profonde réflexion. ⇒ **approfondir**. *Méditez ce que je vous ai dit*. — Préparer par une longue réflexion (une œuvre, une entreprise). *Méditer un projet*. ⇒ **combinaison**. *Méditer de faire qqch.*, projeter de faire qqch. 2. V. intr. Penser longuement (sur un sujet). ⇒ **réfléchir**. *Méditer sur la condition humaine*. ▶ **méditatif, ive** adj. et n. 1. Qui est porté à la méditation. *Esprit méditatif. Avoir un air méditatif*. ⇒ **pensif, préoccupé**. 2. N. *C'est un méditatif*. ▶ **méditation** n. f. 1. Réflexion qui approfondit longuement un sujet. *S'absorber dans la méditation*. 2. Pensée profonde, attentive, portant sur un sujet particulier. *Les mystiques se livrent à de longues méditations*. (▷ **préméditer**)

méditerranéen, enne [mediteranœ, en] adj. et n. ■ Qui appartient, se rapporte à la Méditerranée, à ses rivages. *Le bassin méditerranéen. Un climat méditerranéen*. — N. *Les Méditerranéens et les Nordiques*.

① **médium** [medjœm] n. m. ■ Étendue de la voix, registre des sons entre le grave et l'aigu. *Elle a un beau médium. Des médiums*.

② **médium** n. m. ■ Personne réputée douée du pouvoir de communiquer avec les esprits. ⇒ **télépathe**. *Des médiums*.

médius [medjys] n. m. invar. ■ Doigt du milieu de la main. ⇒ **majeur**.

médullaire [medyler] adj. ■ Qui a rapport à la moelle épinière ou à la moelle des os.

méduse [medyz] n. f. ■ Animal marin formé de tissus transparents d'apparence gélatineuse, ayant la forme d'une cloche (appelée *ombrelle*, n. f.) sous laquelle se trouvent la bouche et les tentacules. *Piqûre de méduse*.

lement condamnable. / contr. **estimer** / Je le méprise pour l'attitude qu'il a eue. ► **méprisable** adj. ■ Qui mérite le mépris (2). ⇒ **honteux**, **indigne**. Un homme, un procédé méprisables. / contr. **respectable** / ► **méprisant**, **ante** adj. ■ Qui montre du mépris (2). ⇒ **arrogant**, **dédaigneux**. (> **mépris**)

mer [mɛʁ] n. f. **1.** Vaste étendue d'eau salée qui couvre une grande partie de la surface du globe. ⇒ **océan**. De la mer. ⇒ ① **marin**. Poissons de mer et poissons de rivière. Haute, pleine mer, partie éloignée des rivages. ⇒ **large**. Eau de mer (opposé à eau douce). Je passe mes vacances au bord de la mer, à la mer. La mer est basse, a atteint son niveau le plus bas. Gens de mer, marins. Prendre la mer, partir sur mer. De la mer. ⇒ **maritime**. — Loc. Un homme à la mer, tombé dans la mer. — Ce n'est pas la mer à boire, ce n'est pas tellement difficile. **2.** Une mer, partie de la mer, délimitée (moins grande qu'un océan). La mer du Nord. **3.** Vaste étendue. La mer de Glace, grand glacier des Alpes. (> **amerrir**, **marin**, **marine**, **maritime**, **outramer**)

mercanti [mɛʁkɑ̃ti] n. m. ■ Commerçant malhonnête ; profiteuse. Des mercantis. ► **mercantile** adj. ■ Digne d'un commerçant cupide, d'un profiteuse. ► **mercantilisme** n. m. **1.** Esprit mercantile. **2.** Ancienne doctrine économique (surtout au XVIII^e s.) fondée sur le profit monétaire de l'État.

mercatique [mɛʁkatik] n. f. ■ Recommandation officielle pour remplacer l'anglicisme **marketing**.

mercenaire [mɛʁsənɛʁ] adj. et n. m. **I.** Adj. Littér. Qui n'agit que pour un salaire. Troupes mercenaires. ⇒ **vénal**. **II.** N. m. Soldat mercenaire à la solde d'un gouvernement étranger.

mercerie [mɛʁsɔʁi] n. f. **1.** Ensemble des marchandises servant aux travaux de couture. **2.** Commerce, boutique de mercier.

① **merci** [mɛʁsi] n. f. **1.** À LA MERCI DE loc. prép. : dans une situation où l'on dépend entièrement de (qqn, qqch.). Tenir qqn à sa merci. Il est à la merci d'une erreur. **2.** DIEU MERCI loc. adv. : grâce à Dieu. Il n'est pas au courant, Dieu merci ! **3.** SANS MERCI : (lutte, combat) impitoyable. Une lutte sans merci.

② **merci** n. m. et interj. **1.** N. m. Remerciement. Un grand merci pour ton aide. Mille mercis pour ta gentillesse. **2.** Interj. Terme de politesse dont on use pour remercier. Merci beaucoup. Merci pour, de votre lettre. **3.** Formule de politesse accompagnant un refus. Non, merci. (> **remercier**)

mercier, ière [mɛʁsjɛ, jɛʁ] n. ■ Marchand d'articles de mercerie. (> **mercerie**)

mercredi [mɛʁkrɛdi] n. m. et adv. **1.** Quatrième jour de la semaine (en comptant à partir du dimanche). Tous les mercredis. **2.** Adv. Le mercredi qui vient. Je viendrai mercredi.

merguez

mercure [mɛʁkyʁ] n. m. ■ Métal d'un blanc argenté, liquide à la température ordinaire. Baromètre, thermomètre à mercure. — Fig. La température. La baisse du mercure. ► **mercurochrome** [mɛʁkyʁokʁom] n. m. ■ Composé chimique rouge vif utilisé comme antiseptique externe (nom déposé). Badigeonner une plaie, avec du, au mercurochrome.

merde [mɛʁd] n. f. et interj. Fam. **I.** N. f. **1.** Matière fécale. ⇒ **excrément**. Une merde de chien. ⇒ **crotte**. — Loc. Traîner qqn dans la merde, le ridiculiser. Couvrir qqn de merde, le dénigrer. Avoir de la merde dans les yeux, ne pas voir une chose évidente. **2.** Être ou chose méprisables, sans valeur. Son livre, c'est de la merde. Il ne se prend pas pour une merde, il se croit un grand personnage. **3.** Situation mauvaise et confuse. Ils sont dans une sacrée merde. — Foutre la merde (quelque part), mettre la pagaie ; semer la zizanie. **4.** DE MERDE loc. adj. Un temps de merde. ⇒ fam. **dégueulasse**. **II.** Interj. **1.** Exclamation de colère, d'impatience, de mépris. ⇒ fam. **crotte**, **mince**, **zut**. Je vous dis merde. Merde pour lui. **2.** Exclamation d'étonnement, d'admiration. Merde alors ! ► **merder** v. intr. ■ conjug. **1.** ■ Fam. Mal réussir. J'ai merdé à mon examen. L'essai a merdé. ⇒ fam. **foirer**. ► **merdeux, euse** adj. et n. Fam. **1.** Sali d'excréments. **2.** Mauvais. ⇒ fam. **foireux**. Une affaire merdeuse. — N. Gamin(e), blanc-bec. Petit merdeux ! ► **merdier** n. m. ■ Fam. Grand désordre, confusion inextricable. Comment sortir de ce merdier ? ► **merdique** adj. ■ Fam. Mauvais, sans valeur, sans intérêt. Film, soirée merdique. ► **merdoyer** [mɛʁdwajɛ] v. intr. ■ conjug. **8.** ■ Fam. S'embrouiller dans une explication, dans des démarches maladroites. ⇒ fam. **vasouiller**. Elle a merdoyé lamentablement. (> se **démerder**, **emmerder**)

mère [mɛʁ] n. f. **I.** **1.** Femme qui a mis au monde un ou plusieurs enfants. ⇒ **maman**. De la mère. ⇒ **maternel**. Qualité, état de mère. ⇒ **maternité**. Mère de famille. C'est sa mère. **2.** Femelle qui a un ou plusieurs petits. Une mère lionne et ses lionceaux. **3.** Femme qui est comme une mère. Mère adoptive. ⇒ **nourrice**. Leur grande sœur est une mère pour eux. **4.** Titre de vénération donné à une religieuse (supérieure d'un couvent, etc.). — Appellatif. Oui, ma mère. **5.** Appellation familière pour une femme d'un certain âge. La mère Mathieu. « C'est la mère Michel qui a perdu son chat » (chanson). **II.** **1.** La mère patrie, la patrie d'origine (d'émigrés, etc.). **2.** Origine, source. PROV. L'oisiveté est mère de tous les vices. — En appos. Branche mère. Des maisons mères. ► **mère-grand** n. f. ■ Vx (ou dans les contes de fées). Grand-mère. Des mères-grand. (> **belle-mère**, **grand-mère**, **mémère**)

merguez [mɛʁgɛz] n. f. invar. ■ Petite saucisse fortement pimentée. Il nous a servi le couscous avec des merguez.

ralogie. *Collection minéralogique.* ▶ **minéralogiste** n. ■ Personne qui s'occupe de minéralogie.

② **minéralogique** adj. ■ En France. *Numéro minéralogique*, numéro d'immatriculation d'un véhicule à moteur (d'abord affecté par le service des Mines). *Plaque minéralogique.*

minerve [minɛrv] n. f. ■ Appareil orthopédique servant à maintenir la tête en bonne position.

minestrone [minɛstrɔn] n. m. ■ Soupe de légumes aux pâtes ou au riz (recette italienne).

minet, ette [minɛ, ɛt] n. 1. Petit chat. ⇒ fam. *minou.* 2. (Personnes) Terme d'affection. *Mon minet, ma petite minette.* 3. N. m. Jeune homme élégant, un peu efféminé. — N. f. Jeune fille à la mode. (<▷ potron-minet >)

① **mineur, eure** [mɛnœʁ] adj. 1. D'importance, d'intérêt secondaire. / contr. **capital, essentiel** / *Problème, soucis mineurs. Arts mineurs. Genres mineurs. Peintre, poète mineur.* 2. En musique. *Intervalle mineur*, plus réduit que le majeur. *Tierce mineure. — Sonate en fa mineur.*

② **mineur, eure** adj. et n. ■ (Personnes) Qui n'a pas atteint l'âge de la majorité (18 ans). ⇒ ② **minorité.** / contr. **majeur** / — N. *Un mineur, une mineure. Détournement de mineur.*

③ **mineur** [mɛnœʁ] n. m. ■ Ouvrier qui travaille dans une mine, spécial de houille. *Mineur de fond. Village de mineurs.* ⇒ **coron.**

mini- ■ Élément signifiant « (plus) petit » (ex. : *minijupe*). ⇒ **micro-** / contr. **maxi-** /

miniature [minjatyʁ] n. f. I. 1. Peinture fine de petits sujets servant d'illustration aux manuscrits, aux missels. ⇒ **enluminure.** — REM. Le mot, désignant d'abord des ornements rouges, vient de *minium.* 2. Genre de peinture délicate de très petit format ; cette peinture. *Une miniature du XVIII^e siècle.* II. Chose, personne très petite. Loc. *EN MINIATURE* : en très petit, en réduction. *Maquette représentant un avion en miniature.* — En appos. *Train miniature. Des golfs miniatures.* ▶ **miniaturé, ée** adj. ■ Orné de miniatures. ▶ **miniaturiser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Donner à (un objet, un mécanisme) les plus petites dimensions possibles. ▶ **miniaturisation** n. f. ■ Action de miniaturiser. ▶ **miniaturiste** n. ■ Peintre de miniatures.

minibus [minibys] n. m. invar. ■ Petit autobus. *Des minibus.*

minicassette [minikasɛt] n. I. N. m. Petit magnétophone portatif. 2. N. f. Cassette magnétique de format réduit.

minier, ière [minje, jɛʁ] adj. ■ Qui a rapport aux mines ③. *Gisement minier.* — Où il y a des mines. *Pays minier.*

minijupe [minizyp] n. f. ■ Jupe très courte. *Des minijupes.*

ministère

minima ⇒ **minimum.**

minimal, ale, aux [minimal, o] adj. ■ Qui constitue un minimum. *Températures minimales.* / contr. **maximal** /

minime [minim] adj. et n. 1. (Choses abstraites) Très petit, peu important. ⇒ **infime.** *Des faits minimes. Salaires minimes.* 2. N. Dans les sports. *Enfant de 13 à 15 ans. Match de minimes.* ▶ **minimiser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Réduire l'importance de (qqch.). *Minimiser des résultats, des incidents ; le rôle de qqn.* / contr. **amplifier, grossir** / (<▷ **minimal, minimum** >)

minimum [minimɔm] n. m. et adj. 1. Valeur la plus petite atteinte par une quantité variable ; limite inférieure. *Un minimum de frais. Les minimums ou les minima atteints.* — Fam. *S'il avait un minimum de savoir-vivre.* ⇒ le **moindre.** — Loc. *AU MINIMUM* : au moins, pour le moins. *Les travaux dureront au minimum trois jours.* — *MINIMUM VITAL* : somme permettant de satisfaire le minimum des besoins qui correspondent au niveau de vie dans une société donnée. 2. Adj. *Minimal. Âge minimum. Pertes, gains minimums (ou minima).*

mini-ordinateur [miniɔrdinatœʁ] n. m. ■ Ordinateur de petite taille, d'une capacité moyenne de mémoire (plus que le micro-ordinateur).

ministère [ministɛʁ] n. m. I. 1. Corps des ministres et secrétaires d'État. ⇒ **cabinet, gouvernement.** *Former, modifier un ministère.* — (Suivi du nom du Premier ministre) *Le ministère Jospin.* 2. Département ministériel ; partie des affaires de l'administration centrale dépendant d'un ministre. *Le ministère des Affaires étrangères.* — Bâtiment, services d'un ministère. 3. Fonction de ministre. ⇒ **portefeuille.** II. *MINISTÈRE PUBLIC* : magistrats qui défendent les intérêts de la société, l'exécution des décisions (avocat général, procureur, etc.). ⇒ **parquet.** III. Charge remplie par le prêtre, le pasteur (⇒ **ministre**, II). ⇒ **sacerdoce.** *Il exerce son ministère dans une petite paroisse.* ▶ **ministériel, elle** adj. ■ Relatif au ministère (I), au gouvernement. *Crise ministérielle.* — Partisan du ministère. *Député ministériel.* ⇒ **gouvernemental.** — Relatif à un ministère ; qui émane d'un ministre. *Arrêté ministériel.* ▶ **ministrable** adj. et n. ■ Qui est susceptible de devenir ministre. *Un député ministrable.* ▶ **ministre** n. I. 1. Agent supérieur du pouvoir exécutif ; homme ou femme d'État placé(e) à la tête d'un ministère. *Le Conseil des ministres.* ⇒ **cabinet, gouvernement, ministère.** *Il, elle a des chances de devenir ministre, il, elle est ministrable. Le ministre de l'Éducation nationale. Madame X, la (parfois le) ministre de la Santé. Elle est ministre. Le Premier ministre, le chef du gouvernement.* — (n. m.) En appos. *Bureau ministre, bureau de grande taille. Des bureaux ministres.* 2. Agent

minitel

diplomatique de rang immédiatement inférieur à celui d'ambassadeur, à la tête d'une légation. *Ministre plénipotentiaire*. **II.** n. m. *Ministre du culte*, prêtre. — *Ministre*, pasteur protestant. (▷ *administrer, interministériel*)

minitel [minitel] n. m. ■ (Nom déposé) Petit terminal de consultation de banques de données commercialisé par les P.T.T. *Des minitels*. ▶ **minitélite** n. ■ Utilisateur du minitel.

minium [minjom] n. m. ■ Peinture rouge, à l'oxyde de plomb, préservant le fer de la rouille. (▷ *miniature*)

minois [minwa] n. m. invar. ■ Jeune visage délicat, éveillé, plein de charme. *Un petit minois d'enfant*. ⇒ *frimousse*.

① **minorité** [minɔrite] n. f. **1.** Groupement (de voix) qui est inférieur en nombre dans un vote, une réunion de votants. / contr. ① **majorité** / *Une petite minorité d'électeurs. Ils sont en minorité*. — Parti, groupe qui n'a pas la majorité des suffrages. — *Gouvernement mis en minorité*, qui ne recueille pas la majorité des voix. **2.** *La, une minorité de*, le plus petit nombre de, le très petit nombre. *Dans la minorité des cas*. **3.** Groupe englobé dans une collectivité plus importante. *Minorités ethniques. Droits des minorités*. ▶ **minoritaire** adj. ■ De la minorité. *Groupe, tendance minoritaire*.

② **minorité** n. f. ■ (Opposé à ② *majorité*) État d'une personne qui n'a pas encore atteint l'âge où elle sera légalement considérée comme pleinement capable et responsable de ses actes (⇒ ② *mineur*). — Temps pendant lequel un individu est mineur.

minoterie [minɔtri] n. f. **1.** Grand établissement industriel pour la transformation des grains en farine. ⇒ *moulin*. **2.** Meunerie. ▶ **minotier** n. m. ■ Industriel qui exploite une minoterie. ⇒ *meunier*.

minou [minu] n. m. ■ Fam. Lang. enfantin. Petit chat. ⇒ *minet*. *Des petits minous*.

minuit [minuji] n. m. **1.** Milieu de la nuit. *Soleil de minuit. Bain de minuit*. **2.** Heure du milieu de la nuit, la douzième après midi (24 heures ou 0 heure). À *minuit précis*. *Messe de minuit*, à Noël.

minus [minys] n. m. invar. ■ Fam. Individu incapable ou peu intelligent. *C'est un minus*. *Bande de minus!* ⇒ *crétin, débile*. (On disait *minus habens*.)

minuscule [minyskyl] adj. **1.** Lettre minuscule (opposé à *majuscule*), lettre courante, plus petite et d'une forme particulière. — N. f. *Une minuscule*. **2.** Très petit. ⇒ *exigu, infime*. *Une minuscule boîte*. / contr. *énorme, immense* /

① **minute** [miny] n. f. **1.** Division du temps, soixantième partie de l'heure (abrév. *min* ou *mn*). *La minute se divise en soixante secondes*. **2.** Court

espace de temps. ⇒ *instant, moment*. *Jusqu'à la dernière minute. Je reviens dans une minute*. — Loc. *D'UNE MINUTE À L'AUTRE* : dans un futur imminent. À *LA MINUTE* : à l'instant même, tout de suite. — En appos. Invar. Fam. *Préparé, réparé rapidement. Des entrecôtes minute. Talon minute*. — Interj. Fam. *Minute!*, attendez une minute. **3.** Unité de mesure des angles; soixantième partie d'un degré de cercle (symb. °). *Angle de deux degrés et cinq minutes (2° 5')*. ▶ **minuter** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Organiser (une cérémonie, un spectacle, une opération, un travail) selon un horaire précis. — Au p. p. *Emploi du temps strictement minuté*. ▶ **minutage** n. m. ■ Horaire précis du déroulement (d'une opération, d'une cérémonie...). ▶ **minuterie** n. f. ■ Appareil électrique (spécialt éclairage) destiné à assurer, à l'aide d'un mouvement d'horlogerie, un contact pendant un nombre déterminé de minutes. *La minuterie d'un escalier*. ▶ **minuteur** n. m. ■ Minuterie d'un appareil ménager. *Le minuteur d'un four*.

② **minute** n. f. ■ En droit. Original d'un acte. *La minute d'un jugement. Consulter les minutes d'un procès*.

minutie [minysi] n. f. ■ Application attentive aux menus détails. ⇒ *méticulosité, soin*. *Faire un travail avec minutie*. ▶ **minutieux, euse** [minysjø, øz] adj. **1.** (Personnes) Qui s'attache, s'arrête avec minutie aux détails. ⇒ *méticuleux, tatillon*. / contr. *désordonné, négligent* / **2.** (Choses) Qui marque ou suppose de la minutie. ⇒ *attentif, soigneux*. *Inspection minutieuse. Exposé minutieux*. ⇒ *détaillé*. ▶ **minutieusement** adv.

mioche [mjɔʃ] n. ■ Fam. Enfant. ⇒ *fam. gamin, gosse, marmot, môme, moutard*. *Une bande de mioches*.

mirabelle [mirabel] n. f. **1.** Petite prune ronde et jaune. *Confiture de mirabelles*. **2.** Eau-de-vie de ce fruit. ▶ **mirabellier** n. m. ■ Prunier à mirabelles.

miracle [mirakl] n. m. **1.** Fait extraordinaire où l'on croit reconnaître une intervention divine. ⇒ *mystère, prodige*. *Les miracles de Lourdes. Cela tient du miracle, c'est miraculeux*. **2.** Drame médiéval sacré, au sujet emprunté à la vie des saints. *Les miracles et les mystères*. **3.** Chose étonnante et admirable qui se produit contre toute attente. *Tout semblait perdu, et le miracle se produisit. Faire, accomplir des miracles. Crier miracle, au miracle*. — En appos. *Solution miracle* — PAR *MIRACLE* loc. adv. : d'une façon inattendue et heureuse. *Il en a réchappé par miracle*. ▶ **miraculé, ée** adj. ■ (Personnes) Sur qui s'est opéré un miracle (1). *Malade miraculé*. — N. *Un(e) miraculé(e)*. ▶ **miraculeux, euse** adj. **1.** Qui est le résultat d'un miracle. ⇒ *suraturel*. *Apparition miraculeuse*. / contr. *naturel* / **2.** Qui produit comme par miracle l'effet

pendule

② **pendule** n. f. ■ Petite horloge, souvent munie d'un carillon qu'on pose ou qu'on applique (parce que son balancier est un pendule). *La pendule sonne midi. Pendule-réveil. ⇒ réveil. Pendule électrique.* — Loc. *Remettre les pendules à l'heure, mettre les choses au point.* ▶ **pendulette** n. f. ■ Petite pendule portative. *Pendulette de voyage.*

pêne [pɛn] n. m. ■ Pièce mobile d'une serrure, qui s'engage dans une cavité (gâche) et tient fermé l'élément (porte, fenêtre) auquel la serrure est adaptée. *Le pêne est coincé.*

pénéplaine [penɛplɛn] n. f. ■ Terme de géographie. Région faiblement onduleuse.

pénétrer [penɛtrɛ] v. ■ conjug. 6. I. V. intr. 1. (Choses) Entrer profondément dans, en passant à travers ce qui fait obstacle. ⇒ **s'enfoncer**, **s'insinuer**. / contr. **effleurer** / *La balle a pénétré dans les chairs. Le soleil pénètre dans la chambre. Faire pénétrer qqch. dans...*, enfoncer, introduire. 2. (Êtres vivants) Entrer. *Pénétrer dans une maison. Les envahisseurs qui pénètrent dans un pays.* 3. Abstrait. *Une habitude qui pénètre dans les mœurs.* II. V. tr. 1. (Suj. chose) Passer à travers, entrer profondément dans. *Liquide qui pénètre une substance.* ⇒ **imbiber**, **imprégner**. — Procurer une sensation forte, intense (froid, humidité, etc.) à (qqn). ⇒ **transpercer**. *Le froid vous pénètre jusqu'aux os.* — Abstrait. *Votre bonté me pénètre d'admiration.* ⇒ **remplir**. 2. (Suj. personne) Parvenir à connaître, à comprendre d'une manière poussée. ⇒ **approfondir**, **percevoir**, **saisir**. *Pénétrer un mystère. ⇒ découvrir. Pénétrer les intentions de qqn. ⇒ sonder. Connaissances ésotériques, impossibles à pénétrer. ⇒ impénétrable.* III. SE PÉNÉTRER v. pron. *Se pénétrer de, s'imprégner (d'une idée). Il n'arrive pas à se pénétrer de l'utilité de ce travail. ⇒ pénétré.* ▶ **pénétrable** adj. 1. Où il est possible de pénétrer. *Pénétrable à l'eau. ⇒ perméable.* 2. Qu'on peut comprendre. *Secret difficilement pénétrable.* / contr. **impénétrable** / ▶ **pénétrant**, **ante** adj. 1. Qui transperce les vêtements, contre quoi on ne peut se protéger. *Une petite pluie pénétrante et fine.* 2. Qui procure une sensation, une impression puissante. *Une odeur pénétrante. Des regards pénétrants. ⇒ perçant.* 3. Qui pénètre dans la compréhension des choses. ⇒ **clair**, **clairvoyant**, **perspicace**. / contr. **obtus** / *Vue pénétrante. Un esprit très pénétrant.* — (Personnes) *Un critique fin et pénétrant.* ▶ **pénétration** n. f. 1. Mouvement par lequel un corps pénètre dans un autre. *La force de pénétration d'un projectile.* — Abstrait. *Favoriser la pénétration d'idées nouvelles.* 2. Facilité à comprendre, à connaître. ⇒ **clairvoyance**, **perspicacité**. *Un esprit doué de beaucoup de pénétration.* ▶ **pénétré, ée** adj. ■ Rempli, imprégné profondément (d'un sentiment, d'une conviction). ⇒ **imbu**, **plein**. *Une mère pénétrée de ses devoirs. Être pénétré de son importance, de soi-même.*

⇒ **vaniteux**. — Souvent iron. *Un air, un ton pénétré, convaincu.* (▷ **impénétrable**)

pénible [penibl] adj. 1. Qui se fait avec peine, fatigue. ⇒ **ardu**, **difficile**. *Travail pénible. Respiration pénible.* 2. Qui cause de la peine, de la douleur ou de l'ennui ; qui est moralement difficile. ⇒ **désagréable** ; **cruel**, **déplorable**, **dur**, **triste**. *Vivre des moments pénibles. Être pénible à qqn. Il m'est pénible de vous voir dans cet état. C'est pénible pour moi.* 3. (Personnes) Fam. Difficile à supporter. *Il a un caractère pénible, il est pénible.* ▶ **péniblement** adv. 1. Avec peine, fatigue ou difficulté. / contr. **aisément**, **facilement** / *Il y est arrivé péniblement.* 2. Avec douleur, souffrance. *Il en a été péniblement affecté. ⇒ cruellement.* 3. À peine, tout juste. *Un journal qui tire péniblement à trente-cinq mille exemplaires.*

péniche [peniʃ] n. f. ■ Bateau de transport fluvial, à fond plat. ⇒ **barge**, **chaland**. *Train de péniches remorquées (par un remorqueur), poussées (par un pousseur).*

pénicilline [penisilin] n. f. ■ Antibiotique de synthèse ou provenant d'une moisissure, très actif contre les microbes.

péninsule [penɛsyl] n. f. ■ Grande presqu'île ; région ou pays qu'entoure la mer de tous côtés sauf un. ⇒ **cap**, **presqu'île**. *La péninsule Ibérique, l'Espagne et le Portugal. ≠ île.* ▶ **péninsulaire** adj. ■ Relatif à une péninsule, à ses habitants.

pénis [penis] n. m. Invar. ■ Organe sexuel de l'homme, permettant le coït. ⇒ **phallus**, **sexe**, **verge** ; vulg. **bite**, **queue**.

pénitence [penitãs] n. f. 1. *La pénitence*, profond regret, remords d'avoir offensé Dieu, accompagné de l'intention de réparer ses fautes. ⇒ **contrition** ; se **repentir**. *Faire pénitence*, se repentir. — Rite par lequel le prêtre donne l'absolution. ⇒ **confession**. 2. (*Une, des pénitences*) Peine que le confesseur impose au pénitent ; pratique pénible que l'on s'impose pour expier ses péchés. — Châtiment. ⇒ **punition**. 3. Loc. *Par pénitence*, pour se punir. *Pour ta pénitence, tu n'iras pas au cinéma. Mettre un enfant en pénitence.* ▶ **pénitent, ente** n. 1. Personne qui confesse ses péchés. 2. Membre d'une confrérie s'imposant volontairement des pratiques de pénitence. (▷ **pénitencier**)

pénitencier [penitãsje] n. m. ■ Prison ; maison de correction. *Le pénitencier de l'île de Ré.*

▶ **pénitentiaire** adj. ■ Qui a rapport aux détenus. *Régime, système pénitentiaire, établissement pénitentiaire (⇒ prison). Colonie pénitentiaire.*

penne [pɛn] n. f. ■ Grande plume des ailes et de la queue (des oiseaux). (▷ **empennage**)

penny [peni], plur. **pence** [pens] n. m. ■ Monnaie anglaise valant le centième de la livre sterling. *Dix pence (noté 10 p.).* — REM. Avant

Il perd son pantalon, son pantalon tombe. — *Le blessé perd beaucoup de sang.* 6. (En parlant de ce qui échappe à la portée des sens) *Ne pas perdre une bouchée, une miette d'une conversation*, n'en rien perdre. — Loc. *PERDRE qqn, qqch.* DE VUE : ne plus voir ; ne plus fréquenter qqn. *Nous nous sommes perdus de vue.* 7. Ne plus pouvoir suivre, contrôler. *Perdre son chemin.* — Loc. *Perdre pied*, être dans l'embarras. *Perdre le nord*, s'affoler. 8. Ne pas profiter de (qqch.), en faire mauvais usage. ⇒ *dissiper ; gâcher, gaspiller.* *Perdre du temps.* *Perdre son temps.* ≠ passer. *Vous n'avez pas un instant à perdre.* — *Il a perdu une bonne occasion de se taire*, il aurait mieux fait de se taire. 9. Ne pas obtenir ou ne pas garder (un avantage). *Perdre l'avantage.* — Ne pas obtenir l'avantage dans. *Perdre la partie.* *Perdre une bataille.* *Perdre un procès.* Sans compl. *Il a perdu*, il s'est fait battre. *Il a horreur de perdre*, il est mauvais joueur. — *Perdre du terrain*, aller moins vite que son adversaire. *Cette maladie perd du terrain*, recule. II. (Compl. personne) Priver (qqn) de la possession ou de la disposition de biens, d'avantages. ⇒ *perdu* (II). 1. (Suj. personne) Causer la ruine totale, ou même la mort de (qqn). *Il cherche à nous perdre.* 2. (Suj. chose) Priver de sa réputation, de son crédit (auprès de qqn) ; priver de sa situation. *Son excès d'ambition le perdra.* *Perdre qqn auprès de qqn.* ⇒ *discréditer.* — Faire condamner. *C'est le témoignage de son complice qui l'a perdu.* 3. Littér. Pervertir. *Ses mauvaises fréquentations l'ont perdu.* — Religion. Damner. ⇒ *perdition.* 4. Mettre (qqn) hors du bon chemin. ⇒ *égarer, fourvoyer.* *J'ai l'impression que notre guide nous a perdus.* ⇒ *perdu* (III). III. SE PERDRE v. pron. 1. Être réduit à rien ; cesser d'exister ou de se manifester. *Les traditions se perdent.* 2. Être mal utilisé, ne servir à rien. *Laisser (se) perdre une occasion.* 3. (Réfl.) Cesser d'être perceptible. ⇒ *disparaître.* *Des silhouettes qui se perdent dans la nuit.* 4. (Personnes) S'égarer ; ne plus retrouver son chemin. *Nous allons nous perdre. C'était la nuit et je me suis perdu.* ⇒ *perdu* (III). — Abstrait. Être incapable de se débrouiller, d'expliquer, ne plus voir clair dans. *Plus je pense à ce problème, plus je m'y perds.* — SE PERDRE DANS, EN : appliquer entièrement son esprit au point de n'avoir conscience de rien d'autre. ⇒ s'absorber, se plonger. *Se perdre dans ses pensées.* 5. Relig. (Personnes) Être damné. ⇒ *perdition.* <▷ *déperdition, imperdable, perdant, perdition, perdu*>

perdrix [pɛʁdʁi] n. f. invar. ■ Oiseau de taille moyenne, au plumage roux ou gris cendré, très apprécié comme gibier. ► **perdreau** n. m. ■ Jeune perdrix de l'année. *Un vol de perdreaux.*

perdu, ue [pɛʁdy] adj. I. Qui a été perdu (⇒ *perdre*, I). 1. Dont on n'a plus la possession, la disposition, la jouissance. *Argent perdu au jeu.* *Tout est perdu*, il n'y a plus d'espoir, plus de remède. — Loc. prov. *Un(e) de perdu(e), dix de*

père

retrouvé(e)s, se dit d'une personne ou d'une chose dont on pense que la perte sera facilement réparable. 2. Égaré. *Objets perdus.* — (Lieu) Écarté ; éloigné, isolé. *Pays perdu. Un coin perdu.* 3. Mal contrôlé, abandonné au hasard. *Il a été blessé par une balle perdue*, qui a manqué son but et l'a atteint par hasard. 4. Qui a été mal utilisé ou ne peut plus être utilisé. *Verre, emballage perdu* (opposé à *consigné*). *Une occasion perdue.* ⇒ *manqué.* *Ce n'est pas perdu pour tout le monde*, il y a des gens qui en ont profité. — (À propos du temps) *C'est du temps perdu*, inutilement employé. *Je joue du piano à mes moments perdus*, à mes moments de loisir. À temps perdu, dans les moments où l'on a du temps à perdre. 5. Où on a eu le dessous. *Bataille, guerre perdue.* II. Qui a été perdu (II), atteint sans remède (par le fait d'une personne ou d'une chose). 1. (Personnes) Atteint dans sa santé. *Le malade est perdu.* ⇒ *condamné, incurable ; fam. fichu, foutu.* — Atteint dans sa fortune, sa situation, son avenir... *C'est un homme perdu.* ⇒ *fini.* — Loc. *Fille perdue*, prostituée. 2. (Choses) Abîmé, endommagé. *Récoltes perdues à cause de la grêle.* III. 1. Qui se perd (III), qui s'est perdu. *Ça y est, on est encore perdu !* ⇒ *égaré ; fam. paumé.* *Se sentir perdu dans la foule.* Abstrait. *Je suis perdu, je ne m'y retrouve plus.* — N. *Courir comme un perdu*, un fou. 2. Absorbé. *Perdu dans ses pensées, dans sa douleur.* <▷ *éperdu*>

perdurer [pɛʁdyʁe] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Littér. Continuer, durer*. *La douleur perdure.*

père [pɛʁ] n. m. 1. Homme qui a engendré, donné naissance à un ou plusieurs enfants. Être, devenir père. Être (le) père de deux enfants. *Le père de qqn.* *Le père et la mère.* ⇒ *parents.* *Du père.* ⇒ *paternel.* Loc. prov. *Tel père, tel fils.* — Appellatif. ⇒ *papa. Oui, père !* 2. PÈRE DE FAMILLE : qui a un ou plusieurs enfants qu'il élève. ⇒ *chef* de famille. *Les responsabilités du père de famille.* Loc. *Vivre en bon père de famille*, sans bruit ni scandale. 3. Le parent mâle (de tout être vivant sexué). *Le père de ce poulain était un pur-sang.* — Père biologique, dont le rôle s'est limité à la fécondation de l'ovule ou dont le sperme a servi pour cette opération. 4. Au plur. Littér. Ancêtre. ⇒ *aïeul.* 5. Dieu le Père, la première personne de la Sainte-Trinité. ⇒ *Notre-Père.* 6. Fig. *Le père de qqch.* ⇒ *créateur, fondateur, inventeur.* 7. Celui qui se comporte comme un père, est considéré comme un père. *Père légal, adoptif.* *Il a été un père pour moi.* 8. (Titre de respect) Nom donné à certains religieux. *Les Pères Blancs.* — *Le Saint-Père, notre saint-père le pape.* — *Les Pères de l'Église*, les docteurs de l'Église (du 1^{er} au 16^{ème} siècle). — *Mon Père*, se dit en s'adressant à certains religieux. — (Avant le prénom) *Le père Jean.* 9. Fam. (Avant le nom de famille) Désignant un homme mûr de condition modeste. *Le père Goriot.* — Loc. *Le coup du père François*, un coup sur la nuque. — *Le père Noël.* — Loc. *Un gros père*, un gros

pérégrination

homme placide. ⇒ fam. **pépère**. Fam. *Alors, mon petit père, comment ça va ? Un père tranquille, un homme paisible.* (> **beau-père, compère, grand-père, pépère, saint-père**; mots en **patern-**)

pérégrination [pɛʁɛɡʁinasjɔ̃] n. f. ■ Surtout au plur. Déplacements incessants sur de longues distances et en de nombreux endroits.

péremption [pɛʁɛpsjɔ̃] n. f. ■ Terme de droit. Anéantissement (des actes de procédure) après un certain délai. ≠ prescription.

péremptoire [pɛʁɛptwaʁ] adj. ■ Qui détruit d'avance toute objection; contre quoi on ne peut rien répliquer. ⇒ **décisif, tranchant**. *Argument péremptoire. Elle a adopté un ton péremptoire. — Il a été péremptoire.* ▶ **péremptoirement** adv.

pérennité [pɛʁɛnɛtɛ] n. f. ■ Littér. État, caractère de ce qui dure toujours ⇒ **continuité, immortalité**, ou très longtemps. *Assurer la pérennité des institutions.* ▶ **pérenniser** v. tr. ■ conjug. 1. ■ Rendre durable, permanent. *Pérenniser une tradition.*

péréquation [pɛʁɛkwajsjɔ̃] n. f. ■ Répartition égalitaire de charges ou de moyens.

perestroïka [pɛʁɛstʁɔjka] n. f. ■ Histoire. Politique prônée en U.R.S.S. à partir de 1986 par M. Gorbatchev, visant à une reconstruction socio-économique du pays.

perfectible [pɛʁfɛktibl] adj. ■ Susceptible d'être amélioré. / contr. **imperfectible** / *La science est perfectible.*

perfection [pɛʁfɛksjɔ̃] n. f. 1. État, qualité de ce qui est parfait. / contr. **imperfection** / *Atteindre un haut degré de perfection. La perfection de son travail est étonnante.* 2. À LA PERFECTION loc. adv. : d'une manière parfaite, excellente. ⇒ **parfaitement**. *Elle danse à la perfection.* 3. Au plur. Littér. Qualités remarquables. *On ne voit que des perfections chez la personne qu'on aime.* 4. UNE PERFECTION : personne parfaite qui a toutes les qualités requises. *Cette jeune fille est une perfection.* ⇒ **perle**. ▶ **perfectionner** v. tr. ■ conjug. 1. 1. Rendre meilleur, plus proche de la perfection. ⇒ **améliorer, parfaire**. *Perfectionner un procédé, une technique.* 2. SE PERFECTIONNER v. pron. : acquérir plus de qualités, de valeur. *Les techniques se perfectionnent.* — (Personnes) *Se perfectionner en anglais.* ⇒ **progresser**. ▶ **perfectionné, ée** adj. ■ Muni des dispositifs les plus modernes. *Une machine perfectionnée.* ⇒ **sophistiqué**. ▶ **perfectionnement** n. m. ■ Action de perfectionner, de rendre meilleur; amélioration. ⇒ **progrès**. *Le perfectionnement des moyens de production. Stage de perfectionnement. Un perfectionnement de détail.* ▶ **perfectionnisme** n. m. ■ Recherche excessive de la perfection. ▶ **perfectionniste** n. et adj. ■ Personne qui cherche la perfection dans ce qu'elle fait, qui signale son travail. *C'est une perfectionniste.* — Adj. *Tu es trop perfectionniste.* (> **imperfection**)

perfide [pɛʁfid] adj. et n. Littér. 1. Qui manque à sa parole, trahit la personne qui lui faisait confiance. ⇒ **déloyal**. *Femme perfide, infidèle.* 2. (Choses) Dangereux, nuisible sans qu'il y paraisse. *De perfides promesses.* ⇒ **fallacieux**. *Une insinuation perfide.* ⇒ **sournois**. ▶ **perfidement** adv. ■ Littér. *Il nous a perfidement induits en erreur.* ▶ **perfidie** n. f. Littér. 1. Action, parole perfide. 2. Caractère perfide. ⇒ **déloyauté, fourberie**. *Un hypocrite d'une étonnante perfidie.*

perforer [pɛʁfɔʁɛ] v. tr. ■ conjug. 1. ■ Traverser en faisant un ou plusieurs petits trous. ⇒ **percer, trouer**. *La balle lui a perforé l'intestin.* — *Machine à perforer, composteur, poinçonneuse; perforatrice.* ▶ **perforé, ée** adj. 1. Percé. 2. Informatique. *Cartes, bandes perforées, commandant le travail ou le calcul d'une machine selon le programme ainsi transmis.* ⇒ **bande**. ▶ **perforateur, trice** adj. et n. m. 1. Adj. Qui perforé. *Pince perforatrice.* 2. N. m. 1. Outil de bureau servant à perforer. 2. Personne travaillant à la perforatrice (1, 2). ▶ **perforatrice** n. f. 1. Machine-outil destinée à percer profondément les roches, le sol. *Perforatrice à air comprimé.* 2. Machine destinée à établir des cartes, des bandes perforées. — REM. On dit aussi **perforeuse**. ▶ **perforation** n. f. 1. Action de perforer. 2. Ouverture accidentelle dans un organe. *Perforation intestinale.* 3. Petit trou (d'une carte, d'une bande perforée).

performance [pɛʁfɔʁmãs] n. f. 1. Résultat obtenu par un cheval de course, un athlète, dans une compétition. *Les performances d'un champion. Sa performance sera peut-être homologuée comme record*.* 2. Exploit, succès. *C'est une belle performance!* 3. Résultat obtenu dans un domaine précis. *Élève, voiture qui améliore ses performances.* 4. Production réelle (notamment du discours), opposé à **compétence**. ▶ **performant, ante** adj. ■ Anglic. Dont le niveau de performances est, peut être élevé; *Un ordinateur très performant.* — (Personnes) *Un directeur des ventes très performant.* (> **contre-performance**)

perfusion [pɛʁfyzjɔ̃] n. f. ■ Injection lente et continue de sérum. *Le blessé est placé sous perfusion.*

pergola [pɛʁgɔla] n. f. ■ Petite construction de jardin qui sert de support à des plantes grimpantes. ⇒ **tonnelle**. ≠ treille.

péri- ■ Élément signifiant « autour » (ex. : **périmètre, périphérie, périscope**).

péricarde [pɛʁikard] n. m. ■ Anatomie. Membrane qui enveloppe le cœur et l'origine des gros vaisseaux.

péricarpe [pɛʁikarp] n. m. ■ Botanique. Partie du fruit qui enveloppe la graine (ou les graines).

péricliter [pɛʁiklite] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Aller à sa ruine, à sa fin. *Son affaire, son commerce périclité.* ⇒ **décliner, dépérir**. / contr. **prospérer** /

personne ou de l'animal qui éprouve la peur). *La peur du gibier devant le chasseur. Il cherche à cacher sa peur.* — (Suivi du nom de l'être ou de l'objet qui inspire la peur, ou d'un verbe) *La peur du chasseur fait fuir le gibier. La peur de la mort.* ⇒ **appréhension, hantise. La peur de mourir.** **2.** UNE PEUR : l'émotion de peur qui saisit qqn dans une occasion précise. *Une peur bleue, intense.* ⇒ **panique. J'ai eu, il m'a fait une de ces peurs !, j'ai eu peur de lui ou pour lui.** **3.** Loc. Sans article. *Prendre peur.* — AVOIR PEUR. ⇒ **craindre. N'ayez pas peur, n'aie pas peur,** formule pour rassurer. — *Avoir peur pour qqn, craindre ce qui va lui arriver.* — *Avoir peur de qqch. ; de faire qqch.* ⇒ **redouter. N'avez pas peur de rien.** — *Avoir très peur.* — (Sens faible) *N'avez pas peur d'insister sur ce point, n'hésitez pas à...* — FAIRE PEUR : donner de la peur. *Être laid à faire peur, horrible. Faire plus de peur que de mal, être effrayant, mais inoffensif. Faire peur à qqn.* ⇒ **effrayer, intimider. Tout lui fait peur.** **4.** PAR PEUR DE, DE PEUR DE loc. prép. : par crainte de. *Il a menti par peur d'une punition.* — (+ infinitif) *Il a menti de peur d'être puni.* — DE PEUR QUE, PAR PEUR QUE (+ subjonctif) loc. conj. *Il a menti de peur qu'on (ne) le punisse.* ► **peureux, euse** adj. **1.** Qui a facilement peur. ⇒ **couard, craintif, lâche, poltron ; fam. dégonflé, froussard, trouillard.** / contr. **brave, courageux / Un enfant peureux.** — N. *C'est un peureux.* **2.** Qui est sous l'empire de la peur. ⇒ **apeuré. Il alla se cacher dans un coin, tout peureux.** ► **peureusement** adv. ■ En ayant peur. ⇒ **craintivement.** (<▷ **apeuré**)

peut ⇒ pouvoir.

peut-être [pøtɛtʁ] adv. **1.** Adverbe indiquant une simple possibilité. / contr. **sûrement / Ils ne viendront peut-être pas. Je vais peut-être partir. Vous partez, peut-être ?** — « Il a dit ça ? — Peut-être ; peut-être bien. » *Peut-être..., mais...* ⇒ sans doute. — (En tête d'énoncé, avec inversion du sujet) *Qui sait ? Peut-être aurons-nous la chance de réussir.* **2.** PEUT-ÊTRE QUE. *Peut-être bien que oui, peut-être bien que non* [ptɛtɛbjɛkwɪ, ptɛtɛbjɛknɔ̃]. *Peut-être que je ne pourrai pas venir.* — (+ conditionnel) *Peut-être qu'il viendrait si on lui demandait.*

pèze [pɛz] n. m. sing. ■ Fam. Argent. ⇒ fam. fric.

pfennig [pʁɛnɪŋ] n. m. ■ La centième partie du mark. *Une pièce de dix pfennigs.*

pf(t) [pʁɛ(t)], **pfut** [pʁɛt] onomat. ■ Interjection exprimant l'indifférence, le mépris. *Pff... ! il en est bien incapable.*

pH [pɛaʃ] n. m. invar. ■ Unité de mesure d'acidité, sur une échelle allant de 1 à 14. *Mesurer le pH d'une solution. Un pH neutre (égal à 7), acide (inférieur à 7), alcalin (supérieur à 7).*

phacochère [fakɔʃɛʁ] n. m. ■ Mammifère ongulé d'Afrique, voisin du sanglier.

pharisien

-phage, -phagie, -phagique, phag(o)- ■ Éléments savants signifiant « manger » (ex. : *aérophagie, anthropophage, hippophagique*). ⇒ **-vore.**

phagocyte [fagɔsɪt] n. m. ■ Cellule possédant la propriété d'englober et de détruire les microbes en les digérant. *Phagocytes mobiles.* ► **phagocyter** v. tr. ■ conjug. 1. **1.** Détruire par phagocytose. **2.** Fig. Absorber et détruire. *Ce groupe a été phagocyté par un grand parti.* ≠ *noyauter.* ► **phagocytose** n. f. ■ Processus de défense cellulaire, fonction destructrice des phagocytes.

① **phalange** [falɑ̃ʒ] n. f. **1.** Dans l'Antiquité. Formation de combat dans l'armée grecque. — Littér. Armée, corps de troupes. **2.** Groupement politique et paramilitaire d'extrême droite.

② **phalange** n. f. **1.** Chacun des os longs qui soutiennent les doigts et les orteils. **2.** Partie (d'un doigt) soutenue par une phalange. *La seconde phalange de l'index.*

phalanstère [falɑ̃stɛʁ] n. m. ■ Didact. Groupe qui vit en communauté. — Endroit où vit ce groupe.

phalène [falɛn] n. f. ou m. ■ Grand papillon nocturne ou crépusculaire.

phallus [falys] n. m. invar. **1.** Membre viril en érection ⇒ **pénis** ; son image symbolique. **2.** *Phallus impudicus*, variété de champignon. ► **phallique** adj. ■ Du phallus (1). *Symbole phallique.* ► **phalocrate** n. ■ Personne (surtout homme) qui considère les femmes comme inférieures aux hommes. *Un phalocrate.* ⇒ **machiste.** Abrév. fam. UN PHALLO. — Adj. *Un comportement phalocrate.* ► **phalocratie** [falɔkrasi] n. f.

phanérogame [fanɛʁɔgam] adj. et n. f. pl. ■ (Plantes) Qui a des fleurs apparentes. — N. f. pl. LES PHANÉROGAMES.

phantasme ⇒ fantasma.

pharamineux ⇒ faramineux.

pharaon [faraɔ̃] n. m. ■ Ancien souverain égyptien. *Les momies des pharaons. Le pschent, coiffure des pharaons.* ► **pharaonique** adj. ■ Des pharaons.

phare [faʁ] n. m. **1.** Tour élevée sur une côte ou un îlot, munie à son sommet d'un feu qui guide les navires. *Phare tournant. Gardien de phare.* **2.** Projecteur placé à l'avant d'un véhicule, d'une voiture automobile. *Phares antibrouillard. Faire des appels de phares,* pour signaler. — Position où le phare éclaire le plus (opposé à *code* et à *lanterne*). (<▷ *gyrophare*)

pharisien, ienne [farizjɛ̃, jɛ̃n] n. **1.** Antiquité. Membre d'une secte puritaine d'Israël ; chef religieux juif de cette secte. *Les Évangiles présentent les pharisiens comme responsables de la*

proférer

proférer [pɒfɛʁe] v. tr. ■ conjug. 6. ■ Articuler à voix haute, prononcer avec force. *Il partit en proférant des menaces, des injures.*

professer [pɒfɛsɛ] v. ■ conjug. 1. I. V. tr. Littér. Déclarer hautement avoir (un sentiment, une opinion). *Ils professaient envers leur maître la plus vive admiration.* ⇒ faire ① **profession**. 2. V. intr. Vx. Enseigner en qualité de professeur. *Il professe dans un lycée parisien.* ► **professeur** n. m. ■ Personne rémunérée pour enseigner une discipline, un art, une technique ou des connaissances, d'une manière habituelle. ⇒ **enseignant**, fam. **prof.** *Professeur de collège, de lycée, de faculté. Elle est professeur d'anglais.* — Au Québec, n. f., *elle est professeure* (incorrect en France). — *Professeur des écoles.* ⇒ **instituteur**, **maître**. ► **professoral, ale, aux** adj. ■ Propre aux professeurs. *Le corps professoral.* — Pêj. *Un ton professoral, pédant.* ► **professorat** n. m. ■ État de professeur. ⇒ **enseignement**. (> **prof**, ① **profession**)

① **profession** [pɒfɛsjɔ̃] n. f. I. Littér. Loc. *Faire profession de* (une opinion, une croyance), la déclarer publiquement, ouvertement. ⇒ **professer** (I). 2. **PROFESSION DE FOI** : manifeste.

② **profession** n. f. I. Occupation déterminée dont on peut tirer ses moyens d'existence. ⇒ **métier**. *Quelle est votre profession ? Ma mère est sans profession. La profession de chef d'entreprise.* 2. Métier qui a un certain prestige social ou intellectuel. ⇒ **carrière**. *La profession d'avocat. Les professions libérales. Embrasser, exercer une profession.* 3. **DE PROFESSION** : professionnel. *Un chanteur de profession.* ► **professionnel, elle** adj. et n. 1. Relatif à la profession, au métier. *L'orientation professionnelle. Enseignement professionnel.* ⇒ **technique**. — (En France) *Certificat d'aptitude professionnelle* (C.A.P.), diplôme qui sanctionne le premier niveau d'apprentissage d'un métier. *Brevet d'études professionnelles* (B.E.P.), diplôme de qualification de l'ouvrier professionnel. 2. De profession. *Sportif professionnel.* — N. (Football, cyclisme, tennis, etc.) *Les professionnels* (opposé à *amateur*). ⇒ fam. **pro.** — Iron. *Se dit d'une habitude invétérée. Un farceur professionnel.* 3. N. Personne de métier (opposé à *amateur*). *C'est un vrai professionnel ; fam. Un vrai pro.* — Ouvrier spécialisé (appelé P1, P2, etc.). ► **professionnellement** adv. ■ De façon professionnelle ; du point de vue de la profession. ► **professionnalisme** n. m. 1. Condition des sportifs professionnels (opposé à *amatourisme*). 2. Qualité de professionnel. ⇒ **compétence**, **sérieux**. *Un professionnalisme sans faille.* (> **socioprofessionnel**)

profil [pɒfɪl] n. m. 1. Aspect du visage vu par un de ses côtés. ⇒ **contour**. *Dessiner le profil de qqn.* ⇒ **silhouette**. *Profil grec, conforme aux règles de la beauté antique.* 2. **DE PROFIL** : en étant vu par le côté (en parlant d'un visage, d'un corps). *Un portrait de profil. De face, de dos, de*

profil. 3. Représentation ou aspect (d'une chose dont les traits, le contour se détachent). ⇒ **silhouette**. *Le profil de la cathédrale se découpait sur le ciel.* 4. Coupe perpendiculaire (d'un bâtiment ou d'une de ses parties). — Coupe géologique. *Le profil d'un lit de rivière.* 5. Ensemble d'aptitudes, de qualités (requis pour un emploi). *Le profil moyen des candidats. Il n'a pas le bon profil pour ce poste.* 6. Dessin d'une courbe statistique. Fam. *Un profil bas, une attitude réservée (en politique).* (> **profiler**)

profiler [pɒfɪle] v. tr. ■ conjug. 1. I. 1. (Choses) Présenter (ses contours) avec netteté. 2. Établir en projet ou en exécution le profil de. *Profiler une carlingue.* II. **SE PROFILER** v. pron. 1. (Construction) Avoir un profil déterminé. 2. Se montrer en silhouette, avec des contours précis. ⇒ se **découper**, se **dessiner**, ① se **détacher**. *Les tours se profilaient sur le ciel.* ► **profilé, ée** adj. et n. m. ■ Auquel on a donné un profil déterminé. — N. m. Pièce fabriquée suivant un profil déterminé. *Profilés métalliques.*

profit [pɒfi] n. m. 1. Augmentation des biens que l'on possède, ou amélioration de situation qui résulte d'une activité. ⇒ **avantage**, **bénéfice**. / contr. **dommage**, **perte** / *Il ne cherche que son profit.* — Loc. *Il y a du profit, il y a profit à* (telle chose, faire telle chose). *Faire qqch. avec (sans) profit. Avoir le profit de qqch., en profiter. Tirer profit de qqch., en faire résulter qqch. de bon pour soi.* ⇒ **exploiter**, **utiliser**. *Mettre à profit, utiliser de manière à tirer tous les avantages possibles.* — **AU PROFIT DE qqn, qqch.** : (a) de sorte que la chose en question profite à. / contr. aux **dépens**, au **détriment**, au **préjudice** / *Fête donnée au profit d'œuvres.* ⇒ au **bénéfice**. (b) En agissant pour le bien, l'intérêt de qqn. *Trahir qqn au profit de qqn d'autre.* — Fam. (Choses) *Faire du profit, beaucoup de profit, être d'un usage économique.* ⇒ **durer**, **servir**. 2. (Un, des profits) Gain, avantage financier que l'on retire d'une chose ou d'une activité. *Grand(s), petit(s) profit(s).* — *Le profit, ce que rapporte une activité économique. Salaires et profits.* ⇒ **plus-value**.

profiter [pɒfɪte] v. tr. ind. ■ conjug. 1. 1. **PROFITER DE** : tirer avantage de. / contr. **gâcher**, **négliger** / *Il faut profiter de l'occasion.* ⇒ **saisir**. — **PROFITER DE qqch.** **POUR** : y trouver une occasion pour. *Il a profité de l'absence de gardes pour se sauver. Il en a profité. Il profita de ce que je ne le voyais pas.* — **PROFITER DE qqn** : tirer le maximum de lui. 2. Fam. Se développer, se fortifier. *Cet enfant a bien profité.* 3. (Choses) **PROFITER À qqn** : apporter du profit ; être utile (à). ⇒ **servir**. *Vos conseils nous ont bien profité.* — Sans compl. Loc. prov. *Bien mal acquis ne profite jamais.* — Fam. Être d'un usage avantageux, économique. *C'est un plat qui profite.* ► **profitable** adj. ■ Qui apporte un profit, un avantage. ⇒ **avantageux**, **bénéfique**, **utile**. *Cette leçon lui sera peut-être profitable.* / contr. **néfaste** /

(opposé à *matinée*). *Projeter un film en soirée*.
 (▷ *bonsoir*)

soit [swa] conj. et adv. 1. *SOIT...*, *SOIT...* : marque l'alternative. ⇒ *ou*. *Soit l'un, soit l'autre*. *Soit avant, soit après*. — *SOIT QUE...*, *SOIT QUE...* (+ subjonctif). *Soit que j'aille chez toi, soit que tu viennes*. 2. *SOIT* (présentant une hypothèse ou une supposition) : étant donné. *Soit un triangle rectangle*. — À savoir, c'est-à-dire. *Cent mille francs anciens, soit mille francs actuels*. 3. *SOIT* [swat] adv. d'affirmation (valeur de concession). *Bon, admettons. Soit ! et après ? Eh bien soit !, d'accord*.

soixante [swasât] adj. numér. invar. 1. Six fois dix (60). *Soixante et un, soixante-deux*. — *Soixante et onze, soixante-douze*, nombres qui suivent soixante-dix (⇒ *soixante-dix*). *Il, elle a eu soixante ans* ⇒ *sexagénaire*. — (Ordinal) *Page soixante*. 2. N. m. invar. Le nombre, le numéro soixante. ▶ **soixantaine** [swasâten] n. f. 1. Nombre de soixante environ. *Une soixantaine d'invités*. 2. Âge de soixante ans. *Il approche de la soixantaine*. *Il a la soixantaine*, environ soixante ans. ▶ **soixante-dix** [swasâtdis] adj. numér. invar. ■ Sept fois dix (70). ⇒ *septante*. *Soixante et onze, soixante-douze*. *Il, elle a plus de soixante-dix ans* ⇒ *septuagénaire*. — Ellipt. *La guerre de soixante-dix* : de 1870, entre la France et l'Allemagne. ▶ **soixante-dixième** adj. et n. ■ Ordinal de *soixante-dix*. ▶ **soixante-huitard, arde** adj. et n. ■ Fam. Qui concerne les événements de mai 1968. *L'idéologie soixante-huitarde*. — N. *Les anciens soixante-huitards*. ▶ **soixantième** [swasâtjem] adj. et n. ■ Ordinal de *soixante*. — Se dit d'une fraction d'un tout divisé également en soixante parties.

soja [soʒa] n. m. ■ Plante légumineuse d'origine exotique, utilisée dans l'alimentation. *Huile, germes de soja. Sauce de soja*.

① **sol** [sol] n. m. 1. Partie superficielle de la croûte terrestre, à l'état naturel ou aménagée par l'homme. ⇒ *terre*. *Posé au sol, à même le sol*. *Vitesse au sol d'un avion*. *Un sol revêtu, cimenté*. *Les sols à bâtir*. 2. Cette partie, considérée du point de vue géologique ou agricole. *La pédologie, science des sols*. *Des sols argileux, calcaires*. ⇒ *terrain*. *Sol riche, pauvre*. 3. Couche superficielle de tout corps céleste. *Le sol lunaire*. (▷ *entresol, sous-sol*)

② **sol** n. m. invar. ■ Cinquième degré de la gamme de do ; signe qui le représente. (▷ *sol-fège, solfier*)

solaire [solær] adj. 1. 1. Relatif au soleil, à sa position ou à son mouvement apparent dans le ciel. *Heure solaire* (opposé à *heure légale*). 2. Du soleil. *Taches solaires*. *Énergie solaire*. *La lumière solaire*. — *Système solaire*, ensemble des corps célestes formé par le soleil et son champ de gravitation (planètes, comètes...). 3. Qui fonctionne grâce à la lumière, au rayonnement du

soleil. *Cadran solaire*. *Chauffage solaire*. — *Maison solaire*. 4. Qui protège du soleil. *Crème, filtre solaire*. II. Fig. De forme rayonnante. *Plexus solaire*.

solarium [solærjom] n. m. ■ Emplacement réservé aux bains de soleil dans une piscine, une maison... *Des solariums*.

soldat [solda] n. m. 1. Homme qui sert dans une armée. ⇒ *militaire*. *Le métier de soldat*. *Un grand soldat*, un grand homme de guerre. — Loc. *JOUER AU PETIT SOLDAT* : faire le brave, le malin. 2. *Simple soldat* ou *soldat*, militaire non gradé des armées de terre et de l'air. *Les soldats et les marins*. — En appos. *Une femme soldat* (appelée parfois *soldate*, n. f.). — *La tombe du Soldat inconnu*, où repose la dépouille anonyme d'un soldat de la guerre de 14-18. 3. *Abstrait*. Littér. Combattant, défenseur au service d'une cause. *Les soldats de la foi*. 4. *Soldats de plomb*, figurines (à l'origine en plomb) représentant des soldats. ▶ **soldatesque** adj. et n. f. 1. Adj. Propre aux soldats, à la condition de soldat. 2. N. f. Pêj. Ensemble de soldats brutaux et indisciplinés. *Violences commises par la soldatesque*.

① **solde** [sold] n. f. 1. Rémunération (versée aux militaires). *Toucher sa solde*. 2. Loc. péj. À LA SOLDE DE qqn : payé par qqn, acheté par qqn. *On l'accusait d'être à la solde de l'étranger*. (▷ *demi-solde, soldat, soudoyer*)

② **solde** [sold] n. m. 1. Différence qui apparaît, à la clôture d'un compte, entre le crédit et le débit. *Solde créditeur, débiteur*. — Absolt. Ce qui reste à payer sur un compte. *Je vous paierai le solde demain*. — Loc. *POUR SOLDE DE TOUT COMPTE* : s'écrit sur une facture, etc., lorsque la totalité de la somme due est régiee. 2. *EN SOLDE* : vendu au rabais. *Acheter des bottes en solde*. — Au plur. *SOLDES* : articles mis en solde. *Des soldes intéressants, avantageux* (le fém. est incorrect).

solder [solde] v. tr. ■ conjug. 1. 1. Arrêter (un compte) en établissant le solde. *Solder un compte en banque*. — Pronominalement. (Compte, budget) *SE SOLDER PAR* : faire apparaître à la clôture un solde consistant en (un débit ou un crédit). *Le bilan se solde par un déficit de cinq millions*. — Abstrait. Aboutir en définitive à. *Tous ses efforts se sont soldés par un échec*. 2. Mettre, vendre en solde. ▶ **soldeur, euse** n. ■ Personne qui fait le commerce d'articles en solde. (▷ ② *solde*)

sole [sol] n. f. ■ Poisson plat ovale couvert d'écaillés fines, qui vit près des côtes et dont la chair est très estimée. *Des filets de sole*. *Des soles meunière*.

solécisme [solésism] n. m. ■ Emploi fautif, relativement à la syntaxe, de formes par ailleurs existantes (opposé à *barbarisme*). « *Je veux qu'il vient* » (au lieu de « *je veux qu'il vienne* ») est un solécisme.

vacnerin

l'étonnement, l'admiration (⇒ **vachement**), l'indignation. *La vache ! c'est superbe !* — (Devant le nom) *Une vache de belle bagnole.* ⇒ fam. **sacré**.
3. Adj. Méchant ou sévère, injuste. *Il a été vache avec moi. Une réponse assez vache. C'est vache !*, se dit aussi d'un contretemps, d'une malchance.
 ▶ **vachement** adv. ■ Fam. (Intensif, admiratif) Beaucoup ; très. ⇒ **drôlement**, **rudement**. *C'est vachement bien. Il nous aide vachement.* ▶ **vacherie** n. f. ■ Fam. Parole, action méchante. ⇒ **méchanceté**. *Dire, faire des vacheries.* — Caractère vache (3), méchant. *Elle est d'une vacherie inouïe ! / contr. gentillesse /*

vacherin [vaʃʁɛ̃] n. m. ■ Dessert composé d'une meringue garnie de glace et de chantilly.

vaciller [vasije] v. intr. ■ conjug. 1. **1.** Être animé de mouvements répétés, alternatifs, être en équilibre instable et risquer de tomber. ⇒ **chanceler**. *Vaciller sur ses jambes.* **2.** Trembler, être sur le point de s'éteindre ; scintiller faiblement. ⇒ **trembloter**. *Bougie, flamme, lumière qui vacille.* **3.** Devenir faible, incertain ; manquer de solidité. *Mémoire, intelligence qui vacille.* ⇒ **s'affaiblir**. ▶ **vacillant, ante** adj. ■ Qui vacille. *Démarche vacillante.* ⇒ **chancelant**, **tremblant**. *Flamme, lumière vacillante !* ▶ **vacillation** n. f. ou **vacillement** n. m. ■ Mouvement, état de ce qui vacille. *Vacillation d'une flamme.*

vacuité [vakɥite] n. f. **1.** Didact. État de ce qui est vide. **2.** Vide moral, intellectuel. *La vacuité de ses propos. / contr. plénitude /*

vacuole [vakɥol] n. f. ■ Sciences naturelles. Petite cavité.

vade-mecum [vadɛmɛkɔm] n. m. Invar. ■ Littér. Livre (manuel, guide, aide-mémoire) que l'on garde sur soi pour le consulter. *Des vade-mecum.*

vadrouiller [vadruje] v. intr. ■ conjug. 1. ■ Fam. Se promener sans but précis, sans raison. ⇒ **traîner**. ▶ **vadrouille** n. f. ■ Fam. Action de vadrouiller. ⇒ **balade**. *Être en vadrouille.*

va-et-vient [vaɛvjɛ̃] n. m. Invar. **1.** Dispositif servant à établir une communication en un sens et dans le sens inverse. — Dispositif électrique comportant deux interrupteurs (ou plus) montés en circuit, et permettant d'allumer, d'éteindre de plusieurs endroits. *Installer un va-et-vient dans une grande salle.* **2.** Mouvement alternatif. *Les va-et-vient d'une balançoire.* ⇒ **balancement**. **3.** Allées et venues de personnes. *Le va-et-vient perpétuel d'un café.*

vagabond, onde [vagabɔ̃, ɔ̃d] adj. et n. **I.** Adj. **1.** Littér. Qui mène une vie errante. ⇒ **nomade**. *Les tribus vagabondes de bohémiens.* **2.** Qui change sans cesse, n'est retenu par rien. *Humeur, imagination vagabonde.* **II.** N. Personne sans domicile fixe et sans ressources, qui se déplace à l'aventure. ⇒ **clochard**. ▶ **vagabon-**

dage n. m. **1.** Le fait ou l'habitude d'errer, d'être vagabond. **2.** État de l'imagination vagabonde. ▶ **vagabonder** v. intr. ■ conjug. 1. **1.** Circuler, marcher sans but, se déplacer sans cesse. ⇒ **errer**. *Vagabonder sur les chemins.* **2.** Fig. Passer sans s'arrêter d'un sujet à l'autre. *Son imagination vagabondait.*

vagin [vaʒɛ̃] n. m. ■ Organe sexuel féminin, conduit qui s'étend de l'utérus à la vulve. ▶ **vaginal, ale, aux** adj. ■ Du vagin. *Muqueuse vaginale.*

vagir [vaʒiʁ] v. intr. ■ conjug. 2. ■ Pousser de faibles cris. ▶ **vagissant, ante** adj. ■ Qui vagit. ▶ **vagissement** n. m. ■ Cri de l'enfant nouveau-né. — Cri plaintif et faible (de quelques animaux).

① **vague** [vag] n. f. **1.** Inégalité de la surface d'une étendue liquide (mer, lac...) due aux courants, au vent, etc. ; masse d'eau qui se soulève et s'abaisse. ⇒ **flot**, **houle**, **lame**. *Le bruit des vagues. Une grosse vague.* **2.** Phénomène comparable (par l'ampleur, la puissance, la progression...). *La vague d'enthousiasme pour cet auteur est passée.* ⇒ **courant**, **mouvement**. *Vague de protestation.* — Fam. *Ça a fait des vagues*, des remous, de l'agitation. — *La NOUVELLE VAGUE* : la dernière génération ou tendance. — *Vague de chaleur, de froid*, afflux de masses d'air chaud, froid. — Masse (d'hommes, de choses) qui se répand brusquement. *Des vagues successives d'immigrants.* **3.** Surface ondulée. *Les vagues de sa chevelure.* ▶ **vaguelette** n. f. ■ Petite vague ; ride à la surface de l'eau.

② **vague** adj. ■ Terrain vague, vide de cultures et de constructions, dans une ville.

③ **vague** adj. et n. m. **I.** Adj. **1.** Que l'esprit a du mal à saisir, à cause de son caractère mouvant ou de son sens mal défini, mal établi. ⇒ **confus**, **imprécis**, **incertain**. *Il m'a donné des indications vagues. / contr. précis / Il est resté vague, il s'est contenté de propos vagues.* ⇒ **évasif**. *Une angoisse vague, sans objet précis.* ⇒ **indéfinissable**. — (Avant le nom) Insuffisant, faible. *Elle n'a qu'une vague idée de ce qui se passe. Elle a de vagues souvenirs de cette époque. De vagues connaissances d'anglais.* **2.** Regard vague, qui exprime des pensées ou des sentiments indécis. ⇒ **distract**. **3.** Qui est perçu d'une manière imparfaite. ⇒ **indéfinissable**, **obscur**. *On apercevait dans l'obscurité une silhouette vague. / contr. distinct, net /* **4.** Qui n'est pas ajusté, serré. *Manteau vague. / contr. moulant /* **5.** (Avant le nom) Dont l'identité précise importe peu ; quelconque, insignifiant. *Il travaille dans un vague bureau. Un vague cousin.* **II.** N. m. **1.** Ce qui n'est pas défini, fixé (espace, domaine intellectuel, affectif). *Regarder dans le vague, sans rien fixer. Rester dans le vague, ne pas préciser sa pensée.* **2.** Loc. *Avoir du vague à l'âme*, être dans un état mélancolique. ▶ **va-**